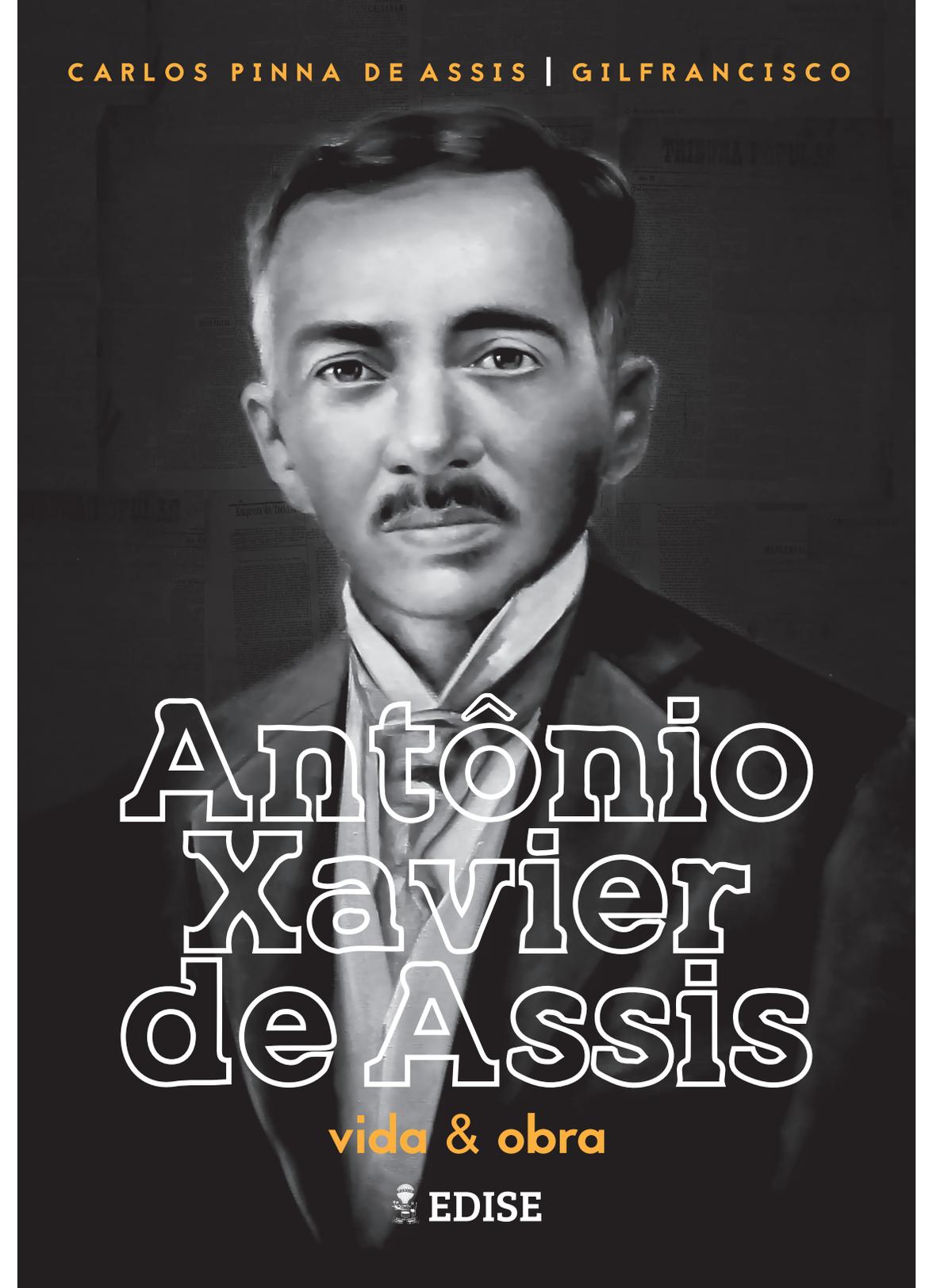


CARLOS PINNA DE ASSIS | GILFRANCISCO

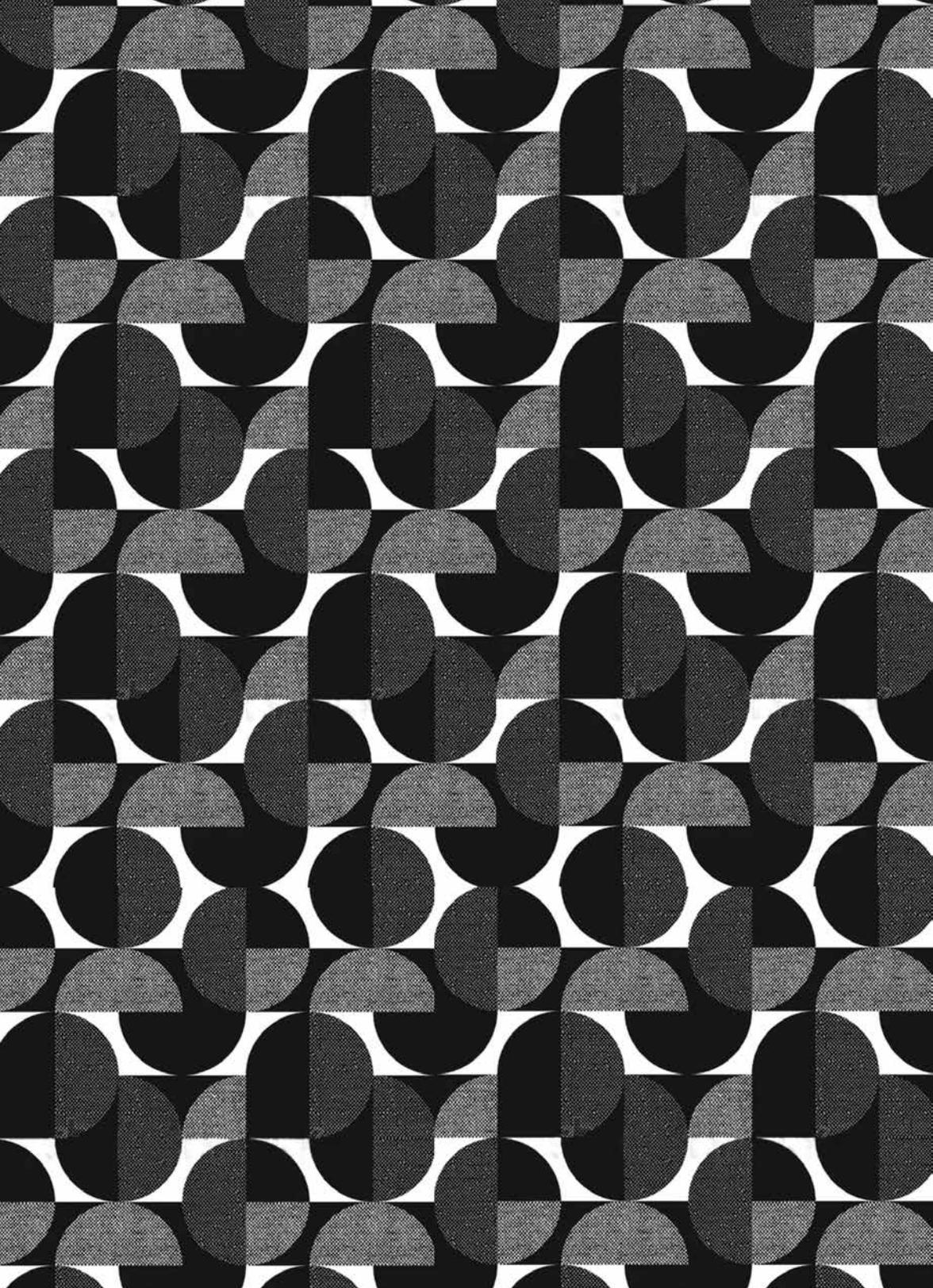
A black and white portrait of Antônio Xavier de Assis, a man with a mustache, wearing a suit and tie. The background is dark with faint newspaper text visible.

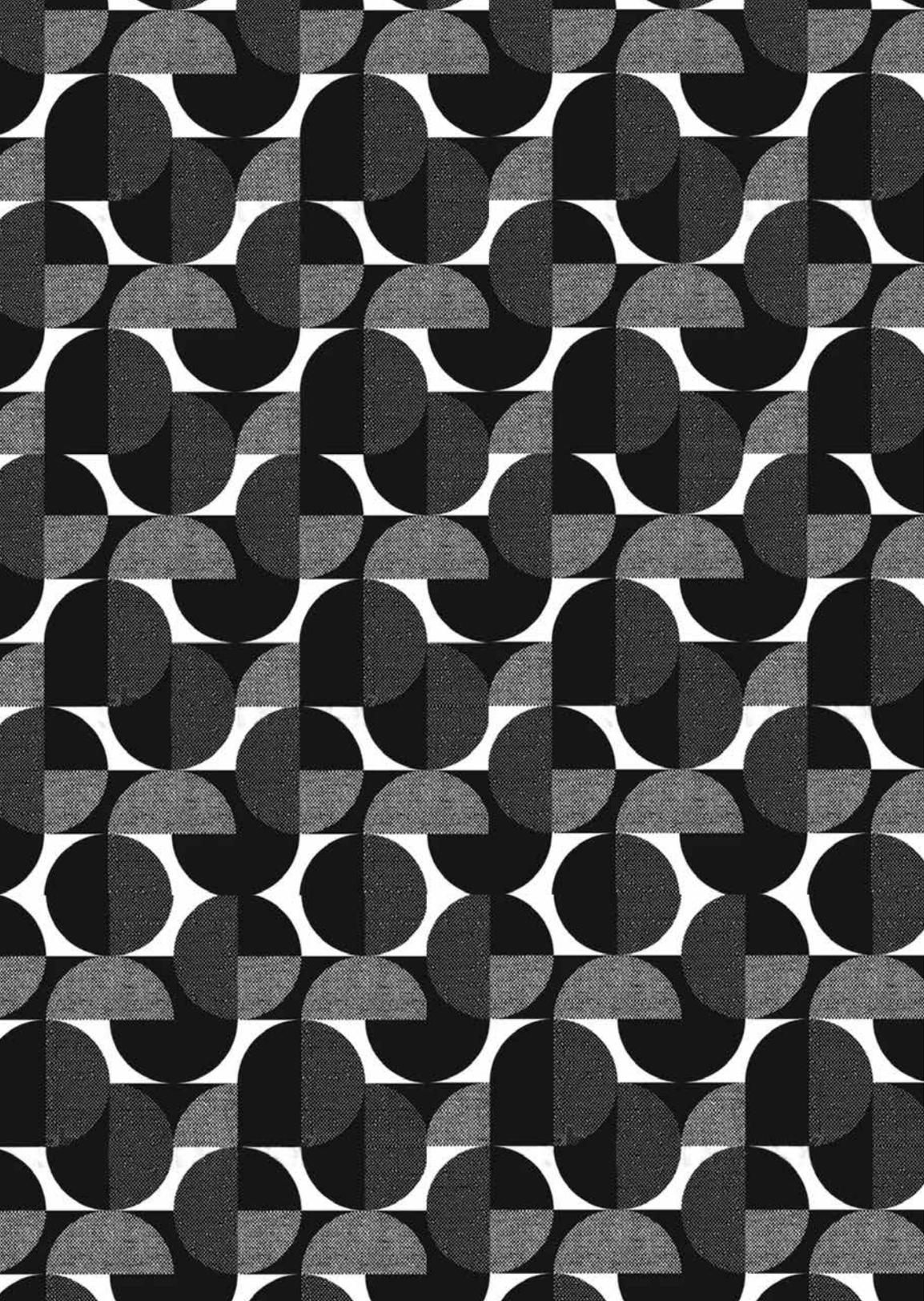
Antônio Xavier de Assis

vida & obra



EDISE







Antônio Xavier de Assis

vida & obra



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretora Administrativa-Financeira

Maria das Graças Souza Garcez

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

CARLOS PINNA DE ASSIS | GILFRANCISCO

Antônio Xavier de Assis

vida & obra



EDISE

Aracaju

2020

Capa

Clara Macedo

Diagramação

Clara Macedo

Projeto Gráfico

Clara Macedo

Revisão

Ana Rita C. Souza

Atualização Ortográfica

Ana Rita C. Souza

Pré-Impressão

Dalmo Macedo | Marcos Nascimento

A848a Assis, Carlos Pinna de
Antônio Xavier de Assis: vida & obra / Carlos Pinna de Assis
e Gil Francisco. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado
de Sergipe - Edise, 2020.
306 p.: il.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide web:
<https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-65-86004-01-4

1. Jornalismo. 2. Política. 3. Economia. 4. Sergipe. I. Santos,
Gilberto Francisco dos. II Título.

CDU: 910.4(814.2)

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010–020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

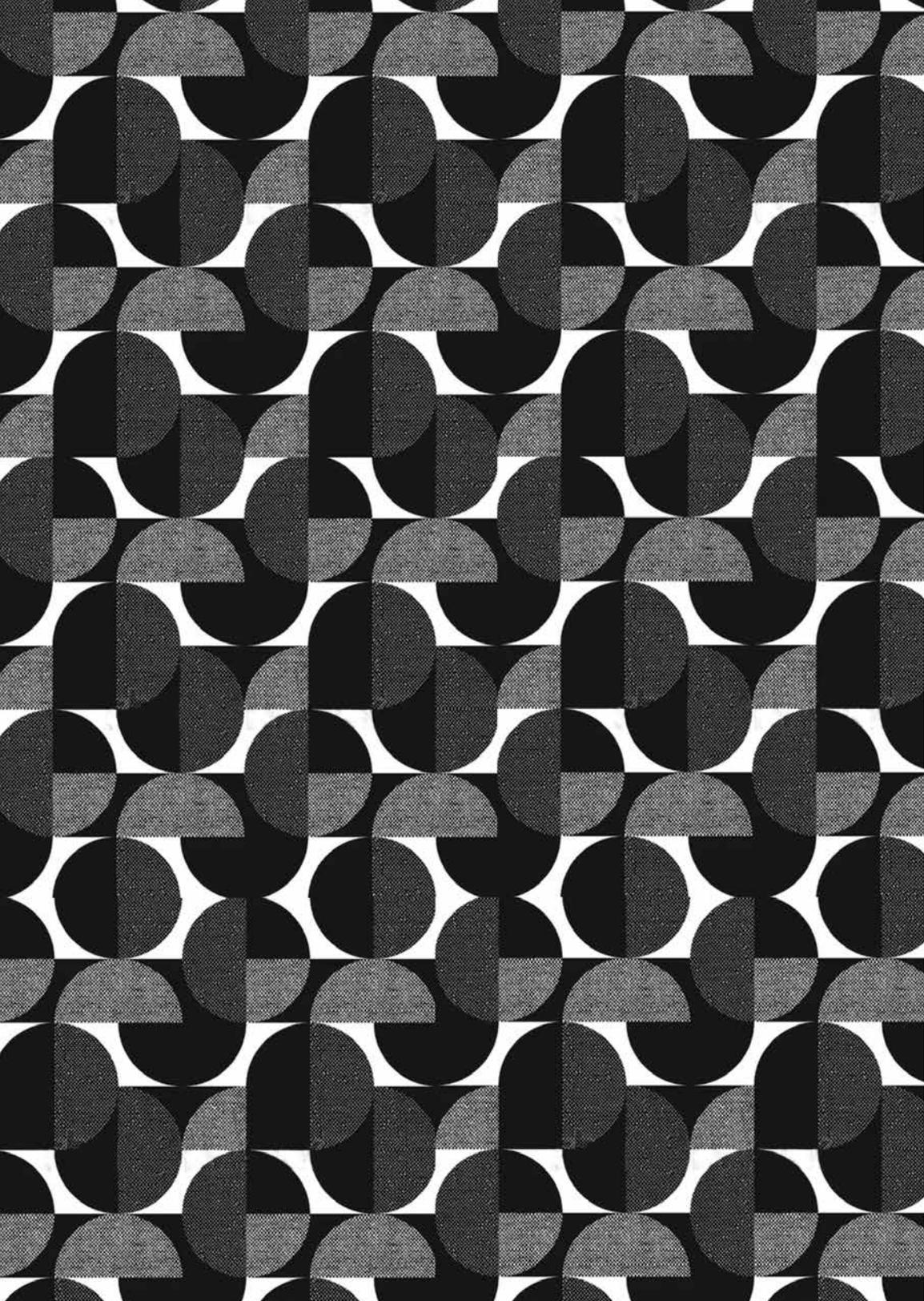
Dedicatória

Ao Município de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, sede principal das atividades político-administrativas, empresariais e literárias de Xavier de Assis, na comemoração do seu 150º Aniversário de Nascimento.

Agradecimentos

Ao professor Thiago Fragata, autor de três textos que integram esta obra comemorativa do sesquicentenário de nascimento de Xavier de Assis à SEGRASE – Serviços Gráficos de Sergipe, na pessoa do Diretor-Presidente Ricardo José Roriz Silva Cruz e Milton Alves, Diretor Industrial, que deram forma e beleza a esta publicação histórica, ofertando a elevada capacitação técnica dos seus dirigentes e servidores.

À dedicação e o cuidado no manuseio das coleções dos jornais solicitados durante a pesquisa sob a responsabilidade do funcionário da Biblioteca Epifânio Dória, Tito Nunes de Brito, que reservava anteriormente todo material, com o intuito de nos facilitar o trabalho de pesquisa.





Apresentação

Xavier de Assis - vida & obra

A Primeira parte da “Vida & Obra” está composta de textos sobre o intelectual Antônio Xavier de Assis (15 de junho de 1870, Pão de Açúcar – Alagoas) e (21 de novembro de 1939, Aracaju – Sergipe) escritos após sua morte e contém registros, documentos, ilustrações e depoimentos familiares: Intendentes e Prefeitos de Aracaju, Epifânio Dória; Xavier de Assis e a Livraria Brasileira I e II e Xavier de Assis e o Saber Tipográfico, Thiago Fragata. Além das Pinturas de Milton Xavier de Assis; Obituário da irmã Maria Isaura; uma palestra do Acadêmico José Anderson do Nascimento sobre o Centenário do Desembargador Antônio Xavier de Assis Junior, um texto de Lenora Ribeiro Mello e finaliza com A Origem dos meus propósitos, de Carlos Pinna de Assis Junior.

A Segunda Parte “Obra Esparsa” foi adaptada ao projeto de acordo com as descobertas de novos textos, novas informações. Tínhamos como pista para a localização dos textos esparsos publicados em periódicos de Aracaju, o artigo de Epifânio Dória, **Intendentes e Prefeitos de Aracaju**, publicado na Revista de Aracaju, nº7 em 1966. A relação listada por Epifânio Dória de textos, não foram totalmente localizados, na única coleção do **Jornal do Povo**, existente na Biblioteca Epifânio Dória, pertencente ao Estado de Sergipe. Localizados os textos que totalizam 57 (cinquenta e sete) artigos, cujos temas recorrentes são: educação, economia, história, agricultura, sociedade, etc., publicados nos periódicos – Jornal do Povo, Correio de Aracaju, Estado de Sergipe, Jornal de Notícias e na Enciclopédia Ilustração Brasileira - foram fotografados, digitados, cuidadosamente, atualizados na grafia, e posteriormente revisados.

Na Terceira e última Parte, apresentamos em fac-símile dois jornais **A Palavra** (1893) e **O Trabalho** (1896) editados em Alagoas por Xavier de Assis, todos eles localizados nos Arquivos da “Fundação Biblioteca Nacional”.

Por fim, a elaboração deste trabalho foi um processo de aprendizagem, onde reconhecemos a importância da produção esparsa de Xavier de Assis, jornalista marcado por rigorosa honestidade intelectual. Uma reconstrução biobibliográfica, longe de recompor o destino do homem, do jornalista, do professor, do empreendedor e do editor. Por tudo isso e pelas dificuldades encontradas no percurso da pesquisa, não resulta numa obra definitiva. De qualquer forma,

representa contribuição para a historiografia sergipana, que sem dúvida se somará a tantas obras já publicados.

Os autores.

SU- MÁ- RIO

Apresentação

Xavier de Assis - vida & obra ----- 13

Carlos Pinna de Assis | GILFRANCISCO

Síntese Biográfica----- 21

PARTE I

Vida & Obra

Intendentes e Prefeitos de Aracaju - - - - - 27

Epifânio Dória

Xavier de Assis e a Livraria Brasileira (1907/1910) Parte I - - - - - 35

Thiago Fragata

Xavier de Assis e a Livraria Brasileira (1907/1910) Parte II - - - - - 39

Thiago Fragata

Xavier de Assis e o Saber Tipográfico- - - - - 43

Thiago Fragata

PARTE II

Registros, Documentos, Ilustrações e Depoimento

Pinturas de Milton Xavier de Assis - - - - - 56

Milton Xavier de Assis - Filho

Irmã Maria Isaura Xavier de Assis - - - - - 59

Maria Isaura de Assis - filha

Antônio Xavier de Assis - - - - - 62

Lenora Ribeiro Mello - neta

A Trajetória Jurídica do Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior - 71

José Anderson Nascimento

A Origem dos Meus Propósitos - - - - - 81

Carlos Pinna de Assis Júnior - bisneto

PARTE III
Obra Esparsa

Jornal do Povo

Razões do Câmbio - 03 de junho de 1916 - - - - -	91
Homem de Negócios - 02 de junho de 1916 - - - - -	94
Os Lafonts - 05 de junho de 1916- - - - -	97
E o Civismo? - 07 de junho de 1916- - - - -	100
Agência Bancária - 10 de junho de 1916 - - - - -	103
Crise de Dinheiro - 12 de junho de 1916 - - - - -	106
Imposto de Honra - 16 de junho de 1916- - - - -	109
O Erro -19 de junho de 1916 - - - - -	112
Várias Cousas - a política - 20 de junho de 1916 - - - - -	114
O Rio Siriry - - - - -	117
Vocal Instrumental - 01 de julho de 1916 - - - - -	119
Pequena Cabotagem - 05 de julho de 1916- - - - -	121
Infeliz Quadra! - 07 de julho de 1916- - - - -	123
Calma! - 10 de julho de 1916 - - - - -	125
Submarinos Cargueiros - 12 de julho de 1916 - - - - -	128
Pela Paz e pelo Trabalho - 15 de julho de 1916 - - - - -	130
Matriz de Santo Antônio - 18 de julho de 1916- - - - -	133
O "Deustchland" - 21 de julho de 1916 - - - - -	136
Mãe natural - 22 de julho de 1916 - - - - -	139
Várias Cousas - liberdade comercial - 11 de agosto de 1916 - - - - -	142
Os Nossos Mares - 24 de agosto de 1916- - - - -	145
Estradas de Rodagem - 25 de agosto de 1916 - - - - -	147
Jardim Olympio Campos - 26 de agosto de 1916- - - - -	149
Pela Arte - 30 de agosto de 1916 - - - - -	151

Carteira Bancária - 01 de setembro de 1916 - - - - -	153
Estradas de Rodagem - o que deveria ser feito em Sergipe - 11 de setembro de 1916 - - - - -	155
Nem com tanta sede... - 09 de setembro de 1916 - - - - -	157
Forças Destrutivas - Forças Construtivas - 17 de agosto de 1917 - - -	161
Leiga Opinião (qualificação eleitoral) - 18 de agosto de 1917- - - - -	163
Fatos que Falam - 09 de outubro de 1917 - - - - -	165
Interesses Agrícolas - influência dos postos zootécnicos na formação das raças - 10 de outubro de 1917 - - - - -	167
E a Política? - 17 de outubro de 1917- - - - -	170
Ideal Cumprido - 15 de outubro de 1917- - - - -	172
Suntuosidade de São Paulo com istas aos poderes Municipais - 23 de outubro de 1917 - - - - -	175
Entre Dois Fogos - a nossa posição de defesa - 31 de outubro de 1917	178
Frota Mercante Nacional - 07 de novembro de 1917 - - - - -	181
Candidatos de 8 de novembro - 09 de novembro de 1917- - - - -	184
Uno e Coeso - 21 de novembro de 1917 - - - - -	186
Os Vassourinhas do Recife - 27 de novembro de 1917- - - - -	188
Guarda Nacional - 28 de novembro de 1917 - - - - -	191
Instrução Militar - 11 de dezembro de 1917 - - - - -	194
O Pão do Norte - 24 de dezembro de 1917 - - - - -	196
Interesses Agrícolas - o porco - 06 de março de 1918 - - - - -	201
Norte-Sul - 24 de julho de 1918- - - - -	205
O Querosene - 14 de agosto de 1918 - - - - -	209
Ainda o Querosene - 17 de agosto de 1918- - - - -	212
Uma Sugestão - pletora de dinheiro e falência de estrada - 23 de setembro de 1918 - - - - -	214
Bilhete Postal - 25 de setembro de 1918 - - - - -	217
O Grande General - 26 de outubro de 1918 - - - - -	219
Por que não iremos nós ao Pacífico? - 04 de dezembro de 1918 - - -	222

Instituto de Proteção à Infância - 10 de dezembro de 1918 - - - - -	225
Conselho Superior de Instrução - 14 de janeiro de 1919 - - - - -	229
Os Nossos Homens e as Nossas Coisas - 11 de março de 1919 - - - -	232
Monumento a Tobias - 12 de março de 1919- - - - -	235

Correio de Aracaju

Velharias Financeiras - 05 de dezembro de 1917 - - - - -	239
--	-----

Revista de Aracaju

A Capital de Sergipe, Revista de Aracaju, nº 7, 1962 - - - - -	245
<i>Republicação do texto original de 1922.</i>	

Jornal de Notícias

O que será depois, 1931- - - - -	257
----------------------------------	-----

PARTE IV

Jornais Editados por Antônio Xavier de Assis, em Penedo-AL. Facsímilar

A Palavra - Abril, 1893 - - - - -	266
A Palavra - Junho, 1893 - - - - -	270
A Palavra - Junho, 1893 - - - - -	274
A Palavra - Julho, 1893 - - - - -	278
O Trabalho - Maio, 1896- - - - -	282
Tribuna Popular - Novembro 1899 - - - - -	288

PARTE V

Apêndice--291

Síntese Biográfica

- Antônio Xavier de Assis -

1870 – Nascimento de Antônio Xavier de Assis a 15 de junho em Pão de Açúcar – Alagoas, filho de Manoel Xavier de Assis e de Maria Inês da Soledade Tavares Nunes de Assis.

1882 – Aos doze anos foi trabalhar como aprendiz nas Oficinas Tipográficas do jornal “*O Trabalho*”, de propriedade de Aquiles Balbino de Lelis Melo.

1895 – Casa-se em Penedo (AL) a 26 de janeiro com Maria Izaura de Viveiros Xavier, carinhosamente chamada por Marocas e juntos tiveram catorze filhos, dos quais sobreviveram: Ismênia (nascida em Penedo-AL) os demais em Aracaju (SE): Iracema, Helena, Milton, Antônio, Eurídes, Heloisa e Creusa

1897 – Diretor-proprietário em Penedo (AL) do jornal *Tribuna Popular*.

1899 – Chega à Aracaju onde viveu até o seu falecimento em 1939.

1904/1905 – Eleito Intendente (prefeito) de Aracaju pelo PRF. Assume a prefeitura, após ser eleito em setembro do ano anterior com 352 votos, para suceder Francino de Andrade Mello. 1904 é o ano em que O Carrossel fabricado nos Estados Unidos, chegou a Aracaju (dezembro), com capacidade para 300 crianças, o brinquedo trouxe como um grande atrativo o Tobias. O boneco de cor negra, que movia a boca enquanto o carrossel girava, encantou crianças e adultos.

1911 – Escolhido primeiro presidente do Centro Operário Sergipano, entidade com sede localizada à esquina da Rua Santo Amaro com Geru e que é a mais antiga sociedade operária criada em Sergipe, fundada em 11 de dezembro de 1910, com diretoria provisória.

1911/1914 – Durante o Governo de Siqueira de Menezes assume cargos públicos na área da educação.

1914 – Segue para Maceió juntamente com a família, intencionava fixar residência na capital alagoana, pois comprara duas pequenas fábricas: uma de bebida e outra de tomatada.

1916 – Publica uma série de artigos no *Jornal do Povo*.

1917 – Publica uma série de artigos no *Jornal do Povo*, além de algumas colaborações no *Correio de Aracaju e Estado de Sergipe*.

1918 – Publica uma série de artigos no *Jornal do Povo*. Em novembro, ano de implantação do primeiro grupo escolar no interior de Sergipe, o inspetor escolar Antônio Xavier de Assis, dirige-se ao Diretor da Instrução Pública exaltando os benefícios dos grupos escolares.

1919 – Publica uma série de artigos no *Jornal do Povo*.

1922 – Publica na capital federal na Revista *Ilustração Brasileira*, o artigo *A Capital de Sergipe*.

1924 – É um dos conselheiros fiscais de *O Jornal* (diário político e noticioso), dirigido por Joaquim Pessoa C. de Albuquerque.

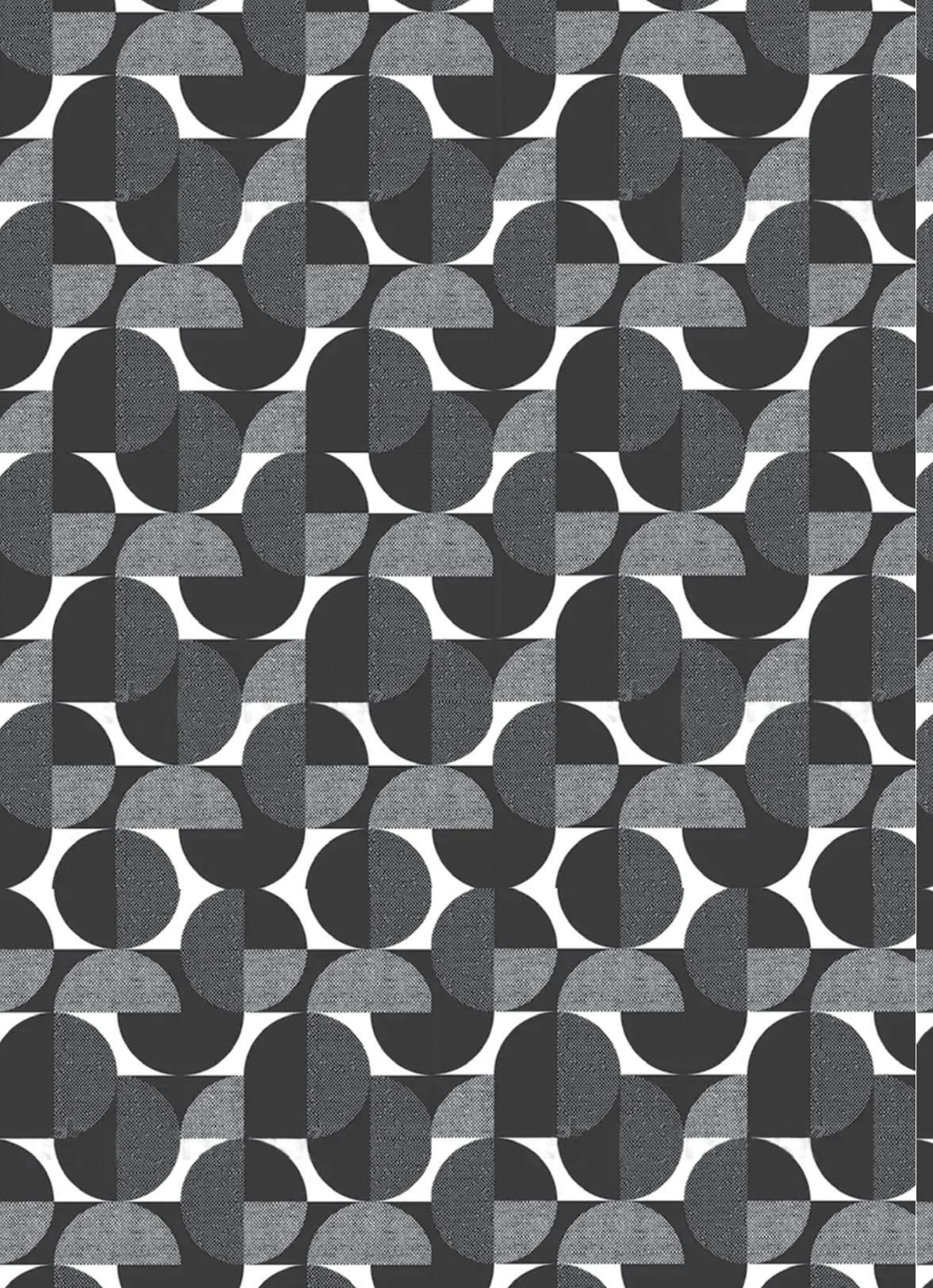
1927 – Em 16 de fevereiro Antônio Xavier lavra o Termo de Visita ao Grupo Escolar Fausto Cardoso e em 25 de novembro ao Grupo Escolar Coelho e Campos.

1928 – Em 12 de outubro inspeciona o Grupo Escolar Gumercindo Bessa, da cidade de Estância.

1931 – Conclui o manuscrito *Esboço Histórico e Geográfico do Baixo São Francisco*.

1939 – Falece em 21 de novembro em Aracaju.

2020 – São publicados dois livros em sua homenagem: *Esboço Histórico e Geográfico do Baixo São Francisco*, Xavier de Assis. Aracaju, Prefeitura de Aracaju. 242 páginas; e *Antônio Xavier de Assis - Vida & Obra*, Carlos Pinna de Assis e Gilfrancisco. Aracaju, Edise, Editora de Sergipe (Segrase), 306 páginas.





Parte I

Vida & Obra

Intendentes e Prefeitos de Aracaju

Epifânio Dória

Antônio Xavier de Assis (1904-1905) foi eleito em 1º de setembro de 1903 e empossado a 1º de janeiro de 1904. Exerceu o mandato até 31 de dezembro de 1905, quando terminou o biênio. O lugar de Intendente fora quadrienal, pela Constituição do Estado de 18 de maio de 1892, tendo sido anual pela malograda Constituição de 8 de junho de 1891, que deu ao referido lugar a designação de Edil. Foi, ainda, dissolvida, revolucionariamente, em 28 de novembro do mesmo ano. Passou a ser bienal pela tumultuária Reforma Constitucional de 5 de abril de 1895.

Antônio Xavier de Assis nasceu na, então, Vila de Pão de Açúcar¹, Alagoas, a 15 de junho de 1870, quando o governo o Partido Conservador, presidindo o gabinete o Visconde de Itaboraí; e quando governava a sua província o brigadeiro José Miranda da Silva Reis.

Faleceu em Aracaju na manhã de 21 de novembro de 1939, quando no governo do Estado, como Interventor Federal, estava o Dr. Eronildes Ferreira de Carvalho.

¹ Sobre o Pão de Açúcar escreveram Saint Adolphe, no seu "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil"; Dr. Joaquim Tomás Pereira Diegues, no seu "Catálogo dos Jornais, Revistas e outras publicações do Estado de Alagoas", de 1831 a 1908; o engenheiro agrônomo Olavo de Freitas Machado, também natural de Pão de Açúcar, anotações geográficas sobre o Município.

Era filho legítimo do antigo agricultor e negociante de gado Manuel Xavier de Assis e D. Maria Inês da Soledade Tavares Nunes de Assis. Realizou os estudos primários em Pão de Açúcar, não prosseguindo nos outros graus por lhes faltarem suficientes recursos.

Dotado de viva e penetrante inteligência, foi se fazendo autodidata e adquirindo conhecimentos variados, tomando gosto, cada vez maior, pela vida da imprensa, a despeito das deficiências do meio em que vivia e operava. Iniciou-se sob a orientação de um antigo apaixonado pelo jornalismo, Aquiles Melo (Aquiles Balbino de Lelis Melo), cujas oficinas tipográficas entrara, como aprendiz, aos 12 anos de idade, já órfão de pai e mãe, em 1882, isto em Pão de Açúcar, onde o mesmo Aquiles Melo fundara o jornal “O Trabalho”.

Ainda com Aquiles, que se transferiu com o seu jornal para Penedo, em 1893, Xavier de Assis se mudou para a mesma cidade. Aí fundou, por sua vez, em 16 de julho de 1893, o jornal “O Estímulo”, de parceria com J.Mazoni e Amaranto Filho, tendo o jornal tipografia própria. Era folha quinzenal. Em 18 de julho de 1897, fundou, ainda em Penedo, o hebdomadário “Tribuna Popular”, de que foi diretor-proprietário. Esse jornal não era órgão político, todavia, mantinha uma coluna de oposição ao governo do Estado.

Daí, talvez, o clima de intolerância criado em torno de si, forçando-lhe a se mudar para Sergipe, o que fez recorrendo à amizade que travara com Dr. Josino Menezes, quando este residia em Penedo, exercendo a profissão de farmacêutico. Foi isto no começo da administração do Mons. Olímpio Campos, da qual era secretário geral o Dr. Josino. A nova situação, comandada pelo Monseñor Olímpio Campos, foi inaugurada em 24 de outubro de 1899.

Por muitos anos, Xavier de Assis exerceu atividade comercial em Aracaju, sendo o primeiro proprietário da Tipografia e Papelaria Moderna, que passou depois a ser Livraria Brasileira – a maior e melhor livraria, à época, no Estado. Montou, ainda em Aracaju, uma fábrica de sabonetes e perfumaria com aparelhagem importada da França e da Alemanha, o que fez por meio

da sociedade com o húngaro Ringald Biélla. Foi proprietário do sítio Palestina, hoje bairro da capital, onde recebia, em efusões de afeto, parentes e amigos. Em 1914, salvo engano, seguiu para Maceió, levando sua família, com o propósito de fixar residência na referida cidade, onde, no período, comprou duas fábricas, - uma de bebidas e outras de doce e tomatada.

Dois anos depois regressou a Aracaju, ainda militando no comércio. Tornou-se, então, representante, em Sergipe, de diversas firmas comerciais de Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio de Janeiro, explorando os ramos de couros e peles, madeiras, algodão, mica, charque e bacalhau.

Foi também proprietário do “Hotel dos Estados”, em Aracaju, de sociedade com o inteligente artista pirotécnico, Pedro Barros. Após deixar o cargo de Intendente, foi eleito membro do Conselho Municipal de Aracaju. Colaborou nos jornais do seu tempo, entre eles o Correio de Aracaju, Jornal do Povo. O Estado de Sergipe e Jornal de Notícias, todos de Aracaju. Colaborou, também, na importante “Revista Brasileira”, que se publicava na cidade do Rio de Janeiro.

Entrando para o funcionalismo público do Estado, exerceu os ofícios de Inspetor Escolar da 1ª Zona do Estado, Diretor, sucessivamente, dos grupos escolares “General Siqueira” e “Barão de Maroim”, ambos sediados em Aracaju, aposentando-se nesse último lugar. Além disso, exerceu a profissão de advogado, devidamente provisionado pelo antigo Tribunal de Relação do Estado.

Casou-se em Penedo, Alagoas, no dia 25 de janeiro de 1895, com D. Maria Isaura de Viveiros Oliveira e Silva, filha do antigo notário Joaquim Tibúrcio de Oliveira e Silva e D. Rita Dorotéa Viveiros de Oliveira e Silva. Depois do casamento, D. Maria Isaura passou a se chamar Maria Isaura de Viveiros Xavier de Assis, que ainda vive neste capital, na plenitude do seu equilíbrio mental, contando 84 anos de idade. Desse consórcio teve 14 filhos, oito dos quais são falecidos, sobrevivendo-lhe seis. D. Ismênia de Assis Santos, casada com técnico de eletricidade Evan San-

tos; D. Iracema de Assis Alves, viúva do bancário Odilon Venino Alves; Milton Xavier de Assis, musicista e funcionário público na cidade do Rio de Janeiro, casado com D. Zenita Tavares de Assis, D. Helena de Assis Ribeiro, casada com o tabelião Odin Riberio; Eurides Xavier de Assis, que entrou para a Ordem das Freiras Sacramentinas, em Maceió, com o nome que adotou de Irmã Maria Isaura; Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, membro do Tribunal de Justiça de Sergipe, casado com D. Anália Pinna de Assis, filha de Isaac José de Pinna e D. Virginia Silva de Pina, já falecidos. Os oito filhos falecidos foram: Anísia, Arlinda, Aristóteles, Sesóstres, Antônio, o 1º deste nome, Maria Isaura, Heloisa e Creusa.

São os netos: o Dr. Fernando Assis Ribeiro, casado com D. Norma Saade Ribeiro; D. Lenora Ribeiro de Melo, casada com o Dr. Alfredo Nunes de Melo; Antônio Jordão de Assis Ribeiro, estudante, filhos de Odin Ribeiro e D. Helena de Assis Ribeiro; Zélia, Elza e Vera Lúcia Tavares Xavier de Assis, filhas de Milton Xavier de Assis e D. Zenita Tavares de Assis; Carlos Pinna de Assis e Antônio Isaac de Assis, filhos do Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior.

São seus bisnetos os menores Elane Ribeiro de Melo e Carlos Fernando Saade Ribeiro, filho do Dr. Fernando de Assis Ribeiro e D. Norma Saade Ribeiro.

Pertencia à Sociedade Beneficente dos Funcionários Públicos de Sergipe, fundada em Aracaju em 1919.

Entre os numerosos artigos que deixou, esparsos pelos jornais e revistas do seu tempo, anotamos os que se seguem alguns; assinados com as iniciais do seu nome (X.A.) ou simplesmente X.

No Jornal do Povo, firmados por A.X.:

- Homens de negócios - 2/6/1916;
- Razões do câmbio - 3/6/1916;

- Os Lafonts - 5/6/1916;
- Agência bancária - 10/6/1916;
- Crise de dinheiro - 12/6/1916;
- Imposto de honra - 16/6/1916;
- O êrro - 19/6/1916;
- Várias cousas - 20/6/1916;
- Vocal e instrumental - 1/7/1916;
- Pequenas cabotagens - 3/7/1916;
- Infeliz quadra - 7/7/1916;
- Calma! - 10/7/1916;
- Submarinos cargueiros - 12/7/1916;
- Pela paz e pelo trabalho - 15/7/1916;
- Matriz de Santo Antônio - 18/7/1916;
- O "Deustchland" - 21/7/1916;
- Mãe natural - 22/7/1916;
- Olímpio Campos - 26/7/1916;
- Várias coisas - 11/8/1916;
- Os nossos mares - 24/8/1916;
- Estradas de Rodagem - 25/8/1916;
- Jardim Olímpio Campos - 26/8/1916;
- Pela arte - 30/8/1916;
- Carteira bancária - 31/8/1916;
- Estradas de Rodagem - o que se deveria fazer em Sergipe - 11/9/1916;
- Nem com tanta sede... - 9/12/1916;
- Estradas de rodagem - 27/1/1917;
- Hosana - 30/1/1917;
- O que será depois - 1/2/1917;

- Pequenas indústrias – 5/2/1917;
- Lança n'África – 10/2/1917;
- O momento brasileiro – 17/4/1917;
- Forças destrutivas, forças construtivas – 17/8/1917;
- Leiga opinião (Qualificação eleitoral) – 18/8/1917;
- Fatos que falam – 9/10/1917. Saiu também no *Estado de Sergipe* de 09/10/1917;
- Ideal cumprido – 15/10/1917;
- Interesses agrícola, influência dos postos zootécnicos formação de raças – 10/10/1917;
- E a política? – 17/10/1917;
- Suntuosidades de S. Paulo, com vistas aos pobres municipais – 23/10/1917;
- Entre dois fogos – A nossa posição de defesa – 31/10/1917;
- Frota mercante nacional – 7/11/1917;
- Candidatos de 8 de novembro – 9/11/1917;
- Uno e coeso – 21/11/1917;
- Os vassourinhas do Recife – 27/11/1917;
- A guarda nacional – 28/11/1917;
- Instrução Militar – 11/12/1917;
- Candidatos – 8/11/1917. Saiu no *Correio de Aracaju* do mesmo dia;
- O pão do Norte – 24/12/1917;
- O porco – 6/3/1918;
- Norte-Sul – 24/7/1918;
- O querosene – 14/8/1918;
- Ainda o querosene – 17/8/1918;
- Uma sugestão – Pletora de dinheiro e falência de estradas – 23/9/1918;

- Bilhete postal e Florentino Menezes – 25/9/1918;
- O Grande General – 26/10/1918;
- Porque não iremos nós ao pacífico? – 4/12/1918;
- Instituto de Proteção à infância – 10/12/1918;
- Conselho Superior de instrução – 14/1/1919;
- Os nossos homens e as nossas coisas – 11/3/1919;
- Monumento a Tobias – 12/3/1919;
- Inspeção Escolar do Estado de Sergipe – relatório apresentado ao diretor da Instrução Pública do Estado, como inspetor escolar, em 31/3/1919. No Estado de Sergipe de 12/4/1919;
- Relatório – apresentado ao Dr. Diretor da Instrução Pública em 22/11/1919, da inspetoria escolar de Aracaju, Socorro e S. Crisóstovão. No o Estado de Sergipe de 18 e 19 de janeiro de 1919.

No Correio de Aracaju publicou os dois artigos:

- Velharias financeiras – N. de 5/12/1917;
- Candidatos de 8 de novembro. Está assinado com a inicial X.N. de 16/1/1918.

No Jornal de Notícias, de Aracaju, de 18/3/1931, publicou:

- Aracaju – decomposição desta palavra.

No “ O Estado de Sergipe”, assinados com as iniciais X.A. publicou os artigos que se seguem:

- Instrução Popular. A aposentadoria compulsória ser um meio prático para unificar o ensino? N. de 8/11/1918;
- Coroas despedaçadas. N. de 9/11/1918;
- O mal reinantes. N. DE 23/11/1918;

LIVRARIA BRAZILEIRA
ANTONIO XAVIER DE ASSIS

Importação directa de livros litterarios, scientificos, etc. e artigos de papoaria.
Constante sortimento de livros em branco, riscados e numerados.



Antonio Xavier de Assis

21, Rua de Japarutuba, 21

ARACAJÚ

SERGIPE

LIVRARIA BRAZILE
ANTONIO XAVIER DE ASSIS, IZES MARINHEIROS

Importação directa de livros litterarios, scientificos, etc. e artigos
Constante sortimento de livros em branco, riscados e numerados.



21, Rua de Japstatuba, 21

SERGIPE

Xavier de Assis e a Livraria Brasileira (1907/1910)

PARTE I

Thiago Fragata²

Dedicado a Carlos Pinna de Assis, neto de Xavier de Assis

“**H**á muito que se fazia sentir entre nós a necessidade de uma livraria onde podessemos comprar artigos de papelaria, livros, etc. Hoje felizmente pudemos informar ao leitor que esta lacuna foi preenchida. A Livraria Brasileira, fundada ultimamente pelo Major Xavier de Assis, já satisfaz perfeitamente, no tocante a este genero de commercio, as necessidades do nosso meio”³ (sic). Esta notícia foi publicada pela Folha de Sergipe, editada em Aracaju, no dia 6 de junho de 1907. Segundo Epifânio Dória, intelectual que não fazia propaganda comprada, a citada livraria era mesmo “a maior e a melhor livraria de Sergipe”⁴. Objetivo compulsar informações sobre esta casa comercial e o seu proprietário.

A Livraria Brasileira (1907/1910) antecedeu uma década a famosa Livraria Regina (1918/1970). Como esta, também editou, publicou, vendeu e revendeu obras de autores nacionais e estrangeiros. A exclusividade na representação de importantes

2 Historiador e poeta. Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS), sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). E-mail: thiagofragata@gmail.com

3 **Folha de Sergipe**. Aracaju, ano XVII, n. 11, 9/6/1907, p. 2.

4 DÓRIA, Epifânio. Intendentes e prefeitos de Aracaju. **Revista de Aracaju**. n. 7, 1951, p. 178.

revistas (Fon-fon e Kosmos, por exemplo) era um trunfo do experiente agenciador Xavier de Assis. À sua época, os cafés, cinematógrafos e teatros animavam a cena cultural aracajuana, mas faltavam livrarias – sobretudo uma boa livraria.

A concepção de livraria fugia muito da realidade atual. Independente da livraria Brasileira ofertar livros “a preço dos livros do Rio de Janeiro”⁵, a Capital Federal, mantinha perfil de papelaria com serviço tipográfico; vendia também produtos de beleza, equipamentos musicais, dentre outros. Captamos isso na poesia do Dr. Vagas publicada na *Folha de Sergipe*, edição de 22 de março de 1908:

“A Livraria do Assis
Vale a pena visitar
Além do agrado do dono
E do Fausto auxiliar
Tem cousas boas e bellas
Que convem apreciar.

Quem ali vai compra um
Tem um outro de presente:
Escovinha pra bigode,
Mignon, delicado pente,
N’um estojo de camuça,
Couzinha mesmo patente.

E por ser a Brasileira
Em o bello Aracaju,
Desperta a nossa atenção
A livraria bijou
tem gramophone que canta
como canta o canhaçu”⁶

5 *Idem ibidem.*

6 Musa do Desvio (Dr. Vagas) **Folha de Sergipe**. Aracaju, ano XVIII, n. 89, 22/3/1908. Dr. Vagas é um dos pseudônimos de Antônio Teixeira Fontes. GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**. Aracaju, Governo de Sergipe, 1925, p. 35.

Atentem-se que escova de bigode e gramophone figuram como itens da festejada casa comercial. Realmente, a diversificação de seus produtos e os serviços impactaram o comércio local. Antes desta configuração, ela tinha um outro nome: “Papeleria e Livraria Moderna”.

Em 1907, a famosa Livraria Brasileira estava localizada na rua da Aurora, N. 65, mudando de endereço no ano seguinte para rua Japarutuba, n. 21, com melhores instalações “onde acredita servir melhor seu público”⁷. Afirmava em seu bordão, repetido nos jornais, que era “programma desta casa manter constante sortimento de livros de bons auctores e ao alcance de todas as bolsas”⁸. Lá poderiam ser encontradas as obras de Victor Hugo, Gorki, Tobias Barreto, Flaubert, Euclides da Cunha, Casimiro de Abreu, Coelho Neto, Eduardo de Noronha, Gonçalves Crespo, Camões, Bocage, Alexandre Dumas, Cervantes, Zola; as obras científicas de C. Flamarion, Louis Figuier, Schopenhauer, Spencer, Jules Payot, Leo Denis, Allan Kardec, Luiz Buchner, Pierre Mael, Max Nordan, Visconde de Saboia e “muitos outros festejados autores”. Além das gramáticas de Halbout, João Ribeiro e Maximino Maciel; também almanaques, mapas do Acre, Brasil, Europa, etc anuncia chegada pelo “vapor Estrella de novidades: Homossexualismo, de Pires de Almeida; As pupilas do Senhor Reitor, de Julio Diniz, Noções práticas para o cultivo da maniçoba, de Joaquim Antônio de Souza”⁹.

A mudança para um prédio mais amplo garantiu o sucesso. Da difusão de revistas, livros didáticos e romances, inclusive estrangeiros (alemão, francês e inglês), driblando a concorrência da Libro-Papeleria Araújo e da Livraria Commercial, tornou-se o “grande empório de papéis para todos os misteres”, vendendo

7 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 212, 28/11/1908, p.1.

8 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano II, n. 77, 1/8/1907, p. 4.

9 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano II, n. 92, 26/9/1907, p. 4.

e revendendo “de material de escritório a papel higiênico, em retalho e grosso”¹⁰. Fazia descontos de “20% em todas as obras litterárias, 10% nas obras científicas e de instrução primária e secundária, inclusive atlas, mappas geográficos e dicionários”¹¹.

Nos jornais coetâneos observamos que a livraria ofertou um grande sortimento de canetas-tinteiro, do fabricante norte-americano Aikin Lambert C., sendo que todas possuíam penas ou anéis dourados. Capitol, Imperial e Mercantil eram as principais marcas. Detalhe: “o ouro empregado é de 18 quilates e a Livraria Brasileira é a única recebedora deste artigo”¹².

Na secção cartas enviadas à redacção de **O Estado de Sergipe**, jornal de propriedade de Monteiro Filho e Xavier de Assis, contratado pelo Governo do Estado, lemos na edição de 14 de dezembro de 1910 sobre o fim da livraria. Justifica o seu proprietário “havendo encerrado as atividades no dia 30 do p. Findo [30 de novembro] as transacções da Livraria Brasileira cuja casa era mantida nesta praça sob a minha firma individual, occupo-me de hora em diante da Casa Xavier, ficando todo o activo e passivo da livraria sob a minha responsabilidade pessoal”¹³.

O novo empreendimento tinha o comércio de equipamentos, insumos e uma diversidade de produtos agrícolas como foco. E, mais uma vez, seu proprietário apostava na representação exclusiva de importantes fábricas e fornecedores enquanto fórmula de sucesso. Dos serviços oferecidos pela extinta livraria, a Casa Xavier manteve somente a tipografia para edição de obras avulsas. Aliás, a tipografia norteou a vida e os negócios de Xavier de Assis, da alfabetização ao amadurecimento como empreendedor e intelectual. (Continua)

10 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 212, 28/11/1908, p. 4.

11 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 144, 29/3/1908, p. 4.

12 **O Estado de Sergipe**. Aracaju, ano XII, n. 3347, 13/8/1910, p. 3.

13 **O Estado de Sergipe**. Aracaju, ano XII, n. 8441, 10/12/1910, p. 1.

Xavier de Assis e a Livraria Brasileira (1907/1910)

PARTE II

Thiago Fragata

Dedicado a Carlos Pinna de Assis, neto de Xavier de Assis

Biografar Antônio Xavier de Assis é tarefa difícil e qualquer esforço rascunhará lances da sua atribulada vida. De largada, vejamos dois pontos inusitados. Primeiro, os pesquisadores da história da Educação, há muito, concentraram seus trabalhos no ambiente escolar e no aprendizado formal, desconsiderando o aprendizado informal, inclusive o familiar. Imagine então alguém aprender a ler e a escrever na redação de um jornal, no manejo diário de caixas tipográficas, concatenando letras para compor palavras, textos. Xavier de Assis foi um desses casos, que não podemos classificar exclusivo. A tipografia representa a escola da infância pobre. Ele buscou conciliar a ausência da família e a necessidade do trabalho.

Além da escolarização facultada pela tipografia, um segundo tema suscitado pela trajetória de Xavier de Assis é a definição de artista. Ele foi eleito intendente, gestão 1903 e 1904, figurando como “artista” na legenda eleitoral em razão da vasta experiência nos jornais. Quando pensarmos a manifestação das artes num dado contexto histórico-geográfico, faz-se mister buscar a imprensa, especialmente, as tipografias. Compor a chapa-matriz

ou uma xilogravura é um exercício artístico, assim nasceram os artistas-gráficos e/ou os chargistas.

Cumprida a aparente digressão, voltemos a Antônio Xavier de Assis, que nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas, no dia 15 de junho de 1870. Cedo, perdeu os pais, Manuel Xavier de Assis e Maria Inês da Soledade Tavares Nunes de Assis. Aos 12 anos, foi trabalhar como aprendiz nas oficinas tipográficas de “O Trabalho”, de propriedade de Aquiles Balbino de Leis Melo, que transferiu a sede do jornal para Penedo em 1893. Quatro anos depois, o discípulo funda, na mesma cidade, o “Tribuna Popular”, figurando como diretor-proprietário. Embora não ostentasse título de órgão político, mantinha coluna de oposição ao governo do Estado; daí “o clima de intolerância que se criou em torno dele e que lhe forçou a se mudar para Sergipe, o que fez recorrendo à amizade que travara com o Dr. Josino Menezes, quando este residia em Penedo e exercia a profissão de farmacêutico”¹⁴.

Em Sergipe, Xavier de Assis retornou aos conhecimentos da arte tipográfica, atuando como fundador e editor-proprietário do jornal “O Estado de Sergipe”. No trabalho **A República das Letras em Sergipe**, de Cristiane Vitória, ela identificou, no período de 1889 a 1930, a “criação de um mercado de livros, antes inexistente”¹⁵. Além das tipografias dos jornais, alguns estabelecimentos voltaram-se, especificamente, para a impressão de obras. Só na capital foram criadas 13 tipografias. Mesmo quando instalada a Casa Xavier em 1910, loja voltada aos produtos do homem do campo, Xavier de Assis continua com o serviço tipográfico. De acordo com algumas obras analisadas, construímos o seu roteiro de atuação: Livraria Moderna (1903/1906), Tipografia da *Livraria Brasileira* (1907/1910), Tipografia Xavier (1911/1913), Editor Antônio Xavier de As-

14 DÓRIA, Epifânio. Intendentes e prefeitos de Aracaju. **Revista do Aracaju**. N. 7, 1951, p. 178.

15 SOUZA, Cristiane Vitória. *A República das Letras em Sergipe - 1889/1930*. **Monografia** (Licenciatura em História – DHI) Universidade Federal de Sergipe, 2001, p. 46.

sis (1911/1913). Entre os intelectuais sergipanos que recorreram aos seus préstimos, figuram Francisco Carneiro Nobre de Lacerda (A Década Republicana, 1906), Guilhermino Amâncio Bezerra (Executivo-hipotecário, 1907), Francisco Soares de Britto Travassos (Questão do Engenho Rio *Vermelho*, 1908), Joaquim do Prado Sampaio Leite (*Literatura como criação humana e manifestação social*, 1911), Antônio Militão de Bragança (A Varíola em Laranjeiras, 1912), Carlota Salles de Campos (Torturejos – versos, 1912) e Gumercindo Bessa (Em Minha Defesa, 1910; Memorial, 1913)¹⁶.

Assis militou nas fileiras do agrupamento político liderado pelo Monsenhor Olímpio Campos, tomando parte na comissão responsável pela arrecadação de fundos para edificação da estátua do religioso assassinado em 1906. Em 1916, inaugurou-se a estátua¹⁷. Influente na cena sergipana, participou de campanhas mutualistas no início do século XX. Aparece na condição de sócio da Sociedade Amparo das Famílias entre os anos de 1902 e 1907¹⁸. Foi presidente do Centro Operário Sergipano em 1911, ao tempo em que a Casa Xavier editou o estatuto e forneceu material didático da Escola Operária Horácio Hora¹⁹. Atuou ainda como Inspetor Escolar entre os anos de 1912 e 1930; também como advogado provisionado²⁰. Nada sabemos a respeito da patente de major que ostentava no meio social.

Além da Casa Xavier (1910/1912), Xavier de Assis montou ainda em Aracaju uma fábrica de sabonete e perfumaria com

16 GUARANÁ, Armino. **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1925.

17 PRADO, Gilliard. Política e religião amalgamada no bronze: o monumento a Olimpio Campos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, N. 40, 2010, p. 140.

18 **O Estado de Sergipe**. Aracaju, ano V, N. 1260, 23/12/1902, p. 2; **Folha de Sergipe**. Aracaju, ano XVII, N. 42, 3/10/1907, p. 3.

19 RIBEIRO, Alessandro Cardoso. **A Escola Operária Horácio Hora**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2011, p. 68 e 77.

20 DÓRIA, Epifânio. Obra citada, p. 179; MEDINA, Ana Maria Fonseca (Org.) **Efemérides Sergipanas**. Vol. II. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade Ltda, 2009, p. 166 e 384.

aparelhagem importada da França e da Alemanha. Em 1914, seguiu para Maceió e levou a família com o propósito de fixar residência na referida cidade, onde comprara duas fábricas: uma de bebida e outra de tomatada. Dois anos depois, regressou a Aracaju. Tornou-se então representante em Sergipe de diversas firmas comerciais de Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio de Janeiro, explorando os ramos de couros e peles, madeiras, algodão, mica, charque e bacalhau²¹.

Importante destacar sua contribuição como autor de variados artigos. Numa pesquisa, Epifânio Dória identificou seus trabalhos no *Jornal do Povo*, *Correio de Aracaju*, *Jornal de Notícias* e *O Estado de Sergipe*. Agricultura, educação, economia, história e sociedade são temas recorrentes na pena do erudito Xavier de Assis. Um de seus artigos que merece atenção dos historiadores intitula-se “A Capital de Sergipe: onde nasceu o arraial de São Cristóvão”, publicado na *Enciclopédia da Ilustração Brasileira* em 1922²².

No dia 21 de novembro de 1939, faleceu o homem que fez da tipografia uma bússola a orientar a vida e os negócios, destacando-se como intelectual e empreendedor. Pelo que foi dito, tivemos a sua Livraria Brasileira, em fins da primeira década do século XX, um marco na produção da literatura, especialmente, sergipana e na divulgação de obras nacionais e internacionais.

21 DÓRIA, Epifânio. Obra citada, p. 179.

22 Artigo foi publicado na *Revista do Aracaju*. Ano XIX, N. 7, 1962, p. 221-229.

Xavier de Assis e o Saber Tipográfico

Thiago Fragata

O artigo trata de um aspecto da vida de Antônio Xavier de Assis (1870-1939), da influência da tipografia nas suas diversas atividades intelectuais. O saber angariado nas oficinas tipográficas, desde os 12 anos, facultou-lhe não apenas a alfabetização e a inteligência, mas a partir dele, a oratória, os estudos e a capacidade de comerciar, exercer cargos públicos e atuar como rábula. Vencendo as limitações do meio e os obstáculos de uma atribulada vida, Xavier de Assis teve Alagoas e Sergipe como cenário de sua experiência.

“Não vês alli aquele typo humano com a espinha dorsal curvada, andrajos simples, mãos calejadas e tintas? É um typographo (...) para avaliarmos a supremacia que tem, bastaria somente que elle abandonasse as lides quotidianas e a bella concepção de Gutemberg deixaria de existir!”²³

23 **Folha de Sergipe** (O typographo). Aracaju, ano XVIII, n. 107, 28/05/1908, p. 1. Informa que obra foi publicada originalmente no jornal Echo.

Apresentação

Na noite do dia 18 de outubro de 2011, estive no Memorial do Poder Judiciário a fim de prestigiar exposição dedicada ao centenário do nascimento do Desembargador Antônio Xavier de Assis Junior (1911-2011), que ocupou cargo de juiz em São Cristóvão (1945/1952), aliás, o homenageado detém uma folha extensa de serviços prestados ao Tribunal de Justiça de Sergipe. Eis que revirando meus arquivos, *a posteriori*, descobri que o homenageado era filho do major²⁴ Antônio Xavier de Assis (1870/1939), proprietário da antiga Livraria Brasileira, uma das mais assediadas da zona comercial aracajuana na primeira década do século XX. Quem era mesmo Xavier de Assis e qual a experiência de sua livraria? Do saber tipográfico que impulsionava suas atividades? Aproveito para compartilhar o que tenho como produto das pesquisas, especialmente, com o estimado Carlos Pinna de Assis, Conselheiro do Tribunal de Contas de Sergipe, neto do homenageado.

Xavier de Assis – alfabetizado pelo tipógrafo

Os pesquisadores da história da Educação há muito concentraram seus trabalhos no ambiente escolar e no aprendizado formal, secundarizando as diversas possibilidades do aprendizado informal, inclusive o familiar. Imagine, então, alguém aprender a ler e escrever na redação de um jornal, no manejo diário das caixas tipográficas, concatenando letras para compor palavras, textos. Antônio Xavier de Assis foi um desses casos que não podemos classificar exclusivo. Tomemos o caso de Elciário Fontes, 12 anos, que morreu segundo seu empregador (Folha de Sergipe) de uma “*impiedosa enfermidade*”. Mesmo no contexto do Brasil republica-

24 O galardão militar teria sido comprado conforme costume da época (informou o neto Carlos Pinna de Assis).

no (1907), o trabalho ocupava o lugar da educação na infância dos pobres; os menores eram arregimentados como força de trabalho, fosse para venda nas ruas, fosse para produção na redação, assim o jornal de propriedade de Manoel Nobre publica pesar pela morte do funcionário, possivelmente uma vítima da exaustiva jornada:

“nosso companheiro na confecção artística da Folha de Sergipe, em cujo seio deixa vivas saudades, não só pelo seu comportamento, como pelo gosto e assiduidade com que corria a faina gloriosa do trabalho (grifo nosso)”.²⁵

Antônio Xavier de Assis nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas, a 15 de junho de 1870. Cedo perdeu os pais, Manuel Xavier de Assis e Maria Ines da Soledade Tavares Nunes de Assis. Aos 12 anos foi trabalhar como aprendiz nas oficinas tipográficas de “O Trabalho”, de propriedade de Aquiles Melo (Aquiles Balbino de Lelis Melo), em 1882, na mesma cidade²⁶. Aquiles era o mestre a inculcar segredos da prática jornalística num dedicado tirocínio ou discipulado, persistindo em 1893 quando mudou sede do jornal para Penedo. Dotado de uma viva e penetrante inteligência, o jovem foi acumulando experiências e recursos para gerir sua própria vida, alçar voos como um Fernão Capelo Gaivota²⁷.

Xavier de Assis fundou o jornal “O Estimulo”, com tipografia própria, em parceria com J. Mazoni e Amaranto Filho, no dia 16 de julho de 1893. Era folha quinzenal. Ainda em Penedo, fundou em 18 de julho de 1897 o hebdomadário “Tribuna Popular”, destacando-se como diretor-proprietário. Embora não ostentasse título de órgão político, mantinha coluna de oposição ao gover-

25 **Folha de Sergipe** (Falecimento). Aracaju, ano XVII, n. 50, 31/10/1907, p. 2.

26 DORIA, Epifânio. Intendentes e Prefeitos de Aracaju. **Revista do Aracaju**. N. 7, 1951, p. 178.

27 Alusão à personagem do romance homônimo de Richard Bach publicado no Brasil pela editora Nórdica em 1970.

no do Estado. O fato ocasionaria sua mudança para Sergipe conforme explica Epifânio Dória:

“(...) o clima de intolerância que se criou em torno de si, forçando-lhe a mudar-se para Sergipe, o que fez recorrendo a amizade que travara com o Dr. Josino Menezes, quando este residia em Penedo, exercendo a profissão de farmacêutico”²⁸

No trabalho **A República das Letras em Sergipe**, de Cristiane Vitória, ela identificou no período de 1889 e 1930, “a criação de um mercado de livros, antes inexistente”²⁹. Além das tipografias dos jornais, os alguns estabelecimentos se voltaram especificamente para a impressão de obras. Só na capital foram criadas 13 tipografias oferecendo os mais diversos serviços de impressão. Destas, pelo menos duas, uma de Nelson Vieira e outra de Xavier de Assis, faliram e ressurgiram por 3 ou 4 vezes continuamente ao sabor das dificuldades comerciais. O primeiro foi proprietário da Tipografia da Papelaria Comercial, da Tipografia Comercial e da Tipografia de Nelson Vieira; o segundo foi proprietário da Livraria Moderna, Tipografia da Livraria Brasileira (1907-1910), Tipografia Xavier (1911-1913) e Editor Antônio Xavier de Assis (1911-1913).

O aparecimento das tipografias, independentes da redação dos jornais, teria facultado aos homens de letras de Sergipe publicar seus livros na terra natal. Segundo SOUZA, dos 900 títulos publicados no período cerca de 400 foram impressos nas tipografias sergipanas enquanto 500 foram impressos nas tipografias de outros estados e/ou países³⁰.

28 Idem, ibidem.

29 SOUZA, Cristiane Vitória. *A república das letras em Sergipe 1889/1930*. São Cristóvão, 2001. **Monografia** (Licenciatura em História). Departamento de História – Universidade Federal de Sergipe, p.

30 Idem, p. 46.

Em Sergipe, Xavier de Assis retomou os conhecimentos da arte tipográfica legada pelo seu mestre/mecenas Aquiles, atuando como editor do jornal O Estado de Sergipe e Correio de Sergipe, também foi produtor independente de obras literárias na primeira metade do século XX. Dada sua performance à frente das tipografias, aparece como “artista” nas eleições que concorreu ao cargo de intendente de Aracaju em 1903. Segundo resultado do pleito revelado em setembro deste ano, o candidato do Monsenhor Olímpio Campos teve 352 votos contra 76, de Angelo Montes; 2 votos de Manuel Leão e 1 voto de Rosendo Garcia Rosa. Sua gestão se deu no biênio 1904/1905.

A Livraria Brasileira e os serviços de um tipógrafo

Antes de ganhar fama como Livraria Brasileira a partir de 1907, o negócio teria ostentado nome de Tipografia e Papelaria Moderna. Epifânio Dória conceituaria a Livraria Brasileira de “*a maior e melhor livraria de Sergipe*” de sua época.³¹

A Livraria Brasileira ofereceu serviços até o ano de 1910. Folheando o **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano** (1925), de Armin-do Guaraná, foi possível localizar publicações de intelectuais como Guilhermino Amancio Bezerra (Executivo-hipotecario, 1907), Francisco Soares de Britto Travassos (Questão do Engenho Rio Vermelho, 1908) e Gumercindo Bessa. (Em Minha Defesa, 1910).

Tipografia (Casa) Xavier de Assis

A frente da Tipografia Xavier de Assis, publicou obras de Antônio Militão de Bragança (A varíola em Laranjeiras, 1912), Carlota Salles

31 DÓRIA, 1951, p. 178-179.

de Campos (Torturejos - versos, 1912) e Gumercindo Bessa (Memorial Apresentado ao Supremo Tribunal Federal pela Cia. Aliança, 1913). Possivelmente, nesta época a tipografia teria sido contratada pelo Governo de Siqueira de Menezes para alguns serviços. Dentre os clientes do período consta o Centro Operário Sergipano, que contratou serviço de impressão do seu estatuto em 1912.

Por prestígio e conhecimentos técnicos, entrou no funcionalismo público do Estado de Sergipe, no Governo de Siqueira de Menezes (1911/1913). Exerceu cargo de Inspetor Escolar da 1a. Zona do Estado, Diretor, sucessivamente, dos Grupos Escolares General Siqueira e Barão de Maruim, ambos em Aracaju.³²

O Editor Antônio Xavier de Assis

Seus trabalhos avulsos, alguns rodados na tipografia de “O Estado de Sergipe”, levam a marca de Editor Antônio Xavier de Assis. Constituem como exemplos: A Década Republicana (1906), de Francisco Carneiro Nobre de Lacerda; os didáticos do Atheneu Sergipense; Literatura como criação humana e manifestação social (1911), de Joaquim do Prado Sampaio Leite.³³

Localização, Serviços e Produtos da Livraria

Em 1907 a famosa Livraria Brasileiro se achava localizada na rua da Aurora, n. 65, mudando para novo prédio na rua Japarutuba, n. 21, no dia 1^o. de junho de 1908, com melhores instalações “*onde acredita servir melhor seu publico*”.³⁴ Afirmava em seu bordão, re-

32 DÓRIA, 1951, p. 179.

33 GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliográfico de Sergipano**. Aracaju, 1925, 155.

34 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 212, 28/11/1908, p. 1.

petido nos jornais, que era “*programma desta casa manter constante sortimentos de livros de bons auctores e ao alcance de todas as bolsas*”.³⁵ Lá poderiam ser encontrados livros de Victor Hugo, Gorki, Tobias Barreto, Flaubert, Euclides da Cunha, Camões, Dumas Cervantes e “*outros muitos outros festejados autores*”. Além de gramáticas de Halbout, João Ribeiro e Maximino Maciel, também almanaques, mapas do Acre, Brasil, América, Europa, etc... Anuncia chegada pelo vapor Estrella de novidades: Homossexualismo, de Pires de Almeida, As Pupilas do Senhor Reitor, de Julio Diniz.³⁶

Com a mudança de sede, diversificaram-se as atividades da casa comercial. De revendedora de revistas como a Fon-Fon, livros didáticos e romances, inclusive estrangeiros (alemão, francês e inglês), driblando a concorrência das concorrentes Libro-Papelaria Araújo e Livraria Commercial, a Livraria Brasileira tornou-se “*o grande empório de papeis para todos os misteres*”, vendendo e revendendo “*de material de escritório a papel higiênico, em retalho e grosso*”.³⁷

Jornal anuncia um completo sortimento de livraria, papelaria e imprensa. Chegada de “*variado sortimento de livros para instrução primaria, todos adoptados em São Paulo e outros Estados do sul*”. Cita-os. “*Também livros para instrução primaria e secundaria adoptada no Estado*”.³⁸ A casa comercial oferecia serviços de tipografia e vendia material de escritório variado.

A Livraria Brasileira vendia livros estrangeiros em alemão, francês e inglês. Fazia descontos de

“20% em todas as obras litterárias, 10% nas obras científicas e de instrução primaria e se-

35 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano II, n. 77, 1/8/1907, p. 4.

36 *Idem*.

37 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 212, 28/11/1908, p. 4.

38 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano III, n. 144, 29/3/1908, p. 4.

cundária, inclusive atlas, mappas geográficos e dicionários. Estes descontos vigorarão durante o resto do corrente mez e só serão aproveitados nas comparas exclusivamente a dinheiro. Oferta Noções práticas para o cultivo da maniçoba, de Joaquim Antônio de Souza.³⁹

Sob o título de “Plumas-Fuente” anunciava n’O Estado de Sergipe, de 13 de agosto de 1910, como vendedor exclusivo de canetas tinteiro Aikim Lambert C.

“providas de pennas de ouro garantida. Todas as pennas destes fabricantes são garantidas e duram de 3 a 5 annos, conforme o uso que se fizer dellas. Findo este praso, quando as pennas se tornarem grossas, as canetas ainda se acharem em condições de receberem outras e continuarem a servir como se fossem novas. O ouro empregado é de 18 quil”.⁴⁰

Considerações Finais

Não foi possível identificar o ano exato em que Xavier de Assis encerrou suas atividades de livreiro ou relacionadas às tipografias. Avalizamos que, por volta de 1914, ele retornou a Alagoas, passando a residir em Maceió, onde comprara duas fábricas, uma de bebidas e outra de doces e tomatada. Dois anos depois regressou a Aracaju, ainda militando no comércio. Tornou-se, então, representante em Sergipe de firmas comerciais de Per-

39 **Correio de Aracaju**. Aracaju, ano II, n. 92, 26/9/1907, p. 4.

40 **O Estado de Sergipe** (Plumas-Fuente). Aracaju, ano XII, n. 3347, 13/8/1910, p. 3.

nambuco, Bahia, Paraíba e Rio de Janeiro, explorando os ramos de couros e peles, madeiras, algodão, mica, xarque e bacalhau.⁴¹

Mas é importante assinalar que desde então, 1916, aparecem seus artigos. Numa recolha da lavra, DÓRIA identificou matérias no *Jornal do Povo*, *Correio de Aracaju*, *Jornal de Notícias* e *O Estado de Sergipe*. Instrução pública, economia, vida social e História de Sergipe são temas recorrentes na pena do erudito Xavier de Assis. Um de seus artigos que merecem atenção dos historiadores se intitula “A Capital de Sergipe: onde nasceu o arraial de São Cristóvão”, publicado na *Enciclopédia da Ilustração Brasileira* em 1922.⁴²

Em 21 de novembro de 1939 faleceu o homem que fez da tipografia uma bússola para vida intelectual. Desconhecemos estudos acerca da intelectualidade iniciada no trato com os tipos, combinando palavras, compondo frases, como jovens aprendizes, algo que nem mesmo Gutemberg imaginou na sua ânsia de apenas divulgar a informação. Dentre os sergipanos experimentados na arte tipográfica, uns mais artistas outros mais jornalistas, desvelamos para futuras pesquisas:

Pedro Machado - Apesar das mais destacadas atividades desempenhadas no âmbito intelectual, era o tipógrafo da *Livraria Brasileira* em 1907⁴³.

Antônio Augusto Gentil Fortes (1860/1904) – Iniciou carreira no jornalismo como tipógrafo na terra natal, Maruim⁴⁴.

João Justiniano da Silveira Sales (1858/1948) – Nasceu em São Cristóvão no dia 16 de julho de 1858. Ainda jovem seguiu para o Rio de Janeiro onde se dedicou a profissão de tipógrafo, trabalhando no *Jornal do Brasil* durante anos⁴⁵.

41 DORIA, p. 179.

42 Consultar: Assis, Xavier de. A capital de Sergipe: onde nasceu o arraial de São Cristóvão. *Revista do Aracaju*. Ano XIX, n. 7, 1962, p. 221-229.

43 *Correio de Aracaju*. Aracaju, ano II, n. 5, 12/5/1907, p. 2.

44 GUARANÁ, 1925, p. 14.

45 MEDINA, 2009, 220. Autora confunde filho e pai; GUARANÁ, 1925, p. 139-140.

Orestes de Sousa Andrade – Nasceu em São Cristóvão no dia 13 de dezembro de 1854. Aos 16 anos empregou-se na tipografia de Estância no jornal Rio Real, de Preludiano Vasconcelos⁴⁶.

Izaías de Oliveira – Nasceu em Aracaju no dia 8 de julho de 1864. Na juventude se mudou para o Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de tipógrafo na Gazeta da Tarde, de propriedade do abolicionista José do Patrocínio⁴⁷.

Militino Pinto de Carvalho – Nasceu em Japarutuba em 25 de dezembro 1865. Antes de completar 10 anos, já trabalhava – era alfabetizado – numa tipografia aracajuana. Residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou no Instituto Typographico do Direito. Fez parte do Centro Typographico 13 de Maio, de atuação abolicionista.⁴⁸

Bibliografia

ASSIS, Xavier de. A capital de Sergipe: onde nasceu o arraial de São Cristóvão. **Revista do Aracaju**. Ano XIX, n. 7, p. 221-229, 1962.

DORIA, Epifânio. Intendentes e Prefeitos de Aracaju. **Revista do Aracaju**. N. 7, p. 177-183, 1951.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliográfico de Sergipano**. Aracaju, 1925.

_____. Jornais, revistas e outras publicações. **Revista do IHGB**. Vol I. parte 2. Rio de Janeiro, p. 776-813, 1908.

MEDINA, Ana Maria Fonseca (org.) **Efemérides sergipanas vol. II**. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2009.

SOUZA, Cristiane Vitório. A república das letras em Sergipe 1889/1930. São Cristóvão, 2001. **Monografia** (Licenciatura em História). Departamento de História – Universidade Federal de Sergipe.

46 GUARANÁ, 1925, p. 238.

47 Idem, p. 124.

48 Idem, p. 230.

Jornais Pesquisados

Correio de Aracaju. Aracaju, ano II, n. 92, 26/9/1907, p. 4.

Correio de Aracaju. Aracaju, ano II, n. 5, 12/5/1907, p. 2.

Correio de Aracaju. Aracaju, ano II, n. 77, 1/8/1907, p. 4.

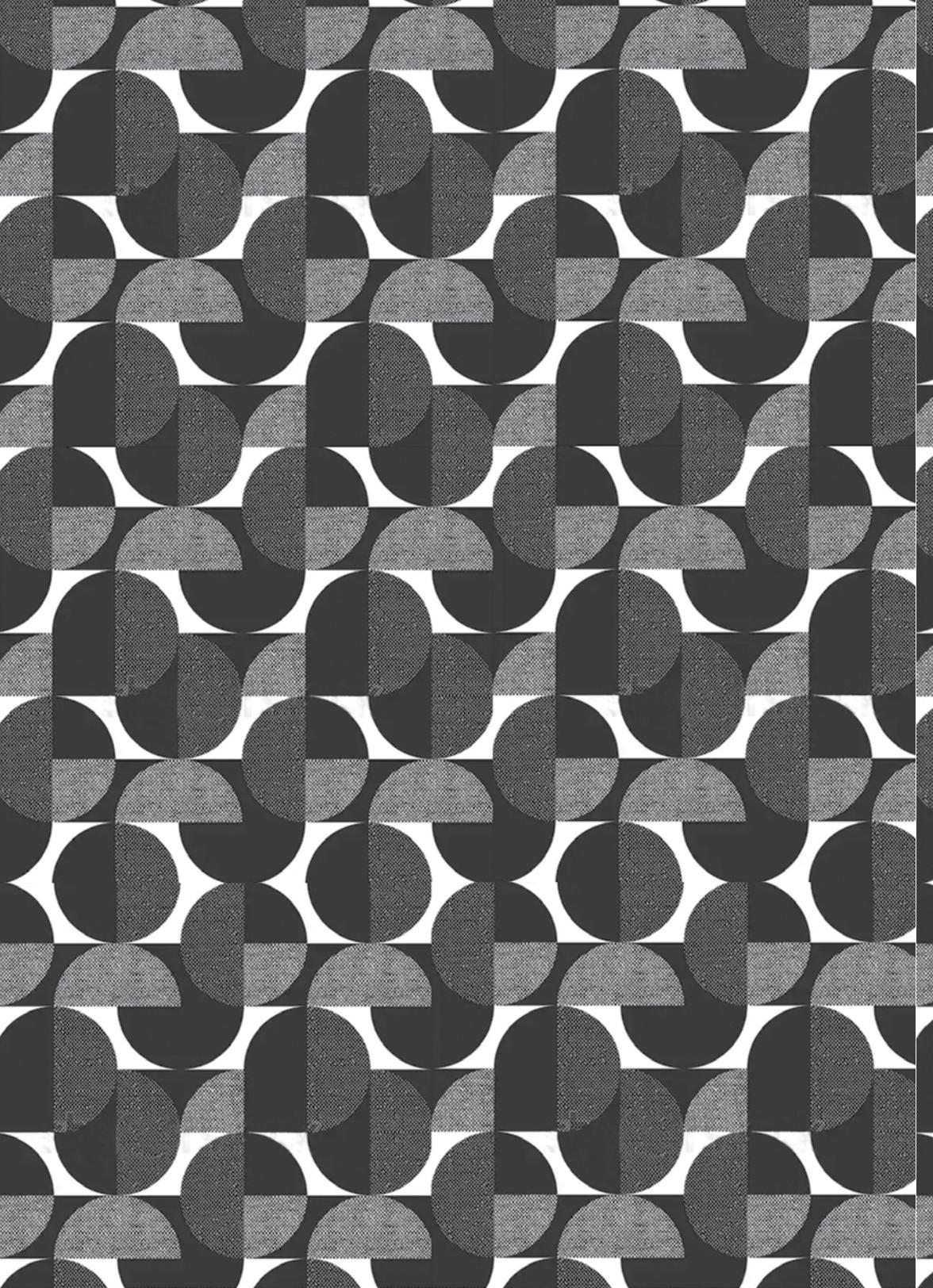
Correio de Aracaju. Aracaju, ano III, n. 144, 29/3/1908, p. 4.

Correio de Aracaju. Aracaju, ano III, n. 212, 28/11/1908, p. 1 e 4

Folha de Sergipe (Fallecimento). Aracaju, ano XVII, n. 50, 31/10/1907, p. 2.

Folha de Sergipe (O typographo). Aracaju, ano XVIII, n. 107, 28/05/1908, p. 1.

O Estado de Sergipe (Plumas-Fuente). Aracaju, ano XII, n. 3347, 13/8/1910, p. 3.



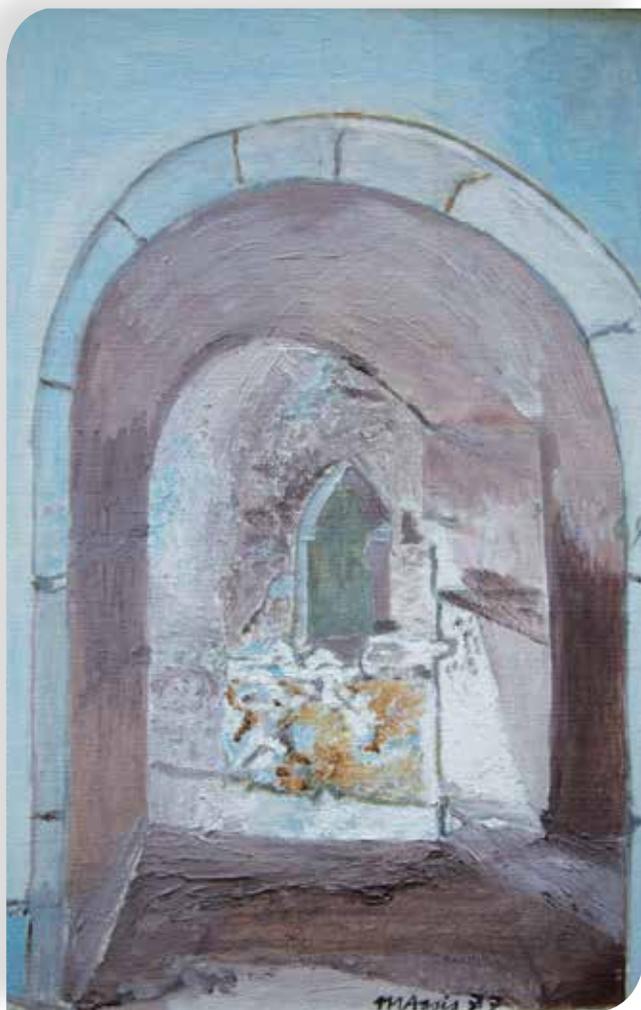


Parte II

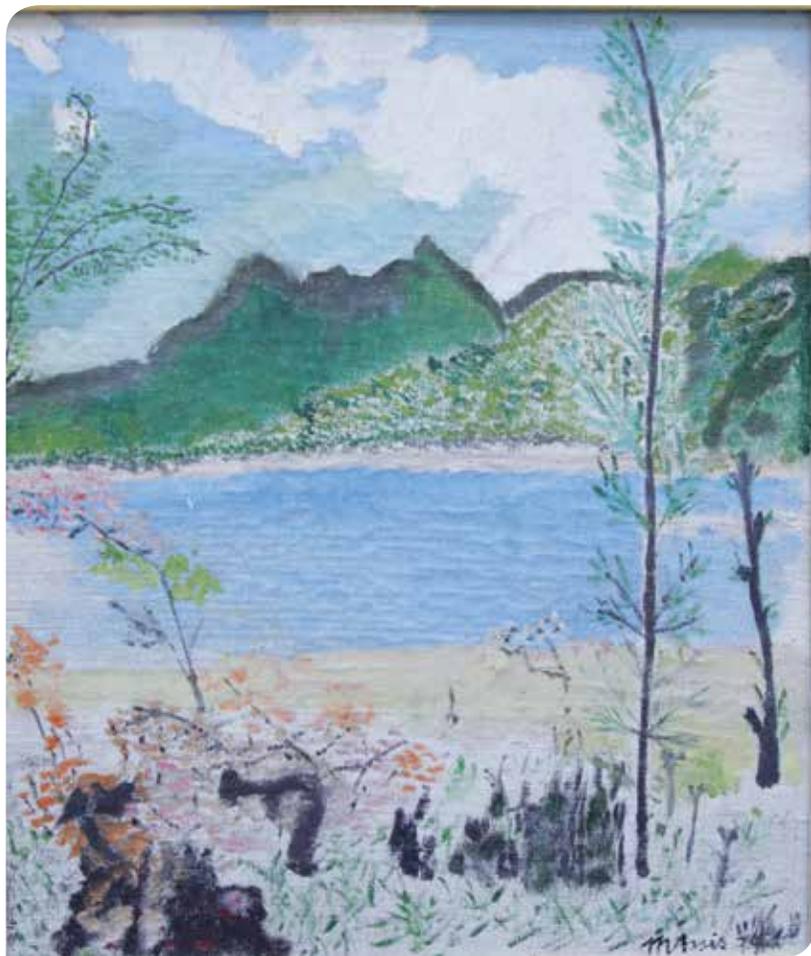
Registros,
Documentos,
Ilustrações e
Depoimentos

Pinturas de Milton Xavier de Assis (Filho)





Carlos Pinna de Assis
GILFRANCISCO



Irmã Maria Isaura Xavier de Assis⁴⁹

Irmã Sacramentina Sergipana

Nasceu em Aracaju, em 28 de fevereiro de 1907, batizada no dia 25 de março de 1907.

Profissão religiosa: 02 de fevereiro de 1940.

Faleceu em Salvador: 09 de janeiro de 1996.

Seu nome civil é Eurides Xavier de Assis, mas na intimidade do convento era chamada de “Zazá”. Filha de uma família católica sergipana. Foi aluna do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, onde certamente ouviu o chamado d’Aquele para quem, mais tarde, ela devotaria totalmente sua vida, sua inteligência e sua alegria.

Começou sua caminhada vocacional na Congregação Sacramentina em 1937, fez sua profissão temporária em fevereiro de 1940 e a perpétua em 19 de fevereiro de 1945.

Dotada de uma inteligência perspicaz, Zazá fez multiplicar talentos recebidos. Foi professora de diversas disciplinas e se distinguiu no ensino do francês, que ela apreciava muito porque é a língua-mãe da congregação.

⁴⁹ Texto original em língua francesa, publicado em Valence, França, e traduzido pelo Padre José Francisco Nunes Santos. Foi extraído da publicação de circulação interna da Congregação do Santíssimo Sacramento que divulga o obituário das religiosas. Tal Instituto Religioso foi fundado pelo agora beato Pierre Vigne, sacerdote francês em 1715.

Ela trabalhou nos colégios do Farol (Maceió), de Feira de Santana, de Aracaju e de Cachoeira (BA). No colégio Garcia (Salvador), viveu a última etapa de sua missão, em que chegou em 1968. Quando suas forças começaram a diminuir, Zazá deixou de ensinar e passou a coordenar o serviço de mecanografia do colégio, com amor e responsabilidade. No final de 1995, foi transferida para a Casa S. José, residência das idosas e enfermas no Garcia-Salvador, onde faleceu em 09 de janeiro de 1996.

A perspicácia foi a principal característica da Irmã Maria Isaura, dando-lhe um grande senso de observação e civismo. Que do céu ela continue a observar as necessidades da Congregação e nos obtenha, de Deus, todas as graças de que temos necessidade!

Testemunho de Irmã Helena de Jesus Menezes

*Inquieto está o meu coração e
não terá sossego enquanto
não repousar em Deus”
Santo Agostinho.*

“Esta frase, Zazá pôde dizê-la frequentemente quando esteve enferma no Garcia, nos últimos anos de sua vida. Irmã Maria Isaura era uma pessoa inteligente, perspicaz, atenta aos outros e profundamente humana. Eu a conheci quando tinha onze anos. Ela foi minha primeira professora de francês e supervisora, tinha uma atenção especial pelas alunas mais pequenas como eu.

Exigente e organizada no trabalho que executava na mecanografia do Colégio Garcia. Naquela época, eu ensinava português

lá e não tinha condições de levar, com antecedência, os testes para serem fotocopiados. Ela perdeu a paciência com as retardatárias, por estar sobrecarregada com os afazeres pedagógicos. Fui à capela rezar e comecei a chorar. Ali estava irmã Isaura que perguntou a razão do choro e logo me confortou, permitindo receber meus testes em qualquer tempo.

Ela foi uma presença misericordiosa na minha vida, acolhendome e tendo cuidados comigo. Rendo graças ao senhor pelo exemplo de vida de cidadã crítica e ativa. Obrigada, Senhor, por tudo!

Obs.: texto resulta da tradução feita pelo padre José Francisco Nunes Santos. Foi extraído da publicação de circulação interna da Congregação do Santíssimo Sacramento que divulga o obituário das religiosas. Tal instituto religioso foi fundado pelo agora Beato Pierre Vigne, sacerdote francês, em 1975.

Também conhecidas como as “Sacramentistas de Valence”, chegaram no Brasil em 1905. Foram atingidas pela ação política de Émile Combes e Émile Loubet, líderes partidários do iluminismo anti-ecclesial.

Antônio Xavier de Assis

Lenora Ribeiro Mello

Eu sou Lenora, atualmente a neta mais velha. Tenho vivas, na memória, lembranças dos meus cinco anos: vovô Xavier sentado à cabeceira da mesa enorme, rodeado pelos filhos e por nós, eu e meu irmão Fernando. Morávamos na casa vizinha, na Av. Coelho Campos, e havia uma passagem no fundo do quintal. Adorávamos aquela hora sagrada da refeição! Embora austero, sempre usando colete e gravata, vovô era muito alegre e conversador.

Quase todas as noites havia sarau. Os intelectuais da época – Amando Fontes, Ariosto Amado, José Inácio de Oliveira (Inacinho), Jordão de Oliveira, Paulo Costa, Edson, Tenêsson Freire e muitos outros – além das filhas e outras “moçoilas”, como vovô dizia, tocavam piano, cantavam, recitavam e riam...Eu só ficava triste quando alguém recitava a poesia de Edgar Allan Poe, “O Corvo” (poema que inspirou meu nome) porque Lenora estava morta e o corvo dizia “Nunca mais...”.

Eu sonhava em virar gente grande porque criança não podia fazer parte dos saraus. Mas Fernando e eu encontramos um jeito de ficar assistindo, embora já de camisolão, prontos para dormir. Nosso posto de observação era de pé em cima da cama, que ficava próxima a uma porta alta com veneziana trabalhada

na madeira e um postigo, o qual nós abríamos sorrateiramente para apreciar aquele espetáculo maravilhoso. Enfim, quando adormecíamos, alguém nos levava para casa nos braços, passando pelo quintal.

Depois que vovô faleceu, emudeceu o piano e a alegria foi embora com ele.

O Corvo

Por Edgar Allan Poe, traduzido por Machado de Assis

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
“ É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais”

Ah! Bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava

Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
E que ninguém chamará mais.
E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido,
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplaca-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e: “ Com efeito,
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais”

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: “Imploro de vós, - ou senhor ou senhora,
Me desculpes tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Bateste, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que ai estais”
Disse; a porta escancarou, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escuto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,

Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra única e diletta.
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca sais;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas. Nada mais.

Entro coa alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
"Seguramente, há na janela
Alguma cousa que sussurra. Abramos,
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais"

Abro a janela e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas regras alas,
Acima voa dos portais,
Tropa, no alto da porta, em um busto de Palas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, - o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "Ó tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o corvo disse "Nunca mais".

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lhe entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: "Nunca mais".

No entanto, o corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda a sua alma resumisse
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,

Até que eu murmurei: “Perdi outrora
Tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora.”
E o corvo disse: “Nunca mais!”

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata! É tão cabida!
“Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe de convivência
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuais
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho: “Nunca mais”.

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento;
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera,
A alma, o sentido, o pávido segredo
Daquelas sílabas fatais,
Entender o que quis dizer a ave do medo
Grasnando a frase: “Nunca mais”.

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjeturando,
Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava.
Conjeturando fui, tranquilo a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lâmpada caíam,
Onde as traças angelicais
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro turíbulo invisível;
E eu exclamei então: "Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.
Eia, esquece, ela, olvida essa extinta Lenora."
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejais!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente náufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo

Tem os seus lares, triunfais,
Dize-me: existe acaso um bálsamo no mundo?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais,
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
E o corvo disse: "Nunca mais."

"Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa! Clamai, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua."
E o corvo disse: "Nunca mais".

E o corvo ai fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo, imutável, ferrenho.

Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca mais!

A Trajetória Jurídica do Desembargador Antônio Xavier De Assis Júnior⁵⁰

José Anderson Nascimento⁵¹

Autoridades e distintos convidados, cuja saudações fazemos na pessoa do Desembargador José Alves Neto, Presidente do Tribunal de Justiça de Sergipe.

Integrantes da Loja Maçônica Cotinguiba, do Grande Oriente do Estado de Sergipe e de Lojas Maçônicas sediadas em Sergipe, as nossas homenagens.

As nossas saudações, também, aos familiares do homenageado, que fazemos na pessoa do Conselheiro Carlos Pina de Assis.

Ficamos bastante **lisonjeados** com o **convite** do professor Igor Washington Torres Dantas, diretor do Memorial do Judiciário, para pronunciarmos uma palestra em comemoração ao centenário de nascimento do Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, pelo que expressamos os nossos efusivos agradecimentos.

50 Palestra proferida pelo Acadêmico José Anderson Nascimento na solenidade de abertura da Exposição A exposição "Momentos de uma vida", que mostra detalhes da trajetória do Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, inaugurada às 19 horas do dia 18 de outubro, no Palácio Sílvio Romero, com a presença de magistrados, autoridades e da sociedade sergipana.

51 José Anderson Nascimento é o Presidente da Academia Sergipana de Letras e Chefe do Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe.

O Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, de saudosa memória, era uma personalidade sergipana multifacetada:

- » eloquente orador;
- » destacado publicista;
- » magistrado de grande visão social;
- » penalista;
- » processualista;
- » professor;
- » administrador público de nomeada importância;
- » pessoa extremamente ligada aos avanços sócio culturais de Sergipe e do Brasil.

Diante dessa personalidade polimorfa do desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, a construção dos seus dados biográficos se tornou tarefa de um grande desafio.

Escolhemos, para isso, o campo da trajetória de vida, para registrar o momento em que se comemora o seu centenário natalício, alvo da exposição, agora, inaugurada.

A utilização das histórias de vida, relatos orais, depoimentos, memórias e biografias em conjunto com outros documentos, permitem um diálogo instigante entre os processos de formação/escolarização, os projetos familiares e as escolhas profissionais.

Então, a trajetória de vida do homenageado, especialmente a da sua formação jurídica, passou a ser o ponto de partida para uma abordagem científica no estudo da sua rica biografia.

O recorte temporal para essa abordagem começa a partir da sua presença na Faculdade Nacional de Direito, do Rio de Janeiro, nos atribulados anos do final da década de 20, quando a Capital

da República se agitava ante a queda vertiginosa da República do “café-com-leite”, o “crak” da Bolsa de Nova Iorque, que refletiu na economia cafeeira do Brasil e a criação da Aliança Liberal, sustentada pelos tenentes Juarez Távora, João Alberto, Siqueira Campos, Eduardo Gomes e Cordeiro de Farias.

Na época, o jovem estudante Xavier de Assis acompanhava de perto o crescimento do movimento político de transformação nacional, articulado no Rio Grande do Sul, já que era colega de turma de Alzira Sarmanho Vargas, que, pelo casamento com o Almirante Ernani do Amaral Peixoto, adotou o nome de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha do grande estadista brasileiro Getúlio Dorneles Vargas. Alzirinha, como era chamada na intimidade dos colegas, veio a ser uma personalidade de fundamental importância na vida da República que se instalaria com o advento da Revolução de Trinta.

Na mesma turma, pontificava como estudante Evandro Lins e Silva, que já era um combativo jornalista, um arauto da liberdade da pessoa humana, destacado defensor da Democracia e de fulgurante carreira jurídica como advogado, Procurador Geral da República, Ministro das Relações Exteriores e Ministro do Supremo Tribunal Federal.

De igual modo, grande foi a amizade que Xavier de Assis mantinha com outro colega de turma, o advogado Alá Batista, que posteriormente dignificou o Ministério Público carioca, no exercício da Promotoria Pública e da Procuradoria de Justiça. Com eles, o homenageado, nutriu durante as suas existências, uma amizade fraterna, forjada desde os bancos acadêmicos.

Discussões acadêmicas e políticas faziam parte do cotidiano da Faculdade Nacional de Direito, monumento do ensino superior no Brasil. Nesse tempo, as Ciências Penais eram disciplinas que mais atraíam os estudantes, em face das transformações da sociedade, os fenômenos delas decorrentes e os ajustamentos propostos pela Penologia e pelo emergente

Direito Penitenciário. Associadas a elas, estavam as disputas do capital e trabalho, bases do incipiente Direito do Trabalho e os fundamentos tradicionais do Direito Civil, com a rigidez dos contratos, impostos pelo princípio romano *pacta sunt servanda*, não se admitindo a Teoria da Imprevisão, já defendida por Gonçalo Rollemberg Leite e adotada e incorporada ao atual Código do Consumidor.

Então, nesse ambiente teórico e doutrinário, formava-se Xavier de Assis, que já se dedicava ao estudo das Ciências Penais, das quais veio a ser um especialista, sem deixar, entretanto, de se dedicar ao Direito das Sucessões.

No entanto, o Movimento Revolucionário de Trinta impunha avanços e retrocessos, interrupção das aulas e todas as demais implicações para o desempenho normal do curso de Direito, que funcionava no antigo Palácio do Conde dos Arcos, na Praça da República, na Parte Central da cidade, nas proximidades da Estação Ferroviária D. Pedro II, a Central do Brasil.

Com a eclosão do movimento contra-revolucionário encetado pelos paulistas, o Governo Provisório resolveu antecipar a colação de grau da turma de Xavier de Assis para o dia 17 de novembro de 1932.

Com o grau de Bacharel em Direito, Xavier de Assis passou a advogar na Capital Federal e, depois, foi nomeado assessor do Prefeito Pedro Ernesto, na sua gestão de 1936 a 1937, na Prefeitura do Distrito Federal. Com a queda de Pedro Ernesto, por causa das suas posições contra o facismo e sob acusação de ser comunista, por defender as populações pobres dos morros do Rio de Janeiro, o homenageado retornou a Aracaju, diante das preocupações dos seus pais, em vista das turbulências políticas que aconteciam na Cidade Maravilhosa.

Ao retornar para Aracaju, Xavier de Assis, estabeleceu-se como advogado, enveredando-se no campo do Direito das Sucessões e patrocinou as principais causas sobre herança, no estado.

Mesmo dedicado ao Direito Sucessório, não se afastou dos estudos das ciências criminais, tendo atenção especial à formação do Direito Processual Penal, como ciência autônoma, já que, na época, o processo penal era um apêndice do Direito Criminal. Para uns Direito Adjetivo Criminal e, para outros, Direito Judiciário Penal, denominações que decaíram após a edição do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941, que instituiu o Código de Processo Penal.

Após a militância na advocacia cível, Xavier de Assis, como era mais conhecido o nosso homenageado, assumia a Pretoria da cidade de Siriri, para a qual foi nomeado em **13 de junho de 1941**.

Depois, por Decreto de 25 de julho de 1944, foi nomeado Secretário do Tribunal de Apelação, antiga denominação do Tribunal de Justiça, que funcionava, inclusive, neste **secular prédio** (Palácio Silvio Romero, Memorial do Judiciário). Aprovado em concurso, foi nomeado, em 29 de dezembro de 1945, Juiz de Direito de Direito da Comarca de São Cristóvão, a mais antiga comarca de Sergipe, com uma missão de proteger o Patrimônio Histórico e Artístico da Quarta Cidade mais antiga do Brasil e a de aplacar os conflitos entre o capital e o trabalho, já ocorrentes em São Cristóvão, por força das indústrias têxteis ali instaladas.

Os dotes morais do nosso homenageado levaram-no a ser convidado para ingressar na benemérita Loja Maçônica Cotinguiba, cuja iniciação ocorreu no dia 18 de maio de 1946. Notável foi a sua postura na ordem maçônica, onde sempre conquistou a simpatia e a confiança dos seus irmãos, não só pelo seu conhecimento dos mistérios da Maçonaria, como pelo seu espírito afável, tolerante e fraterno. No exercício do veneralato daquela Loja, soube fortalecer os princípios maçônicos e a filantropia, especialmente, no desempenho dos trabalhos da Liga Sergipense Contra o Abalfabetismo, que, ao tempo em que alfabetizava as

camadas pobres da cidade, dava, também, início ao projeto de ensino profissionalizante das pessoas de baixa renda, através da Escola de Datilografia Almirante Amintas José Jorge.

Diante do seu trabalho no exercício da judicatura sancionista, Xavier de Assis, foi promovido, por merecimento, para a Comarca de 2ª Entrância de Aracaju, onde passou a exercer a magistratura, a partir de 29 de novembro de 1952, na 1ª Vara da Capital.

Sempre voltado aos estudos de temas jurídicos e econômicos, Xavier de Assis passou a integrar o Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Ciências Econômicas, vindo a lecionar a disciplina Instituições de Direito, através da qual expunha para os seus alunos, com muita proficiência, os temas mais palpitantes da Ciência Jurídica, interagindo, com a Ciência Econômica. Exibia, com riqueza de detalhes, a distinção entre o Direito e a Moral.

Nas suas aulas, registrava a importância do Direito Público e do Direito Privado, a partir dos ensinamentos do Direito Romano, formador das relações jurídicas do Ocidente.

Não deixava de fomentar discussões filosóficas em torno das fontes do Direito e da supremacia do Direito Constitucional. Na cátedra, Xavier de Assis destacava as garantias constitucionais do cidadão, ressaltando a função social do Poder Judiciário na aplicação da Lei e na conservação do estado de Direito, no Brasil.

Enfim, com as suas lições, os futuros economistas de Sergipe, aprenderam as noções gerais do Direito Civil, do Direito Bancário, do Direito do Trabalho e do Direito da Propriedade Industrial.

Na história da Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe, Xavier de Assis tem lugar de destaque, ao lado de proeminentes magistrados que, também, lecionaram naquela unidade de ensino superior, a exemplo dos desembargadores João Bosco de Andrade Lima e Serapião de Aguiar Torres.

Na organização judiciária do estado, o nosso homenageado, esteve presente na elaboração de projetos de leis que dispunham sobre a magistratura e o seu funcionamento, praticamente, durante toda a sua vida ativa.

O acesso de Xavier de Assis ao Tribunal de Justiça, como desembargador, deu-se no dia 16 de maio de 1958 e, logo, foi designado para compor a Câmara Criminal, onde proferiu votos que constam da jurisprudência iterativa do Tribunal. Corregedor da Justiça, participante de quase todas as comissões e representações, o nosso homenageado chegou à Presidência com uma larga experiência administrativa e judicante, e logo iniciou a desenvolver um projeto ambicioso: a construção do Palácio da Justiça, onde pudesse abrigar as diversas varas da capital, o Tribunal de Justiça e os seus serviços administrativos. Para conseguir esse desiderato contou com a participação decisiva do então Governador José Rollemberg Leite.

Inaugurado em 1979, o novel Palácio da Justiça substituíu as antigas instalações do Tribunal, localizadas na parte superior da atual Procuradoria Geral do Estado, na Praça Olímpio Campos, em cujo prédio eram abrigadas, na parte térrea, as varas cíveis e criminais, Tribunal do Júri, cartórios do Registro Civil e a sede do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados, e áreas externas, sem os necessários equipamentos para receber os usuários dos serviços judiciários, onde as partes ficavam ao relento e sujeitas às intempéries.

A transferência dessas unidades judiciárias para o prédio que se construiu no terreno em que funcionou, por muitas décadas, o hotel de Rubina, na Praça Fausto Cardoso, – projetado para receber um grande fluxo de pessoas, mereceu elogios de toda a comunidade jurídica nacional, diante das suas modernas instalações. Na época, comportava as atividades jurisdicionais e os equipamentos para o funcionamento da máquina judiciária.

Senhoras e Senhores,

Antônio Xavier de Assis Júnior, filho de Antônio Xavier de Assis e de D. Maria Isaura de Viveiros Xavier, nasceu no esplendoroso dia 16 de fevereiro de 1911, nesta cidade do Aracaju. Viveu a sua infância entre a aprendizagem das primeiras letras, as correrias pelos areais do Aracaju e a adolescência com muita participação nos jogos e conagração social que a sociedade da época oferecia. Ademais, também acompanhou a modernização da cidade e os avanços administrativos implantados por Graccho Cardoso, a instalação dos grupos escolares Manoel Luiz, Augusto Ferraz e General Valadão, o Instituto Parreiras Horta, os cuidados com o saneamento, para que as águas do Rio Sergipe não fossem poluídas. Também, a construção do Mercado Velho, o Mercado Antônio Franco, do Ateneuzinho, do Palácio Inacio Barbosa, para a sede da Prefeitura da Capital, a Penitenciária Modelo, construída no Alto do Pindayba, dentro do projeto da teoria de Walter Crofton e adequada ao plano da Penitenciária da Pensilvânia, desativando, assim, a insalubre Cadeia Pública, localizada na Praça do Catavento, atual Secretaria de Estado da Saúde, na Praça General Valadão, no centro da Cidade.

Construiu com a professora e musicista Anália Silva Pinna uma respeitável família aracajuana, na qual foram gerados, com muito carinho e amor, os seus filhos Carlos, Isaac e Isaura Virgínia de Saudosa memória, netos e bisnetos, que cultuam a imagem dos avós, com encantamento e admiração.

Na memória familiar, fui ao encontro da crônica "Xavier de Assis na família", escrita por seu filho, Antônio Isaac de Assis, nela o cronista anota:

Do modo do como aprendeu, transmitiu aos filhos o gosto pela arte, estimulando a leitura no ambiente doméstico; a presença em eventos cívicos e religiosos, a frequência aos espetáculos artísticos de teatro, música e dança que eram proporcionados, principalmente, pela Sociedade de Cultura Artística de Sergipe. Apreciava, também, o alegre e misterioso mundo do circo. Nutria paixão especial pelo cinema.

Em outro trecho da sua crônica, Isaac registra os lados pedagógico, familiar e social, que pautavam a personalidade de Xavier de Assis, ao frisar que:

A vivência cosmopolita na capital brasileira o estimulou a viajar com a família (os filhos em tenra idade) tanto para o Rio de Janeiro, quanto para São Paulo. Apreciador da arte culinária frequentava o recém-inaugurado restaurante do Hotel Pálace de Aracaju e, em cada oportunidade, orientava os filhos sobre as regras de etiqueta mais simples, envolvendo pratos, colheres, copos e guardanapos.

O cronista ainda salienta que Xavier de Assis “Foi agraciado por Deus até os seus últimos instantes de vida terrena com a lucidez, o bom humor que lhe eram peculiares, convivendo, em segundas núpcias, com Maria Virgínia Sobral Franco”.

E remata:

De alma generosa, evoluída, Antônio, assim chamado pelos familiares, Xavier ou Assis, como era tratado pelos amigos e colegas, viveu como filho zeloso, irmão sempre presente, pai dedicado, cristão praticante, juiz humano, professor eterno.

* * *

Senhoras e Senhores,

Eis, aqui, em rápidas palavras, um perfil do Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, que hoje comemoramos o seu centenário natalício, com uma exposição em sua homenagem, patrocinada pelo Presidente do Tribunal de Justiça de Sergipe, Desembargador José Alves Neto, em que história e memória se entrelaçam e reverenciam a sua postura de homem público honrado e que prestou relevantes serviços a Sergipe e ao Brasil, para gáudio da sua família e para a alegria dos seus amigos e admiradores.

A Origem dos meus Propósitos

Carlos Pinna de Assis Junior

De tudo quanto ouvi, pesquisei e li sobre o meu bisavô Antônio Xavier de Assis, tenho para mim que, talvez menos por herança genética e mais por desígnio divino, é dele a origem de grande parte das vocações que entusiasma a minha vida e animam o meu coração.

De escritor e jornalista ao homem público, Antônio Xavier de Assis se pautou pela fidelidade às tarefas que lhe foram confiadas e às convicções que lhe moldaram a personalidade. Enveredou-se pelo comércio literário e pela gestão pública, exercendo diversas funções administrativas, dentre as quais a Chefia do Poder Executivo no Município de Aracaju. No plano pessoal, cumpriu os deveres familiares de maneira religiosamente devotada. Notabilizou-se, no âmbito intelectual, como educador vocacionado e reconhecido propulsor cultural.

Estas características e predileções, em mim aguçadas pela sua linha descendente – meu avô Antônio Xavier de Assis Junior e meu pai Carlos Pinna de Assis – encontram-se refletidas nos interesses, aptidões e sonhos que me habitam e que, portanto, une-me a todos eles. Seguramente é esta a razão que me inclina a tê-los, meus ascendentes, como modelos de vida, confluindo estes atributos comuns em um ideal de conduta de excelência, cuja origem está justamente nele, meu bisavô.

É legítimo confessar, desse modo, em um devaneio mágico, que se a vida nos permitisse escolher certos momentos que gostaríamos de ter vivido, eu certamente escolheria a oportunidade de ter encontrado (ao menos por um instante) simultaneamente meu bisavô, meu avô e meu pai. Nesse sopro de irrealismo, fico a imaginar nós quatro sentados à mesma mesa, em uma conversa infavelmente agradável, permeada pelos assuntos que – por genética e centelha divina – nos reuniria horas a fio: da literatura às novidades culturais; dos temas relativos à administração pública ao futuro da nação e do mundo; da reflexão acerca da ignomínia humana à importância da fé ante o mistério da vida.

Não podendo alcançar tal quimera, devo ser grato a Deus, no entanto, por ter me propiciado a dádiva de uma convivência duradoura e intensa com os descendentes diretos de Antônio Xavier de Assis: meu avô, Antônio Xavier de Assis Junior, de quem guardo as mais doces e vívidas lembranças; e meu pai, Carlos Pinna de Assis, de quem hoje colho e por longo tempo colherei as lições que me fascinam, conduzem e encorajam.

Porque sendo eles – meu avô e meu pai – frutos imediatos de Antônio Xavier de Assis, também o seguiram no modo exemplar de conduzir as missões que lhes foram confiadas, correspondendo ao ensinamento bíblico que tanto gosto de evocar segundo o qual “*a quem muito é confiado, muito é exigido*”. Para além disto, interessante também é observar que todos eles, sejam como advogados, magistrados, Chefes de Poderes ou membros de instituições relevantes nos cenários jurídicos estadual e nacional, sempre se pautaram, acima de tudo, como humanistas, característica própria daqueles que enxergam a vida para além da trivialidade.

Ao observar essas trajetórias, atrevo-me a concluir, com um incontido orgulho e utilizando a beleza poética de uma expressão *machadiana*, que, de fato, “*a onda da vida trouxe-nos à mesma praia*”.

Sim, porque para além da semelhança de aptidões e inclinações, o que nos une são verdadeiramente os mesmos propósitos. Neste sentido, a dimensão de comprometimento nas atividades que desempenhamos, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, seguramente é vetor de conexão de nossas vidas, separadas por quatro gerações e (re)unidas por esta força inexplicável que nos direciona ao mesmo caminho e que dá sentido de utilidade para nossas existências.

Neles, portanto, projeto todos os meus pensamentos, atitudes e providências de vida, permanentemente me questionando como agiriam se estivessem em meu lugar. A resposta sempre me alcança, epifanicamente.

Certamente por este motivo, sempre que divisava a foto de meu bisavô Antônio Xavier de Assis na galeria dos ex-prefeitos do Município de Aracaju, no *hall* principal da sede da Prefeitura – trajeto que percorri inúmeras vezes nos quatro anos de exercício do cargo de Procurador Geral do Município de Aracaju – flagrava-me a imaginar que conselhos daria o bisavô ao seu bisneto sobre a honrosa (e árdua) tarefa de comandar os destinos jurídicos daquele mesmo Município. Pela larga experiência de vida e pelas virtudes próprias, o provável é que recomendasse agir com firmeza sem transbordar para a arrogância, dialogar sem relegar as convicções e, decerto, decidir sem perder, jamais, a sensibilidade, mantendo sempre a percepção humanista, suprema virtude.

Conselhos que, de alguma forma, chegaram até mim, receptor atento, obediente e fascinado, ainda que desprovido dos predicados do emitente, este sim detentor das virtudes e transmissor destes valorosos ensinamentos.

Porque, de fato, para além da obra literária, o legado de meu bisavô Antônio Xavier de Assis é imaterial e perene. E é exatamente para preservar essa estirpe que muito me orgulha é que rogo a Deus que me direcione a dar continuidade a esta heran-

ça com a mesma qualidade que ele o fez, perpetuando os seus valores que a mim alcançaram de modo ainda mais apurado, no fio condutor da vida, através de seu filho (meu avô) e seu neto (meu pai).

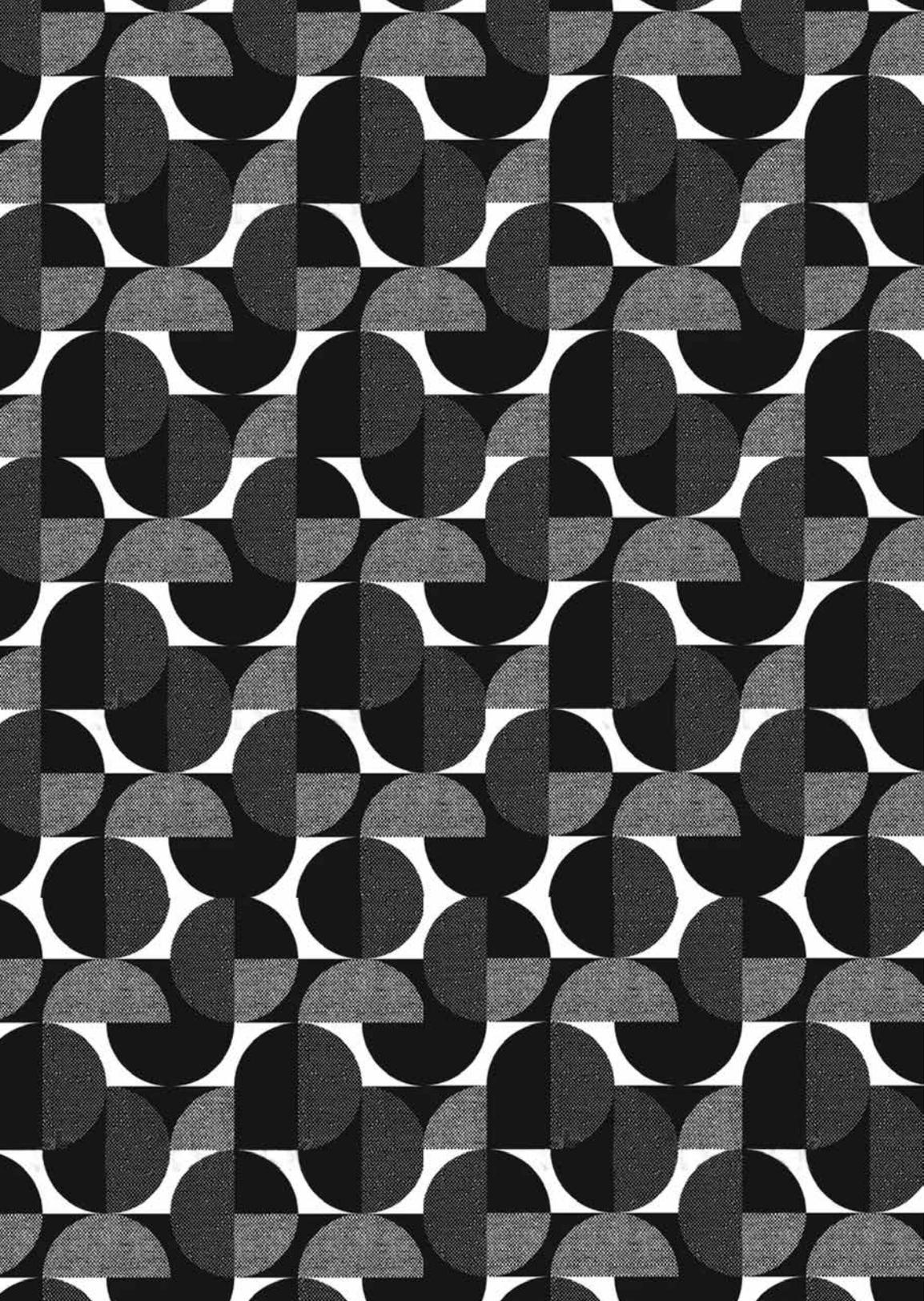
Princípios de vida preciosos, os quais simbolizo na admirável lição *shakespeariana* sintetizada no conselho de Polônio a Laertes e que, suponho, meu bisavô tenha também, de algum modo, feito chegar a mim: *“e, sobretudo, isto, meu filho: sê fiel a ti mesmo, e jamais serás falso com ninguém”*.

A fidelidade que devoto aos valores que nos une será sempre o maior dos legados.

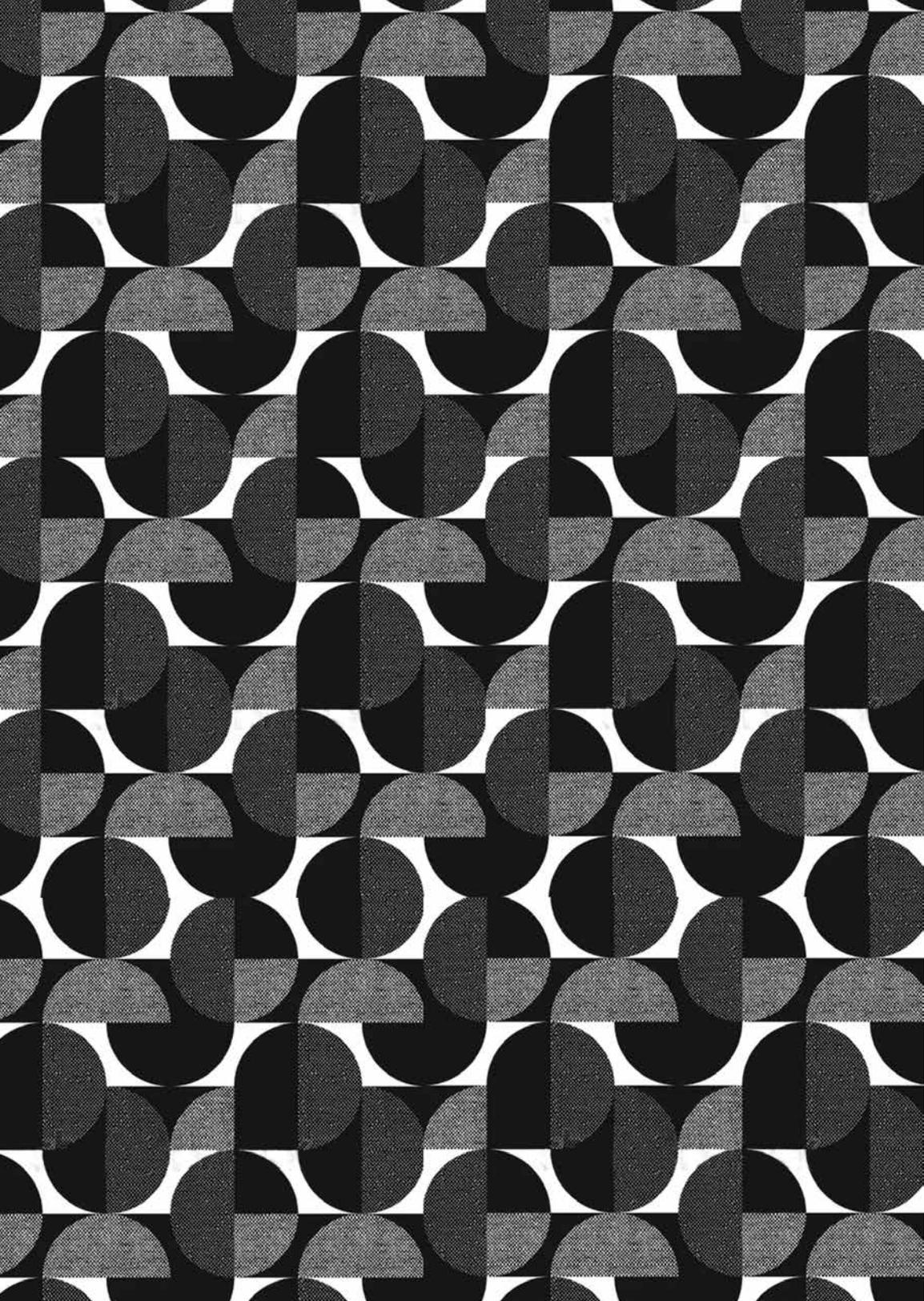


Parte III

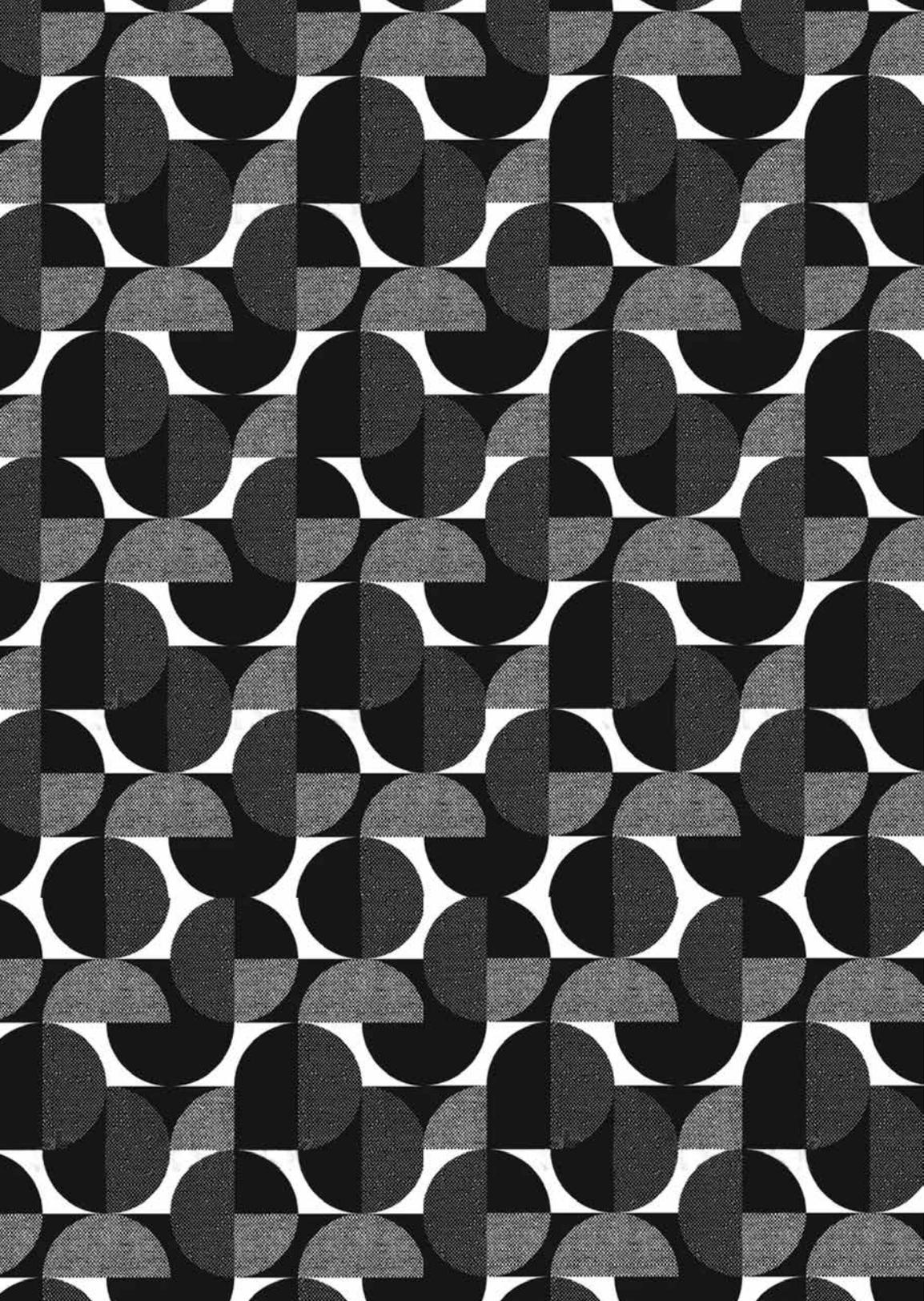
Obra Esparsa



JORNAL DO POVO



1916



Razões do Câmbio

Telegrama publicado na edição do homem deste jornal, dá-nos a fagueira notícia que segue:

“Atinge a cifra de cinco milhões esterlinos o saldo que deixou a nossa exportação sobre a importação nos primeiros três meses do corrente ano”.

A noticia é concisa e diz claramente que só temos razões para nos acharmos contentes, uma vez que os nossos saldos comerciais estão no exterior em boa situação. Cinco milhões esterlinos foram ao câmbio de 12 dinheiros *cem mil contos de réis*, valor bastante estimável para saldo da exportação de um país, muito especialmente quando este não tem os seus trabalhos organizados e quando o povo até já parece ter perdido a fé em si mesmo.

É verdade que, em qualquer nação, onde os negócios públicos são compreendidos como coisa de sumo interesse, e onde o regime cambial faça parte da vida do povo, fatos como este são tomados na conta que merecem. Já o câmbio, esteja ele na altura em que estiver, sofrerá imediatamente elevação razoável.

É até jocoso que um país que sobreleva a sua exportação à importação, como nos diz o informe, veja-se na contingência de um CÂMBIO CAPRICHOSO como o nosso. Em finanças, tem-se que a procura da moeda é quem regula o câmbio do dia e, assim, é que este só baixa quando a importação se faz superior à exportação, para se elevar na medida que as coisas se transformam.

Entretanto, em nosso país, infelizmente, não podemos nos guiar assim; porque outros fatores aí estão para contraverter o sistema. Estes não são mais do que os enormes compromissos que nos assoberbam e, para os quais, parece-nos, o pobre povo nenhuma culpa teve e nem terá jamais. São fenômenos que alguns brasileiros jogam à soma das responsabilidades do regime, mas que nós, pouco afeitos aos conhecimentos constitucionais, julgamos por bem dizer que ele é exclusiva criatura daqueles que nos governam.

Pedir dinheiro emprestado com as responsabilidades da nação, nada significa na vida dos que nos legislam ou administram, uma vez que eles passam pelos postos como quem vai a um circo de curiosidades, onde nós, os *Barnuns das selvas*, armazenamo-lhes todos os nossos bríos e o nosso civismo. Se um dia nos acharmos desarranjados a quem devemos pedir contas? A ninguém! Os que deste jeito procederam estarão, certamente, descansando das fadigas do *trabalho* e culpando aos que se deixarem extorquir naquilo que deveriam guardar com o maior zelo da vida.

Que importa que a nossa exportação se mostre superior à importação, se o nosso tesouro continua a procurar o ouro para satisfazer aos seus enormes encargos com o mesmo interesse, como se nada de favorável existisse para o país? Londres e Paris alí estão para fazer arrefecer os nossos entusiasmos, mandando-nos dizer que as nossas responsabilidades são muito grandes; e nós, como seres pensantes que nos prezamos ser, compreendemos que quem tanto deve não pode ter alegrias.

Não é de nosso intuito carregar as cores neste passeio cambial, nem só porque em cifras não somos nenhuma autoridade, como também não temos o desejo de entristecer a quem vida já lhe vai muito pesada.

A verdade, porém, é que se não houvesse tal sinalefana vida pública do nosso país, as coisas se apresentariam por fora muito

diversa e não era de se estranhar que o nosso câmbio estivesse ao par, uma vez que a nossa oferta sobrepuja a nossa procura. Não falamos para os que entendem desses riscados, mas sim para aqueles que ainda se atrevem a defender a taxa de 15 ou 16, que julgamos padrão para a nossa derrota comercial.

Aracaju, 31-05-1916.

Homem de Negócios

Entre a classe é este quem mais sofre no momento em que atravessamos. Pertencendo a ele a *multiplicação dos pães*, certo não se encontra agora em condições louváveis.

O homem de negócios é um tipo tão necessário ao grêmio comercial moderno, que sem ele andaria tudo em pantanas. Muitas iniciativas que conhecemos não ultrapassariam as soleiras dos estabelecimentos. Além do mais, é verdade que hoje, dadas as dificuldades que nos precedem, e levados por um otimismo que não seria para desejar, alguns comerciantes se têm arvorado em homens de negócios, julgando satisfazer, assim, as necessidades do seu ofício, quando é bem sabido que *“quem atrás de dois corre, pelo menos um perderá”*.

Longe de nós acusarmos a quem assim procede, muito especialmente quando somos pelo regime da liberdade, uma vez praticada com intenções justificáveis. Mas sentimos que isso se verifique justamente quando mais precisamos de uma certa cordialidade entre a classe comercial, a primeira a conhecer o quanto de sacrifício vai para todos que vivem deste ofício.

Estamos a ver alguns leitores a nos interrogar como classificamos *homem de negócios e comerciante*, pois à primeira vista parece ser uma e a mesma coisa. Mas não é tal, se não vejamos:

Conhecemos homens de negócios que não são comerciantes, assim como temos visto comerciantes que não são homens de negócios. Parecerá, talvez, um paradoxo; mas repare-se bem que não passa de uma explicativa nos recessos da vida comercial.

Tudo o que exerce uma função comercial-comerciante é, bem sabemos, mas nem sempre pelo simples fato de se realizar negócio se poderá ser tido nesta linha.

Assim, para o nosso fraco entender, o verdadeiro homem de negócios é aquele que tem a função de fazer do pouco muito, que deverá ser repartido por diversos cometidos e comitentes – sobrando sempre alguma coisa para as despesas gerais e mesmo para os *lucros e as perdas*. Não importa que o capital seja grande ou pequeno, pois que disto não se cogita. O que se tem em vista é o volume que o negócio possa produzir, garantindo os interesses de todos que nele entram. Foi esta fórmula que alterou o valor do dinheiro em espécie, porque o verdadeiro homem de negócios, dele, não carece – a não ser como coisa transitória. Era assim que marchavam os assuntos comerciais.

Hoje, porém, tudo está mudado: inventou-se a fórmula de *pagamento à vista* que vai iludindo aqueles que contam com certo remanescente em moeda. Mas, no final, redundará em prejuízo para todos. Por mais que se queira ocultar, o pagamento à vista representa sempre a desconfiança, uma vez que se navegando em águas praticadas pelas asas deste Júpiter valoroso a quem chamamos de comércio. Não há para onde fugir: o crédito se foi, e com ele vão desluzindo formosas aptidões que conhecemos e que muito se esforçam, nesta quadra, para fazer voltar o carro ao trilho.

Mas...é não desanimar, porque o desânimo se contrapõe ao progresso. E este, no assunto vertente, é criatura exclusiva do homem de quem tratamos nestas linhas.

Aos que nos dão a honra de sua preciosa atenção, não terá escapado do objetivo que nos prende em todas as linhas que estamos traçando, e a estes é que pedimos para fechar os olhos em algum deslize que a nossa parte note, porque o nosso fim é engrandecer esta pátria a quem tanto amamos. Se bem que um erro, todavia, nas frases que largamos, mais nos preocupam as ideias que o estilo.

Assim, pois, findamos hoje mais cheios de esperança do que ontem, apesar desse descontentamento que vai por aí além.

Aracaju, 02-06-1916.

A.X.

Os Lafonts

Ai Deus nosso, quando nos livrarás de tanta ignomínia?!

Consta, lá pela Europa, que aqui para estes lados da América do Sul existe um país vasto, de floridas campinas e mares adamastorados, cujos homens mais cuidam das exterioridades do que daquilo que lhes seria útil. Consta mais que, no tal país, os processos da vida são realizados por formas mais esquisitas e descomunais, todas de imitação da parte ruim do estrangeiro, em prejuízo da formosa educação dos nossos maiores, que lá do infinito, do imperecível, choram as nossas desventuras e suplicam a ti, oh Deus, a tua clemência para quem tão desaviado anda!

E lá naquela Europa, triste hoje, como as lágrimas de uma mãe, homens existem que tomaram, para si, “levar de roldão” a honra deste país descuidoso e desunido.

A visão que trazem é que aqui poderão impor a sua vontade, porque nós, estes vinte milhões de seres esquecidos, tudo aceitaremos agradecidos – como cafres que mais valor dão às bugigangas que a finas pérolas e diamantes finos. Enxergam este país com o motejonos lábios e a ferocidade no coração. Pisam o nosso torrão como terra conquistada, dizendo dos milhões que lá deixaram e das *facilidades* com que os trariam para cá; e nós, fascinados por este ouro que se nos escapa, mostramo-nos estarecidos!

Aqui ficam, momentaneamente, a nos explorar, cantando as nossas belezas naturais e chacinando os nossos costumes...embebecidos pelo nosso porte e elegância. Mas não querendo realizar união lícita com as nossas mulheres, uma vez que são super-homens e, para eles, só a volúpia, só a degradação da espécie!

Que nos perdoem aqueles a quem as nossas palavras não poderão alcançar jamais; pois que, neste alvor do dia em que escrevemos, sentimos o choro íntimo dest'alma compungida pelos tristes serezinhos a quem tanto amamos, e que mais não são do que parte integrante de uma pátria infelicitada.

Que nos perdoem os leitores que costumamos ter, se tão a sério tomamos uma sigla que tão bem se acomodaria ao monte!

Era dos *Lafonts* que queríamos nos ocupar somente, mas o momento... o momento nos arrastou para considerações tão contrárias aos nossos desejos!

Queríamos dizer que os *Lafonts* a que se referiu o *Jornal do Povo*, em seu antepassado número, é, talvez, a nonagésima edição dos que já nos tem aparecido com as exterioridades do pavão, entretanto, com a intelectualidade da pobre gralha ou da carriça dos telhados.

– Só vendendo o nosso armamento aos aliados nós poderemos livrar das aperturas em que nos achamos!

Foi um francês que levantou agora essa preliminar, quando, aliás, um inglês dela já havia sido socorrido. E fazem-no tão sem cerimônia, tão simples e infantilmente, que até os “frades” das ruas se abalariam, se ainda os tais “frades” existissem em nossas cidades civilizadas.

Ontem foram os poderosos *Rostchildsproctores* do Brasil... hoje um *Lafont*, que, pelo nome, não se o perca, já que pela sua história nada de *arcológico* nos ressalta do entendimento.

Felizmente, o atual mantenedor do nosso governo central a tudo vai resistindo, apesar de não vermos formar um grupo de brasileiros decididos a levantar já. E já as forças do país para

melhor apararmos os golpes do estrangeiro audacioso, que nem a nossa hospitalidade sabe agradecer.

Mais uma lição para o rol das nossas experiências, que ela nos aproveite no futuro que temos o dever de engrandecer, como cidadãos que somos de um país, que em tudo se deve mostrar independente pela vitalidade de suas terras e de seus ares...e já pela moral dos entes que, assim, foram mimoseados. Unindo-nos, venceremos todos estes obstáculos que nos surpreendem agora, porque um povo unido é uma família, cujos maiores são respeitados não só pelas suas virtudes, como pela união que reina entre seus rebentos. Que meditem sobre estas palavras chã e pesarosamente aqui traçadas, porque as nossas tristezas são também as vossas e, quando sorrirmos, vós sorrireis também, já que uma só pátria nos acalenta e firme está que nos interessaremos por ela.

Até mais ver...Aracaju, 04-06-1916.

A.X.

E o Civismo?

Entrou em falência desde que o homem arranhou a nova fórmula de criar para si as posições cômodas, muito embora que esta ou aquela instituição venha a sofrer. Quando não em sua vida laboriosa, pelo menos na sua história que se deveria conservar indemne de qualquer nocivo conceito. Que não diriam, os nossos filhos, desse gesto valoroso que, em 1910, abalou o Brasil inteiro, do Rio ao Amazonas, fazendo reviver toda a pujança de um povo em correção aos falsos princípios que se queriam implantar em nosso meio?

Ah, quanto é agro ver, hoje, principais figuras daquela época, desdizendo de seu passado. Não só isto, jogando infâmias que os ventos levam, bem sabemos, mas que nunca, em tempo algum, deveriam ser jogadas por lábios que tantos beijos deram.

Não estivemos com ele, mas como todo brasileiro amante da pátria e dos bons costumes, abríamos caminho para que ele passasse – quando não para vencer, pelo menos para corrigir uns tantos vícios que muito nos estavam depreciando.

Era o *civilismo*. Era o Sr. Irineu Machado com todos os fulgores de sua oratória, jogando palavras arrebatadoras e de conceitos bons, espalhando princípios de civismo entre uma população sequiosa, não só do saber, como ainda, e muito ainda, nas primeiras de praticar o bem como o bem merece!

Mas tudo lá se foi...perdeu-se o homem como feia nódoa fora jogada nas faces de boa causa. O Sr. Irineu Machado precisa hoje ser reconhecido senador pelo Distrito Federal. Para

isto conseguir, lança mão da torpeza, da falta de senso e até da desonestidade: diz que o civilismo foi quem matou o prestante cidadão brasileiro, general Pinheiro Machado, mesmo depois de um inquérito onde tal não ficou provado por mais que se quisesse descobrir.

Mas o sr. Irineu Machado o afirma tão desavisadamente, porque ainda não compreendeu que os seus louros passaram e que a nação nada de S.Exc. tem a esperar jamais. Há homens que cristalizam as suas ideias com a velhice, assim como há outros que, à maneira que os tempos correm, vão as perdendo, dia a dia, até o fatal desaparecimento. Não deixa de ser sintoma de grave moléstia, que muita gente diz ser peculiar aos velhos, mas que nós afirmamos pertencer aos fracos, àqueles de quem falamos nas primeiras linhas que ora traçamos.

E o civilismo se vê, assim, tão atrozmente perseguido por uma questão de puro interesse individual, em detrimento mesmo dos princípios que nos vão regendo, muito embora que as palavras de hoje do sr. Irineu Machado nada mais signifiquem do que um despeito injustificável, do qual ele, o levantador das massas de ontem, não se poderá penitenciar jamais.

O nosso sentimento está muito especialmente por vermos fenecer a bela flor do civismo de um patricio nosso, que, em bem da pátria, queríamos vê-lo sempre e sempre na dianteira dos bons ensinamentos, cujos princípios a mocidade brasileira muito aproveitaria. Mas, infelizmente, para nós e para ele, assim como para a comunhão geral, tal não sucede. Hoje, resta-nos lastimar a morte prematuramente realizada sobre aquele que, em priscas eras, chamou-se Irineu Machado, tribuno irrequieto que, em cadentes lavas, sabia levantar o ânimo de um povo atirado às agruras das maiores desilusões.

Que a formosa mocidade brasileira não o maldiga, porque a nossa missão é PERDOAR AOS QUE ERRAM, mesmo que este perdão não possa aproveitar mais ao homem de quem tratamos,

uma vez que só um pensamento nos fere neste triste momento:
“que a terra lhe seja leve!”.

Aracaju, 06-06-1916.

A.X.

Agência Bancária

O público já sabe dos trabalhos que vão se realizando para a aquisição de uma agência do Banco do Brasil em Aracaju. O público sabe também o quanto este jornal tem se esforçado para que isto seja levado ao efeito, ideia vencedora no momento, apesar do interregno que sofreu, ultimamente, contra toda nossa expectativa.

Para maior felicidade de Sergipe, a dilação com que aguardava a presença de nosso diretor, no Congresso Algodoeiro, para desaparecer com os nossos esforços, já que a causa, por nós, não seria nunca esquecida. De outra maneira, não poderíamos honrar o título a que nos abrigamos, que, dizendo *Jornal do Povo*, afirma que o nosso principal interesse está em servir a este como ele merece.

Nesta coluna que foi, individualmente, reservada para nós, com tanta honra para as coisas simples que estamos escrevendo, afirmamos que outro dilema não nos afagará jamais, fazendo passar ao longe da estrada tudo que não disser respeito aos interesses da coletividade.

E tanto assim é, que as linhas acima nada mais exprimem do que ligeiro exórdio para as ideias que temos aqui armazenadas. Que prazam aos céus e que saibamos desenvolver, se não com proficiência, ao menos com esta franqueza que tão bem nos caracteriza. Não é nossa intenção esgotar o assunto logo e logo porque “o tempo é ouro” e “com vagar se vai longe”.

* * *

O Banco do Brasil vai ser representado em Sergipe por uma carteira bancária. Carteira que realizará todas as transações peculiares às suas agências nos Estados.

Conforme se lê no último relatório da Diretoria, ditas agências estão sujeitas a um novo regulamento experimental que “concede-lhes” a necessária autonomia para o encaminhamento e decisão dos seus próprios negócios; faculta-lhes determinado capital, conforme as respectivas categorias, fornecendo-lhes a amplitude de recursos pelo redesconto dos efeitos comerciais em caixa e permitindo a aplicação dos depósitos até 2/3 do seu valor, mantido o encaixe de 1/3. Atribui ao gerente e ao contador, com plena responsabilidade judicial e pecuniária, toda a direção de negócios e, bem assim, a guarda de títulos e demais valores; prescreve a escrituração discriminada das operações de conta própria das de conta da Matriz, de modo a se poder avaliar, com precisão, as vantagens diretas ou indiretas de seu funcionamento. Institue, ainda, a fiscalização assídua e positiva, dando aos inspetores autoridades incontestáveis durante a inspeção; toma providências sobre todo o serviço, cuja distribuição é convenientemente determinada, etc...etc.

Por aí os leitores compreenderão quais as vantagens que advirão a Sergipe, que bem se conte com um estabelecimento congênere levantado em seu próprio meio, devido aos esforços daquele que, em vida, chamou-se Olympio Campos. Todavia, ora, carece de maiores asas para o desenvolvimento do seu crédito. Precisamos mesmo do estabelecimento de uma casa de primeira ordem, afim de que as nossas relações, com os demais Estados da federação, tornem-se um fato e não simples projeto, como tem sido até agora.

Com a abertura da agência do Banco do Brasil, Sergipe se aproximará melhor das praças da Bahia, Alagoas, Pernambuco,

Amazonas, Pará, Santos, Campos, Paraíba, Fortaleza, Curitiba e Porto Alegre, onde já existem agências, ficando-nos a esperança de ir se alargando este horizonte, pois que o plano é se abrir casa idêntica em todos os departamentos da União Brasileira.

Além do que acima dizemos, teremos mais a facilidade para as transações com as praças do Rio e estrangeiro, com proveito para todos os que se interessam pelos negócios. Acreditamos que as comissões serão módicas, na altura do permitido pelas épocas, e, com boa gerência, todos ficarão satisfeitos, porque o que Sergipe precisa é desenvolver as suas forças, espalhando trabalho a estes heróis que emigrados se mostram sempre, em toda parte que pisam, dignos do torrão que os viu nascer.

É para estes que mais olhamos sempre que nos fere a mente qualquer questão social, seja ela monetária, seja de princípios de civilização.

Que venha a carteira do Banco do Brasil.

Aracaju, 08-06-1916.

A.X.

Crise de Dinheiro

Há bem poucos dias nos constou que um ilustre funcionário federal dissera que não sabia porque o comércio se queixava da falta de dinheiro na praça. Dissera, também, que sendo avultado o depósito na Caixa Econômica desta capital, necessariamente valores bem estimáveis deveriam existir em circulação.

O ilustre funcionário fala pelo que vê na Delegacia Fiscal. Assim, como a sua profissão não o obriga a perscrutar o que vai pelo comércio e pequenas indústrias, está, talvez, convencido de que as queixas são improcedentes, como quem diz, um meio para preencher as horas de lazer. Não o incriminamos por isto. Nem por isto julgamos menor o seu merecimento, mesmo como financista.

A nós, porém, como aos outros, é que cabe a tarefa de desvendar o mistério, já que a nossa profissão, por qualquer face que se olhe, nos obriga a palpar instante a instante o pulso desse doente, que, preso ao leito em tamanha agonia, faz-nos descreer, às vezes, de um restabelecimento completo.

Para dizermos a verdade, não há falta de dinheiro em Sergipe. Dinheiro há, não aos montes, mas em quantidade bastante para as nossas transações, uma vez estas também não são em proporções agigantadas.

Mas, com a desconfiança que reina na atualidade, os valores vão ficando escondidos ou depositados em rendimento pouco acima de nada, segundo a praxe brasileira. Eis aí porque os depósitos, atualmente em nossa Caixa Econômica, ascendem a mais de dois mil contos de réis, além das grandes somas depo-

sitadas em casas que delas não precisam, a juros quase nulos; e outras, o que é mais grave, metidas nos esconderijos das habitações dos campos.

Todos nós sabemos o que tem produzido as safras do açúcar, algodão e cereais. Muito notadamente, as dos dois primeiros produtos, que em boa hora trouxeram aos proprietários agrícolas uma época de prosperidade. Folgamos em registrar este acontecimento porque nós queríamos que dita época se prolongasse eternamente, se não pelos fatos que a motivaram, ao menos por uma reforma radical no nosso sistema de cultivar a terra.

Hoje podemos dizer que o agricultor sergipano é um homem rico... tão rico que quase sua maioria já diz *não ter o que fazer do dinheiro* que lhe sobra das suas primeiras necessidades. É contra esta última frase que nos insurgimos, apesar de apertarmos alegremente as mãos dos que dela usam, porque n'um meio progressista sempre há em que se apliquem capitais. É parar um pouco dos labores diários, olhar com firmeza para os recantos do nosso solo, não se extasiar, mas procurar-lhe a utilidade; indagar depois do custo atual e do passado de uns tantos artigos de importação. Além do mais, escolher, entre este milhão de coisas que temos a fazer, aquilo que mais lhes agrade, não só à vista, como aos seus interesses de capitalistas.

Se não querem sair da lavoura, aí mesmo terão muito que fazer, pois a nossa produção é rara e caríssima. Fatos que só se poderão combater com a introdução de novos aparelhos e com alargamento das propriedades. Todos sabem que as terras ficaram para serem cultivadas pelos métodos que a experiência vai descobrindo e não para passarem de pais a netos cobertas de capoeirões improdutivos, onde nem ao menos se cuida das riquezas florestais.

Se tem, porém, vocação para as indústrias fabris, será bom lembrar que não existe somente a de tecidos, que, apesar dos lucros remuneradores que dão não embarga o passo às outras tão boas quanto ela.

O ocultamento do dinheiro, nas mansardas e covas de ratos e baratas, é que está ferindo de morte o nosso comércio, que cioso do seus deveres, não pode suportar esta estagnação do momento, pois que aquele proceder só favorece a uma classe, enquanto as demais estão à borda da sepultura.

Que os capitalistas escutem, com atenção, os lamentosos queixumes dos pobres artistas e operários; que meditem sobre a condição dos que procuram fazer a vida nas pequenas transações comerciais; que pensem um pouco sobre tudo que é pobre, enfim. Certamente, lobrigarão os vexames porque passam os lares depauperados pela falta de trabalho, onde mães aflitas choram a ausência do *menu* do dia.

Como não se ter o que fazer dos capitais, enquanto enorme multidão aguarda apenas um gesto de quem os possui?

Precisamos compreender melhor o axioma do VINTÉM POUPADO... e dar asas ao nosso dinheiro, para que ele exerça a sua missão.

Aracaju, 09-06-1916.

Imposto de Honra

Com vistas ao estado aflitíssimo em que deveremos nos encontrar, em 1917, perante os nossos credores de Londres, muitas ideias têm surgido ultimamente a fim de que o país se aparelhe para vencer as dificuldades, sendo uma delas uma contribuição geral pelos Estados.

Não foi mal avisado quem assim pensou, muito embora que a forma que se pretende ou se pretendeu lançar mão não seja mais viável. Nestes casos, parece-nos, seria mais aplicado o imposto de capitação direta, pois que, falando-se de honra, esta deve ser igual para todos os brasileiros.

A casa paterna deve estar sempre aberta para o FILHO PRÓDIGO, desde que ele a procure com arrependimento no coração e não com o objetivo de descansar, por uns dias, da liberdade costumeira. O que nos resta saber é se efetivamente existe este arrependimento. Ou se o que se tenta fazer agora é a reprodução dos fatos reprováveis da nossa vida administrativa e legislativa, que anualmente reduz despesas por um lado, enquanto por outro as aumenta em proporções assustadoras.

Estamos quase convencidos de que, se fosse admitida a fórmula de imposto de capitação, para cobrir os nossos compromissos inadiáveis, alguém lembraria a criação de um corpo de funcionários para se encarregar do arrolamento. Talvez, o imposto fosse pouco para cobrir as despesas com serviço à maneira do que se tem feito com os trabalhos de estatística, de recenseamento etc.

Não somos contrários a que se faça um apelo à Nação em qualquer momento que ela careça dos esforços dos seus filhos.

Trata-se de dinheiro ou de sangue, mas queremos que a este apelo acompanhe ações generosas daqueles que a formulam, já como desprendimento pelos próprios interesses de quem faz.

Fala-se muito por aí afora das despesas que o Brasil faz com o seu Congresso, dizendo-se mesmo que não há outra Nação onde tanto se gaste, vindo à baila país ou países em que os representantes nada vencem, além da ajuda de custo nas épocas de trabalhos. Não queremos entrar nestas particularidades, porque todos sabem as condições especialíssimas que levamos em nossa pátria, toda de necessidades internas pela elevação de preços daquilo que carecemos adquirir diariamente. Mas nem por isto seria de se desprezar um gesto patriótico por parte dos congressistas, pondo à disposição do erário público, se não todo, ao menos boa parte do subsídio a que tem direito neste fim de legislatura. Isto ao mesmo tempo em que formassem o apelo à Nação.

Sabido como é, que só de diárias o nosso país gasta anualmente cerca de cinco mil contos de réis, tomados por bases oito meses de trabalho, na razão de dezoito contos de réis para cada representante. Assim, achamos que dentro dessa soma, alguma coisa poderia se fazer, apesar de figurar como simples gôta d'água, mas água cristalina que saciaria o espírito da Nação, embora o corpo fosse à procura de uma caudal. Seria um rasgo patriótico de onde poderiam surgir frutos sazonados, agradecido saber criar para si e para os pósteros.

* * *

Não sabemos bem como Sergipe veria o imposto de capitação! Como veria?

Sergipe já vive tão apoquentado com os impostos federais, não porque existam alguns criados especialmente para ele, mas pela forma que é de praxe executá-los em nosso meio.

Não há recanto da federação onde o fisco seja mais exigente do que em Sergipe, onde a simples colocação ou maneira de inutilizar uma estampilha, vezes até por pessoas ignorantes, dá lugar às sérias complicações para aqueles que tem necessidade do desembaraço nos seus negócios. Os impostos de consumo, aqui, não são simplesmente uma contribuição imposta aos produtores, como ainda boa maneira de baralhar o juízo de quem já o sente fraco pelas mil e umas coisas que andam a lhe bater no telhado.

Não só por isto, como ainda pelo descaso que a União costuma a compreender os interesses sergipanos, não só lhe negando a inauguração de uns tantos serviços, como extinguindo outros já inaugurados. Não temos mais Inspetoria Agrícola, nem Campo de Demonstração. Até da Escola de Aprendizes Marinheiros está com o seu efetivo muito reduzido e outros estabelecimentos, ou serviços federais, estão de alguma maneira ameaçados. Temos a estrada de ferro há algum tempo inaugurada, mas esta obedeceu apenas ao plano da viação geral, que precisou do pulso de Olympio Campos para se tornar um fato.

Não sabemos, portanto, como Sergipe receberia um imposto de capitação.

Aracaju, 16-06-1916

A.X.

O Erro

Não sabemos se todos os indivíduos sentem, como nós, um simples passo errado que se dá na vida.

Certo, o homem não poderia ser perfeito em sua psicologia, desde quando a matéria é sempre matéria e não cede o seu lugar neste concerto das coisas terrenas. Assim é que se diz que a maior virtude do homem é reconhecer o seu próprio erro, sinal evidente de que a sua natureza se acha em estado favorável a um corretivo.

Mas pensamos que o erro é e será sempre o erro, por mais que se queira dissimulá-lo com blandícias e polidez. Há duas qualidades ou categorias de erros: uma que fere os interesses públicos; outra, a que coage intimamente a pessoa que o pratica.

Qual dos dois será o pior? Ambos são péssimos, ambos são detestáveis!

O que sabemos é que o melhor do erro é se não o praticar, por qualquer das faces que possamos o encarar.

Perguntai ao juiz,probo e honrado, qual a pior noite que passou na vida, e ele vos dirá que foi aquela em que supôs ou se convenceu ter dado uma sentença errada. Inquirir do homem equilibrado se já encontrou justificativa para um erro cometido contra sua pessoa ou seu semelhante, e ele vos dirá que não; – que a bestialidade da matéria não se poderá antepor à moralidade de seu espírito. Para este é mais fácil perdoar os erros alheios do que os próprios, já que a sua missão é edificar e não derruir aquilo que, com sublime esforço, a sociedade vem conquistando no decorrer dos séculos.

* * *

Se o erro pode ser classificado por tão desconsoladora forma, se ele é o marco de nossas infelicidades, se traz em si todas as desventuras, todos os pesares e todas as tristezas, porque então persistirmos nele, porque não o banirmos do nosso cérebro e de nossas ações, como seres educados e civilizados, como homens servidos por um espírito desimantado da matéria?

O pior de tudo é praticar o erro com premeditação e contra a coletividade. É desta forma que nascem as más leis e regulamentos estapafúrdios, que sempre resultam em prejuízo das classes. Imaginai um erro que prejudique não só um indivíduo ou a uma só família, mas que fira e agrave uma comunhão de vinte milhões de seres. Seria um erro colossal, seria um erro de arrebatrar uma grande espessura de aço blindado.

Já temos lido, em nosso país, destes erros. E se não passem uma vista pelos orçamentos da República quando não queiram se dar ao trabalho de ler os debates parlamentares, onde se costuma ver o grande erro que fere a consciência nacional. Queremos nos referir ao tratamento que alguns dos nossos representantes dão, hora por outra, aos seus pares. Não especializamos fatos, levamos a coisa em bloco, porque, muitas vezes, o V.Exc. cede lugar ao *você*, ao *bandido* etc. e tal.

Como o nosso Congresso está reunido, e temos *casos* a resolver, bem provável é que, em breve, apareçam essas belezas que, quizerámos nós, não se realizassem nunca.

Se ao homem não é dado escapar ao erro, que cada um erre para a sua conta, e procuremos acertar sempre para a conta do país.

Se erramos também escrevendo estas linhas, que nos desculpem... que nos perdoem...

Aracaju, 18-06-1916

A.X.

Várias Cousas

A Política

De algum tempo a esta parte se tem agitado, em nosso meio, uma verdadeira questão policial, tais as queixas e reclamações que quase diariamente a imprensa faz, assim como os planos para uma reforma do serviço em nossa capital.

Tem se falado na criação de um corpo de guardas noturnos. Se fôssemos estudar bem estas duas organizações, certamente, preferíamos a primeira, por ser a única que satisfaz a um meio civilizado. E não acharíamos nada de mais que Aracaju já tivesse a sua guarda civil, pois, que outros Estados, onde as rendas públicas não são superiores às de Sergipe, já se faz o serviço por este novo sistema.

Conta, a nossa polícia, com um efetivo de mais de 500 homens. As autoridades se esforçam o quanto possível para trazer o serviço em boa ordem e, mesmo assim, a nossa capital vive a braço com um problema difficilimo de resolver, tal é a desorganização que se nota no policiamento das ruas etc. A chamada polícia de costumes não se conhece em nosso meio, porque não é com o homem, ignorante e simples rapaz, que, por necessidade, troca o serviço de criadagem, os rudes trabalhos do campo e os duros afazeres do cais por um sabre e um bonet que se conseguirá policiar a homens civilizados. Homens que devem ser tratados de par com os seus merecimentos ou na altura das manhas que a *civilização* lhes ensinou a pôr em prática.

Aí estão os cafés, bilhares e outras casas desprovidas de policiamento, que, por felicidade nossa, vivem sem alteração da ordem, isto simplesmente devido aos nossos bons costumes. Mas temos a mocidade que precisa, para seu interesse, conhecer as boas normas de um policiamento de costumes, afim de que, mais adiante, não venha a esquecer as lições bebidas no lar paterno. Temos também uma infinidade de crianças que se deixam ficar por estas casas até horas adiantadas da noite, prejudicando, muitas vezes, os seus estudos ou os afazeres do seu próprio lar, fato que desapareceria, de pronto, com uma boa organização policial. Pois, enquanto a missão da praça de “pret” é quase que prender, a do guarda civil é aconselhar – evitando, assim, muitas vezes, a prática dos maus atos.

Como poderá o pobre policial fardado, que está pronto para fazer continência a qualquer cidadão bem-apegoado que lhe passa em frente, ou porque lhe parece uma autoridade ou porque é um homem a quem deve serviços, fazer-se respeitar no posto que lhe confiaram sem distinção de pessoa ou classe? Falta-lhe, muitas vezes, a autoridade moral, ele, coitado, só uma coisa tem a fazer: usar do sabre e da voz de prisão regulamentar. E não é por isto que o condenamos, porque outra coisa de si não se deverá esperar, já que de princípios educativos ele nada sabe. Ele foi para o corpo executar marchas e contramarchas, foi para prender uns tantos criminosos que andam lá pelo interior, foi para servir de ordenança ao sr. dr. Fulano de tal e foi para matar a fome que lhe estava a roer o estômago. Não é, portanto, com ele que deveremos nos entender, porque, por mais que queira, não poderá nos servir jamais, isto quanto ao policiamento de nossa civilizada Aracaju.

Tomando em muita consideração o que estamos traçando, somos francos em dizer que mais sofrem as próprias autoridades que o próprio povo, pela falta de cumprimento de suas ordens no tempo, e na hora, que se fazem mister.

Se quiserem coisa completa, organizem a guarda civil. Com um efetivo nunca inferior a cem homens, mas homens escolhidos entre esta rapaziada boa e educada que anda aí sem bastante afazeres.

Esta ideia não prejudica em nada a guarda noturna, pois seus serviços são distintos.

Em tempo, diremos mais.

O Rio Siriry

Não deixa de ser um bom ponto de distração o confortável café que se acha alí ao pé do cinema Rio Branco. Conversa-se com pessoas amáveis, amigos que procuram nos cativar com as suas gentilezas, cavalheiros sem fatuosidade e francos nas exposições que nos fazem, de onde muitas vezes colhemos informações – não só de utilidade para nós, como para os que nos leem.

Uma destas noites, tratava de coisas do interior, – viagens, trabalhos no campo, a altitude das localidades, os bons climas e os banhos. Vem daí dizer que o banho, no rio Siriry, já fora esplêndido, que as águas eram claras e magníficas, mas que hoje, na parte que diz respeito ao Rosário, tudo está contrafeito, devido ao pouco caso que ali se faz da higiene. Tanto pelo desague dos líquidos servidos dos engenhos, como pelos vícios da população da própria vila.

Com tal noticia só uma coisa nos feriu o entendimento, e, para não ficarmos calados, fizemos a seguinte pergunta: E a Intendência, o que faz ela? Que se restabeleça a cristalidade das águas do Siriry.

Agradecendo . . .

Um destes dias, um Sr. N nos dedicou ligeiro conto, que, pela forma e arte, estamos quase descobrindo o seu autor. Aparecem alí uns amores mal-sucedidos, amores que terminam por pan-

cadás, amores que não são amores. Se entendêssemos destas coisas, diríamos ao autor que, de outra vez, escrevesse amores doces, amores de cor de íris, amores alados ou amores sobre as águas oceânicas, fluviais ou lacustres. Como certo estamos que a intenção foi ótima e nos honrou em extremo, ficam aqui os nossos agradecimentos, já que, a nós, não é dado traçar coisas amorosas para uma retribuição completa. O nosso estro é todo do povo, e, como se sabe, o povo não tem tempo para amar, o povo trabalha e chora as suas mágoas.

Aracaju, 19-06-1916.

A.X.

Vocal Instrumental

Dizer de tudo com acerto, esta independência seria a aptidão muito estimável para todos os que manejam a pena por necessidade ou diletantismo.

A nós, que nos falemos os vôos de condor e os harpejos dos cânticos divinos para que vissemos as coisas como elas são. Todavia, por este gosto, de dizer o que nos é inato, muitas vezes, somos presos pelas facetas do idealismo e sem pensarmos, sem meditar-mos, entramos pela alheia seara e vamos a dizer, e vamos a dizer...

Vai-nos uma impressão desagradabilíssima pelo terreno da música vocal e instrumental que ora se executa para o nosso público. Não são poucos os casos em que temos assistido uma luta feroz entre as orquestras dos nossos cinemas e o pessoal que domina o palco. Para felicidade de Aracaju, dispomos, no momento, de personagens em destaque nas regências de nossas ligeiras orquestras; ligeiras, porque em um meio tão pequenino, maiores não se poderiam conseguir.

Notamos que os ensaios, por parte dos que cantam, são levados às carreiras, de onde ficam os senões que, à noite, as plateias divulgam ao primeiro sinal; e daí as recriminações dos que ouvem, as recriminações dos que cantam, e os desgostos dos que tangerem a batuta. É preciso que se compreenda que nem todos veem em agrado a substituição de um fá sustentado pela de um fá natural, e para um tal estado d'alma não é necessário uma bagagem de óperas e melopeias. Tampouco, ter-se ouvido Caruso nem Constarino e nem sonhado com Verdi e nem Mozart. Cer-

vantes e Tobias deixaram gravadas, em páginas de ouro, músicas que o tempo não destruirá jamais. É apenas questão de gosto, gosto que personifica o que se chama belo, belo que exprime a perfeição do homem.

Nestas linhas que correm, outro intuito não nos demove se não reparar o que se acha errado e levar o nosso contingente de aplausos aos que se dão à dura faina de dirigir as orquestras dos cinemas, incitando-os, mais uma vez, ao cumprimento de seus deveres como profissionais, fazendo se subordinarem à música todos os que cantam para o público, porque, se assim não fora, não haveria canto possível. Murillo quando cinzelou a sua deusa não teve o intuito de gravar o ato em sua boca, e sem por isto deixa ela de ser bela entre as mais belas.

Aracaju, 25-06-1916.

Pequena Cabotagem

Nesta indagação que estamos realizando diariamente, pelos interesses sergipanos, não será de nosso prazer que nos escape os mais leves traços da nossa vida de trabalho.

Hoje, abordamos um assunto que representa o complemento dos grandes negócios, uma vez que é da gíria que “sem os pequenos não se farão os grandes”.

Sergipe está servido por quatro barras que dão acesso aos navios de calado até 16 pés, como se verifica com a desta capital; mas não é só com tais navios que fazemos votos que sejam sempre numerosos, que nos poderemos desembaraçar de uns tantos problemas comerciais.

Precisamos nos voltar também, com certo interesse, para nossa pequena cabotagem, afim de mantermos, em regra, o transporte de umas tantas mercadorias de uma às outras barras. Não só o comércio como diversas indústrias sergipanas estão a carecer desses serviços.

Tal encargo, porém, só pode ser aceito pelas pequenas embarcações, sejam lanchas, barcaças, iates etc. Muitas vezes precisamos mandar uma destas embarcações aos portos de São Cristóvão, Estância ou São Francisco, com o intuito de nos trazer esta ou aquela mercadoria e nos depararmos com as mais duras dificuldades, não só porque não se dispõe deste meio de transporte, como pela quase impossibilidade que se encontra em remover uns tantos óbices.

Para muita gente parecerá que uma lancha que vá daqui a São Cristóvão, fazendo um frete de 250 ou 300\$000, será negócio

muito razoável, uma vez que aquele porto dista do nosso após seis ou sete léguas. Mas não é como se pensa.

É verdade que, em tempo normal, qualquer embarcação à vela pode realizar duas viagens por semana, entre estes dois portos e assim um apurado de 500 a 600\$000 seria, de alguma maneira, negócio tentador para os pequenos armadores, se não houvesse os tais óbices a que nos referimos acima.

Qualquer embarcação pequena que largue do nosso porto em direção a outro deste Estado, com o fim de voltar ao mesmo, terá que fazer uma despesa de, pelo menos, 121\$000 com Capitania do Porto, Alfândega, Recebedoria, Praticagem etc.

Ora, se bem que estes encargos sejam regulamentares, todavia, existem alguns que poderiam ser dispensados, como, por exemplo, a contribuição que se paga à policia e à praticagem que, quase nenhum serviço prestam às tais embarcações, a não ser em ocasiões de acidentes.

Feitas as contas, nada de saldo ficará ao pequeno barco, uma vez que, o que sobra do frete ganho será, muitas vezes, insuficiente para as despesas com o pessoal e a conservação do casco e velame. Se assim dizemos, é porque assim já temos verificado no nosso labor comercial.

Não destacamos poder para pedirmos providências, porque estamos certos de que, com esta ligeira exposição, todos os que gerem os diversos serviços ao caso aplicado se interessarão quanto em suas forças estiver para demover este gravame que a uma classe tanto prejudica.

A.X.

Aracaju, 07-07-1916.

Infeliz Quadra!

Já não é a clava nem o tacape... é a pistola, é o punhal!

São instrumentos arranjados pela civilização, são fantasmas que apavoram a todo o homem morigerado e que outras armas não têm senão a sua boa norma de conduta ou a sua história de ser perfeito e laborioso.

Os crimes campeiam de norte a sul do país, e a justiça já não se venda para julgar, mas sim para deixar de ver o que descoberto se mostra.

Atravessamos uma quadra infelicíssima que mais se acentua pelo descaso em que se tem. A instituição do júri, de bela que foi, nos antigos tempos, passou a ser hoje simples ajuntamento de homens convencidos para desjugar os crimes que lhes põem em face.

Esta nossa expressão é a de todos os que ainda sentem interesse pelas coisas públicas e particulares do Brasil, terra abençoada pelo Criador, mas não compreendida pelos que a habitam.

A epígrafe acima nasceu de despachos telegráficos publicados por este jornal, onde se vê história de mais um crime desalentador, praticado em nossa Capital Federal, o centro de todas as belezas terrenas, como também o antro sumido de todas as feras sanhudas.

Fala-se, mais uma vez, do grande e infeliz brasileiro, Euclides da Cunha, e se fala com as notas dissonantes.

Foste muito infeliz, Euclides! A fera que bebeu o sangue porrejante de tuas veias acaba de alastrar o solo da nossa pátria

com a seiva rubra de teu filho. Mais uma vítima produzida pela pistola assassina de Dilermando Assis, este moço que deveria guardar toda a sua valentia para quando a pátria carecesse, se é que nas suas veias corre o verdadeiro sangue herói e não si-cário contumaz.

Valente temos ouvido que ele é, mas que a sua valentia não se manifestasse de forma tão funesta e desgraçada.

Enquanto uns lamentam, em haustos dolorosos, a infelicidade de uma família, nós generalizamos a cena, à nação inteira, e choramos a triste sina de nossos dias. Que Dilarmando não fosse absolvido do primeiro e bárbaro crime que praticou, e hoje não se levaria para a tumba este rebento de Euclides da Cunha.

Que valem grandezas e trabalhos de um cérebro possante, que valem amor e desvelos pela coletividade? Com um tiro de pistola ou um golpe de punhal se corta o fio de uma existência útil a todos, e depois... pouco depois uma mesa rodeada de imbecis, vendidos como escravos africanos, manda o criminoso para a rua a preparar novos elementos para novos crimes e desgraças.

Euclides da Cunha, de lá de onde estás, recebe as nossas lágrimas como triste manifestação da alma aflita de nossa pátria, que se ajoelha e chora as suas desventuras.

Aracaju, 09-07-1916

A.X.

Calma!

Felizes dos que podem fazer a trajetória terrena. Com a calma precisa para enfrentar todas as dores e todos os desgostos dos dias, tendo por escopo afimar, cada vez mais, as suas crenças e o seu amor pelas coisas úteis.

Não são os desregramentos da parte em decomposição da sociedade que julgarão o homem de bem ao posto da ignomínia, de desamor ao trabalho e da falsidade mascarada pela astúcia concebida.

Para que nos irritamos com as coisas ruins que observamos ou com os males desamparados que nos rodeiam, se a nós, compete-nos implantar a essência do dever calma e refletidamente?

Tenhamos calma para guiar a mocidade, se é velhice já se acha descrepitude, em alguns casos pela fraqueza que os anos trazem; em outros, pela desilusão dolorosa para o país.

Desde que estejamos firmes em desempenhar o nosso papel na sociedade que nos olha, e que nem sempre nos poderá julgar, a nossa consciência se manterá sobre as colunas de Hércules. Nem os gélidos ventos da Sibéria a farão abalar jamais.

No último número, desnudamos a nossa alma para mostrá-la boa e compassiva como ela é, em nosso peito, e se de palavras tristes e compungidas enchemos uma coluna inteira, justifica-se por não sabermos estreitar tantas dores e tantas agonias na amplitude de um coração que como outros sente, como outros pulsa, como outros chora.

Não tenhamos a vaidade de consertar o mundo; mas aceitemos o descer de apontar os erros com a calma e precisão de nos-

sas palavras, louvando a Deus pela coragem e descortínio que nós sentimos em falar aos que nos ouvem.

As mágoas... que são as magoas senão a imensidade de dores acumuladas n'um período inteiro de desventuras, onde, às vezes, irradiam-se saudades de tempos idos, longes dos prazeres passageiros que o homem busca neste desalinho da vida?

Não será forte, porém, o que não procurar combater este fenómeno do espírito com o trabalho resistente e decidido, para que o seu exemplo aproveite aos que se acham fracos, os que ficarão à borda da sepultura se lhes faltar mão amiga e compassiva que os ajude a suportar a cruz.

Hosanas, pois, aos que são calmos, e não se apoquentando com pequeninas coisas, seguem o seu caminho que, embora pareça juncado de espinhos pelas ameias, todavia, oferece flores e alcatifas no seu término. Com calma poderemos trabalhar livre e desembaraçadamente com proveito para nós e para a coletividade.

* * *

Com calma de espírito é que os simples artistas e operários venceram as agruras da vida e, às vezes, até conseguem elevar os filhos ao rol dos bem-afortunados, se não pelos haveres, ao menos pelos saberes que tanto os destacam.

Com calma e reflexão é que o pobre comerciante enfrenta as dificuldades diárias da crise e mantém o seu crédito em grão de conceito tão vasto quanto as coisas o permitem.

Com calma no proceder é que o industrial se torna querido pelos seus auxiliares; é que o juiz julga com retidão e dentro dos liames da lei; é que o padre pastoreia as suas ovelhas pelas charnecas capitosas; é que as mães implantam as boas regras de moral escrita ou falada no ânimo de seus filhos.

Tenhamos calma, portanto, nos maus tempos que correm... e as nossas dores serão minoradas e a lista dos crimes será diminuída.

Nós ficamos calmos, como sempre, e decididos como nunca.

Aracaju, 09-07-1916

A.X.

Submarinos Cargueiros

Dia a dia vai desaparecendo o quê de absurdo da colossal obra de Júlio Verne.

Este homem extraordinário foi o maior previdente dos últimos tempos e, para que cada vez mais se acentuasse o seu grande mérito de ledor do futuro, estalou quando menos esperava a inigualável guerra que tenta envolver o mundo inteiro.

O povo, fadado para comprovar a argúcia do sublime francês, está provado por mais de um título: foi o alemão.

Chamamos, hoje, a particular atenção dos nossos leitores para o que se pública na seção telegráfica deste jornal, a propósito do assunto que nos prende. Já não são um sonho as viagens submarinas para os efeitos comerciais, pois que a pensadora Alemanha acaba de nos comprovar a sua praticabilidade.

Não podemos nos furtar ao desejo de repetir, aqui, o que se diz no outro lado desta folha. Assim, lembramos aos que nos leem, que o fato já estava anunciado alguns dias atrás, uma vez que, aquele povo de heróis na guerra como no trabalho pacífico, costuma dizer as coisas com antecedência afim de que sejam as mesmas recebidas com maior agrado.

Todos se lembram que a Alemanha anunciou ao mundo que ia remeter, para os portos da América, submarinos mercantes e, assim, é que acaba de aportar em Norfolk (Estado da Virgínia), nos Estados Unidos da América, o *Deutschland*, transportando mil toneladas de carga – entre estas cargas o que mais se precisa atualmente naquele país, que são as matérias corantes para as

diversas indústrias, carregando ao mesmo tempo para tornar a viagem um valor de *seiscentos mil dólares*, onde figura um dos principais produtos brasileiros – a borracha.

Este fato fala tão alto para o serviço da paz, que o recebemos com o coração a transbordar de alegria e forçamos as nossas horas de repouso para cantá-lo nestas linhas que correm velozmente sobre o alvo papel – também fabricado por alemão.

Mas meditemos um pouco sobre o assunto: o *Deutschland* atravessou o Atlântico conduzindo mil toneladas de carga, desarmado, zombando assim da vigilância inimiga. De maneira que este mesmo navio poderia fazer igual ou maior travessia, carregando, em vez de artigos para a paz, artigos para a guerra. Assim, pronto estaria, portanto, a acometer o inimigo onde quer que o encontrasse. O que seria, então? Em que zona se colocariam as esquadras adversas com possibilidade de se livrarem de seu ataque?

A obra do submarino de guerra já é muito conhecida para que estejamos a repetir. Então, quando vemos que os mesmos despachos estão a nos dizer que a Alemanha tem outros monstros iguais nos estaleiros, ficamos certos que a paz se fará não muito tarde, pois que é chegado o momento do homem se convencer que brigar é uma tolice, mormente nesta quadra de progressos científicos quanto materiais.

E vejam só quanto pode a força dos tempos: um francês previu o que o alemão haveria de fazer, isto muitos anos depois de sua obra correr o mundo!

Aracaju, 11-07-1916.

A.X.

Pela Paz e pelo Trabalho

Conhecedores dos grandes prejuízos civilizados, desde que rebentou a guerra atual, e sendo pelo progresso de tudo que diz respeito aos povos trabalhadores, outra não poderia ser a nossa norma de conduta, nesta quadra tenebrosa, senão pregar ininterrupta e continuamente o desejo que temos de ver assinada a paz que, certamente, marcará nova época para o trabalho.

Em tudo que escrevemos, para o público que nos honra, deixamos sempre traçado este desejo que veemente abrigamos em noss'alma. Dia a dia, apesar do desespero que recrudesce nas linhas de batalha das hostes inimigas, vemos mais e mais se alargar o caminho que nos conduzirá à paz, apesar de tão duradoras quanto mortíferas forem os tiros dos canhões que espedaçam as crenças, o amor e a cordialidade europeia.

Por metáfora dissemos, um dia, que o socialismo havia morrido, mas esta morte, tomada no sentido literal da frase, deve ser compreendida como a da fênix, para levantarem das, suas cinzas, novas forças a combaterem os demônios e desregramentos dos que tem o dever de curar pelos magnos interesses mundiais. Os manés dos grandes socialistas reaparecerão um dia. E Zola, em frente com a sua obra falada e escrita, tomará a primeira linha do futuro combate do santo fogo para o trabalho.

As oficinas não morreram. Cerraram as suas portas em sinal de dó pelo desaparecimento dos seus amados filhos; mas, certo e muito certo, a seiva que estes deixaram constituirá novos heróis para as lutas do porvir.

O operário, o homem que chora dores mais pelo mau curso que as coisas levam do que pelas suas privações, este não cederá jamais o seu lugar no progresso das nações, e se hoje vemo-lo de capa e espada à cinta, trocando a lima e o martelo pelo desgraçado obús que nos estonteia, não será motivo para desacreditarmos que um dia ele venha a cumprir o seu dever nas justas do terreno para que foi criado.

Saber esperar já é uma virtude que nem a todos alcança, e se nós, de meia jornada que andamos na existência, não podemos ver uma nova época de paz e prosperidades, deixaremos, ao menos aos nossos filhos, este gozo que bem dirá a nossa passagem terrena pelo trabalho que houvermos realizado.

Trabalharemos, pois.

* * *

Estas considerações nasceram de um cartão que veio às nossas mãos, tão cheio de conforto quanto de honra e benevolência da parte que os remeteu, já que nossos serviços são gotas d'água n'um oceano de lutas incandescentes. Todavia, osculamos o mesmo com os lábios do espírito e o guardando fechado, na área de nosso ser, que a mesma é de todos os que sofrem, mas que tem a coragem de expandir as suas ideias como elas se concebem. Assim, julgamos dizer de um dever cumprido, como também os agradecimentos que nos restavam patentear.

Dito cartão nos diz que, por aí, ainda há quem se interesse pelo trabalho. Este cartão nos diz, também, que fora da imprensa se encontra quem deseje manifestar os seus sentimentos livres e desembaraçadamente como eles se concatenam.

Eis o cartão:

“Ao ilustrado A.X. – Pedro Leão de Campos cumprimenta e envia sinceras congratulações pela

bela peça 'Submarinos Cargueiros', ontem publicado no *Jornal do Povo*, peça que trouxe ao coração do brasileiro sério e grato as alegrias, por ver que o povo alemão foi, será sempre o exemplo da civilização do universo. Enquanto os seus inimigos constróem e fabricam fusíveis para extinguir a humanidade, os alemães constróem para o trabalho e para a honra dos povos. Cordeais saudações."

Por nossa vez, admiramos os sentimentos de nosso missivista e agradecemos às suas atenções.

Aracaju, 14-07-1916.

A.X.

Matriz de Santo Antônio

Lembramo-nos que um dia a vimos triste e desamparada como tristes e inconsoláveis são os filhos expostos de mães desnaturadas.

Reinava alí a solidão, erma das festividades do estilo, em meio de uma casaria com a desolação pelos passeios, os musgos trepados pelos telhados carcomidos e os vigamentos cheios de nojosas larvas de cupim.

Ela e todo o povoado se figuravam velhas ruínas de Herculanus ou Pompeia, ao tempo em que o Aracaju comercial ostentava as nascentes penas de seu porvir.

Éramos jovens ainda e aceitávamos o peso das responsabilidades não cumpridas pelos antepassados, estes mesmos que recordavam os áureos tempos em que a simples ermida de Santo Antônio servia de destaque para as populações ribeirinhas e sertanejas de nossa terra.

Eram bem eles que nos diziam das alegrias reinantes daqueles tempos, alegrias que se ouviam longínquas e saudosas, que soavam aos ouvidos nos cânticos alegres do poeta extinto.

Apontavam-se os tipos característicos daquelas épocas, como modelos de virtude, bondade e franca hospitalidade: uma velhinha que existia, ainda no bairro, para atestar tudo que se dizia dos fulgores e belezas que os tempos não sabem respeitar, mesmo que se trate de boa gente ou de gente boa.

Todos reunidos em tardes ou serões bafejados pela brisa sussurrante, envolvidos pela calma e quietude que reinavam nos

arredores. Éramos nós, o Eustachio, o Villarino e o Teixeira, que ouvíamos aquelas melopeias produzidas pelos anjos celestes e encenadas pelas pessoas boas e chãs, que não sabem ocultar a verdade e nem executar as convenções sociais.

Estas histórias nos acenderam o fogo das utilidades e, consentados os planos de uma reconstrução, fizemos pela ermida tudo o que à época nos permitiria realizar, tendo aqueles companheiros a nos reanimar na pequena – mas porfiada luta. Além do mais, uma placa simples ali ficou para atestar os esforços dos que trabalharam, como franca homenagem de companheiros bons.

Depois, os tempos mudaram... as novas coisas apareceram, como é natural nos progressos das gentes, e, transformada a pobre ermida em Matriz de Santo Antônio, tudo o que estava para trás foi esquecido, como pomo que se colhe pela beleza, mas que não se deseja para o estômago.

Vimo-la ontem n'um passeio vespertino, não muito demorado, e, de um só relancear de olhos, vimos bem o quanto pode a força dos tempos, que tudo muda, tudo altera, até mesmo as convicções, as amizades e tudo mais.

Não são as saudades que nos fazem escrever estas passageiras linhas, são as reminiscências que, em nosso ser, abrigam-se sempre que defrontamos as coisas que lá se foram e que dizem da força de nossa vontade, mesmo que nos reanimem a seguir para frente, não dando vazão ao que de ruim de nós se tem acerado, porque o nosso querer é forte e não obedecemos a umas tantas convenções que por aí andam.

Desejamos ver a Matriz de Santo Antônio digna do nome que lhe puseram, aumentada em todas as suas dependências e desaparecido tudo o que há de ruínas dos antigos tempos, se bem que os nossos esforços sejam coisas findas, pois que nos impusemos a outra trajetória de vida, que são variadíssimos os serviços que temos para a coletividade.

Eis os nossos mais sublimes anhelos. Temos que, desta vez, ainda trabalhamos pela causa santa e que tão santa seja vista pelos que têm o dever assente de curar por ela.

Aracaju, 17-07-1916.

A.X.

O "Deustchland"

O ótimo de nossa vida seria que as nossas opiniões passassem como matemática, assim teríamos curso para uma escola ultra-mundial.

Mas nesta vida, menos de poeta que de simples mortal, que gosta de pesar e repesar as substâncias como os produtos, costumamos expôr os fatos como eles se apresentam e dar a nossa fraca opinião como a concebemos, deixando margem aos leitores para que, também, raciocinem sobre os mesmos.

A humanidade é muito grande e numerosa para que pretendamos subordiná-la ao nosso conceito, mais ainda quando não temos forças para “mirar o sol”, mesmo que ele se ache em franca e esmaecida penumbra. Os nossos olhos estão cansados de mirar a terra, esta terra ingrata que concorre para a formação dos átomos da vida, mas que se espreita nos nossos passos para, por qualquer deslize, jogar-nos um dia em fria e feia tumba.

Vem por aí dizermos as coisas, sem vaidade de concepção, aceitarmos as opiniões alheias com respeito e acatamento, mesmo que elas não penetrem o nosso intelecto, que apesar de frágil e inconsultível, mantém-se no lugar que o apreciamos.

Foi por isso que lemos, com sublime agrado, os reparos feitos pelo ilustrado e cortês *Guizot*, em o número de ante-hontem deste jornal. Reparos que se bem não nos alabassem da coluna em que estamos, todavia, satisfizeram a uma certa parte de leitores desta folha.

Quando escrevemos *Submarinos Cargueiros*, vimos apenas em frente duas coisas maravilhosas para os nossos dias: uma, a solu-

ção de um problema difícilimo de pôr em prática; outra, a aproximação dessa paz tão desejada, quanto precisa, para todos os povos. Se nos precipitamos, que aceitem tal precipitação como o expoente dos nossos desejos, pois que mal nenhum virá ao mundo e que eles se realizem dentro das normas que o concebemos.

Mas o nosso próprio colega *Guizot*, que tão bom e amável se mostra, e a quem tentamos estreitar n'um amplexo de homens sensatos, há de ver que nem tanto nos cega a paixão, pois que a deixamos com a infância estes arroubos de fraca alma.

Hoje em dia, procuramos os fatos provados e, assim, é que recebemos “*Deustchland*” como a confirmação da palavra de um povo que não sabe mentir e que, se fabrica gases asfixiantes, é porque eles se encontravam na razão direta da química.

Arredamos todas as possibilidades de vitórias ou fracassos e aceitamos as grandes invenções dos nossos dias como o maior passo para o complemento das ciências. Temo que não seremos visionários em *profetizar* que o submarino cargueiro veio disparar o tiro de honra nesta guerra que nos infelicita.

Outros povos poderão construí-los em breves dias, e só isto será o bastante para que a guerra termine, pois não julgamos o mundo totalmente perdido a ponto de consentir que uma raça trabalhadora se extermine.

Já não será o simples e acanhado submarino, sem estabilidade e medroso das ondas enfurecidas, que será o monstro de ferro e aço que cortará as águas oceânicas, pejado de dinamite e metralhas para cortar o fio da existência de um povo. Um povo que gastou séculos e séculos para se aperfeiçoar em todos os ramos da ciência, e que não deve ser levado ao patíbulo como ovelhas criadas para carneagem.

Pode ser que, em meio aos tantos desgostos, e quase desilusões, apareça um novo Josué mandando que o sol pare. Então, veremos que há na jovem América e na velha Ásia alguma força ainda capaz de constituir uma nova civilização.

Que nos perdoe *Guizot* estas esperanças que nutrimos e não veja, em nossas palavras, nenhum descontentamento, para nós e para o público, pelo que disse – tão amável e cortesmente.

Certamente, espera que o “Deustchland” seja detido antes de penetrar em Kiel pela máscara e possante maruja adversária, que se porá da atalaia naquelas imediações para realizar tamanho feito. Que Deus nos livre de tão arriscada empresa pela forma que os telegramas rezam tão infantis quão ingenuamente. Então, seria inferno pior que o de Dante e o próprio GUIZOT nos estreitaria n’um abraço humano para chorarmos uma das maiores desgraças de nossos dias.

– Nas águas dos beligerantes de hoje, ninguém se poderá encostar sem risco de ficar ali para sempre!!!

Aracaju, 21-07-1916.

A.X.

Mãe Natural

O Supremo Tribunal Federal acaba de resolver uma questão importantíssima para os interesses brasileiros – definir o direito que assiste à mãe natural sobre o pátrio poder.

Colocada a questão em face das leis de sociologia, parece-nos um absurdo que a humanidade ainda tivesse dúvidas sobre este direito, porque em espécie não poderá selecionar *mães legítimas e mães naturais*.

Que importa que as velhas ordens do Reino deixassem um sulco aberto em assunto tão claro e concludente, uma vez que ele feria a morte à genealogia de um povo? Felizmente, o Código Civil Brasileiro já previu o caso e, mais humano do que as tais ordenações, consignou o mesmo direito para todas as mães.

Para nós, a qualidade de mãe é tão acentuada e incontestável que não admitimos que se pretenda contradizê-la, não importando que nasça o filho de uma união legítima ou não legítima.

A mãe sempre será mãe. E aquela que, durante nove meses carregou no ventre o filho a quem tanto ama, não se conformará jamais que duvidem do amor e santa dedicação que por ele mesmo sente.

Mal de nós e mal da humanidade toda se a maternidade ficasse sujeita a estas peias, somente podendo o filho ser reconhecido se surgisse de uniões lícitas. Mães naturais conhecemos tão solícitas pela prole que formam e são até exemplo de bondade, amor e carinho para outras tantas que tem os seus rebentos garantidos pelas convenções do homem.

Se não pregamos o amor livre, todavia, não deixamos de nos revoltar contra umas tantas exigências da *sociedade*, que, procurando iludir a si própria, cria para seu gozo fórmulas absurdas que, muitas vezes, ferem a evolução dos seres.

Não sabemos se um pai amoroso, homem completo em todas as suas faces, saberá classificar a dedicação e desvelos sentidos pelos seus filhos, havendo entre eles uns nascidos de união lícita e outros de união natural. Quem os tem que responda a si mesmo tal pergunta, já que a nós só é dado avaliar a questão pelo lado do interesse humano – e no assunto não podemos encontrar solução de continuidade.

Se levado o caso para este lado, vemos o amor tão claro e infinitamente puro, o que não diremos pintando o quadro de uma mãe que sorri para o entesinho que ainda traz nas suas entranhas e que, para ele, guarda toda a santidade de seu ser?!

Naturalistas desabusados têm pretendido demonstrar a passividade do ser feminino como simples receptáculo na reprodução da espécie. Entretanto, como a natureza se insurge constantemente contra estas teorias, vemos geralmente mais pais desumanos do que mães desnaturadas. Se assim não fosse, do que valeriam as varinhas de Jacob lançadas sobre o lago para impressionar as suas ovelhas? Desde que o ser feminino não passasse da passividade, não valeriam as suas impressões, e só ao outro, o carneiro, caberia o papel de ser criador.

Vaidade, simples vaidade do homem que entendeu criar para si todos os poderes da terra, deixando à sua companheira, de pesares e alegrias, o ínfimo papel de ser subordinada aos seus caprichos. Vaidade e fantasia, porque este mesmo ser *absoluto* em dados momentos se transforma em folha seca diante daquela que finge dominar, uma vez que, por um simples sorriso, daria a sua vida inteira e cometeria os maiores absurdos conhecidos.

A natureza está nos apontando a rota dos fatos da criação, e nós, por mais que a queiramos contradizer, somos forçados, por fim, a submetemo-nos aos seus ditames.

Louvemos, portanto, o ato do nosso Supremo Tribunal, que acaba de reconhecer o direito do pátrio poder à mãe natural. Os nossos louvores também a toda mulher que ama os seus filhos e que leva este amor até o sacrifício.

Aracaju, 21-07-1916.

A.X.

Várias Cousas

Liberdade Comercial

Quando deram asas ao sublime Júpiter não foi para que ele se tornasse quedo e nem deixasse de percorrer todos os recantos da estrada da Liberdade.

As peias lançadas pela perseguição do momento não poderão jamais alcançar os desígnios de uma instituição que não envelhece pelo seu progredir. Os fatores que se combinam, momento a momento, que se irmanam para as justas das causas boas, fazem-nos deixar, aos lados da estrada, as estultices dos cérebros enfermos e andar avante como se nada víssemos, como se a poeira dos caminhos não nos esbatesse nas faces que temos abrigadas pela coragem de homens que olham para o futuro.

Não há plano possível para deter os passos do comércio livre, como não há concepção ruim que suporte os avanços do trabalho coletivo.

Porque, então, formular condições unipessoais dentro dos liames de um mundo tão vasto, onde as nossas vistas não se cansam de sumir? Criar ou pretender criar peias para o comércio, dizendo que ele só deverá ser praticado com este ou aquele povo, é dizer apenas do estado doentio de quem assim pensa, seja embora a *sentença* lavrada pelos maiores juízes.

O comércio é livre, senhores, e mal daqueles que procuram circunscrevê-lo à sua raia. Se comerciar é praticar as liberdades armazenadas pela experiência da vida, se o nosso século aí está a

nos apontar todos os caminhos do progresso, manifestados n'um relancear pela aeronave ou submarino, não vemos porque esta ânsia de perder tempo quando o tempo, para nós, é tão precioso.

São estas as considerações que nos acode fazer da “Black List” que, para nós, só pode ter curso pelos jornais, já que o comércio livre não só poderá aceitar como coisa válida.

Propriá

Aqui estamos de jornada para o norte, em procura do velocino, e bem dispostos a matar as saudades de pessoas queridas que nos esperam com ansiedade.

Propriá nos viu há passados anos, quando ainda tínhamos o sangue da mocidade nas veias e quando da estrada férrea, que hoje trafega, nem era justo sonhar.

A cidade é quase a mesma, com os longes que os tempos criam em obediência e pelas imposições do progresso. Novos prédios e novas ruas, feira e comércio estáveis no bairro de Santo Antônio e a locomotiva a silvar pelos flancos da bela *urbs*. Tivemos também a invasão dos *bárbaros*, os cinemas que são dois: um, o “Rio Branco” e o outro o “Guarany”, que não são nem do Alcino e nem do Nogueira, como se conhece na bela Aracaju.

Pelos nomes nos pareceu uma cópia do que se faz por aí; mas em um passeio rápido que realizamos, vimos que melhores coisas se preparam aqui. Para o “Rio Branco”, dão-se as últimas de mão n'um prédio magnífico, construído para o fim e que, certamente, agradará a qualquer *habitué*.

Tão boa foi a impressão que nos causaram a iluminação pública, o matadouro, os açougues e o traje diário.

Quando estas linhas traçávamos, tínhamos a cidade completamente às escuras, a não ser os vagalumes que fulguravam na feira e as faixas luminosas que irrompiam das habitações. Tam-

bém já era muito tarde e o relógio da matriz já havia dado NOVE HORAS da noite, noite alta para quem tem o hábito de se recolher às seis.

Não sabemos se o poder municipal combina com tal economia; mas certo é que a tivemos pelos olhos.

Propriá está fadada a um grande desenvolvimento, tornando-se, no futuro, um entreposto para Aracaju e Bahia, de tudo que diz respeito às forças produtoras do S. Francisco.

O que é preciso é que seus habitantes se convençam desse belo porvir e, desde logo, aparelhem-se para torná-lo breve. Devem começar pelo meio literário, com intuito de reformar os costumes, inculcar o ânimo nas camadas trabalhadoras e infundir as novas ideias de progresso por todos que delas carecem.

Ver Propriá com as canoas que velejam no soberbo S. Francisco, borboletas brancas que distendem as suas asas pela alva planura, é de encher o coração de notas doces e harmoniosas que entusiasma ao brasileiro.

E nós que nestas plagas doces e amenas vimos os primeiros dias da dura vida, enchemo-nos de saudades que vão longe e que dizem do nosso dever para com o mundo inteiro.

Não admiramos e nem interrogamos pelo que vemos nesta zona de felicidades... e que só um ponto final lançamos nestas tiras, envolta com as saudades que levamos nesta curta jornada.

Propriá, 03-08-1916.

A.X.

Os Nossos Mares

Nunca em tempo algum se avaliou que os nossos mares ficassem tão ermos como vemos agora.

A vasta planura, contrastando os desejos de Amputrite, sente-se desolada; e se tivesse voz mais expressiva, seria a primeira a reclamar a tristeza em que a jogaram, à mercê dos fatos que nos infelicitam.

O confortável vapor fere o imenso dorso enfurecido com esta ânsia de alcançar o porto de seu destino. Mas o vapor vai só, nem atrás nem adiante, lobriga-se um companheiro, pois os mares se acham ermos e choram os desatinos do homem da atualidade.

E assim se vão realizando as viagens nesta vasta nesga da costa brasileira! Nem uma vela a lembrar os feitos valorosos dos fenícios...nem um golpe de fumo benfazejo para, mais uma vez, assinalar os esforços do sublime Fulton.

Os mares se acham desertos, dizem bem de um jardim esquecido, cujo arvoredo feneceu com o desamor do homem que cultivara outrora. Os barcos que os singravam, uns se acham internados nos portos, outros afundaram para jamais olharem o sol – que dá vida e força à natureza. E assim o comércio, as indústrias e as artes se viram paralisados. A vida, pesada que já andava, tornou-se mais e mais encarecida.

Faltou navegação como vinha sendo praticada. E o lar do homem trabalhador e honrado entrou para uma crise desesperada, espalhando-se o pavor entre uma população inteira.

Mercadorias existem, que mesmo precisas em assinados pontos, e deixam de ser transportadas por não suportarem os carís-

simos fretes. As companhias de navegação justificam a elevação de suas tabelas aos preços descomunais do carvão, dos víveres e de tudo mais que as aperreiam, e nós, sentindo as agruras deste presente, suportando a sobrecarga que nos amofina, que tenta nos jogar na vala dos enfraquecidos, não arriscamos uma reclamação, porque, enfim, as companhias dizem a verdade.

E nesta labuta horrível em que nos encontramos, para quem devemos apelar? Para nós mesmos, para os esforços que o homem sabe empregar em todas as ocasiões difíceis de sua vida.

Se o carvão está caro, que rasguemos as entranhas da terra para trazê-lo à flor do solo, e ele levará a sua seiva ao interior das oficinas e fará, em marcha útil e cadenciada, o vitorioso êmbolo de outrora.

Depois, quando as nossas forças estiverem restauradas, os nossos filhos bem dirão do nosso trabalho...e os mares agradecidos sorrirão para os paquetes que tapetizarão a sua planura.

No dia em que tivermos cada brasileiro em seu posto, apartes de todas as ruindades que nos cercam, o Brasil será uma terra feliz. De paz, conforto e alegria será a vida para um povo digno.

Façamos, pois, um esforço hercúleo. E quem não estiver trabalhando que o procure fazer. Demo-nos as mãos e combatamos esta preguiça desgraçada que tenta nos arruinar de morte, sem prestar atenção a estes sentimentos tão bons, tão amoráveis que possuímos.

Trabalhemos. E os nossos mares voltarão a ser povoados.

Bordo do "Jaceguay", 17-08-1919.

Estradas de Rodagem

Anuncia-se para o dia 12 de outubro, deste ano, a inauguração, no Rio de Janeiro, do nosso primeiro Congresso de Estradas de Rodagem.

Não é má a ideia, uma vez que se trata de um dos primeiros fatores do progresso dos povos. Nos lugares onde não se esmerilham bem as diversas faces do serviço público, tem-se a intuição que é bastante esta estrada de ferro para a satisfação dos vários, quando aliás, esta, sem as estradas de rodagem, tende a vegetar sobre uma determinada zona, não alcançando nunca o objetivo para que foi criada.

Houve tempo em que, efetivamente, julgou-se que bastavam as estradas de ferro, pois, que estas transportariam, de uma zona à outra, todos os produtos do interior que, de acordo com as necessidades, seriam metidos nos navios e levados às vezes para longínquas terras.

Assim as coisas vinham sendo praticadas até que se reconheceu a imperfeição deste sistema e se tratou, desde logo, em inaugurar uma nova era com um serviço completo de estradas de rodagem. Ao tempo em que a Europa cuidava do assunto, a jovem América se deixava queda, interessando-se apenas em conservar esboroados estes caminhos antigos, abertos mais a pé do homem e das bestas do que pelos instrumentos e máquinas para tal fim fabricados.

Vem, desta falta de concepção, as péssimas estradas que possuímos, que, deixadas aos cuidados das descuidosas municipalidades, servem mais para embargar o passo que para facilitá-lo.

Quem ao menos uma vez realizar uma viagem, mais ou menos, longa pelo nosso país, há de se ufanar por ter escapado de ficar n'um atoleiro, n'um enorme barranco ou n'um pedregulho que, diversas vezes, levou o animal de roldão.

Isto porque, entre nós, são impossíveis as viagens a carro, a não ser que o indivíduo queira se sujeitar a tirar três ou quatro léguas por dia, montando n'uma charrua puxada por bois.

Entretanto, uma reforma poderá se realizar, já pelo poder público, já pelos esforços dos particulares.

Para não deixarmos de citar um exemplo que está a nos ressaltar da pena, dizemos que, nos Estados Unidos do Norte, esta questão vai tomando tal interesse ao ponto de os proprietários se congregarem para resolvê-la, sempre que as municipalidades se sentem fracas para cumprir a sua missão. Assim, os proprietários se reúnem, levantam capitais entre si, constróem as estradas precisas e, depois de tudo pronto, entregam-nas às municipalidades. Estas estatuem os tributos que os mesmos ou outros proprietários terão que pagar, com o intuito de ficar garantida a conservação e, mais ainda, para o resgate dos títulos que eles dividiram entre si e que são sempre a longos prazos, mas que são pagos no final de contas.

Outros sistemas existem, em que os proprietários nada recebem, dando-se por satisfeitos, uma vez que uma estrada má é o pior inimigo do agricultor, enquanto uma bem construída e melhor conservada é o ideal para o homem do campo, como para todos que dela carecem.

É sabido que um caminhão automóvel faz serviço vinte vezes mais que um carro de bois, mas o caminhão precisa de boas estradas e o nosso agricultor não conta com elas.

Tratemos, pois, deste serviço, e daremos mais um passo para o progresso.

Aracaju, 24-08-1916.

A.X.

Jardim Olympio Campos

Em meio aos afazeres que temos atualmente, quase que atravessamos o Jardim Olympio Campos uma e mais vezes por dia, de maneira que estamos a par dos melhoramentos realizados ali, o que registramos com certo desvanecimento.

Agora mesmo, o Sr. Intendente Municipal acaba de ordenar a reforma por completo de todos os canteiros, plantando nova grama e ajeitando tudo ao sabor da época. Com este trabalho, melhor se destacou a beleza daquele logradouro municipal, que por si só já constitue sublime honra para a nossa estética. De maneira que, dia a dia, aquele florestal recanto de nossa *urbs* vai se tornando um lugar atraente, onde a gente pode gozar um pouco de ar livre em troca, muitas vezes, dos afanosos labores aos quais as contingências nos obriga.

É ali, portanto, onde poderemos repousar um pouco, palestrar com as pessoas amigas, sentindo os embates da brisa refrescante, perfumada e cheia de mistérios, que tanto bem nos fazem ao coração.

Isto mais se acentua quando temos uma noite estiva, coberta de um raio de luar do sertão, em desprezo aos globos iluminados pela eletricidade.

Mas isto nem sempre é dado gozar, pois os regulamentos municipais mandam fechar o jardim às 8/9 horas da noite, horas mais próprias em que geralmente se fecham os cinemas e horas também em que o pobre deixa a mesa do café servido em família.

É contra esta norma estabelecida que fazemos certo reparo, e convictos estamos de que a edilidade nos atenderá, mandando o

quanto antes retirar as grades do Jardim Olympio Campos afim de que o povo possa desfrutar a hora que bem entender, seja pelo dia claro, seja pela noite alta, seja ao romper da alva. Temos falado disto muito em particular, com o intuito mesmo de que lá fora não se soubesse que temos aqui um jardim engradado, sistema que, por ser absurdo, já foi abandonado em toda parte onde a civilização se tornou um fato. Desta vez, não resistimos à critica que nos fazem os visitantes da cidade e é justamente por este princípio que viemos incomodar ao Sr. Dr. Intendente, transmitindo à S. S. as queixas e reclamações a que temos assistido.

Este melhoramento é muito fácil de realizar, o que não se dá com um outro que, pelos modos, somos obrigados a apontar. Queremos tratar do calçamento do mesmo jardim, obra que, apesar de dispendiosa, já devia ter sido encetada. Quando algum dia tivermos o Jardim Olympio Campos bem calçado, o povo verá, então, o quanto é belo aquilo – um ninho capaz de guardar as fadas. Uma doce recomendação para todos nós.

Mas não falamos agora do segundo ponto, e só queremos que se retire o quanto antes aqueles gradis, que tão grande mal estão fazendo ao nosso conforto, e que tantos cuidados estão causando à edilidade.

* * *

Quando estas linhas já estavam em via de seguir para o jornal, ocorreu-nos uma ideia que, certamente, nada tem de infeliz e, por isto, daremos de mesmo modo como a concebemos:

– Ponham-se os gradis em leilão e, com o produto, encete-se o calçamento, começando pelas vias principais.

Aracaju, 25-08-1916

A.X.

Pela Arte

Feridos pelas emoções que a arte nos sabe causar, e cheios deste fervor que em nós se abriga, sempre que divulgamos uma necessidade a satisfazer, viemos desta feita traçar umas tantas linhas que, à parte, em boa vontade de servimos bem àqueles que nos leem, outro místico, certamente, nelas não se encontrará.

Acha-se, na terra, uma companhia dramática, cujo elenco se encontram artistas de assinalados méritos e aqui tão conhecidos, que até parece pertencerem ao rol dos que conosco convivem, tantas e tantas são as vezes que tem nos visitado.

Eles são recebidos com risos nos lábios e todos os nossos patrícios se desvanecem para agradar, enchendo o teatro pela melhor maneira que podem. Isto mais admira e agrada, uma vez que os nossos velhos hábitos se achavam quase obliterados com a presteza e celeridade dos cinemas, tornando-nos exigentes pela hora, a tal ponto de julgarmos que depois das 10 já se tornava impossível a presença no teatro.

Assim, estávamos todos a crer; mas nos chegou a companhia Maria Castro e o “Rio Branco” se encheu à cunha.

O público aracajuano compreendeu, portanto, que era chegada mais uma ocasião de se manifestar amante da arte dramática, tão bem cultivada por aqueles que nos visitam no momento.

O povo tem cumprido o seu dever em concorrer para que não feneça a velha árvore que assentou alicerces para o teatro e que tanto tem concorrido para a nossa educação, reformando os hábitos e costumes, prevenindo os crimes, castigando os vícios e premiando a virtude.

Hoje em dia, com a derrocada que vai pelo teatro afora, os governos deverão tomar como auxílio as boas companhias naquilo que suas forças permitirem, a fim de que ele, o teatro, possa resistir a esta quadra de quase desilusões. Assim, para que a seiva dos Camilos, Caetanos e Coquelins não desapareça em nossos tempos.

Ontem assistimos a uma conversa em que se dizia que o nosso governo deveria concorrer com alguma coisa para a atual temporada teatral e não esteve fora de nenhum propósito que lembrou que, este auxílio, podia se manifestar por simples coisas, que em nada feriam os cofres do tesouro.

O auxílio, dizia-se, poderá ser prestado com a presença da música do Corpo de Polícia a todos os espetáculos, porque, assim, tornaria as noites mais festivas e daria maior probabilidade para as boas casas.

Tomamos, portanto, o encargo de pedir isto ao benemérito governo do Estado e ficamos certos de que as nossas razões serão bem aceitas, uma vez que contra elas não hajam empecilhos.

Esperamos.

Aracaju, 30-08-1916

A.X.

Carteira Bancária

Continua a ser necessidade palpitante o estabelecimento de uma carteira bancária nesta praça – fato que, apesar de estar resolvido pelo Banco do Brasil, vai demorando mais do que era de se esperar.

Pelo exposto em telegramas nas datas anteriores, já deveria estar funcionando a dita carteira. Certamente a esta hora já eram conhecidas as vantagens decorrentes desse ato, tanto para o nosso comércio, como para o próprio Banco do Brasil, que, como primeira casa do gênero em nosso país precisa ser representada em todo o território brasileiro.

Estamos certos de que a agência virá, mas, como tudo que tem de ser para Sergipe traz sempre a morosidade em dianteira, o caso vertente está preso a uma delonga que julgamos injustificável – desde quando a ideia foi levantada justamente porque muito se carece desse serviço.

De maneira que são muitas as reclamações que temos ouvido a respeito, não só da parte do pequeno comércio de nossa praça, como ainda de altos vultos comerciais, cujas transações são de valores bem apreciáveis.

Todas as vezes que somos interrogados a respeito, respondemos sempre que a carteira virá, pois, que assim ficou resolvido entre as pessoas de crédito firmado no país, e prontas estão a voltar a carga imediatamente que saibam haver qualquer trabalho contrário a estes interesses, uma vez que se trata de assunto de reais vantagens para todos.

O que desejamos, porém, é que haja maior atividade. Afinal, estamos a braço com uma crise nunca vista, da qual só poderão nos salvar as boas organizações bancárias.

Assim como este jornal muito se interessou para que fosse vencedora a ideia, da mesma maneira tem o dever de falar pela sua praticabilidade, mormente quando se trata de assunto que, pela sua relevância, muito concorrerá para o progresso de todas as classes.

Queremos, com estas linhas, mostrar apenas que estamos confiantes; mas pela soma das necessidades que divulgamos entra as classes trabalhadoras, somos os primeiros a reconhecer que realmente tem havido certa morosidade nas preliminares para a abertura da carteira do Banco do Brasil entre nós.

Ficamos certos de que não seremos tratados de impertinentes, porque, desta forma, nunca se devem tratar aqueles que pugnam pelos interesses gerais, tendo só em vista sermos úteis à comunhão.

Haja, portanto, maior atividade, para que todos fiquem plenamente satisfeitos.

Aracaju, 29-08-1916

Estradas de Rodagem

O que deveria ser feito em Sergipe

Dias atrás generalizamos este assunto para mostrar que não somente no Brasil, mas em toda a América ia se deixando as estradas em lastimável estado de pobreza, recaindo a culpa em todos que pelos governos passam, como também sobre todos aqueles que estão em condições de melhorá-las. Entretanto, não a fazem.

Hoje, porém, particularizamos as nossas palavras a Sergipe, pois vemos que, com certo esforço, alguma coisa se poderia fazer. Então, as nossas comunicações seriam outras e o nosso progresso daria um passo tão avançado quanto fosse o grão do nosso interesse pela causa.

A construção da nossa via férrea nos deixou bem claros os pontos que devem ser atingidos, com certa precisão, pelas estradas de rodagem, afim de que a população de zonas trabalhadoras não se veja a braço com a falta de transporte.

Uma só viagem na *Chemins*, dirá a qualquer um que boas estradas devem ser construídas em Estância, Anapolis, Laranjeiras, Maruim, Riachuelo, Divina Pastora, Dores etc – havendo zonas onde o serviço será facilimo, dependendo apenas de boa vontade dos que por ali vivem, inclusive as municipalidades.

Destacamos, muito de propósito, a trabalhadora cidade de Estância, onde, a par de um comércio desenvolvido, já se contam duas fábricas de tecidos, que precisam de fáceis comunicações para o seu melhor florescimento.

Como é sabido, Estância fica acerca de 29 quilômetros da mais próxima estação da estrada de ferro, cujo trajeto atrasado e tardio se faz sobre terreno nada acidentado.

Não podendo esta cidade ser contemplada nos estudos da viação geral, os estancianos, desde logo, entenderam derimir o mal com a dragagem de sua barra e de seu rio, chegando-se até a levantar algum capital. Depois, porém, a ideia morreu, como o público já sabe, restando apenas uma passageira esperança ou uma triste desilusão.

Assim, pois, Estância tem outro rumo a tomar, este está nas estradas de rodagem, que é a maneira mais prática no momento.

Entra em nossos cálculos a construção de uma via entre Estância e Boquim, tão perfeita quanto suportem as forças dos seus capitalistas, lançando-se mão de uma das fórmulas norte-americanas, quer cem títulos resgatáveis, quer sem eles, pois que se trata de pequeno capital.

Os proprietários deverão compreender que a soma de benefícios terão os seus produtor garantidos pelo rápido transporte e apreços mais baixos do que atualmente.

Pronta a estrada, em uns lugares macadamizada e em outros de simples terra batida, uma pequena empresa de transporte se formará para o serviço de automoveis para passageiros e caminhões para carga, podendo quem quer que seja possuir carros particulares.

Hoje se pode adquirir estes carros, de modelos americanos, por cerca de 5:500\$500 cada um, entregues no Rio, que nós podemos até indicar a casa que os fornece, pois temos aqui representantes especialistas.

Tudo que dissemos para Estância se pode aplicar a Annapolis, centro de muito trabalho e sujeito a um meio de transporte atrasadíssimo.

Esta cidade fica a dez léguas da estação mais próxima, mas nem por isto deve ficar segregada do mundo.

O que é preciso é que se tome coragem e se compreenda que o dinheiro ficou para estas coisas e não para estar oculto da luz solar, como, infelizmente, alguns dos nossos patrícios ainda julgam.

Aracaju, 09-09-1916.

A.X.

Nem com tanta sede...

Não concordamos em nada com o que foi publicado na edição de 5 do corrente, nesta folha, transcrito “A Rua” e assinado por Medeiros e Albuquerque.

O caso da bomba introduzida em um vapor inglês, em carga da Bahia, representa, para nós, um grande atentado contra a segurança individual, todavia, condenável fruto da época que tantas desgraças tem causado a todo orbe.

Não sabemos porque entraria em conflito o Estado da Bahia com uma nação estrangeira, quando, pela nossa Constituição, só a União pode representar tal papel perante o mundo, como cabeça responsável pelo serviço exterior.

É hermenêutica errônea essa de se elastecerem os deveres e os direitos do Estado a ponto de receberem estas intimações da parte de poderes estrangeiros, em casos tais como o da bomba embarcada em navio inglês e que, para felicidade dos passageiros, não produziu os efeitos desejados pela mão criminosa que preparou.

Medeiros e Albuquerque deixa bem patente que o governo da Bahia teria responsabilidade sobre o caso. Mas, nós, por mais que rebusquemos na memória, não encontramos meios pelos quais as autoridades desta ou daquela região possam evitar tais atentados. O nosso grande patrício comparou o fato ao de uma rua onde alguém se desse ao prazer de colocar, nos bolsos dos transeuntes, bombas explosivas e que estas surtisses efeito em “zona” distante.

Não há dúvida de que o comparativo foi de alta felicidade para os créditos literários de Medeiros; mas também não poderemos negar a grande distância que há para se fiscalizar um e outro caso.

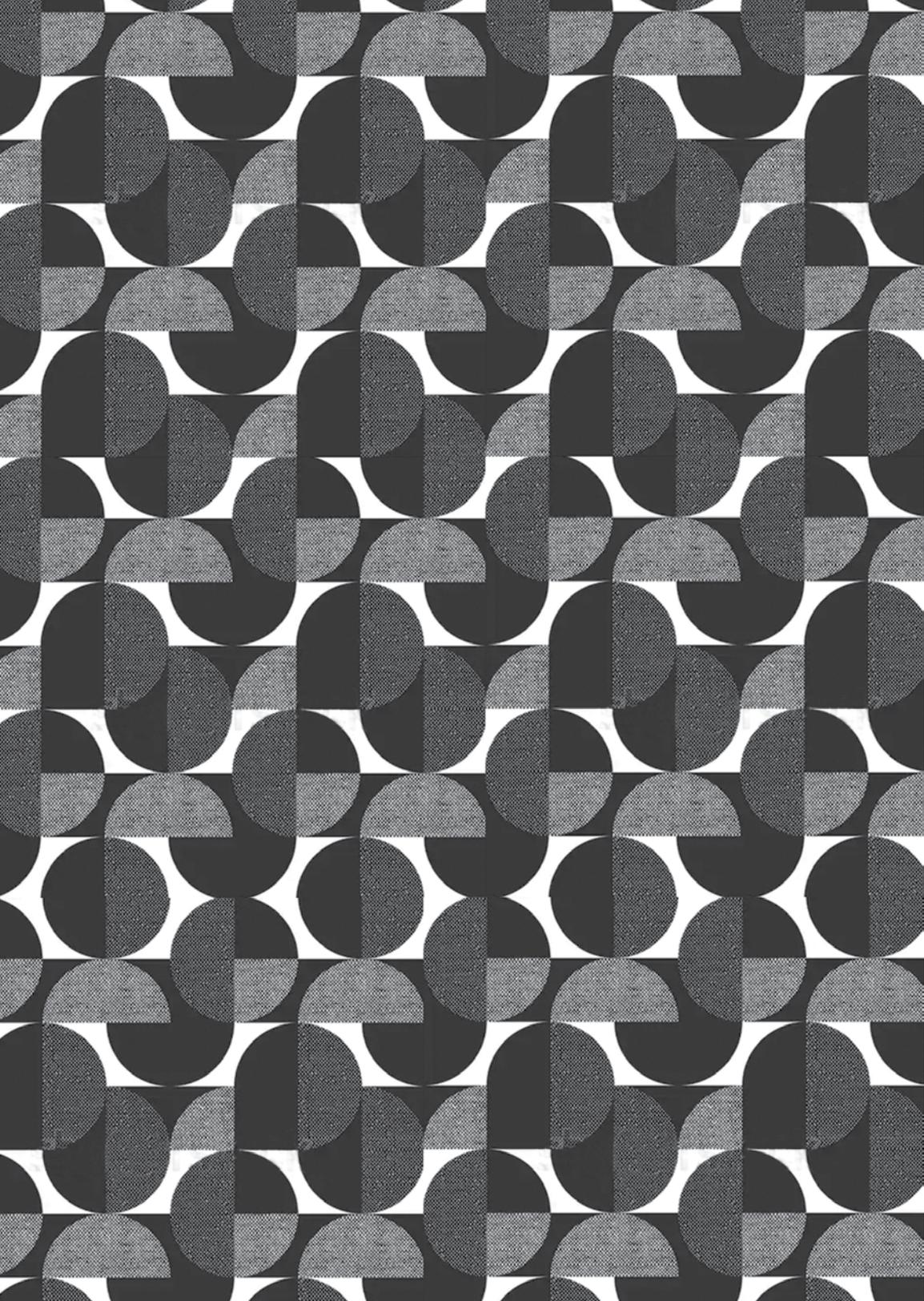
Aqui é mão criminosa que introduz coisa mortífera no “bolso” de um ser vivo que pensa e que sente, e ali é o despeito político que prepara máquina infernal com todos os recursos da ciência, que a introduz entre mercadorias que vão ser despachadas regularmente e que levam até o *placê* do respectivo consulado. Ou a causa deve ser compreendida assim ou nós já perdemos toda noção que julgávamos ter.

Sabemos o quanto de responsabilidades nos assiste, na hora atual, perante às nações estrangeiras e, por isto mesmo, é que devemos ver todas as forças da Nação congregadas para o único fim de elevar os nossos créditos morais e materiais, deixando-se para outros tempos as reminiscências das grandes honrarias com que fomos recebidos neste ou naquele país.

Em nossa pátria não deve haver outro interesse que não seja o brasileiro e este bem acatado nas justas do nosso progresso e do nosso bem-estar.

Aracaju, 07-12-1916

1917



Forças Destrutivas Forças Construtivas

Formam o pivô da atualidade estes dois elementos que interessam no momento: o velho e o novo mundo.

Houve época em que todos os povos se esforçavam para construir em prol da coletividade, cada qual aperfeiçoando as suas aptidões ao mesmo tempo que se sulgava o solo para enterrar bem fundo as ervas que não davam fruto. Depois, a vaidade veio superando todos os bons esforços até que, um dia, ouviu-se reboar, no mundo inteiro, o grito estertorante da negra guerra. Tão má e tão desumana que, três anos já passados, ninguém quer lhe tomar a feia paternidade.

A civilização conquanto seja um bem para os povos, todavia, criou para a velha Europa uma etapa de dores e martírios, porque o super-homem de além não cuidou de decepar um péssimo sentimento que vinha minando a sua organização.

Os *argonautas* circunscreviam o mundo à pequena faixa de terra que ocupavam e mal daqueles que morejavam em outros hemisférios, porque só de motejos ou de escárnio eram divulgadas as suas figuras.

Séculos e séculos de bonançosas primaveras, academias abarrotadas de seres sequiosos de saber, campos e mares cobertos de átomos concorrentes para um progresso grandioso; tudo em dado momento cedeu o passo a esta força destrutiva que bate catedrais como sangra criancinhas nos próprios braços de mães aflitas.

A Babel de outrora também teve duas fases bem características: uma de crescer, crescer ameaçando as próprias nuvens; ou-

tra de diminuir de tamanho, de grandeza, de fulgor. Dizem que quem governa o mundo não consente que o homem saia da taia que lhe foi confiada. Que as mentalidades se arroguem a voos dumonianos; mas que vejam, nos semelhantes de além, seres capazes de seus empreendimentos.

Não foi assim que compreendeu a velha Europa, e do seu orgulho fez argamassa para a própria sepultura. Cérebros doentios e que não veem o surgimento de uma nova civilização. Ou, por outra, de uma nova força construtiva.

O quadro está bem à face de quem o mira: enquanto ali se procura destruir, por todos os modos, tudo que se erigiu com esforço de mentalidade; aqui, na jovem e “barbarizada” América, trabalha para construir não só para nós como para aqueles que preferiam se jogar no abismo a ter que ceder um pouquinho do seu orgulho.

Pena é que, para exercer este sérvio, sejamos forçados a nos privar de elementos subsistentes ao ponto tal de criarmos para nós próprios um estágio de verdadeira aflição.

Como americanos e como COMPETENTES, como brasileiros e como HUMANOS devemos mirar bem estas duas forças, construindo para nós, para os nossos filhos e para a coletividade.

Ai daqueles que não sabem ou não querem trabalhar, porque não tomarão parte do banquete da consciência. Tanto vale o escultor que talha o duro mármore, como o rude obreiro que aguça o ferro para lhe diminuir o esforço e levar maior beleza à sua obra.

Cada homem deve saber, no momento, o que está fazendo. Não importa que esteja coligindo as melhores regras do direito, lapidando as mais raras pedras preciosas ou cavando a terra para fazer brotar semente que nos vivifica.

O que é preciso é construir. Construir com segurança e com acerto.

Aracaju, 15-08-1917.

A.X.

Leiga Opinião

(Qualificação eleitoral)

Nos últimos dias, temos aberto os ouvidos às certas questões político-sociais e não erramos afirmando que anda um ror de mal-entendido no atinente à qualificação de eleitores pelo interior de nosso Estado.

Juízes cumpridores de seus deveres jurídicos têm impedido, de alguma maneira, que cresça na medida que deve ter o número de eleitores. Isto porque querem levar a lei a princípios que, jamais, o legislador sonhou.

Por mais que os competentes expliquem o texto da citada lei, nós só queremos dela assumí-la, mesmo porque as boas regras de direito não olham para uns tantos cochilos que a pena dá. Tínhamos uma classe eleitoral formada pela simples regra – saber ler e escrever – e daí a pouca aptidão para julgar do merecimento dos candidatos, além do prejuízo bem conhecido de em alguns departamentos da República formar-se eleitorado clandestino, incluindo-se nas listas entidades que nunca nasceram, ou que nasceram mas já se haviam finado.

A nova lei quer, portanto, evitar este mal e, assim, exige provas de identidade, maioria e capacidade. Ora, está bem entendido que a citada lei procurou evitar que, no seio do eleitorado brasileiro, sejam encontrados analfabetos, mendigos, ladrões ou malfeitores afim de que esta corporação saiba se apresentar quando haja míster.

Mas existe um ponto que está entrvando muito este serviço, que é a prova de renda – renda que, aliás, o legislador não estipulou o quanto.

Imagine-se que A é pequeno lavrador, sabe ler e escrever menos mal, vive honestamente nos seus matos com mulher e filhos, vindo periodicamente às feiras vender o produto de suas lavras. Pelo exposto, compreende-se logo que A se encontra em condições de ser eleitor; mas por aí existem juízes que exigem que ele prove a renda que dispõe.

Como o único imposto que A paga é o de miunças, visto que que o regimento da propriedade agrícola não está regulado e nem entrega recibos das contribuições que faz, sucede que, ao bom cidadão, faltam elementos para provar que não é mendigo e, por isto, não poderá ser qualificado. Para dar outras provas, ele não encontrará maior embaraço como todos compreendem.

Entendemos, entretanto, que, com as autoridades policiais e municipais, tudo se arranjará mediante certidões e atestados; mas que os juízes as exijam em termos, fiscalizando tudo afim de que se faça trabalho limpo e escoimado dos vícios costumeiros.

Por que não pode valer um atestado em que o Intendente Municipal afirma que A é contribuinte do Município, embora seja com impostos ocasionais? Que exijam, portanto, provas de identidade, maioridade e idoneidade.

Aracaju, 18-08-1917.

A.X.

Fatos que Falam

“Desde que me dediquei à política da nossa terra, tomei como lema, imposição do meu dever; harmonizar os sergipanos em uma família, fazê-los todos cooperantes para o mesmo fim, o engrandecimento do nosso pequeno Estado.”

(General Valladão).

Não tivemos a menor intenção de procurar, na mensagem atual do Exmo. Sr. General Oliveira Valladão, capítulo que nos servisse de tese para o artigo de imprensa. O que acima copiamos nada mais demonstra que um espírito ferido por palavras desapaixonadas e boas, nascidas de um homem másculo, que, além da sua virilidade, conta com a experiência dos tempos e com a melhor das boas vontades de bem servir aos que, em si, tudo confiam.

Somos por índole desataviados de surtos de retórica para dizer bem do bem que nos faz, como prontos e decididos para apontar os erros onde quer que eles existam. Se andamos mal, que perdoem não a nós, mas a esta força impulsiva que em nós sentimos, deixando que o homem simples e desinteressado siga a “tortuosa” trilha que lhe foi traçada.

Não somos novos na vida das gazetas e, se muitas vezes paramos afazeres de ordem particular para defender causas do sistema coletivo, é bem razoável que venhamos hoje ao encontro daquele que prova a sua boa vontade com os grandes fatos que o caracterizam.

Ele ainda não se prestou uma só vez à baixa política de camarilha, impondo-se sempre e sempre aos seus governados, não com a força que o alto cargo lhe dá, mas com a masculinidade que sabe perdoar os fracos de espírito, ao tempo que impõe a justiça aos que praticam o erro por deleite ou por se julgarem superiores aos poderes constituídos.

Esta unificação de ideias pela qual S.Ex se tem abatido é o maior padrão de glória que enflora à sua frente, não destoando nada dos virentes louros, que com a espada conquistou em outros campos, em outras pelejas, em outras eras.

Foi com esta visão dos tempos que o grande brasileiro conseguiu reunir, em redor de si, as melhores forças dos partidos sergipanos, embora existam átomos que não colaborem com S.EX., mas que não duvidamos que tomem parte no grande *desideratum*, pois que se trata da felicidade comum.

Palavras tomadas ao acaso, escritas com essa desenvoltura que só acompanha aqueles que sabem ser justos a si mesmos, que se fizeram RESPEITÁVEIS para serem RESPEITADOS, nós, que apenas nos apresentamos como espectadores da imensa plateia sergipana, não podemos deixar de as assinalar como vozes que exprimem fatos concludentes. Por isto, felicitamos primeiro a Sergipe para depois voltar às nossas vênias ao grande vulto que nos governa.

Não duvidamos que S. Ex. proseguirá no áureo caminho encetado. E certo, bem certo, o seu grande gesto será imitado.

Aracaju, 24-09-1917.

A.X.

Interesses Agrícolas

Influência dos Postos Zootécnicos na Formação das Raças

Nova era de paz e prosperidade se inaugurou no mundo com a formação do primeiro destes estabelecimentos, fábricas de indivíduos vivos em concorrência com as grandes de produtos manufaturados.

Antes que existissem os postos zootécnicos nada se podia fazer com retidão no tocante ao aperfeiçoamento das várias raças de animais conhecidas, ficando cada país com os seus exemplares ora raquíticos, ora mal-acabados.

É verdade que existem raças que se aperfeiçoaram dentro dos seus próprios elementos, mas recebendo em ordem, e com toda a parcimônia, os influxos do homem. Nem todas, porém, tiveram a felicidade do boi de Jercey e Guercey, que intermuros recebeu este aperfeiçoamento com que se ostenta hoje as melhores raças leiteiras. Para isto, foi preciso se conseguir, porém, que as duas famosas ilhas se constituíssem em especiais postos zootécnicos. Um decreto oficial vedava a entrada, naquelas ilhas, de outros gados que não fossem os seus próprios até que as duas raças alcançassem os desígnios para que estavam sendo criadas.

Foi assim que vimos a bela Jercey bater o *record* na qualidade do leite, sendo que em quantidade não ficou muito aquém das melhores conhecidas. Em concurso realizado com todo cuidado, ficou demonstrado que estas vacas garantiam a média de 35 por mil na riqueza de seu leite, enquanto que a Suíça só atingia a 30

gramas de manteiga por litro, e a chamada Turina descia a 25. Veio daí a se espalhar o gado inglês pelo mundo civilizado – dando ele, muitas vezes, origem a outras raças.

Estes “postos”, porém, só foram possíveis devido à posição geográfica de ditas ilhas e à felicidade de se encontrar nelas o material preciso para o aperfeiçoamento. Nos demais países, o homem tem feito as suas reservas com as portas fechadas, só permitindo que se abram de acordo com as leis e regulamentos.

Os postos zootécnicos são verdadeiros viveiros de onde vão saindo tipos para os diversos fins: carne, leite, tração, corrida, lã e reprodução. Só eles podem conservar puras raças bovinas como a Hereford, a Limousin, a Suíssa, a Duran, a Jercey, a Guercey, a Ayrshire, a Zebú e nossas não menos famosas Franqueira e Caracú. Todas as vezes que falamos em bovinos não esquecemos que, na exposição de Uberaba, foi o boi *Brasil*, de raça Caracú, que bateu o *record* do peso, em luta com o enorme *Cacique*, uma montanha viva, de raça Indiana.

São ainda eles que oferecem, para o nosso gozo, os simpáticos e atraentes ovinos como o Merins, o Rambouillet, o Escurial, o Larzae, o Cheviot, o Dishley, o Lincoln e muitos outros. Assim como os caprinos Brunoy, Maltez, Angoras, Tibetano e a extraordinária cabra Nubiana Zaraiba, cujo tamanho é superior a um metro, orelhas que atingem 40 centímetros e tetas que produzem de 5 a 6 litros de leite diários. Nesta lista, seguem também os asininos bem representados hoje pelo barro andaluz, o protótipo de beleza e força.

Assim, todos os animais domésticos recebem, nos respectivos postos, os tratamentos indispensáveis aos seus fins, conservando-se as raças tão puras quanto elas exigem ou se as selecionando com os indivíduos do país – onde muitas vezes nascem tipos tão aproveitáveis quanto os que lhe deram origem, e outras, indivíduos superiores.

O puro sangue inglês teve sua origem no cavalo árabe, importado do Egito; na formação do Poland China, admirável produto

americano, circula o sangue do Berkshire, do Yorkshire e do porco chinês, que, apesar de pequeno, já vinha sendo aperfeiçoado há milhares de anos. Também há quem assegura que, na formação dessa massa de gordura, entraram os elementos do porco napolitano, por ser entre as antigas raças a que mais facilmente engordava. É o caso de lembrar que o nosso Canastrão precisa apenas de forças que o levantem do solo, conservando, porém, a sua gordura, como tem sucedido a outras raças aperfeiçoadas.

* * *

Ficam aí, em ligeiras linhas, os serviços que prestam os postos zootécnicos, que estão a reclamar em maior número no país, afim de que o leite, a carne, o tocinho e a banha, as peles, as lãs e as crinas não sejam tão caras como ora se vê.

Para a felicidade de Sergipe, temos um governo que soube prestar ouvidos a esse assunto, sendo que já funciona o Posto zootécnico da Ibura, cerca de 12 quilômetros desta cidade, no município de Socorro.

O que é preciso é que os interessados o procurem em regra, com o intuito de que seja melhor compreendido o grande serviço que acaba de prestar a Sergipe, o governo do Exmo. Sr. General Oliveira Valadão.

Até logo.

Aracaju, 08-10-1917.

E a Política?

Vai bem, por todas as faces que se queira encará-la, não vale que os menos calmos estejam a indagar de assuntos reservados aos grandes momentos. Diz o adágio que “o que tem de ser traz muita força”, próloquio que se desenvolve de várias maneiras, mas que, no final de contas, nunca exprime mais de um sentido.

Não temos o dom de esclarecer pontos reservados às altas questões político-sociais, primeiro porque não fazemos visitas e conferências aos altos personagens do nosso meio, segundo porque deixamos ao pitonismo à clarividente, força que devassa os fatos antes do seu tempo. Se aparecer alguma coisa de novo, melhor para nós e também para os leitores, porque quando nada ficara justificando mais uma vez “que a variedade deleita”. Ademais, quem estiver com o espírito cansado pela força do *tudo querer saber*, que leia as páginas de Salomão, e verá que não há nada de novo sobre a terra – o que hoje há, já existiu em outras eras e se prepara para *haver* no futuro.

Reparem que não escrevemos nada em tom de “novidade”. Apreciamos os fatos como eles se passam e dizemos, do bem ou mal, na medida de seus merecimentos.

Também de nada sabemos que mereça as honras de uma admiração. Aqueles que “podem” devassar os arcanos são bem felizes, quando nada sejam, porque estão bem certos de sua felicidade. Ah, se tivéssemos o poder criador de muita gente!

Fala-se em candidaturas em monte... de futuras brigas entre personagens que só têm motivos para continuar unidos... receia-se de que a dedicação seja premiada na medida que merece.

Tudo tem sua lógica; mas a lógica da “imprensa do Rio” está errada, pois que tudo por aqui vai muito bem, em harmonia tal qual afirmamos nas últimas linhas que publicamos. Talvez alguém não julgue assim, porque só nos referimos às forças aproveitáveis, já que as demais trazem por atavismo a marca da inanição. Nós também poderíamos criar, como a “imprensa do Rio”, uma chusma de candidatos “certos” aos mais altos cargos do Estado, pois conhecemos um ror de pessoas que estão à altura de desempenhá-los. Mas de que serviria à nossa criação sem beneplácido do órgão aparelhado para tudo pôr em linha? Por certo, as nossas palavras correriam aos ventos e os ventos levariam as nossas palavras.

Melhor, portanto, será esperar; mas esperar com paciência, pois que a coisa não será já. Mosca impertinente acaba de não zoar aos ouvidos, que só em janeiro teremos *tempo claro e seara para expor ao sol*.

É muito tardar, não acham? Mas é ter paciência, pois, desta maneira, foi que se salvou Job.

E as “novidades” criadas e por criar? Aguardarão oportunidade, uma vez que até ver não é tarde.

Aracaju, 17-10-1917.

A.X.

Ideal Cumprido

Assim como o ideal dos que não trabalham é ter uma vida exonerada de compromissos e rendilhada de coisas vãs, da mesma maneira aqueles que se dão ao penoso ofício de produzir, para a coletividade, só se julgam bem quando em meio da labuta que os mais diversos casos criam. É o obreiro que, de tez suarenta e os músculos enrijados pelo esforço cotidiano, sente-se cada vez mais inclinado a transformar o rude metal em obra maleável, que não só agrada à sua pessoa como à comunhão universal.

Nas coisas santas, julgam-se tão penoso o trabalho de unificar as ideias entre os homens que se criou um pastoriado para o sacerdote, ao mesmo tempo que um rebanho para os que seguem por um só caminho. Assim, diz que com doçura e melifluidade que as boas ovelhas seguem ao bom pastor.

Há na vida diária, de todos os povos, fatos que nos estão a provar que o homem não é tão mau como se o tinha. A docilidade apresentada pelos seres está sempre na razão direta da força que os dirige, de modo que, muitas vezes, a multidão infrene e desregrada se rende à calma e, estancada, ante a palavra fulgurante e boa de alguém que leva a visão mais ampla e desenvolvida.

Nem tudo nos chega pelo acaso, pois, se assim fosse, há muito que teríamos perdido a faculdade de idealizar, o que não será admissível enquanto em nós sentirmos laivos de raciocínio.

Entre todos os ideias, um se encontra e deve ser cultuado com parcimônia e livre das peias do otimismo. Este sentimento,

muitas vezes, cria o exclusivismo, tara que acompanha a todo indivíduo que traz a missão de esfacelar as boas organizações em vez de se esforçar pela sua maior concretização. Queremos falar do ideal político, uma vez que se ele não existisse todo edifício social ruiria por terra, dando lugar ao império da anarquia em detrimento do bem da pátria.

Queremos dizer, portanto, que quem pratica o bem político é porque armazenou ideias para ele. Portanto, na trajetória desta ou daquela alta função, outra coisa não poderia fazer se não agradar aos seus jurisdicionados, ao mesmo tempo que a máquina do Estado desliza em sentido progressivo.

* * *

São estas considerações que nos ficam, após a leitura das várias felicitações que surgem em apoio à mensagem atual do Exmo. Sr. General Oliveira Valadão. Documento que não só exprime a vida econômica do Estado, como também a firme vontade que o mesmo trouxe de praticar o bem.

O ideal político de S. Ex. era e é ideal criador. Ideal que funde as melhores ideias a uma só convicção partidária, sobre a qual o seu forte espírito adeja plácida e serenamente. Ao homem de partido, não conhecemos maior glória e nem maior prazer do que ver o seu ideal cumprido – seus jurisdicionados em mar de amplo contentamento, sua terra com todas as reformas que o progresso exige.

Eis a política de “Paz e Concordância”, apregoada em outro tempo nas colunas do *Correio de Aracaju*, e que se os bons frutos deram naquela época, hoje, mais que n’outras, está a mostrar a sua praticabilidade. Nesta política, corroborou outro espírito que deixa de aparecer nestas linhas em virtude da unidade de vistas sempre reinante. Mesmo porque já é grande a glória que nos marca o cunho da solidariedade e do respeito pela causa que abraçamos.

As batalhas são ganhas pelos comandantes das tropas. Aos seus imediatos, ficam as faculdades da sucessão ou o desempenho das comissões mais em destaque.

É o nosso modo de pensar... é o que o povo sergipano pode sentir.

Aracaju, 14-10-1917.

A.X.

Suntuosidade de São Paulo com vistas aos Poderes Municipais

Continuadamente ouvimos referências honrosas aos grandes melhoramentos materiais da formosa capital de S. Paulo, que, não há dúvida, tem progredido vertiginosamente de uns 40 anos a esta parte.

Nenhuma outra cidade do Brasil tem melhor caracterizado o espírito da raça latina como S. Paulo, o que não é para se admirar em virtude da sua grande colônia italiana, que bem lhe trouxe o maior gosto pelas coisas artísticas. Todavia, injetou, nas suas veias, os saltos sempre condenados pelas suas forças vivas da natureza.

Em dias de janeiro findo, conversávamos com distinto sergipano que passou em S. Paulo cerca de 40 anos. Este acentuava sempre que, quando alí passou, “aquilo” era uma tapera. Mencionava também as estradas, os matagais e os paus daqueles tempos transformados, hoje, em belas avenidas, parques lindíssimos e tudo quanto a mão do homem pode produzir. E acrescentava o bom e velho: hoje é cidade de meio milhão, com todos os melhoramentos que uma tão densa população deve possuir.

Na verdade, seria simplesmente delicioso e agradável mesmo contemplar a rápida transformação por qual passou a essa *urb*, - se como brasileiros não tivéssemos que prestar atenção a outros departamentos de onde nascem as iniciativas administrativas. Não queremos negar a competência dos homens que tem admi-

nistrado S. Paulo, pois os seus títulos são mais de honra para estes que de menosprezo de nossa parte.

Mas há um fato que está a confundir os que se dão a simples leitura de finanças, e este nos diz, sem reбуço, o prefeito da capital paulista nas incisivas linhas que seguem:

“a dívida passiva do Município montava, em fins de Setembro de 1916, a 52.987:257\$000, ou mais de 405:000\$000 que em igual data de 1915. O serviço de amortização e juros dessa dívida acarreta uma despesa anual de 5.058:000\$000, ao passo que a receita arrecadada produziu apenas 9.746:255\$905, tendo o exercício de 1916, devido a isso, sido encerrado com um *deficit* de 3.572:227\$108.”

Vê-se, portanto, que o atual passivo da formosa capital de S. Paulo deve subir cerca de 56.559:484\$000, quase seis vezes a sua receita de 1916, com o maior gravame de que o serviço de juros e amortizações representa mais de metade de sua receita anual.

Bem se poderá compreender os vexames que andam pelos departamentos dessa Municipalidade, que poderia estar melhor se reservasse os melhoramentos mais suntuosos para quando os seus caixas pudessem realizá-los. Não somos contrários aos empréstimos públicos ou particulares, pois que estes representam bem a grande instituição do crédito. Mas na medida que certos Estados e Municipalidades têm contraído só podem ser funestos. É verdade que poucos são os casos em que um poder público se veja forçado à falência; embora enquanto isto se procura evitar pelos diversos meios conhecidos, a classe do funcionalismo, e outras, curtem as amarguras advindas dos erros administrativos.

É verdade também que, sem os melhoramentos, nenhuma localidade poderá progredir. Assim como o bom administrador deve

compreender que os próprios logradouros, – tais como as pontes, as estradas, os jardins, as calçadas etc –, cujo capital parece ficar estático, concorrem em boa medida para as receitas municipais.

Não falamos nos serviços destinados a produzir receita, como mercados, açougues, matadouros, água etc, que também são feitos na medida das necessidades da população de cada cidade.

Não queremos crer que S. Paulo não tivesse visto, há mais tempo, que era bem perigosa a empresa em que se metia. S. Paulo deveria compreender também que pensar em rivalizar Paris, Londres ou Viena, em poucos anos de trabalho, seria cometimento pesado, uma vez que o asfalto que se deve ao estrangeiro e que não se pode pagar perde o seu brilho, quando não seja para os transeuntes descuidosos e falsos de patriotismo, ao menos para os administradores que se esforçam por cumprir deveres.

* * *

Vale bem mais a pena ser pobre como a Municipalidade de Aracaju, que, se não tem os fulgores de muitas de suas irmãs de além terras, todavia, não tem débitos em atrasos em poder de estrangeiros que, muitas vezes, não são amigos do Brasil e que só nos emprestam o dinheiro porque precisam de uns tantos arranjos. E mais, as belas avenidas e jardins para o seu deleite, de partilha com nacionais fofos de ideias no tocante a tudo que diz respeito ao cumprimento de deveres.

Como brasileiros, sentimos deveras que a simpática capital paulista se veja em tamanhas aperturas, se bem que não deixamos de acreditar que o café mais uma vez produza milagre.

Aracaju, 22-10-1917.

A.X.

Entre Dois Fogos

A nossa posição de defesa

Falando-se de guerra não desconhecemos a soma de sacrifícios que o nosso país precisará fazer para enfrentá-la na medida dos progressos que se tem realizado durante esse período de quarenta e sete anos, desde que foi finda a contenda do Paraguai. Entretanto, como estamos bem certos que nada se faz de utilidade prática, sem o dispendio de forças individuais ou coletivas, achamos bem razoável que a geração brasileira do presente não queira negar o seu concurso para que se refaçam os baluartes de que tanto está carecendo o nosso adorado país – senão pela soberba e “faceirice” caracterizadas em mais de um povo que conhecemos, porém, para rebustecer este civismo que implanta, em nós, o formoso sol equatorial.

Louvando-nos, nas palavras do benemérito dr. Wenceslau Braz, não há como illudir a situação em que nos encontramos, que se não é de uma guerra com todos os refulhos de uma tempestade de granadas é, ao menos, para uma preparação conscienciosa e sem essa desilusão que lemos nas faces daqueles, civis e militares, que se divorciam das boas normas pelo fato de reconhecerem um trabalho penoso à reforma de tudo que diz respeito ao assunto.

Os últimos fatos provam a capacidade assimilativa que possuímos para nos colocarmos à altura de coisas do progresso, apresentando-nos sempre muito bem em qualquer departamento do saber humano, uma vez que não nos tenham faltado as primícias para os feitos que se queiram conseguir.

Na questão militar, pensamos que as provas a que se tem submetido parte dos moços brasileiros são bastantes para provar o alto grau intuitivo que nos acompanha, podendo-se mesmo dizer que nada devemos invejar ao estrangeiro mais destro que o número de forças vivas, bem como material para as impulsionar. As várias formaturas e manobras dos últimos dias vão dizendo cabalmente que a mocidade civil não tem nenhum horror aos quartéis. Antes se adaptam aos mesmos com a marcialidade exigida, a ponto de se confundirem com aqueles que fazem das armas a sua carreira.

Não vemos, portanto, razão para nos entristecer perante às dificuldades do momento, que se bem não possam ser vencidas de um só hausto, todavia, desaparecerão em face de um trabalho metuculoso e constante. Povo que viveu descuidado, como nós, durante tantos anos, desde os últimos tempos do Império até as duas primeiras décadas da República, nada tendo e também nada procurando ter, não se poderá queixar, em absoluto, diante das reformas aproveitáveis que já hoje possuímos – como os fatos poderão provar quando olharmos, sem o caturriso, as coisas que só a nós pertencem.

O dizer constante que vizinhos, e outros povos mais além, encontram-se em melhores condições combatíveis do que nós, nações muitas vezes que lutam com iguais ou maiores dificuldades que conhecemos por aqui, é doença que deve ser curada com boa dose de bom senso, já que o patriotismo ainda não lhes pôde completar a evolução.

Os alarmados que procurem conhecer, com calma, o estado bélico do Brasil e facilmente se convencerão de que ainda não perdemos a hegemonia na América do Sul. Mais ainda que em poucos anos, se não falharem os planos atuais, teremos melhor colocação entre as potências mundiais. É bem verdade que não temos ainda grandes coisas, mas é verdade também que, pelo número e tonelagem, pode-se avaliar as forças nos mares, não

será por aí que se possa desdenhar do nosso esforço, pois que este é de poucos anos a esta parte. Se com maior número de quarenta unidades e com cerca de 82.000 toneladas, sendo a sua maioria material novo, provido dos mais recentes melhoramentos, bem sortido, como diríamos se falássemos de comércio, não pudéssemos fazer parar os arroubos dissidentes de uns tantos que remam em não nos consentir no primeiro lugar. Então, não sabemos como haveria de ser nessa “peleja” tão efêmera quanto os livros que as contêm.

Falta-nos capacidade para comando? Que a experimentem aqueles que duvidam dela. Nem todos são Cerveras diante de Tompsons modernos e, tocados os clarins, as saudades produzidas pelas reformas, talvez, despertasse n’um momento.

Voltando ao início destas linhas, asseguramos aos alarmados que se não somos uma potência para ir buscar conquistas além mares, somos, porém, bastante fortes para garantir aquilo que a Constituição nos exige: um povo que saiba se defender. O nosso dever está, pois, na orla azulada deste imenso país.

Aracaju, 28-10-1917.

Frota Mercante Nacional

Em fins do ano passado, a nossa frota mercante constava de 169 vapores marítimos com 297.800 toneladas de registro, bem como de 100 vapores fluviais, cuja tonelagem não era bem sabida.

O Lloyd Brasileiro era representado por 3 vapores, arqueando 130.217 toneladas; a Companhia Comércio e Navegação com 19 vapores e 50.000 toneladas; a Companhia Nacional de Navegação Costeira com 23 navios e 31.480 toneladas; a Empresa de Navegação Baiana com 15 vapores e 8.000 toneladas; a Companhia de Navegação S. João da Barra com 6 vapores e 3.270 toneladas; a Companhia Nacional de Vapores do Maranhão com 5 vapores e 3.600 toneladas.

Das empresas fluviais, a maior era a Amazon River Steam Navigation Company, que possuía 40 vapores com 24.000 toneladas.

Hoje, como se sabe, a nossa frota mercante está aumentada de tão pequena tonelagem que, se estivesse pronta e pudessemos empregá-la sem os receios e dificuldades do momento, teríamos vencido boa parte do caminho que nos foi destinado. Como nação produtora e possuidora de grande extensão marítima, precisamos levar os nossos produtos aonde quer que os procurem, não importando as distâncias a transpor e nem os mares a navegar.

Se não temos, hoje, necessidades no Pacífico ou no Mar da China, não quer dizer que amanhã não possamos ter, realizando o intercâmbio de tudo que melhor convir aos nossos interesses.

Além disto, nada mais civilizador, e de maiores proventos para uma nação, do que a remessa de suas naus pesadas dos seus próprios produtos e marinhas pelos seus próprios filhos.

Todas as vezes que “largam ferro” em um porto estrangeiro, o navio fala de sua nacionalidade com tamanho vigor, com tamanha acuidade de uma pátria de esforço e trabalho, que a ninguém é lícito duvidar de sua vitória, ganha a custo de mil e um sacrifícios.

Por estes motivos é que os nossos navios estão seguindo para outras pátrias, para outros hemisférios, para outros povos. Se não regressam, que pena para nós, mas ao menos que deixem fenecer a mais bela flor de sua vitalidade à falta desta coragem que nos apontou o Criador. Não foi ocultando que os espartanos impuseram a consideração do mundo.

“Ou morre o homem na lida
Feliz, coberto de glória,
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hino de uma vitória”

Não era bem este o seguimento que tínhamos de dar a estas linhas que nos saltaram de acordo com o espírito da época.

Queremos dizer que a nossa marinha mercante ainda atravessa o primeiro período de formação e só com o nosso esforço poderá ser grande um dia. Já hoje não é dado esperar pelos serviços dos armadores estrangeiros. Nós, de experiência em experiência, com acúmulo de esforço e vontade, teremos que extrair da terra todos os os materiais precisos para a nossa frota, que será tão grande, quão grande for a nossa diligência.

A própria navegação interior sofre, no momento, as vicissitudes de uma crise sem exemplo da União Americana, que bate cavilhas a milhares de barcos de madeira, a fim de que as cons-

truções metálicas sejam destinadas quase que exclusivamente ao comércio exterior.

Navios em condições de viajar por toda costa brasileira fariam fretes mínimos e formariam mariantes para o futuro. O comércio de hoje tem mais este problema a resolver, e é tempo de que nele se pense, porque daí nascerá alguma felicidade para todos.

Cada cidadão brasileiro pode servir à nossa pátria na medida de suas forças, e, se muito pecam aqueles que só querem ficar em seus leitos macios, dizendo mal das maiores capacidades nacionais, outro tanto fazem os que acumulam fortunas e não se movem em prol dos interesses do país.

O homem vive conforme a época; as coisas luxuosas ficam para os tempos de bonança. Os que assim não pensam estão catalogados na classe dos idiotas, que dia a dia vão descendo a vala comum por efeito do suicídio moral ou material a que se dão.

Aracaju, 04-11-1917.

A.X.

Candidatos de 8 de Novembro

Seriam 22h30 quando terminou, ontem, a grande reunião da Convenção do Partido Republicano Conservador para a escolha dos candidatos aos altos cargos de Presidente do Estado, Deputados e Senadores ao Congresso Nacional e providências outras que foram tomadas de pura economia partidária, todas de uma justeza empolgante e agradabilíssima.

Os que se aproximaram do palácio da Assembleia ficaram humanamente satisfeitos diante de uma reunião seleta, onde os altos interesses do Estado estariam em jogo, caso não encontrasse ali a boa orientação de um partido político, assim como a máxima boa vontade de bem servir à comunhão geral.

Representantes diretos do povo que são os srs. Presidentes dos Conselhos Municipais e Deputados Estaduais, a assembleia de ontem revelou ser de uma fineza de espírito digna de admiração pública, porquanto preferiu os dignificadores postos a que nos referimos àqueles que melhor podem representar o Estado – quer no executivo interno quer no legislativo geral. Pela chapa que vai publicada em outro lugar, vê-se que só uma coisa presidiu aos grandes trabalhos de ontem: premiar o mérito na medida que o mesmo merece.

Se chapas existem, que possam dispensar as acostumadas recomendações eleitorais, esta se coloca em primeira linha, porquanto só nos fala de nomes sobejamente conhecidos pelo povo, quer se trate de políticos militantes, quer daqueles que formam seu cabedal na vida mansa e pacata dos labores particulares.

Os nomes dos drs. José Joaquim Pereira Lobo, Gonçalo de Faro Rollemberg, Manoel de Carvalho Nobre, Deodato Maia e Coronel João Menezes são bem conhecidos inter e extra-muros, para que não nos fique o dever de falar de suas qualidades cívicas, uma vez que mais não poderíamos fazer além da recomendação que os mesmos gozam.

Não erramos quando afirmamos, em dias do passado mês, que o exmo. General Oliveira Valadão teria como sucessor pessoa que seria garantia segura de sua política de trabalho e amor pela terra sergipana, e que muito se desvaneceria pela continuação desta paz que tão bem impressiona a todos que nos olham, com verdadeiro interesse, pelo levantamento das forças vitais do país.

Da mesma maneira, o Congresso Nacional vai ter uma plêiade de trabalhadores que deixarão se amolentar no espaldar das cadeiras que lhes compete, porque nascidos nas resoluções prontas e decididas das classes de movimento, não sabem se quedar ante às necessidades que, momento a momento, instante a instante, vão aparecendo no seio da comunhão brasileira.

Os nossos louvores, portanto, àqueles que não quiseram jogar com o imprevisto, e escolheram, entre os mais dignos, os que pela soma de sacrifícios empregados sempre estiveram em relevo entre a classe que a pertencem.

Parabéns, portanto, a Sergipe.

Aracaju, 09-11-1917.

A.X.

Uno e Coeso

S. Exc. o Snr. Coronel Pereira Lobo disse uma grande verdade quando afirmou, na Bahia, em entrevista concedida à *Tarde*, que, em Sergipe, só há um partido. Por nosso turno, também afirmamos se encontrar coeso e uno. Este partido é o Republicano Conservador, chefiado pelo Exm. General Oliveira Valadão, que por ter os seus alicerces formados do melhor material, não temeu publicar chapa muitos meses antes das datas marcadas para as eleições.

O Sr. Senador Pereira Lobo teve razão, pois disse na Bahia o que sentiu aqui durante os muitos dias em que estive de mistura com a população sergipana, que não o recebeu com o riso alvar do louvaminheiro, nem tampouco com as zombarias dos inconscientes. S.Exc palpou com vantagem o pulso do partido que vai elegê-lo para alto cargo de Presidente do Estado, e sem afetada grandeza de caráter, como tem sucedido a mais de um candidato a este ou aquele posto político, apresentou-se sempre lhano, afável, inteligente, e de todo amor pela terra que lhe deu o berço.

Se verdade é que só pode ser considerado partido político as agremiações que reúnem em si elementos combatíveis, agremiações que podem aguentar as altas responsabilidades dos seus feitos, que encarnem no seu querer os melhores desejos do seu povo, certamente Sergipe só tem hoje um partido político, porque Sergipe só conhece o Republicano Conservador.

Além do nome honrado do Sr. Dr. Pereira Lobo, outros não menos dignos cavalheiros foram jogados à publicidade desde

a manhã do dia 9 do corrente ano, os quais serão votados com muita vantagem nas próximas eleições federais.

Até aqui, toda esta chapa que vai servir em vários e seletos escrutínios, só tem merecido os mais francos elogios por parte da imprensa patrícia.

É que Sergipe, desta vez, andou em melhores moldes para consigo mesmo: buscou, em seu próprio solo, elementos que demoram em suas plagas, que lhe ouvem os prazeres e os queixumes, apresentou os dignatários que mais uma vez afirmarão a sua pujança e o seu valor.

Uno e coeso é o partido que temos em Sergipe.

Aracaju, 21-11-1917

Os Vassourinhas do Recife

Segundo notícia publicada neste jornal, os *Vassourinhas* do Recife acabam de dar a melhor nota de patriotismo que temos visto nos últimos dias em nosso país. Clube antigo, composto da mediana social, habituado a se exhibir anualmente nas ruas da capital, não se turcou ao sacrifício de preterir o bem da pátria às alegrias carnavalescas. Assim, mandou para a Cruz Vermelha o saldo de que dispunha, completando ainda a sua grande ação com o oferecimento de seus associados para servirem no exército nacional.

E os *Vassourinha* do Recife estão em tudo de acordo com as necessidades do momento, uma vez que lendo, na imprensa, as recomendações de economia espalhadas pelo Sr. Presidente da República, não quiseram preferir o seu prazer ao bem daqueles que trabalham e têm fome.

Até que meçam as forças econômicas do país, entendemos que as festas devem ser reduzidas ao mínimo, só ter cabimento, por enquanto, aquelas que nos falam do patriotismo, e isto mesmo dentro de moldes econômicos mais regrados. Intensificando o trabalho, fazendo para que a lavoura e a indústria produzam o máximo possível, regrando as nossas despesas com firme resolução. Também, alimentando a nós e aos nossos filhos com o verdadeiro método do povo civilizado, preferindo a substância ao que se mostre supérfluo. Com pouco nos mostraremos ao mundo tão ricos de cabedal sonante aos fortes em ação espirituais, conforme vamos sendo admirados.

Estamos na guerra, ato que não indica no momento luta à mão armada, entretanto, obriga-nos a lançar mão de todos os meios defensivos, operações que só poderão dar bons resultados se o nosso meio resistente se tornar um fato. Uma nação pobre que alimenta mal os seus filhos, que em lugar de pão suculento e barato lhes dá viveres ruins e caros, esta nação não poderá jamais sair bem nas grandes pelejas em que se mete.

E como a nação é a coletividade dos indivíduos, segue-se que a cada homem cabe o dever de se interessar, no momento, por tudo que diz respeito ao bem-estar brasileiro.

A grande produção e a máxima economia nos colocarão em bom lugar entre aqueles de quem nos tornamos aliados. Se de nós não esperam forças vivas para as suas linhas de frente, confiantes estão que lhes mandaremos elementos de vida para os que ali combatem. Além do pacto que lavramos para este *desideratum*, temos ainda mais dever de retribuir, com os nossos esforços, ao intercâmbio comercial, que, apesar da granda luta que avassala o campo europeu, nós continuamos a receber, dos países produtores, tudo aquilo que a nossa indústria ainda não pode produzir.

Vê-se, portanto, que o sacrifício do carnaval de 1918 será a causa mais lógica a resolver, uma vez que, em época de plena economia não se pode admitir os gastos loucos das épocas de bonança. Os *Vassourinhas* do Recife em ser clube da mediania social, deram, todavia, o preciso grito de alarme para conter as ricas associações do gênero, bem como de outras que, acobertadas, muitas vezes pelos princípios de arte, cultivam tão somente os precisos meios de fazer desaparecer o dinheiro no entornar das taças de champagne, no *fronfron* das sedas substituíveis e nos caros perfumes que mais servem no momento para afrontar a pobreza recolhida de milhares e milhares de patrícios.

Se a lição dos *Vassourinhas* não aproveitar, as autoridades brasileiras que imponham como necessidade do momento. As-

sim, não consentindo que, por forma alguma, celebre-se o carnaval de 1918 com os recursos e gastos que atualmente estão em uso.

A época é mais de viveres e agasalho que de lança perfume e papéis corados. E assim compreenderam os *Vassourinhas* do Recife. E assim também deram grande lição de civismo ao país inteiro.

Aracaju, 25-11-917.

A.X.

Guarda Nacional

Ja vão bastante remotos os serviços prestados pela velha guarda no conflito sul-americano, em que mais de um chefe civil deu honras à farda que envergava. A geração do presente não sabe mesmo avaliar o quanto se dispendeu de esforço e boa vontade para levar a bom êxito a santa causa que defendíamos e que, para felicidade nossa, como dos povos que nos acompanharam, terminou pela completa vitória das forças unidas.

Naquela época, quando estava em pleno campo de ação, quando as mães brasileiras choravam a ausência de seus filhos ao tempo que sorriam pelos louros conquistados, só por diletantismo mencionavam os corpos a que pertenciam estes ou aqueles soldados, pois que alí todos eram iguais no tocante à desafrenta que íamos buscar em inóspita terra estrangeira.

Passaram-se os tempos e a anominada “briosa”, pelo velho monarca, foi dispensando pouco a pouco. Assim, ficando para os nossos dias, apenas, com alguma intermitência, um crescido número de oficiais, que, dadas as condições de aumento de população em nosso país, maior acréscimo tem sofrido nos últimos dias.

Por maior que pareça, não é em demasia o número de oficiais da Guarda Nacional, pois que estes estão contados pelas brigadas das antigas paróquias, hoje municípios. Além do mais, esta oficialidade se divide em ativa e reserva, o que facilita a organização dos corpos com o número indispensável de homens para o serviço. É justamente o que mais intriga aos leigos em matéria bélica e que não se dão ao trabalho de consultar os regulamen-

tos: onde se irá buscar tanto soldado para fazer face a tamanha quantidade de oficiais?.

O estrangeiro diz que nós precisamos de milhões e milhões desta classe de combatentes. Mas nós modificamos estes números e apenas fazemos lembrar, aos patrícios, que são considerados guardas nacionais todos os cidadãos brasileiros maiores de 18 e menores de 60 anos, com renda líquida de 200\$000 anuais, deduzidas, porém as isenções, que são em muito pequeno número.

Como o nosso principal objetivo é esclarecer uns tantos pontos que são vistos, muitas vezes, por cima da luneta, na fagueira esperança de que viveremos eternamente nesta paz que tanto caracteriza os nossos sentimentos de povo civilizado à moda americana, vamos passar para aqui o que dispõe § 2º do art. 9 da lei n. 602, de 1850:

“Os filhos família que tiverem a idade acima citada, ainda que lhes falte renda própria, se a de seus pais for tanta que dividida, caiba a quantia de 200\$000 a cada um, aqueles a quem não couber esta quantia não serão alistados.”

No último caso, o pai mencionará os filhos que devem ser alistados e se negando a esta declaração será conjuntamente alistado com todos os filhos.

Esses casos de isenções são bem resumidos porque, afinal de contas, até os clérigos e deputados estaduais e federais, que não tenham patentes de oficiais, serão todos alistados. As reservas são compostas daqueles que, sofrendo de certas e determinadas moléstias ou impedimento, não possam de pronto prestar serviço na ativa.

Exército de caráter puramente territorial, a Guarda Nacional brasileira reserva para si os favores que lhe confere a lei, uma vez que foi criada e é mantida com o fim de “defender a Consti-

tuição, a liberdade, a independência e a integridade da República, para manter a obediência às leis, conservar ou restabelecer a ordem e a tranquilidade pública; e para auxiliar o exército de linhas, fronteiras e costas”.

N’um país de mais de vinte e cinco milhões de habitantes, onde o número de qualificados para o exército regular é tão pequeno, não sabemos quantos milhões de homens seria possível encontrar nas condições que exigem os regulamentos da velha guarda. O leitor indrédulo poderá fazer um pequeno esforço de memória e convencido ficará de que “todo brasileiro é soldado”, mormente hoje com as reformas ativas. A ordem de completa mobilização da Guarda Nacional traria, para o país, um movimento espantoso desde o Amazonas ao Prata. Justamente por isto é que desejamos que ela, cada vez mais, as distancie.

Aracaju, 23-11-1917

A.X.

Instrução Militar

Depois de provadas, por muitos anos, as intenções pacíficas que sempre nos acompanharam, nos vemos hoje na grande contingência de nos instruímos militarmente, se quisermos continuar respeitados como povo independente e capaz de se governar.

Passaram os tempos de Pompeu, em que as legiões surgiam da terra em certo sinal e prontas. De lança em riste, corriam aos muros de Roma para a sua defesa.

Hoje, os princípios são modernismos – a tática corre parelha com os mil e um artifícios da morte. Sem que o homem se dedique ao pleno conhecimento da vida militar, nada vale o seu afeto pela pátria, nem o supremo esforço que possa desenvolver. Ninguém nos poderá acoimar de povo belicoso, tampouco de nação tendenciosa a trabalhos de conquista, porquanto em nossa pequena vida de independência, mais de uma vez, tivemos em nossas mãos a sorte de nações vizinhas. Nem por isto vacilamos em deixá-las com a liberdade de que precisavam.

Somos grandes pelos nossos desprendimentos; precisamos ser maiores pela força militarizada que reunirmos. Que o nosso exército em tempo de paz seja reduzidíssimo; mas que o mesmo, em tempo de guerra, seja tão grande quanto permitirem as forças numéricas de nosso adorado Brasil. Lembremo-nos que estamos em lida com o povo mais aguerrido do globo e não é possível saber se nós teremos que ir a ele ou ele terá que vir até nós.

O momento é de firmes resoluções e só pelo manejo das armas e outros princípios de defesa, poderemos estar seguros da nossa liberdade e de nosso bem-estar. A fórmula mais consensual para este desiderato é a organização em cada Município de associações de linhas de tiro, meio suave de levar aos civis os conhecimentos militares sem que seja precisa a vida da caserna.

Os Intendentes Municipais deverão se interessar tanto por isto quanto se mostra empenhado o exmo. Sr. general Valadão, que tudo vai facilitando em benefício da grandiosa instituição.

É tempo da mocidade brasileira não desdenhar da felicidade da pátria, e como heróis, não desdizer da coragem dos antepassados. Onde quer que exista um pequeno núcleo de rapazes, de 17 a mais de 30 anos, aí poderá ser inaugurada uma linha de tiro com os recursos prestados pelos Municípios, o Estado e a União.

Avante, pois, srs. Intendentes!

Aracaju, 08-12-1917.

A.X.

O Pão do Norte

O governo brasileiro, n'um patriótico movimento constitutivo, trata no momento de espalhar a cultura do trigo por todo país, no louvável afã de prover a população do primórdio alimento, livrando-nos, assim, da carestia a que chegou o pão propriamente dito.

Lá para o sul – Rio Grande, Paraná, Santa Catharina; S. Paulo e Minas – os trabalhos de cultura do trigo vão bastante adiantados, sendo que o primeiro destes Estados já oferece colheita bastante animadora. Tudo faz esperar que, em breves tempos, o Brasil terá uma boa parte do trigo de que carece para a sua moagem, ficando, desta maneira, menos sujeito às exigências dos platinos.

O norte do país, porém, ainda não entrou na parte experimental do assunto, receoso, talvez, do seu clima, das suas terras e da falta de conhecimentos técnicos. Não é para se admirar porque, nós, que muito nos batemos pela ideia da reconstrução nacional, também vacilamos sobre o caso, sem levar, entretanto, o desânimo àqueles que queiram se prestar aos indispensáveis experimentos. Pode muito bem ser que, em alguma zona, mesmo de Sergipe, encontre-se alguma faixa de terra onde se possa cultivar este cereal com certa vantagem – fato que muito concorria para o nosso progresso, tanto monetário quanto para os nossos créditos agrários.

Apanhado o assunto em sua contextura, parece que uma zona mais ou menos temperada, de terrenos férteis e produtora de café, não muito sujeita às chuvas torrenciais e nem também ao

verão assolador e abafadiço, parece que o trigo alí se acomodaria. O caso requer, porém, indagações no próprio local, realizadas por pessoas que não só estejam armadas de alguns conhecimentos da materia agrícola, como também do santo patriotismo que deve presidir a todas as manifestações de hoje.

Uma coisa, todavia, deverá ser prevenida antes de qualquer trabalho de sementeira: é a ferrugem, pois nos lembramos muito bem do que sucedeu no vale do baixo S. Francisco por volta dos anos de 1896 – 97, quando fizeram experiências desta cultura. As terras do rio Boacica, por exemplo, produziram trigo. Mas o grão se apresentou atacado da ferrugem, mal que poderia ser conduzido pela semente primitiva, como também fornecido pelo terreno alagadiço. Uma pequena cultura explicará melhor este ponto, além de outras moléstias que as repartições agrícolas deverão estar aparelhadas para combater.

Estas considerações nasceram do pão caro e ruim que temos visto, não só em nossa mesa como na casa do padeiro. O pão de hoje não é pão. O povo lhe dá o verdadeiro nome que merece: bucha. E bucha má porque nem serve para espingarda e ofende o estômago. Assim, a situação é tristíssima, porque tanto perde o padeiro – no seu trabalho – como também o povo, nas suas forças. Malvado pão!

O que se deve fazer, pois, para atenuar a falta de farinha de trigo? Cultivar com interesse tudo aquilo que as nossas terras produzem sem maior trabalho: o arroz, o feijão, as batatas doces e do “reino”, a mandioca, o aipim (macaxeira), o inhame e o milho. Todos sabem dos derivados destes produtos e apostamos até como em boa lógica não haverá nortista que despreze um prato de alvo inhame ou aipim, assim como do louro cuscuz de milho. Pois estão aí os sucedâneos do trigo. O que é preciso é produzir muito e muito para que concorramos com o pão azedo, pão-vitreo, pão anti-estomacal, pão caríssimo.

Hoje é dia da feira do Aracaju. Este jornal vai circular entre as mãos dos patrícios do interior, nós escrevemos estas linhas

especialmente para eles. É cabível lhes lembrar que estamos na época do plantio do inhame, fins de dezembro até princípios de fevereiro, e que todos, portanto, deverão plantá-lo.

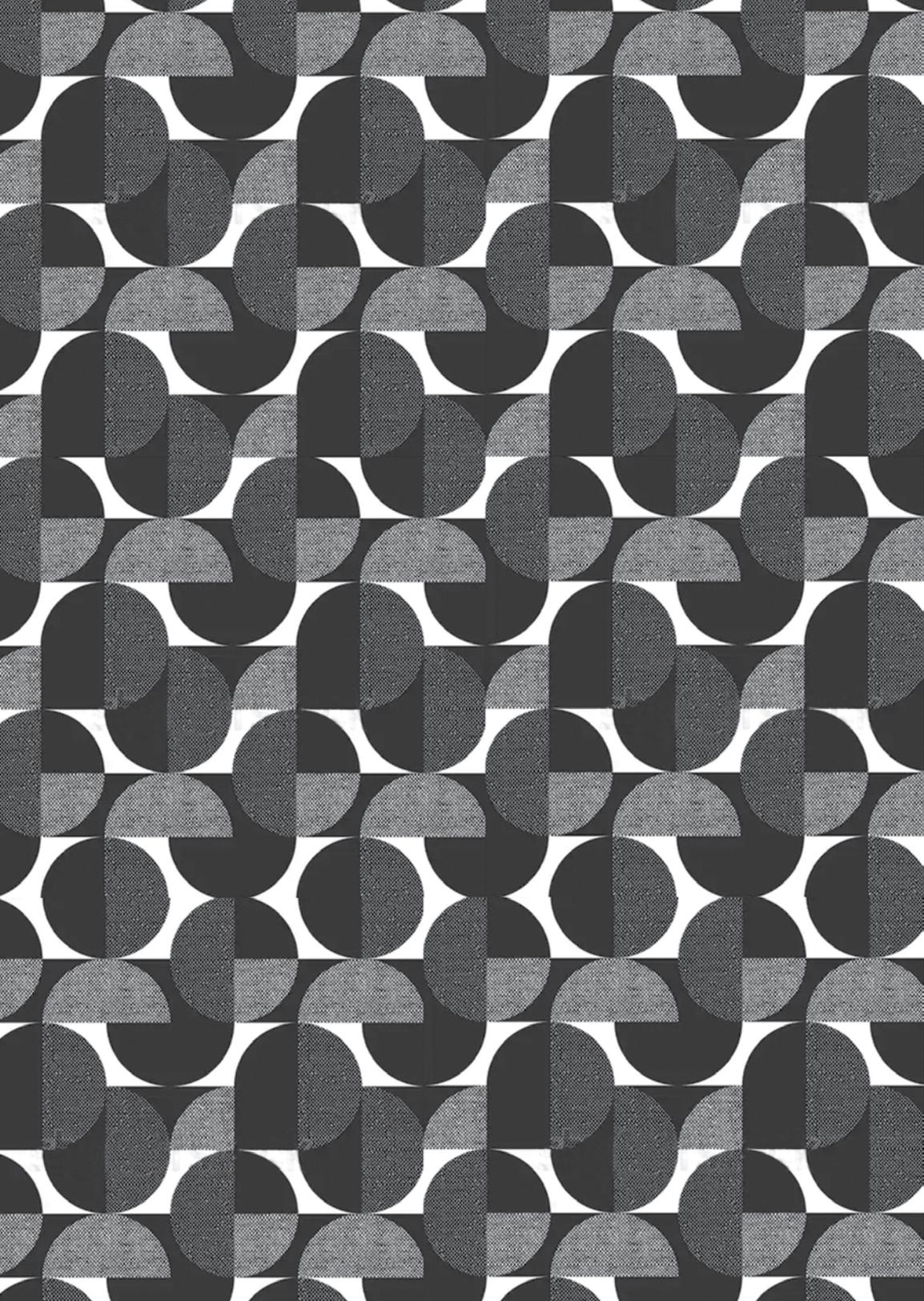
Plantem logo o inhame para aproveitar as primeiras trovoadas. Não desprezem as cabeças que sobram da panela por imprestáveis para comer.

Enterrem-nas mesmo nos quintais e em breve elas darão formosos rebentos que servirão para vós e para os vossos filhos.

Eis o nosso presente de festas.

Aracaju, 23-12-1917.

1918



Interesses Agrícolas

O Porco

Animal imundo para os povos antigos, anatemizado por todos os livros sagrados – os Vedas, o Alcorão, o Velho e o próprio Novo testamento – o porco de nossos dias se reabilitou por completo, uma vez que ele representa o presunto, as salsichas, as chouriças, assim como uma infinidade de iguarias que enfeitam a nossa mesa e que tanto agradam ao paladar.

O porco só foi imundo e repelente enquanto o deixou na condição de simples varapau, de dorso curvado e ossos que lhe romperam a epiderme, entregue aos seus próprios recursos, correrias selvagens pelas matas e agrestes à procura de lesmas, sapos, cobras e algumas raízes para o seu repasto cotidiano; quanto à carência de água limpa e higiênica se metiam, todavia, nos lamaçais afim de satisfazer a necessidade de repetidos banhos, como animal de pele sensível aos raios do sol, cujo sistema respiratório precisa ser entretido para o seu maior desenvolvimento.

Tantas foram as iras atiradas contra o pobre porco, que, mesmo depois de estar provado o seu ótimo concurso na alimentação humana, as edilidades ainda servam para a proibição de sua presença no rol dos animais domésticos, quando ao invés disto, leis deveriam ser criadas que falcultassem a sua existência onde quer que fossem observados certos preceitos higiênicos.

O porco pode ser criado em qualquer parte e nenhum outro animal poderá lhe levar vantagem no tocante à reversão do capi-

tal empregado. É o único animal que como galináceos e os palmípedes podem viver das sobras da cozinha e que, uma vez metido na ceva, desenvolve-se em breves tempos, conforme os cuidados que por ele se tenha.

Herbívoro e carnívoro ao mesmo tempo, o porco desenvolve uma onivoridade muito apreciável, da qual o homem moderno se tem sabido aproveitar, fazendo que ele de “imundo e repelente” que era, apresente-se hoje em tipos de verdadeira beleza e de real aproveitamento para todos.

O nosso agricultor do norte talvez ainda não tenha feito seus cálculos sobre as vantagens que oferecem os criatórios e engorda de porcos. Há uma concepção muito enganosa sobre a matéria, que outra não é senão que, para se criar porcos e tê-los gordos e luzidios, fazem-se indispensáveis as fortes rações de milho – único alimento capaz de desenvolver a adiposidade sonhada.

É verdade que o milho é uma alimentação forte, dotada de elementos plásticos e respiratórios completos, mas não só ele é o bastante para o desenvolvimento do animal com rapidez, como o seu preço nem sempre corresponde a uma aplicação com vistas a um lucro breve e seguro.

Falhando-se os tratados de pessoas práticas ou postas experimentais, cujas franquezas não são feitas com vistas ao norte do Brasil, encontram-se formular que um pouquinho modificadas poderão servir otimamente.

São os mesmos tratados que nos dizem que, enquanto um boi precisa de 15 a 16 quilos de alimento para formação de 1 quilo de carne, o porco elabora esse mesmo quilo de carne ingerindo apenas 4 a 5 quilos de alimento. Trata-se de substâncias secas para um e outro caso. O boi engorda pastando nos prados, quase sem despesas aparentes, mas representa um capital com lucros demorados. Quando ao porco metido nas reservas e cuidado com as regras de indústria e higiene, apresenta-se gordo dentro de três ou quatro meses, contando-se um quilo de aumento em cada dia que vai sucedendo.

Convém lembrar que não falamos dos tipos degenerados que, em maioria, possuímos, e sim indivíduos de bons cruzamentos, quando não se possa lançar mão de tipos verdadeiramente puros.

O maior interesse que nos desperta aqui é auxiliar o agricultor nesta rendosa indústria, mostrando que os porcos podem viver e engordar com rapidez. Assim, dispendo apenas de um terço ou um quarto das rações de milho. Certamente só seremos lidos por aqueles que lidam com a agricultura, e por isto mesmo que nos dispensam das primeiras minudências do assunto.

A prática tem demonstrado que, para o crescimento do animal, deve-se lançar mão das substâncias plásticas – o *milho* (em parte), *a alfafa*, *a mandioca*, entre outros outros alimentos pouco dosados de açúcar. Para a engorda, lança-se à mão preferentemente de substâncias respiratórias como *batata doce*, *o caldo de cana*, *o mel* e, também, alimento amiláceos e feculosos.

Assim, nos primeiros tempos, o porco se contenta com muita pouca coisa, contanto que lhe dê rações de mandioca ralada, espremida e cozida com algumas batatas e sal. De dois em dois dias, deverá misturar um pouquinho de milho para despertar o apetite. Esta será a ração que garantirá um crescimento rápido sem gordura.

Para a engorda, as rações constarão de um composto cozido de mandioca, batatas doces e meio litro de milho para cada animal. O líquido que entrará no cozimento será caldo de cana, mel e água, se aquele não houver. Sendo grandes os animais, cada ração deverá constar de 5 quilos pela manhã e 5 pela tarde.

Convém notar que a mandioca desprovida do amido ou tapioca, pouco valor tem como alimentação, pois é nesta substância que se encontram os 5 por mil de azoto. Três quilos de mandioca ralada e seca tem a equivalência de 1 quilo de milho, quer como substância plástica, quer como substância respiratória. A massa lavada, portanto, serve mais como entretenimento para os animais que para a sua engorda.

As ervas poderão também entrar no período do crescimento,
conforme é conhecido.

Aracaju, 21-02-1918

A.X.

Norte-Sul

País que está situado entre 5 graus e 10 minutos de latitude norte e 33 graus de latitude sul, e entre 37 graus e 10 minutos e 76 graus e 25 minutos de longitude oeste de Paris, compreendendo uma extensão calculada em 9.636.523 quilômetros quadrados, torna-se o Brasil uma nação cujo território figura no mapa terrestre com a respeitabilidade do terceiro lugar entre os maiores.

O Brasil compreende duas zonas que, outrora, diziam-se bastante distintas, divididas desde o Espírito Santo para o Sul e da Bahia para o Norte. De par com o *hemisfério* sul, de clima ameno e vivificante, corria uma civilização *européia* empolgante, enquanto que no *hemisfério* norte, de clima tórrido e doentio, as coisas andavam pelo sistema antigo, com ares de tabas de índios e laivos de antropofagia.

Era este o chavão que nos gritavam a cada momento, desde o mestre na escola, que nos olhava como algoz, até a imprensa que se dizia bem informativa.

Assim nos criamos como filhos espúrios de um país composto de várias *nações*, e a nossa tristeza por tal inferioridade nos fazia revoltados contra a própria natureza. Brasileiro que não fosse do sul, seria apenas tolerado no próprio país em que nascera.

Esta separação moral criou, para o próprio país, as mais duras dificuldades físicas ao tempo que gerou, na alma do nortista, esse estoicismo que notamos em nossos dias.

É bom lembrar que o sul ia se perdendo na voragem da ostentação pelo seu predomínio, ao tempo que o norte se agarrava à

nossa história e aos nossos costumes. Não deixando, todavia, de atender a todas as reformas que a civilização lhe apontava.

Assim é que os próprios homens de terras tinham noção errada deste vasto país, julgando verdadeiramente impossível a igualdade e fraternidade entre um filho dos Pampas e outro da Amazônia. Seriam pessoas antagônicas, apesar de falarem a mesma língua, de terem igual história dos seus maiores, de serem átomos de uma só nação.

E se um dia não tivemos o fato de “Norte contra Sul” não foi pela vontade de muitos brasileiros: foi pelas condições mesológicas que possuímos, foi pela estrutura geral deste país, que beneficia a todos que aqui nascem e que protege a todos que o procuram.

Por mais que nos queiramos iludir, vemos claro que tais fatos eram filhos da ignorância de nós mesmos. Antes de consultar o que temos em casa, percorríamos o estrangeiro em admiração pelas suas coisas, por vezes até julgando bom o que era mau, odoroso o que não tinha perfume, cativante o que era inexpressivo.

Mas vieram as dificuldades de vida. O estrangeiro não pode nos fornecer mais o que estávamos viciados a consumir e os nossos olhos se alargaram para todos os âmbitos do país. Vimos, então, que realmente somos filhos de uma terra privilegiada pela natureza, que somente a nossa desidia tem a eclipsado entre as mais fortes.

A nossa fome nos criou coragem para o trabalho. Se hoje ainda não somos realmente felizes pela abundância de nossa seara, amanhã nos fala em termos promissores.

O Brasil é toda esta extensão de terra que confina desde a serra Paracaina até o rio Chuy, desde o cabo Branco até o rio Javary, cujos limites tocam todas as repúblicas da América do Sul, menos o Chile e o Equador.

O Brasil é, pois, este colosso gigantesco que, comparado a toda Europa, tem de menos apenas 373.477 km quadrados, uma futilidade que pode ser comparada ao território do Piauí.

O seu clima sofre algumas variantes, não somente nas duas zonas norte-sul, como ainda dentro de cada Estado. Quem desconhece os ardores do litoral e a amenidade reinante no interior do noroeste brasileiro?! Recife, Fortaleza e Aracaju estão às vezes de uma quentura que, suporia Divina Pastora, apresentam-se sempre amenas. E como tal outras zonas que estão colocadas de norte a sul, formando assim um todo harmonioso neste imenso país.

Destas variantes notadas, em todo solo brasileiro, é que nascem as possibilidades para uma cultura quase igual.

Os cereais, o fumo, a mandioca, a cana de açúcar e o algodão podem ser cultivados para exportação desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas. O café, o cacau, as castanhas e a árvore da borracha podem ser cultivados de norte a sul, também para exportação ou para consumo de cada Estado. O boi, o carneiro, a cabra, o porco e todas as espécies equinas e muaras podem formar, em nosso país, enorme fazenda capaz de abastecer o mundo.

E não é somente una a produção: são unos também o civismo, o amor pela nossa pátria, os cuidados pela nossa prole, os defeitos e as virtudes, a língua e os costumes.

Falta-nos, apenas, UNIFICAR o conhecimento de nós mesmos, demolindo umas estrias que ainda restam no *hemisfério* norte. Ver S. Paulo ou Rio, é ver Belém ou Manaus, é ver Porto Alegre, Sena Madureira ou Aracaju. Diferença topográficas, construções que se aprimoram, homens e mulheres que se vestem de acordo com a moda, endemias que vão sendo combatidas com vantagem, luz elétrica e automóveis.

Se tudo isto não forma um corpo complexo, não sabemos para onde seguir.

Os nossos homens ilustres são do sul ou do norte, nascem nas cidades progressistas do litoral, como surgem nas terras ocultas pela mata.

São do norte Tobias Barreto, José de Alencar, Tavares Bastos, Ruy Barboza e Gonçalves Dias; são do sul, Rio Branco, Alvarenga, José Bonifácio, Alvares de Azevedo e Patrocínio.

Rocha Pombo, o notável historiador sulista, lamenta com verdadeiras palavras de arrependimento não ter visitado o norte do Brasil antes de escrever a sua obra monumental! Diz se sentir “mais brasileiro” depois de ver o norte com as suas coisas iguais ao sul, com o seu monumento histórico ao nível das grandes nações. Rocha Pombo se comoveu todo diante desta grandeza, comovendo a nós também!

Onde, pois, encontrar solução de continuidade nas coisas do Brasil? Em parte alguma. Somos um só povo, uma só nação e um só país.

Pestalozzi é conhecido e praticado em Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro e Paraná? Pois também o é em Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba e Amazonas, levantando verdadeiros palácios para a instrução do povo.

Continuemos, portanto, a trabalhar e em breve seremos uma potência de primeira grandeza, porque nós somos realmente grandes!

Norte e Sul é uma questão puramente geográfica e que ainda não está bem determinada.

Caminhemos!

Aracaju, 23-07-1918

O Querosene

A pesar dos grandes progressos da luz elétrica, do gás acetileno e dos vários aparelhos para a luz à gasolina, o querosene continua a interessar à maior parte da humanidade, assim como a luz divisível que até aqui surgiu.

Muito se tem trabalhado para se tomar o posto de superioridade, não só quanto ao grão de barateza, como ainda ao sulco de popularidade que o mesmo alcançou.

Vem daí o grande Edison dizer que só morreria feliz quando visse a eletricidade, dividida por todo orbe, com seus serviços para rico ou pobres; quando a luz elétrica fosse comprada na usina como quem vai à venda comprar querosene.

Neste dizer, o grande americano sintetizou o seu amor pelo progresso e os seus cuidados pelo bem da humanidade.

Mas quando será que veremos todas as fórmulas modernas suplantando as antigas, os homens de hoje desdenhando do que alcançaram?

Até lá o querosene será uma força, ditará leis nas casas pobres das grandes cidades, será o único recurso illuminante entre os povos do interior.

Não há dúvida que Edison deseja coisa possível para o futuro, quando os diversos países aproveitarem, com regularidade, toda força elétrica de que dispõem.

Um exemplo: a cachoeira de Paulo Afonso dando força motriz e iluminativa aos Estados de Sergipe, Bahia, Pernambuco e Alagoas, com os seus dez milhões de cavalos calculados; as catara-

tas do Iguacú prestando reais serviços aos Estados meridionais, como Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo etc.

Mas quando será que tal veremos nós ou nossos filhos?

Até lá, o querosene continuará fazendo as honras dos lares, se não em campo completo e absoluto, ao menos em oito ou nove vigésimos de intensidade.

Até lá, os povos russos, americanos e mexicanos terão que trabalhar muito. E mesmo outros que se forem descobrindo pelo mundo petrolífero.

Tal é a ânsia do mundo pelo querosene, que até ele, na sua soberania de potentado, já derrubou um presidente que ditava leis ao seu país pelo largo ciclo de 30 anos. Foi o Porfirio Diaz, velho cacique mexicano que fugiu do país por causa dos poços petrolíferos.

Vejam por aí quanto o querosene pode. Tanto explode à leve aproximação de um fósforo incandescente, quanto esmaga uma organização ditatorial que vinha do passado século.

Mas não é sobre o México que nos propusemos tratar. Estamos aqui para chorar a carência de querosene, que lavra de norte a sul de nosso país e que fere fundo os interesses de Sergipe.

É o caso de dizermos, de uma só penada, para não demorarmos a reclamação: Estamos sem querosene, Srs. Standard Oil Company of Brazil!

Os Srs se propuseram fornecer, ao nosso país, de todo querosene que ele precisasse. Mantiveram questão acirrada no Rio, Maceió etc., para serem os únicos fornecedores do artigo. Fizeram vastar muitas proposições que poderiam dar ótimo resultado nesta quadra, conforme dados que temos armazenados em nossos cérebros. Pois bem, Srs. Standard, nós estamos sem querosene e a outras firmas não podemos pedir.

Não nos digam que economizemos o combustível, porque nós já somos a economia personificada. O que há de mais é que o homem pobre que, acostumado estava a comprar 40 réis de “gás”,

para passar a noite com os filhos, vê-se hoje na dura necessidade de comprar 200 réis e dormir às escuras. Um litro de querosene por 1\$500, e uma grande companhia que se apodera do negócio e não sabe hoje como transportá-lo!

E nós também não, porque hoje um dos nossos ofícios é fazer gazeta e não fretar ou construir navios.

Aracaju, 13-08-1918.

A.X.

Ainda o Querosene

Cremos não ser em vão esperar a palavra digna e respeitada da *Standard Oil Company of Brazil* neste assunto que tanto vai interessando às classes laboriosas do país.

Pelo número de ontem, deste jornal, os leitores viram como vão se passando as coisas fora de nosso Estado. Não podemos crer que a grande companhia tome medidas prontas e decididas para o Rio, Bahia, etc. e deixe Sergipe assim ao “Deus dará”, sujeito às agruras de preços exorbitantes e mais à ameaça de faltar o querosene dentro de pouco tempo.

Não fosse acreditarmos em nossos próprios olhos, com certeza duvidaríamos da nota que se publicou ontem aqui nesta folha, pela qual os srs. Standard se mostraram dignos de todo acatamento para com a população do Rio de Janeiro.

Não consentiram que o comércio dali elevasse o preço da caixa de querosene de 26\$000 para 31\$000, conforme se diz que era intenção dos fornecedores.

Agora, para que os menos entendidos saibam, uma caixa de querosene comporta 36 litros que vendidos à razão de 1\$500 o litro, produzem “apenas” 54\$000, não incluindo as latas e a caixa que ainda entram para a receita com 2\$000 em média.

São estes os preços do “homem da venda”, no qual acreditamos muita honestidade, mesmo porque existe um verdadeiro “esbarrondamento” em meio ao que se vê aqui e no Rio.

Sabido que os Srs. Standard fornecem o seu artigo somente a agentes e que estes falam pela tabela recebida, não podendo,

de maneira alguma, realizar negócios por conta própria, não entendemos como se dá a tal diferença de preço que tanto vai compungindo a população pobre de Sergipe.

Se há alguma coisa que ignoramos, então nos digam com coragem, para que choremos apenas as nossas desventuras e não mais estejamos a gastar as nossas palavras em campo que, além de estéril, promete se tornar escuro.

A questão se limita apenas a um só ponto: Por que o querosene custa no Rio de Janeiro 26\$000 e no Aracaju 50\$000?

Não é verdade que a companhia Standard mantém uma agência nesta capital, com a qual se entende para todos os negócios do Estado?

E não é também verdade que esta agência não pode licitamente elevar o preço da mercadoria sem ordem expressa dos comitentes? Onde anda, pois, o *pivot* que procuramos?

Não fosse tratarmos de coisa tão diferente de política ou administração, diríamos que o querosene era que estava formando verdadeiro “impeachment” para Sergipe, maior, muito maior do que o outro que se tem tratado com tanta infelicidade da lógica.

Aracaju, 17-08-1918.

A.X.

Uma Sugestão

Pletora de dinheiro e falência de estrada

Quando, em desempenho de nossas funções individuais, tomamos um comboio da *Chemins de Fer* para atravessar qualquer zona de Sergipe, temos a ânsia de gritar, a cada momento, palavras que nos assaltam o cérebro, que admiramos, não estejam ferindo o bom entendimento daqueles que melhor poderiam aproveitar.

Estas palavras seriam simples e claras, rebuscadas no senso prático de um povo que, para muitas coisas, mostra-se capaz de existir.

Gritaríamos ao ouvido de cada agricultor que o que está retardando o nosso progresso é a falta de aparelhos nos campos, de adubos para alguns casos e de boas estradas de penetração.

Aos muitos dos principais interessados, não vamos levar assunto que eles desconheçam; mas certo é que o lamaçal nojento e atropelador continua quase perene e incessante nas cancelas das fazendas a mostrar o que se poderia ver, caso houvesse ânimo de palmilhar os *zig-zags* que chegam até ali.

Essa dificuldade de forças vivas está mostrando que precisamos facilitar os meios de transporte, assim como aumentar os elementos de arroteação. Se faltam bois para arrastar os pesados carros, cujos modelos foram glória do império egípciano, não faltam máquinas que possam suprimir completamente, ficando os bois para a charrua ou açougue e os homens que os tigem para o *guidon* do automóvel.

A questão é pura e unicamente de estradas.

Estradas que cada proprietário fará na medida de suas forças e na altura de suas necessidades.

Individualizando o questionário, seriam estes os conselhos que poderíamos dar a cada fazendeiro que nos passasse as ilharças dentro mesmo dos poeirentos carros da *Chemins*.

Como concepção mais larga e de horizonte mais distendido, perguntaríamos aos capitalistas dos campos o que é que estão a fazer desse ror de numerário que os assoberba no momento.

Estão comprando terra? Xi... é muito campo para ser acrescido pelas enormes savanas que já se notam por toda a parte. Os senhores estão comprando caro e encarecendo mais ainda aquilo que deveria ficar ao alcance de todos para maior prosperidade de nosso Estado.

Os esforçados agricultores se encontraram em pletora de dinheiro, estes têm o suficiente para as suas “fábricas” e ainda lhes sobram quantias bem apreciáveis, como se diz e como é matemático. Canalizem, então, essas sobras para um outro empreendimento que aproveitará, em primeiro grão, os próprios agricultores e em segundo os que trabalham pela causa de Sergipe.

Reunam-se entre si, convidem elementos financeiros e capitalistas para engrossar as forças monetárias e lancem os pródromos de estradas de ferro de penetração, como serão as de Simão Dias a Salgado e de São Paulo ao litoral. Façam isto, n’um gesto de quem quer se movimentar. Peçam aos governos somente a garantia de juros de seus capitais e verão, em pouco tempo, Sergipe regurgitar de trabalho útil e remunerador.

A estrada estratégica que já temos aí atesta bem os lucros certos de um tal negócio em nosso Estado. A *Chemins* só tem tido prejuízo na rede baiana, ao mesmo tempo que só tem tido lucro na linha que atravessa Sergipe.

Para uns tantos empreendimentos só se espera a ação dos governos quando há carência de dinheiro. Se todos dizem que

temos capital de sobra, o que nos falta para tal cometimento é a coragem de nos tornarmos grandes e úteis ao tempo em que vivemos.

Capitalistas e agricultores devem pensar no assunto – rasgar os campos de S. Paulo por Itabaiana ao litoral, aproximar Simão Dias a Lagarto com via estratégica – acreditando que o Estado lhes sairá ao encontro com forças que o erário permitir.

Se um benemérito homem está a deixar o governo do Estado, outro benemérito vem aí para o dirigir, não havendo, assim, solução de continuidade nesse grande amor à terra.

Sergipe verá com bons olhos um movimento desta maneira. Seja o general Oliveira Valadão ou o coronel Pereira Lobo, o governo do Estado tomará parte ativa em tal tentativa.

Abraçando esta sugestão, desaparecerá a plethora de capital.
Avante.

Aracaju, 22-09-1918.

A.X.

Bilhete Postal

A Florentino Menezes

Você nem uma só vez deixa o seu papel de rebuscador de coisas físicas, trata-se de uma multidão em marcha, trata-se de uma criatura recolhida ao seu tugúrio. É esta a melhor face de sua vida e, acredite, tanto o admiro que nem tenho pejo de lhe mandar os meus profalças pelo seu artigo de ontem, publicado aqui mesmo nesta folha, onde você se apresentou como articulista e em que se terminou psicólogo consumado.

Desta vez não foi nenhum *eu* que lhe impressionou por momentos, pois que alma ali não existe propriamente. Sei que o espírito do escritor se revela nas páginas que o mesmo escreve; mas no caso vem à ribalta fenecer a volição antes que se torne em conceito.

Você quis encontrar alma no livro do dr. Laudelino sobre a incompatibilidade do dr. Pereira Lobo para exercer a presidência do Estado de Sergipe, e o que lhe sucedeu foi a mais clamorosa desventura.

Parece ter lhe dito um dia que os doidos não têm alma, porque esta é justamente o que purifica a natureza. A alma é o raciocínio provado que se contradiz em períodos curtos; a alma é essência de sabedoria e não pode andar em cambalhotas por entre as lufadas de um querer incerto.

Entretanto, você me prestou um grande serviço, como a outros legentes, fazendo estudo sobre um livro de que se falou com

a ânsia e que se leu com desdém. Não há dúvida que a obra material é bonita, traz requisito de importação de nome que soa bem com a pronúncia estrangeira, porém, que decai na apreciação do leitor à medida que os momentos voam e a obra vai de meio a fim.

Se o dr. Laudelino se contradiz como se verifica, certo o seu livro perdeu a oportunidade, e tudo que é inoportuno é irritante. Não quero dizer que você deixe de guardá-lo como uma preciosidade entre coisas nulas. Você bem sabe que as nulidades também têm seu prestígio, quando nada para citações pejorativas, e que só funcionam sob a imaginação de cérebros incandescentes.

Todas as vezes que você precisar de um caso de impedimento (impeachment), abra o livro citado e verá com os seus olhos que o elefante ali está sob a forma de fumaça, de fumaça...de fumaça.

Seu admirador,

25-09-1918

A.X.

O Grande General

Espanto de amor e de civismo, de crença no futuro como de satisfação pela prática do passado, o nosso General tem a culminância dos alterosos serros onde a luz das estrelas se confunde com os últimos raios do sol.

Não vemos ali um declinar de esforços em prol da pátria, nem uma candência em período de vacilações. Vemos uma força viva com vontade de produzir ainda, pronta para resolver com método e sabedoria todos os problemas que surjam em seu caminho, não deixando para amanhã o que deve ser feito agora. Vemos o coração de um homem bom, a lucidez de um espírito forte, a coragem firme de quem resolve tudo pela melhor das faces, sem tibieza, sem indagar do juízo que se venha a fazer dos seus atos.

Ele é sempre um, eréto, firme, misto de brandura e de resolução concluída, um belo estudo para bronze que perpetua a ação dos homens que dirigem massas.

Para outro que não fosse ele, o último 24 de outubro seria um declinar de rastro de primeira, cujo rastro luminoso se ocultaria entre nuvens acumuladas no além. Porém, ele, o nosso General, não tem ocasos, troca apenas de funções, em observância das leis que nos regem. Aqui como acolá estará sempre bem com a comunhão, terá sempre um afeto para aqueles que o procuram.

Chama-se Manoel Preciliano de Oliveira Valladão, conquistou na peleja física os bordados de General; mas deu repouso à es-

pada para auscultar melhor o coração dos que sofrem sede de justiça e dos que se esforçam pelo progredir da pátria.

Não empunha mais as rédeas do governo de Sergipe. Passou para outro digno que será o continuador de sua obra de paz, de amor, de prosperidades.

Há cenas na vida que perduram nos corações bem formados como se estivessem presentes a todos os atos bons que lhes seguem. São momentos com força de anos e séculos, que não consultam o gosto de ninguém, que não obram em satisfação da pragmática convencional, mas sim como resultante de onda psicológica manifestada em grandes espíritos.

Assim foram as palavras breves e seguras do Grande General ao pássaro do governo do Estado ao muito digno Dr. José Joaquim Pereira Lobo, no dia 24 de outubro de 1918.

– Desejava a harmonia de seus amigos em torno do homem que o sucedia.

O seu olhar nos mostrou a alma branca de arminho, o desejo puro de assistir a ordem entre os seus soldados, a continuação de um governo que prolifera em ações físicas e intelectuais. Assim, a sua vontade será um fato, pois a moral plantada por S.Ex. firmou raízes no coração de todos como planta que se adapta à fertilizante solo.

Outros já lhe decantaram as virtudes, provando o sossego e o progresso que ora desfrutamos; mas os seus gestos e as suas ações se manifestam com tamanha sabedoria, com tal naturalidade e propriedade de lugar que a ninguém fica o direito de se quedar na exaltação de seu gênio, que não encanece, que não falseia um só momento.

O General Oliveira Valladão tem a experiência dos tempos, sabe aquilatar das forças que o poderão servir e, como chefe de um partido que lhe dá responsabilidades muito grandes, executa sem plantar desgostos o programa que se traçou.

Sergipe quer a Sr. Ex, como nós queremos a nossos filhos. São as manifestações que assistimos a cada momento.

Aracaju, 23-10-1918.

A.X.

Por que não iremos nós ao Pacífico?

A pergunta não envolve a possibilidade de absorção de territórios vizinhos; mas o dever que temos de trabalhar pelo alargamento dos interesses do Brasil, que, uma vez realizado, colocaria em movimento enorme faixa de território sul-americano.

Ninguém ignora a vida em que vai o lado oeste de nosso país, e com ele tudo que fica após os Andes, entre 5 e 15 graus do Equador, n'uma paralização de forças que poderiam ser impulsionadas até se obter um resultado prático não só para nós, como ainda para aqueles que por habitam alí.

Alguém já imaginou uma estrada de ferro que, partindo do Recife, fosse às bordas do Pacífico, não recordamos se em linha reta pelo Acre, cortando as cidades de Penápolis e Huanuco ou terminando em Calláo ou Lima.

O projeto é deveras gigantesco, pois, quando deixamos à mingua da viação de produtores, centros quase vizinhos à costa, haja quem se lembre de rasgar os enormes desertos do Piauí, Góias e Mato Grosso, bifurcando-se no Acre e levando ao Perú vida nova e forças nascentes.

Na verdade, seria extraordinário. Todavia, se combinarmos bem as coisas, prós e contras, bem concebidos, convenceremos de que a ideia não trouxe nada de intempestivo. Se não é meditada e contrabalançada para o fim, é porque ainda estamos a dormir no fofo colchão do nosso passado bem-estar, de vida fácil e de bucolidade nos gestos.

Aos brasileiros, porém, afirmamos: temos muitos interesses no oriente, mas o ocidente poderia nos abrir uma porta mais larga, capaz de decuplicar o nosso poder em todos os ramos de nossa atividade.

Poderemos ir ao pacífico com as forças de homens morigerados e trabalhadores que somos?

Sim. A questão é trabalhar com objetivo firme, formando do internacionalismo assunto de destaque para nós.

A guerra pelas armas está morta por algum tempo (entenda-se “algum tempo”); mas a outra peleja recrudescerá em pouco e, desta vez, com fluxo que irá a montante nunca visto. Quem não trabalhar com inteligência e coragem ficará não somente atrás, como esquecido pelos seus próprios irmãos de hemisfério.

De agora por diante, deveremos fazer compreender aos moços das escolas que o estreito de Magalhães é muito longe para as nossas necessidades comerciais. Tampouco, o canal de Panamá é mais perto.

Os povos de além-Pacífico nos acenam com as forças produtoras de que dispõem, esperam que a nossa inteligência nos habilitará a um intercâmbio bastante intenso. Para prová-lo, já vieram como navios abarrotados de mercadorias que formaram a curiosidade nacional por alguns dias.

Onde não éramos conhecidos comercial, política e, talvez, geograficamente está a dizer, hoje, que somos um povo muito grande, que temos pensadores de uma vitalidade vastíssima, em que o futuro será para nós de uma promissoridade esquisita. Fala-se em dois gigantes da América que atenuam as iras do Atlântico com o seu trabalho libertador. Enquanto que um, um só, enfrenta toda catadupa de um mar enorme, imenso, quase infinito.

O irmão do norte sentia constitucionalmente as mesmas peias, os mesmos óbices que nós para dilatar o seu horizonte; mas venceu. Ei-lo nas ribas do Pacífico, ei-lo nas Filipinas, ei-lo nas regiões geladas junto ao polo.

Não queremos ir tão longe, para que não nos chamem de imperialistas; mas precisamos ir ali, a lugar que outro irá se lá não formos, esse outro talvez com as armas em riste, enquanto nós, usaremos apenas da diplomacia.

Nós temos o dever de confirmar o juízo que nos fazem no momento, e para incrementar as forças vivas da nação, nada seria mais justo, mais digno, mais promissor que lançar os prodomos da viação transcontinental, que por ser trabalho hercúleo daria honra e glória a uma engenharia indígena que não tem trabalho para se distinguir.

Isto nos ensinaria que a pátria não está somente na orla azulada que nos banha pelo oriente. Que nas selvas do boi bravo e da cabra montez também se encontram uma pátria que não se desdoura de seus princípios orgânicos; de suas forças produtivas e de sua combatividade para a vida.

A nação que conta com um Ruy Barboza, que acariciou a mocidade de um Rio Branco, que assistiu aos feitos valorosos de um Deodoro, de um Floriano e de tantos outros. Esta é pátria que se deve julgar feliz, incrementar-se para o trabalho e, nem por sombra, duvidar do seu porvir.

Por que nós não iremos ao Pacífico?

Para tudo há tempo. É justo crer.

Aracaju, 28-11-1918.

A.X.

Instituto de Proteção à Infância

Qual é o seu objetivo?

Trabalhar para que a pátria conte com cidadãos viris, donas de casa conscientes de sua alta missão na sociedade, todos fortes de corpo e de espírito, desenvolvendo humildade, altruísmo e civismo em vez de subserviência, pendor para os feitos desastrosos e negação para o trabalho.

Fazer que da massa amorfa da sociedade surja amor pelo semelhante, o fim igualitário do futuro, a razão que leva os seres ao caminho reto e plano sem amolecimento de forças físicas, sem desânimo para atender aos rogos da pátria quando ela careça de seus filhos.

Dizer ao cidadão de hoje que a sua missão não está concluída, porquanto ainda existe por aí uma soma considerável de crianças abandonadas, umas pelo infortúnio de pobreza fatídica e descomunal, outras pelo obscurantismo dos seres que as geraram e que se julgam quites com a natureza em terem lhes dado à luz, ar e as águas livres que se despenham pelos ribeiros.

Traduzir, em fatos, os projetos de benemerência, o fogo recôndito das nossas ideias, o facho abraçado que nos deprime ante às amarguradas dos que não têm pão, dos que não têm luz que os acalentem, dos que não têm ósculos que lhes deem sorrisos. Eis as primícias.

E vós, vós que correis em procura de um ideal supremo, vós que tendes todas as marcas de serem bem proporcionados de

espírito, que almejais venturas para o solo pátrio, que chorais as dores dos que sofrem física, moral e intelectualmente, vós cavaleiros, senhoras e senhoritas, sereis na magna peleja, que ora encetamos, os silfos adoráveis das nossas lucrubações, porque sois fortes, porque sois bons, porque não temeis a fadiga nem o cansaço, porque não desdenhais de praticar o bem onde quer que o bem mereça.

Almas benditas de ancestrais valorosos, sinopse de virtudes com iterações sublimes, os que se acercaram desta causa desempenham, no momento, as variegadas cores de um querer sem mácula. E nós, nós que lhes agradecemos a reflexão ao nosso apelo, a congregação para realidade daquilo que tínhamos em mente, pedimos que seja compreendida, válida a ideia de fundação do Instituto de Proteção à Infância, esperando que outros digam em palavras mais vastas e mais acrisolodas de patriotismo quanto poderemos alcançar de bênçãos, de recomendações ante os posterios pelas ações benditas que surgirem em torno dessa instituição.

Cumprir dizer que as obrigações dos sócios, para com a sociedade, serão, no terreno monetário, as mais reduzidas possíveis, pornquanto do número de adeptos e de suas pequenas cotas muito poderá se fazer em prol das crianças desvalidas.

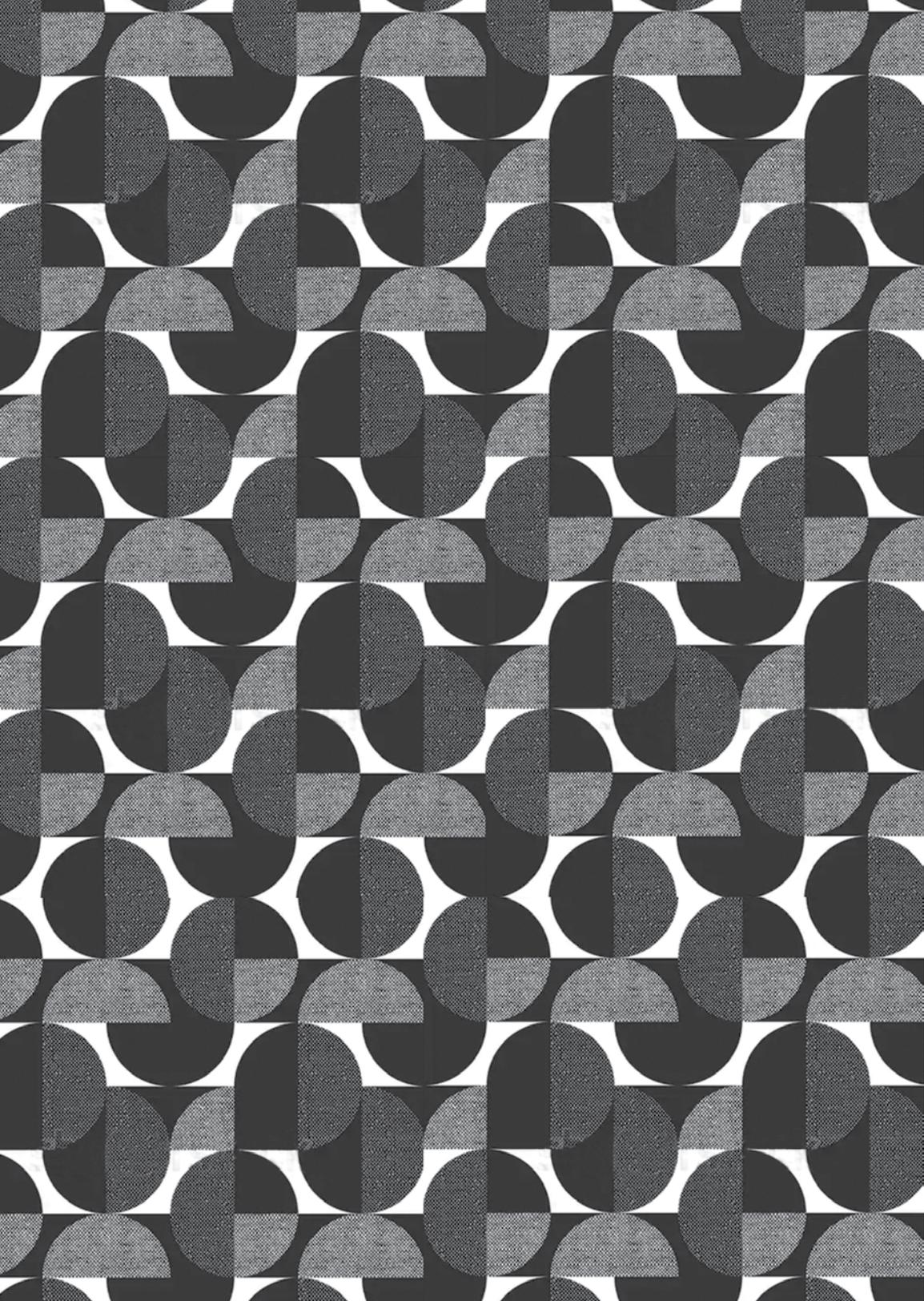
Para o serviço ordinário do Instituto, as dádivas ou mensalidades em dinheiro não deverão ascender a mais de 1\$000 por vez e por pessoas.

Avante, pois.

Aracaju, 10-12-1918.

A.X.

1919



Conselho Superior de Instrução

Está reunida, neste momento, a douta agremiação cujo título nos serve de epígrafe. Sobre ela, agora, convergem também todas as vistas do que se interessam pelo progresso da instrução pública sergipana que, em vez de arremedo, deve ser fato comprovado de métodos e modos ao nível das nossas faculdades físicas, intelectuais, morais, estéticas e cívicas.

Na sessão de abertura, vimos o quanto os exmos. srs. drs. Presidente do Estado e Secretário Geral se interessam pelo bom seguimento do ensino, comparecendo pessoalmente ao início dos trabalhos. Desta maneira, dando toda força moral ao Conselho Superior de Instrução que, estamos certos, muito fará em prol da mais justa aspiração de nossos dias.

Esta aspiração, dizem-nos as necessidades latentes de nosso século, é educação do povo em moldes que o mesmo se possa dirigir nos diversos caminhos da vida conhecendo Pátria, Deus e Humanidade.

Teremos, portanto, algo que reformar, afim de que as justas do progresso venham cair de nosso lar e de nossa família?

Cientificamente, não.

A pedagogia é ciência bastante antiga para que se esteja a descobrir liames ou labirintos onde os menos afeitos aos altos mistérios se venham a perder dolosamente para aqueles que estão à espera de coisas aplicáveis ao meio, às condições e aos fins.

Normalizar, e somente normalizar os serviços, são as regras que todos nós esperamos de uma sábia administração que não

perde o objetivo para que foi criada. Como em boa hora dizemos, mostra-se o Conselho Superior de Instrução, votando desde logo o modo e a maneira porque deve trabalhar como parte dirigente de um todo.

Corpo sem constituição é anodonte que anda para diante e para traz sem plena faculdade de movimentos.

Falam-se em métodos antigos e métodos modernos como se as palavras de Salomão já devessem ser esquecidas onde quer que o homem exerça a sua função de ser inteligente e de fiel representante do Supremo Criador.

Não há nada de novo sobre a terra – disse aquele que teve a ventura de apertar, na destra mão, a chave de todas as ciências, como nele revelam os livros a quem devemos dar todo respeito e fé.

No enunciado temos que nos reportar às questões constringidas a nosso meio, combinando a parte mesológica aos recursos de que dispomos, não tentando forçar o embolo à proporção que o mesmo não poderá chegar.

Diz-se à voz pequena, que todos os métodos são bons, contanto que haja professores para o seu completo desempenho. De acordo, mas quando assim se fala não se deve ter em vista a instrução popular ministrada pelo poder público com vista a organizar um corpo de cidadãos, capaz de alimentar uma grande nacionalidade.

Os métodos, sabemos nós, são *indutivos* e *dedutivos*, partindo aquele do particular para o geral, enquanto este vai buscar a causa para mostrar os efeitos. Que *nada há de novo na matéria*, prova-o a existência destes preceitos muito antes da chamada era cristã, quando os iniciados formavam para si um Céu todo cercado de luz, de flores e de candura, onde certas castas não poderiam jamais entrar. Confúcio, Budha e Sócrates, como Platão, Rousseau e Pestalozzi já falavam destas coisas que, hoje, queremos modernizar sem vermos que, cada vez mais, damos força à sentença do grande Salomão.

Isto quanto aos métodos. E quanto aos modos? *Individual, simultâneo, mútuo* e *misto*. Eis aí onde para a clava no ar sem saber, ao certo, a qual deles deve ferir.

Com Pestelozzi e Froebel, preferimos o *simultâneo* – a criança voltada para a natureza, vendo, comparando e raciocinando a formar ideias constringidas antes da prolação da linguagem.

Com os recursos do Estado, com a extensão territorial de que dispomos e com a prática dos estudos normais que temos em mão, queremos ainda o *simultâneo* e o *intuitivo*, única maneira de dar vazão a uma escola, matrícula de 50 crianças, todas precisas de apresentar os rudimentos para a vida e guiadas apenas por um professor que ensina em diversas classes.

O modo *individual* é praticável e superior a contento; mas se restringe ao ensino em família, com interações que, nas aulas públicas, seriam um nunca acabar.

Gautier preconizou o modo *mútuo*, o que nós conhecemos em nossa mocidade. A maneira de estudar sem defrontar o professor, tendo por guia apenas o monitor! Que digam dele os que já leram ou estão lendo pedagogia. Se o livro é o mestre, este não pode ser nunca um monitor.

Fomos além do que o gênio e as forças nos permitiam, pois que o nosso fim era manifestar apenas as nossas esperanças nos trabalhos da presente sessão do Conselho Superior de Instrução de Sergipe, o que deixamos positivamente dito. Mas a instrução popular é isto mesmo: fonte de água cristalina de onde a gente não tem vontade de sair.

Aracaju, 11-01-1919.

A.X.

Os Nossos Homens e as Nossas Coisas

Um simples olhar retrospectivo nos mostra, exuberantemente, o quanto tem avançado a bela capital de Sergipe que o reino das iniciativas públicas e no confronto dos interesses particulares.

A Aracaju de hoje, constante no propósito de evoluir, dada às práticas do modernismo, não pode sentir ao lado das suas irmãs de república, seja em qualidade ou quantidade da seiva que vai criando, porque aqui tudo se faz DE NOVO, se não com a pressa de um acampamento militar, porém, com a calma e a reflexão reclamadas pelas coisas de sentido firme e duradouro.

Aqui estamos há muitos lustros, vimos tudo isso em estado primitivo – um povo que não se tinha bem na conta de habitantes da capital de um Estado, preso à vontade dos seus irmãos laterais e de olhos arregalados a tudo que se dizia de bom e de agradável, nascido ou cultivado em outras terras.

Em vinte anos de trabalho, Aracaju duplicou de população, decuplicou talvez o seu capital empregado em edificações e inaugurou nova era para os serviços do Estado e do Município. Em suma, podemos dizer que, tudo que temos hoje, é obra de vinte anos a esta parte, mesmo porque o que temos de mais velha data, ou foi chamado para a linha das necessidades presentes, ou aí está com as faltas e os defeitos que um cego dedo pode apresentar.

E a capital, com as duas moderníssimas reformas, é quem vai apontando, aos Municípios do Interior, o promissivo cami-

nho que devem seguir hoje com a inauguração de luz elétrica em suas cidades, amanhã com a criação de outros serviços que a higiene e a estética a lhes irão apontando. E nestes moldes, Sergipe não é mais um recanto do país, não é mais o torrão duro contra a ferramenta do progresso, não é mais a terra desprotegida de meios de resistência contra os males que nos tentem assaltar.

Nós somos o novo, aglomeração de seres calmos e refletidos, cérebros formados para as lutas do espírito quanto aptos para as desenvolturas que a nossa fé obriga.

Não temos as lutas físicas dos que nada produzem; mas temos a consciência do nosso existir, e o que era bairrismo em tempos que já lá se foram, hoje é justiça que não se pode empatar.

Sergipe progride! É nesta centelha de luz aurifulgente que nos circunda, existem nomes que não podem ser obscurecidos, tal é a vontade, o esforço e as tenacidades com que se apresentam – senão para a conquista de glórias e de louros para as suas pessoas, ao menos por exemplo daqueles que nos vieram a governar.

Estes nomes são os dos ínclitos general Oliveira Valadão e coronel José Joaquim Pereira Lôbo, um que desceu as escadas do governo com a consciência de homem que temos ao leme. Todas as coisas vão sendo previstas com inteligência, acuidade e constância. S. ex. não ama o desperdício, não quer gastar hoje o que deve ficar para amanhã; mas s. ex. não regateia o bem-estar de seus jurisdicionados, prevendo as necessidades do futuro e cuidando das iniciativas que veio desenvolver.

Continuador seguro de um governo de paz e de prosperidades, o coronel Pereira Lobo tem se revelado, em poucos dias de administração, a alma bem-acabada de patriota educado, nos santos princípios republicanos, que bem podem ser – *unir para marchar, separar para combater*.

Assim, estão unidos todos os serviços do Estado: assim estão separadas todas as Diretorias que nos administram. Com tal feito, todos trabalham com discernimento e com seguro desem-

baraço, enquanto s. ex. não ignora da parte que lhe diz respeito que, em resumo, é a sùmula ou o contexto de toda obra que vai desenvolvendo.

De estilo ático e procriante, s. ex. nos mostra um concepto irisado de ideias evolutivas, tudo para o bem daqueles que só lhe ficam imediatamente inferiores em razão da hierarquia que os cargos bem definem. Além do mais, s. ex. também é povo, tem a genealogia do trabalho produtivo e vê nos seus concidadãos a máquina desejada para subir as grandes montanhas.

Fala-se no remodelamento das coisas físicas e morais – calçamento, jardinagem, talvez escola superior, agricultura extensiva, instrução primária ao sabor da época...são capítulos que deixamos para depois.

Aracaju, 11-03-1919.

A.X.

Monumento a Tobias

Cremos já ser tempo de ressarcirmos a grande dívida que temos para conosco mesmo, a propósito da memória de Tobias Barreto de Menezes, o maior dos brasileiros de seu tempo, nos domínios das ciências.

Para falarmos de sua individualidade, seria preciso um retorno de muitos anos e uma firmeza de pulso para encará-lo nas diversas matizes de seu gênio. Firmeza esta que nos falta no correr das desfalcadas linhas que traçamos.

O nosso objetivo é lançarmos ara indispensável ao seu monumento. Isto enquanto não desaparecem os últimos discípulos, aqueles que viram na cátedra como nas vinhas sagradas quase todos os conhecimentos humanos.

Tobias Barreto de Menezes não precisa mais de apoteoses escritas para sagração de seu nome.

Ele conseguiu, em vida, rasgar os obstáculos de além-mar e se apresentar ante à massa culta da douta Europa, com a sua bagagem pejada de matéria científica e envolta num sudário porrejante de coragem intelectual.

E este homem que admirou uma Europa civilizada, e um Brasil em formação de mentalidades, era um simples sergipano brotado das céspedes sertanejas, em que nem o convívio com os outros homens lhe poderia facilitar a desenvoltura de sua masculinidade.

A então vila de Campos do Rio Real assistiu, aos primeiros vestígios da criança predestinada, a elevaçãodos créditos de uma raça inteira, como a capital de Pernambuco, a Veneza bra-

sileira, transformou-se em marco miliário para os voos de uma água que afrontou o infinito.

A alma sergipana transmuda de satisfação todas as vezes que se fala de Tobias e o culto que lhe rende sobe aos fastígios de quase idolatria. Mas idolatria que não ofende a mística de nossa fé, porquanto Tobias é venerado tão somente pelos elevados feitos que praticou.

Se trazemos, hoje, para a ribalta é porque se aninha, em nosso cérebro, ação prática capaz de nos desobrigar perante o mundo que nos contempla, comparando os sentimentos inter-humanos com a exterioridade que temos o dever de corporificar.

É tempo de tratarmos de um monumento a Tobias, obra onde a escultura e a arquitetura possam apresentá-lo à posteridade tal qual foi em vida física ou material.

Queremos, pois, um MONUMENTO, cujas linhas sejam estudadas pelos que lhe beijaram as frentes nos momentos de vitórias contra inimigos tenazes, armazenados de pontos de controvérsias, mas reduzidos ao silêncio das conveniências científicas.

Queremos e teremos um MONUMENTO plantado na praça pública de Aracaju, porque, para o assunto, chamamos a atenção de seus discípulos que aqui residem como em outras partes. Pedimos vênias aos chefes beneméritos dos pobres, executivo e legislativo do Estado e dos Municípios: imprecamos as forças e as luzes de todos que possam trabalhar pela ideia.

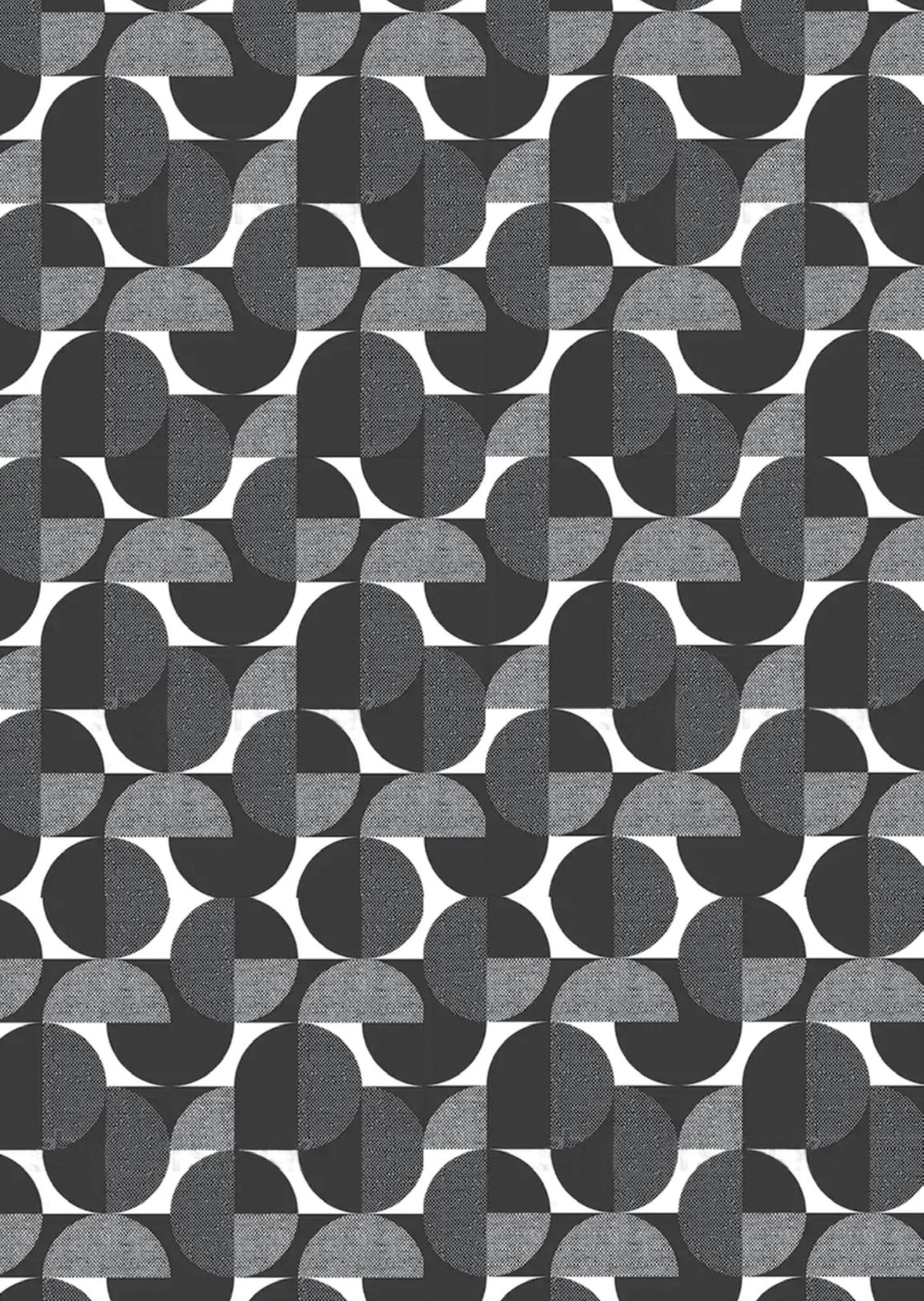
Não temos pressa, todavia, queremos a organização de um *comitê* central que receba alento de outros tantos organizados pelos Municípios.

Esperamos que os capitalistas e os homens de ação muito façam pela causa que apresentamos. Assim, com as manifestações de prazer que se endereçam a estas colunas, em dias futuros, levantaremos um MONUMENTO a Tobias.

Aracaju, 08-03-1919.

A.X.

CORREIO DE ARACAJU



Velharias Financeiras

Foi em 1824 que surgiu a ideia do primeiro empréstimo externo para o Brasil, após a dissolução da Constituinte do Império e antes mesmo de ser jurada a Constituição desse ano.

D. Pedro I, conformando-se com o parecer do Conselho de Estado, nomeou Manoel Caldeiras Brant, depois Marquez de Barbacena e Manoel Rodrigues Gameiro Passos e, mais tarde, Visconde de Itabayana, para levantarem na Europa o empréstimo de L. 3.000.000, cujo trabalho que parecia fácil no momento, foi, entretanto, de penosas cogitações.

Os negócios, no velho mundo, não eram de facilidades para os países da jovem América, ainda que o Brasil fosse guarda avançada para o crédito português pelas inesgotáveis riquezas do solo. Todavia, os negociadores sentiram, no primeiro momento, a frieza que causam as propostas mal-sucedidas. Aberta à concorrência no dia designado, viu-se a ausência das maiores firmas de Londres, casas com que se contava em virtude das promessas anteriormente feitas.

Só neste momento os negociadores conheceram o erro em que haviam caído, levando para a Inglaterra um plano de empréstimo até então desconhecido. Consistia em levantar o capital de L. 3.000.000 mediante a subscrição por conta e risco do Tesouro do Império ao tipo de 80, juros de 6% e minguada comissão. Para aquele tempo era muito desejar, especialmente quando Portugal trabalhara às claras, por intermédio de seu cônsul, para derrubar o projeto brasileiro. As melhores propos-

tas ofereciam L 1.000.000 a tipo de 75, juros de 5%, com amortização de 1%, liquidável em 30 anos, ficando como garantia as vendas das Alfândegas do Império.

Assinaram estas propostas: Bazelth Farquhar Cronford & C., Fletcher Alexander & C. e Thomas Wilson & C., todos da praça de Londres. Como era eminente a carência de dinheiro ao Império, foram aceitas as propostas e assinado o contrato em 20 de agosto daquele ano.

Em 12 de Janeiro de 1825, os negociadores fizeram outro contrato com Nathan Mayer Rothschild, para o empréstimo de L. 2.000.000 ao tipo de 85, mantidas as demais condições. O resgate seria, porém, por compra ou sorteio. Entretanto, os encargos deste empréstimo eram tão elevados quanto o valor real da operação desde a L. 2.686.200. Havia um adiantamento à disposição dos intermediários de L. 300.000 com juros de 3% e comissão de 4%, sendo 2% para os banqueiros e 2% para os negociadores.

Deduzidas as importâncias de comissões, juros preventivos, compra de apólices para o fundo de amortização, prêmio para pronto pagamento, seguros de remessas e outras pequenas despesas por conta do Império, somando as últimas apenas L.117.000, restava a quantia de L. 1.514.004, que findo o ano de 1825 ainda permanecia em Londres, apesar de haver o *pronto pagamento*, com o que se gastou mais de L.54.000. O saldo foi gasto por completo em 1826, sendo pagos 2.644:633\$452 por conta do crédito do Banco do Brasil. Além do mais, o resto para cobrir os *déficits* orçamentários e ocorrer às outras despesas improdutivas para o país.

Esta transação, incluídas as responsabilidades decorrentes de empréstimos portugueses, foram, para o Brasil, um compromisso externo anual de L. 300.000, cerca de 3.000:000\$000 brasileiros, tomada a taxa de 25 a 27, como oscilou o câmbio naquela época.

Foi com razão que Martim Francisco sempre disse mal de tal empréstimo, uma vez que, via nele, empenhados os altos

interesses da nação logo na primeira quadra de sua independência, conforme escrevia a José Bonifácio e outras pessoas de destaque. O próprio Martim Francisco já tinha procurado conjurar a crise de dinheiro com o empréstimo intenso de 1822, cuja a aplicação mereceu honrosos elogios de financistas de todos os tempos: manter a segurança, prosperidade e independência do Brasil.

Mas havia, em tudo, um grande interessado que era Felisberto Caldeira Brant, o qual vivia a escrever de Londres anunciando o bom logro que teria o Brasil, caso se metesse em tal empresa. Entretanto, já vimos como foi o mesmo mal-sucedido, quer pela falta de subscritores na primeira fase, quer pelos encargos ainda pela dissipação do minguido salda em breves tempos.

Resta analisar como se houve o país com os serviços de juros e amortizações que criaram, para o Brasil, verdadeira derrocada financeira, fazendo-nos correr parelha com outros países da América que também lutavam com a declarada banca rota. Eram tais as aperturas financeiras do momento que, em 1829, resolveu-se contrair novo empréstimo externo, surgindo, mais uma vez, o Visconde de Itabayana para realizá-lo. Em Inglaterra, sabia-se, porém, do esgotamento do Tesouro do Brasil, que tinha uma responsabilidade de cerca de *cinquenta e quatro mil contos de réis*, ao câmbio oscilante de 25-27 d. e que os bilhetes do Banco do Brasil circulavam na capital do Império com um desconto de 50 e mais por cento.

Nestas condições, as propostas inglesas só podiam ser de verdadeiro desânimo para os brasileiros, que se viram na contingência de consultar Paris sobre o assunto. Com a recusa desta praça, concluiu Itabayana com os banqueiros Nathan Mayer Rothschild e Thomaz Wilson & C., em data de 3 de Junho de 1829, um empréstimo a tipo 52 (1), juros de 5%, prazo de 3 anos, amortização de 1% e capital nominal de L. 769.200, sob garantia das rendas da Alfândega do Rio de Janeiro.

O saldo deste famoso segundo empréstimo foi aplicado quase que na cobertura dos juros atrasados da operação de 1824-1825. Como não havia meios do Brasil se ver livre de tamanho erro financeiro, pois que passaram à Republica, nos títulos de 1888, restos da operação Barbacena e Itabayana, que com o empréstimo de 1863, legou-nos neste título um compromisso de 21.000:000\$000 a câmbio de 27 d. O empréstimo de 1829 teve seu remanescente substituído por títulos emitidos em 1859, que foram liquidados em ordem. Mas nos diz a história que o seu equivalente, em papel, era de Rs 17.909:382\$917 quando alcançou completa liquidação.

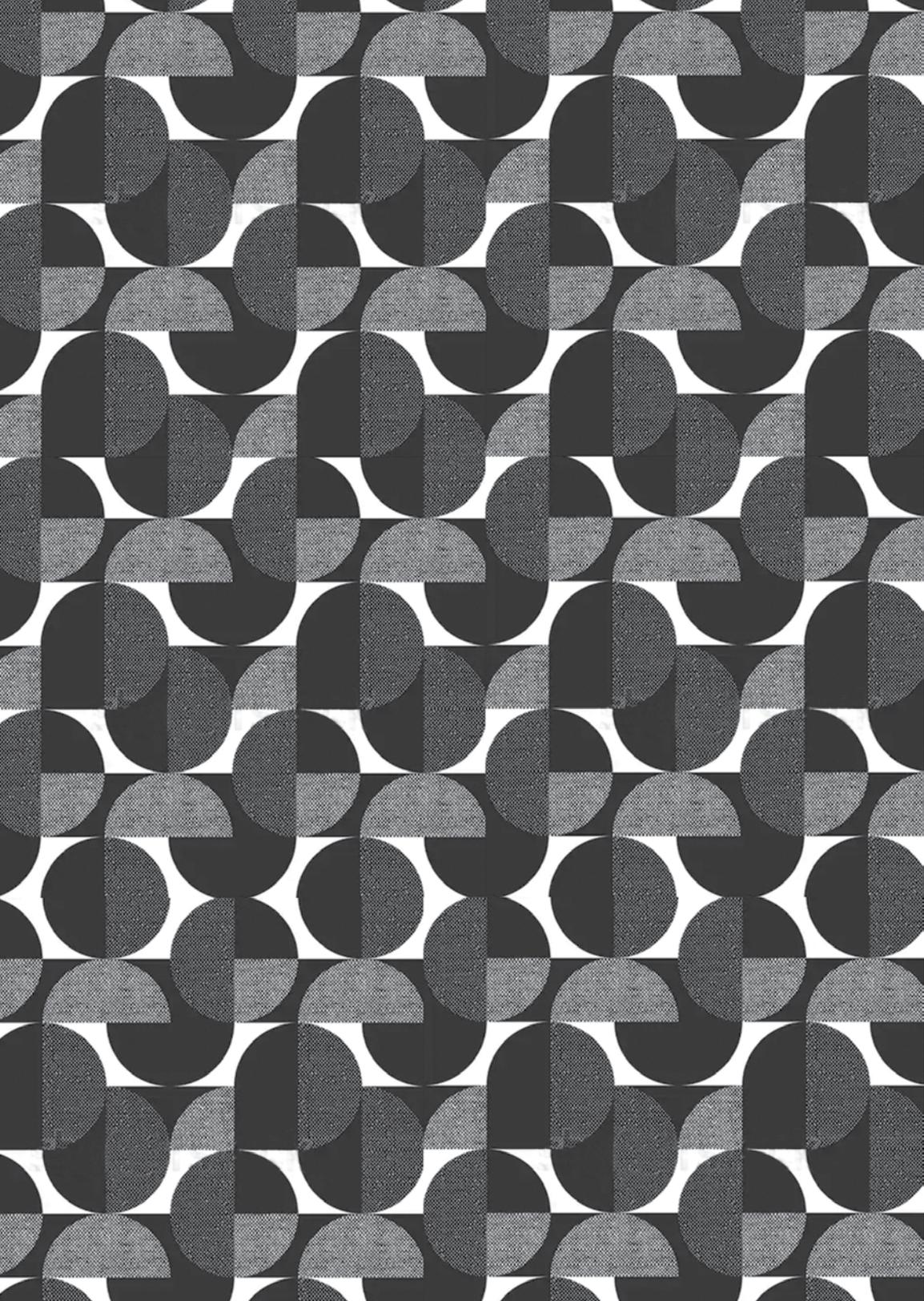
Tudo isto nos faz pensar em duas coisas que são, aliás, bem opostas: uma, a debacle causada pelo famoso empréstimo de 1824-1825, como nota de aprendizagem para um grande país; outra, na quase estabilidade de nosso câmbio sobre Londres naqueles tempos.

Quando se realizava um empréstimo a tipo 52, destinado a pagar juros atrasados de um outro, o câmbio se mantinha a 24 5/81. A nossa admiração sobe de ponto porque não se pode negar que, em nenhuma outra época, o Brasil esteve tão à porta da banca rota como nos primeiros dias da independência.

Aracaju, 01-11-1917.

A.X.

REVISTA DE ARACAJU



A Capital de Sergipe, originalmente publicado na Revista Ilustração Brasileira, republicado na Revista de Aracaju, n^o 7, 1962.

Onde nasceu o arraial de São Cristóvão

por Antônio Xavier de Assis
Ex-Intendente de Aracaju

Para que se corrija um pouco o histórico da primitiva capital de Sergipe, nada se poderá fazer sem um tanto de raciocínio, dosado de pacientes pesquisas, cobrindo-se, deste jeito, os descuidos e omissões dos que nos poderiam deixar algo de positivo, em vez da enfadonha meada que tanto nos incomoda em só pensarmos na sua existência.

Nos fatos da história potuguesa, o século XV foi de uma grandiosidade sem par, não só para as letras, as artes e as possíveis indústrias, como ainda para o comércio, que teve o seu longo curso rasgado pelo Gama, o Cabral e o mais destemido Fernão de Magalhães, assim como outros distintos lusos.

Mas, se para o descobridor das Índias, houve um *cantor da humana gente*, tão mal compreendido e pior remunerado no seu esforço de autenticar datas e fatos, para o evoluir do Brasil bem pouco ficou capaz de nos dar sossego, quando carecemos de certos dados para construir sobre terreno firme.

É por isso que Sergipe se vê enrodilhado todas as vêzes que pretende explicar o início de sua existência, se não como coisa autônoma, ao menos como parte de um todo que se fazia de acéfalo, não pela inteligência que sempre se lhe reconheceu lúcida e aprimorada, mas pelo peso e a paquidermia em que viver se comprazia.

É o caso do primeiro e segundo estabelecimentos da atlantizada capital de Sergipe, fatos realizados entre 1589 e 1596, em lugares que o culto sergipano pinta hoje indagada, se não com olhar choroso de desalentado asteca, ao menos em desconsolo pelas lacunosas informações que chegaram até nós.

De verídico existe que veio a estas plagas o guerrilheiro Christovam de Barros, o danificador do Serigy, inesquecível pela defesa das terras do Irapyranga do Serigy, e mais que isto, do infeliz índio, que ligando o seu viver na terra que lhe guardava o sono, sempre velado pelo Cruzeiro do Sul e o Setentrião, assim na taba que se enfeitava e se reluzia com suas armas.

Bem mais felizes foram Aperipê, Pindapyba, Pacatuba e irmãos outros, que se lhes sabe pousos tão cheios de recordações homéricas, livres da civilização pesada e má daqueles tempos, quando forçados e tipos outros viam aqui apenas a felicidade pessoal, desdizendo com sua bruteza dos formosos elementos que ornavam Portugal.

Se eles só vinham conquistar, pouco se importando com os sinais de nossa raça, com o histórico que um dia lhes haveríamos de pedir, pouco também se lhes dava como registro da maioria dos próprios fatos. E, por isso, uma perene dúvida no espírito dos historiadores quando abordam assuntos de nosso caro Brasil.

Eis, porque, Sergipe mesmo não sabe onde começou a vida desse arraial tão procurado, dessa primitiva capital, denominada São Cristovam ou Santo Inácio, querendo uns ao sul do rio *Poxim*, marcando outros a atual Barra dos Coqueiros e determinando ainda outros Santo Antônio do Aracaju.

É nesse terreno que abandonamos as divagações para rebuscar fatos e firmar nossa fraca opinião. Vários historiadores referem que, vencido o destemido cacique Serigy, Cristovam de Barros fundou o arraial ao norte da barra do rio *Poxim*, num istmo (ou após um istmo), fazendo construir um forte e uma capela.

Estão aí duas proposições que merecem ser analisadas: – um arraial plantado ao norte do *Poxim* e um trato de terra confinado por um istmo.

Com um pouco de corografia aracajuana e um tanto de geologia geral, parecem-nos demonstradas as proposições acima ditas, e não se colocará mui distante da verdade quem afirmar que o arraial de Cristovam de Barros, talhado para conter em si a futura capital de Sergipe, demorou entre os morros da Telha e do Urubu, não só por afirmá-lo o escrivão Manoel Thomé, em carta de sesmaria lavradas em 1603, nas palavras: “*se mudar a cidade que no tal tempo estava no aracaju* – como ainda pela configuração do solo, os meios de subsistência, etc.

Estudando-se a terra firme do município de Aracaju, vê-se a leste o estuário de *Sergipe*, a oeste correndo para noroeste, o chamado *Rio do Sal*, ao sul e sudoeste o *Poxim*, ficando dentro deste trato os assinalados morros da Jabotiana, Telha e Urubu e ospequenos anfratos do Barro Vermelho, do Sco e da Getimana até a Soledade, pontos confinantes com os municípios de São Cristovam e Socorro.

A parte geológica nos diz também que, dentro desta faixa de terra, somente em dois pontos se encontram água potável, que, naqueles tempos, seria em maior quantidade que hoje – no Anipum e no Engenho Velho ou “Manoel Preto”, cujas fontes últimas davam origem ao riacho *Aracaju*, já hoje desaparecido, não só pela denominação das águas que rebentam nas fraldas do Santo Antônio e Getimana, como ainda pelo aterro produzido pelas marés. Há vinte anos passados, ainda se divulgava o leito desse riacho, a começar do Engenho Velho até a ponte que dá acesso ao antigo bairro Chica Chaves.

Por outro lado, nunca nos constou que as fontes do Anipum dessem origem à nenhuma corrente, de maneira que os primeiros colonizadores, por um fato muito natural, dariam preferências às imediações do extinto *Aracaju*, por lhes convirem as vizinhanças do *Tramandahy*, do *Caborge*, do *Cabeça Mole*, nem dum pequeno córrego que, nascendo além da Santa Cruz do Oiteiro, ligava-se ao último riacho, depois de invadir e alagar a estrada do Saco. Estas terras eram paludosas e as águas de inferior qualidade, quando não salgadas por completo.

O *Cabeça Mole* ainda funciona como respiradouro da *Lagoa Vermelha*, a oeste da atual cidade de Aracaju, cujas águas cor de vinho lhe ficou o nome. E como o terreno ao norte do *Aracaju* não podia oferecer vantagens ao desenvolvimento de uma cidade, pela proximidade do morro do Urubu, certo a primitiva capital de Sergipe teve sua fundação no alto de Santo Antônio, como possível desenvolvimento para Getimana, cujas frutuosidades não alcançaram devido à sua pequena demora local. Permaneceu aqui apenas cerca de seis anos, para se mudar em seguida para as imediações do rio Pitanga, onde se encontrava em 1603, no governo de Thomé da Rocha. Mais tarde, para o local da atual cidade de São Cristóvão, junto ao *São Gonçalo*, o *Paramopama*, as fontes da *Prata*, do *Banho Morno*, etc.

Frei Jaboatão fala num outeiro descalvado, nas proximidades da foz do *Poxim* e que serviu à segunda fundação da cidade, outeiro que não existe, ou não existiu, porquanto o terreno em erosão nenhuma notícia nos dá a respeito. O que existe nas proximidades da segunda fundação está bem distante da foz do *Poxim*, podendo até se confundir com outros menores e também descalvados. Só se o distinto historiador tornou como outeiro descalvado a pequena montanha da Jabotiana, em vez do serro da Telha, o único monte ainda em plena formação terciária que se vê no trato de terra questionado.

Seguimos aqui o critério das águas, que os colonizadores procuravam sempre potáveis, menos pelo raciocínio de boa higiene

que pelo desejo ardente de gozarem a verdejante terra conquistada. E não há como negar que as águas do “Manoel Preto” ou Engenho Velho fossem, naqueles tempos, tão boas quanto as que abastecem a atual São Cristovão, sabido que o líquido captado nas ribas do *Banho Morno* é sempre melhor que os das fontes do *São Gonçalo*, em atenção à roupa que se lava e outros misteres que as necessidades domésticas obrigam.

Entretanto, o rio é sempre o mesmo – estreitinho e perene; – mas as condições variam para os diversos pontos, princípios que alteraram as águas do “Manoel Preto”, que já não satisfazem ao estômago humano, como não servem à indústria, uma vez que exigem o simples composto de hidrogênio e oxigênio.

Coleando as ideias dos únicos que nos precedem, com rumo seguro ao ponto culminante (M.P.Oliveira Telles e Clodomir Silva), é bem de ver que em alguma coisa existem dessemelhanças; mas isto tão de leve que em nada prejudica a existência da nossa primitiva capital em Santo Antônio do Aracaju, como di-lo o escrivão Manoel Thomé, em documento público e plenamente aceitável, que até na ortografia quinhentista traz autenticidade.

E nós conhecemos o Santo Antônio lendário, com a sua ermida quase em ruínas, sendo que lhe derrubamos a fachada terminada em esse até a altura da porta principal, verificando a existência de dois gêneros de construções, sendo a primitiva de concreto de pedra e calça, e a terminante de calça e tijolo cozido. Esta marcava duas fendas desde as extremidades laterais do fronte até a abertura do pórtico.

Não queremos dizer, porém, que esta tenha sido a capela de Christovam de Barros, no mesmo tamanho em que está, porquanto os nossos trabalhos não foram a termo duma inquirição geral. Apenas indicamos que, afastada uns dois metros do arco que separa o corpo principal da capela mor, existe uma porta baixa e larga, fechada à alvenaria de tijolos e cuja pesquisa nada indicou de notável. Este sinal se encontra do lado do oriente.

Entretanto, se mudar a igreja, naqueles tempos, era lhe conduzir para outro lugar, imagens e alfaías, certos ficamos de que aquela foi a capela de Christovam de Barros, representada, talvez, pela sua capela mor e outra frente, que, segundo se afirma, era voltada para noroeste.

– E o istmo de que tanto se fala? É natural que ainda o encontremos nas alturas do Capucho e Barro Vermelho, divisória do solo arenoso e do cretáceo.

Diz-nos a tradição oral que o *Rio do Sal* já foi ligado ao *Poxim* pelas baixadas do Campo Grande (hoje Sobrado), terrenos que escapam à faixa arenosa do Aracaju e são compreendidos até a lagoa do Itacanema e adjacências. Mas isto foi em milênios; de maneira que, na passagem de Christovam de Barros, o istmo seria bem pronunciado, pela proximidade dos dois lençóis d'água, que se afastam hoje em razão do recuo do *Rio do Sal*.

Ainda outro critério: Batido cacique do *Irapyranga* (no próprio local em que está a vila do Itaporanga), as forças expedicionárias abriram caminho para o norte, onde sabiam existir inimigos vários, notadamente Serigy e Sirigy, cuja fama atravessava os montes e os vales que lhes eram correntios. Os exploradores não sabiam onde iam encontrá-los de pé firme a não cederem o passo; mas; pela organização em que estavam os gentios, certo às margens de alguma caudal.

Serigy, que tinha trato com branco, que lhe vinha do lado do mar, só em duas paragens deveriam estar a seu maior contento: – na faixa que vai da atual cidade de São Cristóvão até Pedreiras, ou do morro do Urubu, pela Getimana, Santo Antônio até o descalvado da Telha, servindo primeiro, o último e mirantes, não só para o povo brivil como para os que lhes sucederam nas terras. Se os franceses lhes viñham da banda do mar, Serigy e seus irmãos deveriam estar nas alturas para avistarem as velas – logo que estas alvejavam no oceano.

E, como pelo sistema hidrográfico da zona, pela partilha da mesma entre o gentio, não se pode abandonar a ideia que os

naturais eram pescadores e caçadores, provavelmente o sacrificado Serigy habitou as plagas de Santo Antônio, fazendo as suas correrias desde este ponto até à margem esquerda do *Irapyranga* (hoje Vasa Barris), ao tempo que vigiava o estuário do *Sergipe*, cuja barra, correndo com fragor, não muito distante do Jabotiana, trazia diminuído o enorme lençol de areias existentes em nossos dias.

Nas elevações que estivemos pontilhando, muito pouco nos detivemos na pequena montanha da Jabotiana, apesar de oferecer esta um cretáceo saibroso, com riscas bem visíveis de carbonatos calcáreos, pelos cortes laterais, capaz de entreter o indígena em trabalhos de cerâmica, mas inconvenientíssimo para a produção agrícola.

Por mais indolente que fosse o gentil brasileiro, sempre lhe sobrava tempo para plantar o milho, a mandioca e o fumo; mas isto quando a terra não precisava de amanhã, como sucede nos solos húmidos e de caráter quaternário, onde a semente rebenta com toda a força equatorial, zombando dos maus elementos, em razão da vida constante que inicia.

Todavia, os objetos de barro, tão comuns em outras zonas, ainda não foram encontrados na Jabotiana nem nos seus arredores, donde nos fica a crença de que o indígena não demorou por alí, nem fascinado pela agricultura, nem pelas construções cerâmicas.

Uma passagem natural para o indígena, pelo istmo de Aracaju, formou devesas pelo continuado das incursões, e o invasor delas se utilizou, deixando ao sul o *Poxime* ao norte o braço do *Sergipe*, cognominado *Rio do Sal*.

Infelizmente, a atual São Cristovão não pode apoiar nem contradizer estas perquisições, porquanto nada nos apresenta de positivo em tal assunto, nem de outros de mais ou menos importância. As revoltas ali eram contínuas. Os habitantes pareciam estrangeiros na sua totalidade, interessando-se muito menos pela coletividade que pelos seus gados e a escravidão dos índios. As datas para aque-

le povo não constituíam coisas necessárias, a tal ponto de hoje não se saber qual das igrejas da terra foi a primeira construída. Presume-se ter sido a do Rosário, ainda que por uma reconstituição de ideias, aliás com soma grande de probabilidades.

Note-se, de passagem, que a igreja do Rosário ainda se apresenta quase como foi construída, com uma só torre e mal-acabada, com fantasia centenária, onde a rudez dos tempos longevos atesta sua primitividade. Vê-se bem que, no Rosário de São Cristovão, tudo é de antanho, desde a estrutura ao soalho, que ainda se conserva de estrados amovíveis de madeira. A data, porém, da fundação não conhecemos.

O povo primevo da velha capital, a quem se emprestara muitas vezes algum amor à terra, não era bem um povo nacional: migravam com a mesma facilidade com que migrou a sua cidade. Um rebate nas cercanias era o bastante para que todos os válidos abandonassem as suas casas ou se entregassem ao invasor.

E, assim, de invasão à invasão, São Cristovão perdeu com certeza o pouco que possuía em documentos históricos, além dos grandes prejuízos causados pela suserania baiana a toda a capitania sergipana. Só muito tarde apareceu alí um gênio capaz de explicar vários pontos controvertidos. Este foi, e continua a ser, o bacharel Manoel dos Passos de Oliveira Telles, atual juiz de direito da primeira Vara da Comarca de Aracaju, que há quase trinta anos trabalha em prol da velha cidade e seus antigos domínios. Mas o historiador não pode repercutir o que os arquivos não dizem com a segurança carecida.

Quase somente deduções. A obra, pois, é mal-acabada, porquanto os Barroso e os Santa Cecília não deixaram messe para ser continuada. Eram artistas no púlpito, no altar e no coro. Aos que não eram eles... a política aldeã dominava.

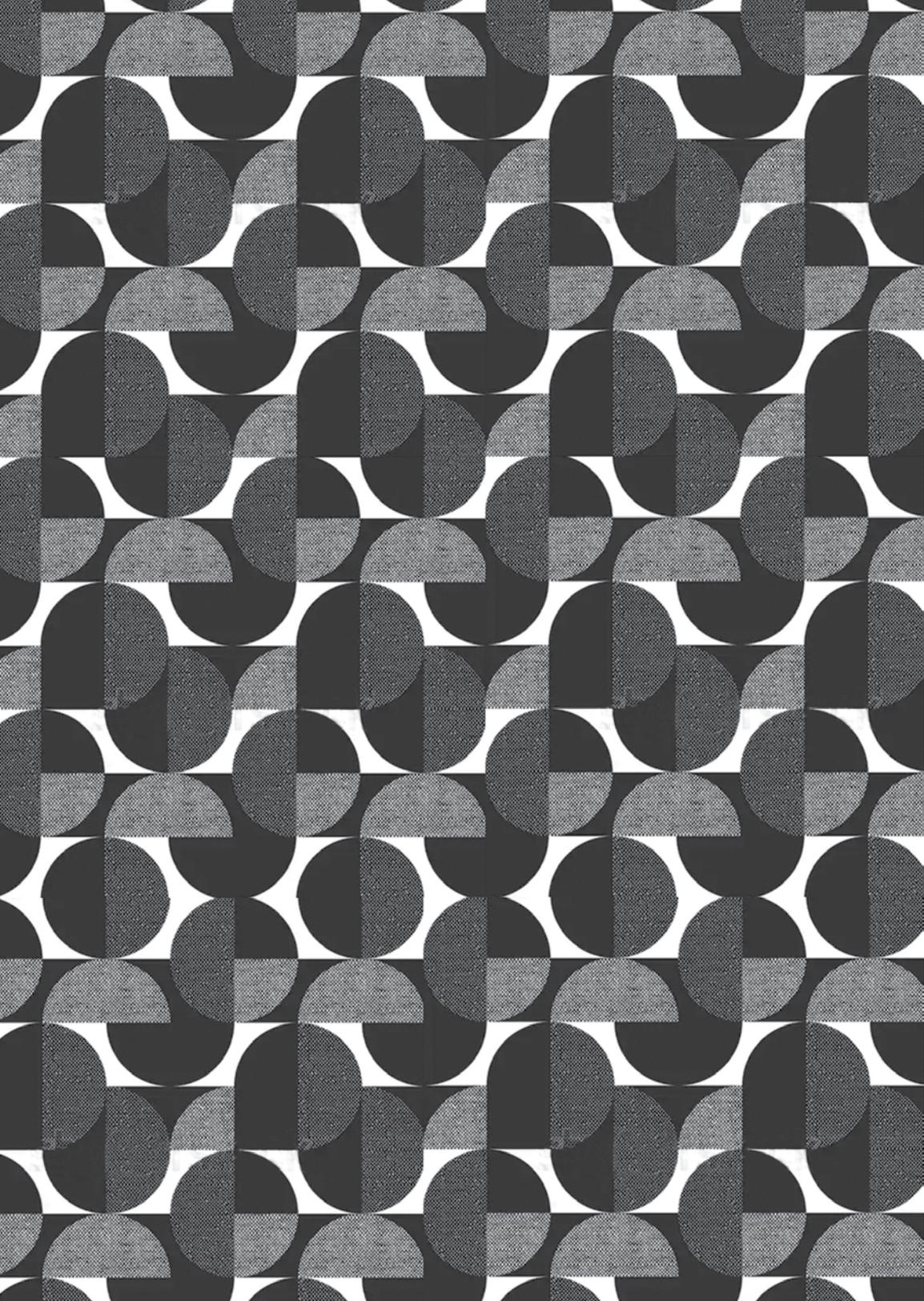
São Cristovão falou muito... não escreveu nada. Eis a maior dificuldade para os que se interessam pela sua existência aqui nas margens do Pitanga ou junto ao Paramopama.

No seu segundo estádio, no desnudado cretáceo ao sul do Pitanga, a cidade longeva demorou de dez a onze anos. Entretanto, não ficou ali uma simples aldeia ou um documento firme que nos atesta a sua passagem. Uma velha cruz e uns alicerces escondidos, dizem, são o mor testemunho. Demoliram tudo, como demolidas foram algumas ruas quando a capital foi transferida para Santo Antônio do Aracaju, cerca de 268 anos depois de sua viagem para o sul.

É verdade que não voltou a cidade de Cristovam de Barros, mas voltou a maior parte de sua população com os materiais de muitas casas. Santo Antônio também não teve o seu núcleo desenvolvido, porquanto casario veio desde logo alvejar a praia, em luta crescente com a malária, que vitimou o próprio fundador da nova capital.

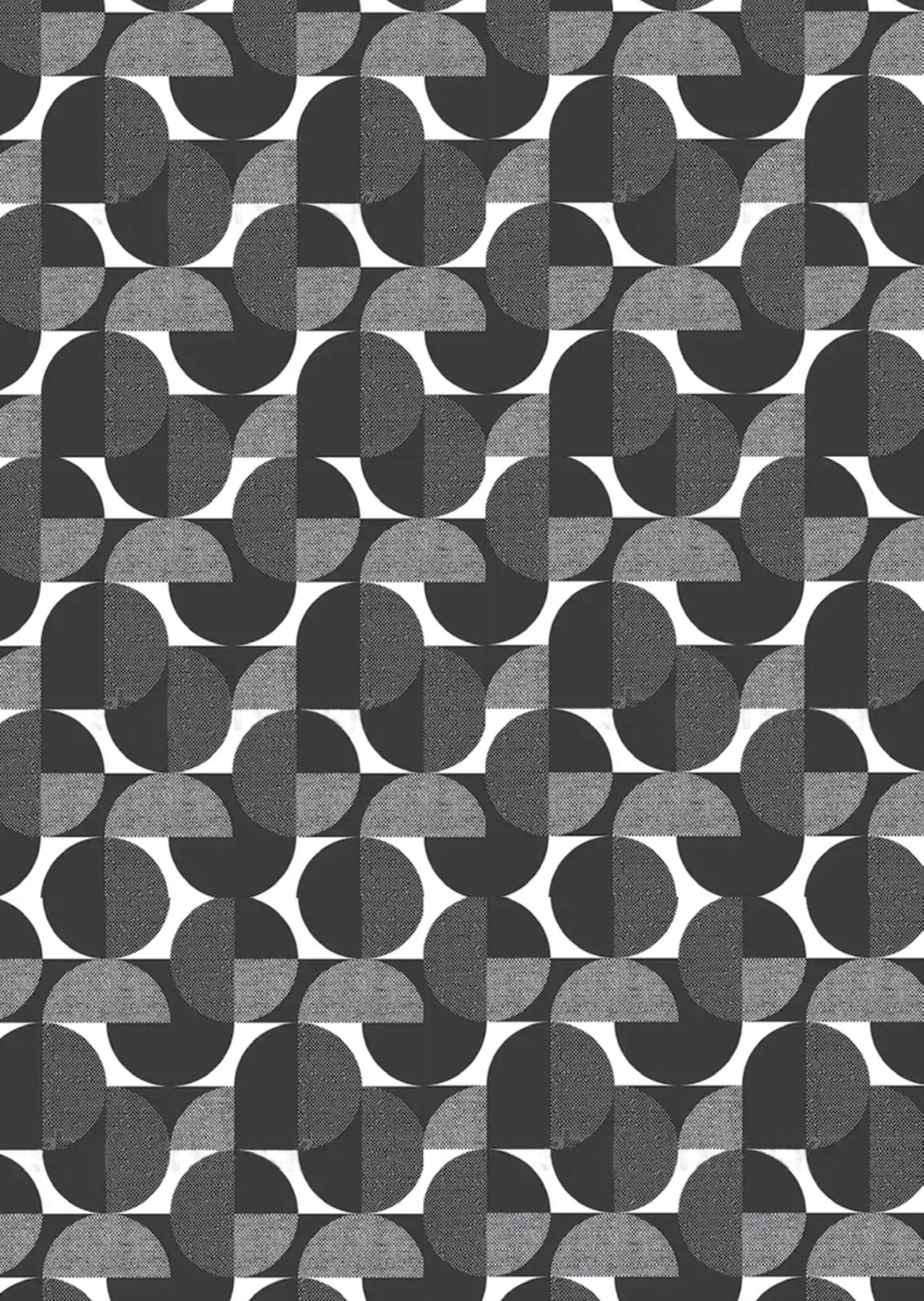
Aracaju, que ocupa hoje cerca de três quilômetros de norte a sul, foi um germe de São Cristovão, germe que se desenvolveu rapidamente para levar vida nova à velha capital, como se vai realizando hoje e como de futuro será mais acentuado. Aracaju, está, pois, em São Cristovão. E São Cristovão voltou a Santo Antônio, com pretensões a se espalhar desde o morro do Urubu às margens do Poxim; desde o estuário do Sergipe às cercanias do Campo Grande, pelas águas do Anipum, pelo descavado da Telha, pelo istmo já não reconhecido.

Que falem os que maiores razões tiverem e nós reformaremos estas ideias terminadas hoje, em homenagem ao 67º aniversário da fundação de Aracaju, a neném do nordeste brasileiro e que nem por isto deixa de ver correr o progresso pelas suas belas avenidas.



JORNAL DE NOTÍCIAS

- INÉDITO -



O que será depois⁵²

Antônio Xavier de Assis

1- O lugar onde nasci e a terra que escolhi.

Eram as terras dos Meinés e dos Xocós, habitantes de Jaciobá e Ipueira.

Em 1757, começa a catequese, com a chegada às mesmas terras de Dom Domingos Loreto Couto, que estabelece missão à margem do Itipicamunhã, de um lado, e em Tupiriá do outro lado do Parapitinga (que quer dizer: rio de pelo branco).

Vindo da queda d'água da Mata Grande, o Parapitinga vai por 90 quilômetros de leito pedregoso e 210 quilômetros de leito arenoso, até à foz no grande mar.

O altaneiro Pão de Açúcar, com seus velhos povoados do Cavalete, Pau Ferro, Paciência, Campo Grande, São Domingos e Aranha, contempla o Rio e o vai-vem das barcas grandes e canoas de tolda que transportam coisas e gentes. Passam lentas na correnteza entre as embarcações dos pescadores, sequer balançadas pelo suave marulhar das águas claras.

Dia e noite, chova ou faça sol, o Pão de Açúcar é o baluarte natural que guarda o ponto bom de guarda, como um novo Almoroul, lar de míticos gigantes e lindíssimas princesas, na imitação do velho Tejo.

52 Esse é o título de artigo que publiquei no "Jornal do Povo" em 1º de fevereiro de 1917 com reflexão sobre o futuro que agora vivo.

Aliás, daqui do Pão de Açúcar, e do seu mais interno sertão, salta-se para o mundo, na propícia velocidade da correnteza do Rio, para além da margem da penedia.

Depois é só cruzar a corrente. E da Vila Nova que se põe à frente, alcançar afinal o destino.

É esse percurso que fiz e quero descrever.

A surpresa de mares pouco abrigados, das areias e dos coqueirais infinitos onde viemos viver: Aracaju!

2- As circunstâncias da vida

Hoje, 15 de junho de 1931, completo sessenta e um anos de idade e concluo o que posso considerar a obra da minha vida: este livro sobre o Rio São Francisco na parte que conheço desde sempre e desde sempre naveguei. Era um projeto antigo, do qual me afastaram as exigências da vida de gráfico, comerciante e industrial, as necessidades de atenção à família que foi crescendo e, afinal, as lidas políticas nas quais quase que impertinentemente ingressei.

Nos muitos anos em que vivo em Aracaju, de 1899 até agora, com uma pequena interrupção em 1914 – tive o São Francisco em mente e almejei uma primeira publicação de fôlego no quadricentenário de sua descoberta (em 1901), que não pude cumprir diante do ingresso na política sergipana, na agitação do fim do governo do Monsenhor Olímpio Campos e na preparação do início do governo do meu amigo, Doutor Josino de Menezes.

Fui Intendente de Aracaju e dirigi a capital em 1904 e 1905, tendo sido eleito em 1º de setembro de 1903 – com 352 votos – para suceder ao Senhor Francisco de Andrade Mello, que cumprira o biênio anterior. Já tinha o então jornal “O Estado de Sergipe” e militei na imprensa sergipana escrevendo, também, para o “Correio de Aracaju”, “Jornal do Povo” e “Jornal de Notícias”.

Depois, na sequência dos fatos trágicos da política sergipana no início desse Século XX, e apesar do confronto do olimpismo com o faustismo, tive a sorte de poder retornar às minhas atividades comerciais com a Livraria Brasileira, posto que já tínhamos então sete filhos, a mais velha é Ismênia, ainda adolescente, mas dividindo com Marocas os cuidados com os mais novos e com as casas, que são três: a da cidade, na Avenida Coelho e Campos; a do Sítio Palestina, no extremo oeste de Aracaju, e a de São Cristóvão, onde passamos os verões.

No Governo Siqueira Menezes (1911/14), assumi cargo público na área educacional do estado, permitindo-me trazer a Sergipe as ideias novas dos grupos escolares e das bolsas de estudos na capital federal, não apenas para estudantes que se destacavam no ensino médio nas mais variadas áreas de conhecimento, mas, também, para os jovens promissores nas artes plásticas, musicais e literárias que no Rio de Janeiro podiam ampliar os seus conhecimentos, técnicas e talentos.

Seja como diretor de grupos escolares⁵³, seja na atividade de inspetor escolar, passei a viver em viagens frequentes por todo o Estado, à capital da República e a São Paulo e tive que abandonar o comércio e a tipografia nos quais me realizei. Todavia, foram aos poucos se tornando incompatíveis com a minha saúde frágil e a meia idade que já me tinha alcançado na década de vinte.

Passei, então, a refletir sobre a minha trajetória e a meditar sobre os acontecimentos do passado, como faço agora para emoldurar circunstâncias, paisagens e pessoas que enxergo como partes da minha vida.

No final do Século XIX, a mudança para Penedo tinha sido fundamental para a definição profissional que me foi tão útil e inspiradora. Tornei-me gráfico e depois jornalista, com cada coisa sucedendo à outra na concatenação lógica e ordenada que

53 Fui, sucessivamente, Diretor do primeiro e maior dos 'grupos escolares, o "General Siqueira" e do "Barão de Maruim" em cuja direção me aposentei.

me permitiu viver decentemente e até constituir família ainda moço. O que, aliás, foi um estímulo para organizar melhor o trabalho e empreender novos negócios.

No começo desse Século XX não descansei um minuto sequer. Trabalhei muito, estudei muito, escrevi muito e, assim, vivi intensamente uma vida que se afigurava imprevisível quando da minha infância em Pão de Açúcar e que foi, aos poucos, acontecendo para além de qualquer prognóstico favorável, em momento histórico de tanta dificuldade como foram os derradeiros anos do Império, tempo da minha juventude.

3- A família e os amigos

Casamos - Marocas e eu - em 26 de janeiro de 1895, em Penedo, Alagoas.

Naquele tempo, pouco mais de cinco anos após a proclamação da república, ainda sob a cultura da lei eclesiástica, o nosso casamento foi o oitavo a ser registrado civilmente no Cartório de Francisco de Assis Figueiredo Barbosa, como que inaugurando a legislação republicana que demorou muito a ser assimilada.

Dois anos após o casamento, chegou-nos Ismênia, a primeira dos catorze filhos que tivemos e a única alagoana como nós, pois todos os demais nasceram em Sergipe para onde nos transferimos em 1899.

Cabe aqui uma reminiscência, que é também o agradecimento que devo a dois grandes brasileiros.

O primeiro, Aquiles Melo⁵⁴, acolheu-me e me ensinou a arte gráfica durante os mais de dez anos que, com ele, trabalhei ainda em Pão de Açúcar. Essa amizade me marcou para todo o sempre, e dela decorreu o gosto que ainda cultivo pelas artes gráficas e pela escrita jornalística, que fui aos poucos aprimorando nos textos que me era dado publicar no jornal “O Trabalho”, que

54 Aquiles Balbino de Lélis Melo, Traipú. 1831/ Penedo – 1902.

o Senhor Aquiles fundara e editava em nossa cidade natal. Foi também por influência do jornalista Aquiles Melo que fui para Penedo, onde logo que cheguei me estabeleci com uma moderna tipografia e fundei o quinzenário, “O Estímulo”, que mantive até substituí-lo, em 1897, pelo jornal semanal “Tribuna Popular”⁵⁵. Além desses semanários, editei a revista literária “A Palavra”, de frequência mensal e dedicada às mulheres.

O segundo dos meus benfeitores foi o Doutor Josino de Menezes⁵⁶, que conheci logo que cheguei a Penedo e de quem me tornei fraternal amigo desde então. Viemos para Sergipe, em 1899, trabalhar no governo. Trabalhamos com o Padre Olímpio, Josino na parte política e eu na burocracia e no jornal oficial. Daí ter-me envolvido também na política, com a minha eleição para o Conselho Municipal da Capital e, em seguida, assumindo ele o Governo do Estado (1902/1905), indicando-me para a chefia do Poder Executivo Municipal de Aracaju, da qual fui Intendente, eleito em 1º de setembro de 1903, para o mandato de 1904/1906, com exatos 352 votos.

A sequência de meus filhos vivos tem me dado muitas alegrias. Ismênia, Iracema e Helena já casadas e morando aqui, perto de nós. Milton há muitos anos no Rio de Janeiro; onde também está Antônio, que tem meu nome e está concluindo o curso de Direito na Faculdade Nacional; Eurides, freira sacramentina em Maceió; Heloísa e Creuza vivendo conosco, pois são ainda solteiras e estudam no Colégio das Freiras.

Temos muitos amigos e a casa vive cheia de moços e moçoilas a quem recebemos como se parentes fossem. Estimulamos os

55 O ambiente político em Alagoas estava muito tumultuado naquele final do Século XIX. Da proclamação da República até 1896 o Estado tinha tido dezessete governadores. Com a desculpa de reorganizar a administração o Governador José Vieira Peixoto (1896/1897) e seu sucessor Manoel José Duarte (1897/1899) praticaram atos de força e tentaram controlar a imprensa, inaugurando um período de intolerância e maniqueísmo.

56 Josino Odorico de Menezes (Laranjeiras-1866/Rio de Janeiro-1916) farmacêutico e político, Intendente Municipal de Penedo (1890/91) e Governador de Sergipe (1902/05), foi deputado federal entre 1907 e 1908. Jornalista e político, foi membro do Conselho Municipal de Pão de Açúcar criado pela Lei nº 233, de 03 de março de 1854.

dotes musicais, literários e teatrais nos saraus que organizamos duas vezes por semana – e, às vezes, até com maior frequência – quando estamos em Aracaju.

4- O Novo Século

Nas três primeiras décadas deste tumultuoso Século XX, os fatos políticos, econômicos e culturais têm sucedido com incrível velocidade e profundas diferenças do que antes nós costumávamos viver.

Especialmente nos recém-concluídos anos vinte.

Politicamente, a profunda crise de legitimidade dos governos da velha república; a “debâcle” do café brasileiro de exportação e o “crack” do mercado financeiro norte-americano na economia; E, por último, e principalmente, na área artística com o movimento modernista que agita o nosso país e repercute, com intensidade e brilho, até no estrangeiro.

O governo federal sofre uma grande reviravolta. Em oposição à agora denominada república velha, instaura-se um novo governo, decorrente de movimento revolucionário que, ao contestar a eleição que daria continuidade ao *status quo* com a posse de Júlio Prestes, entroniza na Presidência da República o candidato derrotado Getúlio Vargas e modifica, significativamente, a correlação de forças políticas antes concentradas no Sudeste e agora repositionadas no extremo Sul e no Nordeste.

Nada disso, porém, está ocorrendo pacificamente. A turbulência econômica mundial e a radicalização ideológica, na Europa, refletem em nosso país e são responsáveis por movimentos de natureza militar, como os que têm desassossegado Sergipe desde 1924.

É nessa moldura institucional que, afinal, concluo o livro sobre o Rio São Francisco, que agora percebo ser um contraponto

até então imperceptível à desordem geográfica das alterações políticas e econômicas acima mencionadas, costuradas compensatoriamente com o fio de união nacional, que é o Grande Rio, do mesmo modo como fiz em 1922 ao divulgar nacionalmente a importância de nossa aldeia, o Arraial histórico de São Cristóvão, nas comemorações do centenário da Independência do Brasil.⁵⁷

Não sei quando poderei publicar este trabalho no qual estão a história, a geografia e a ação civilizatória que caracterizam o Baixo São Francisco como lugar representativo do Brasil, desde os seus primórdios como nação.

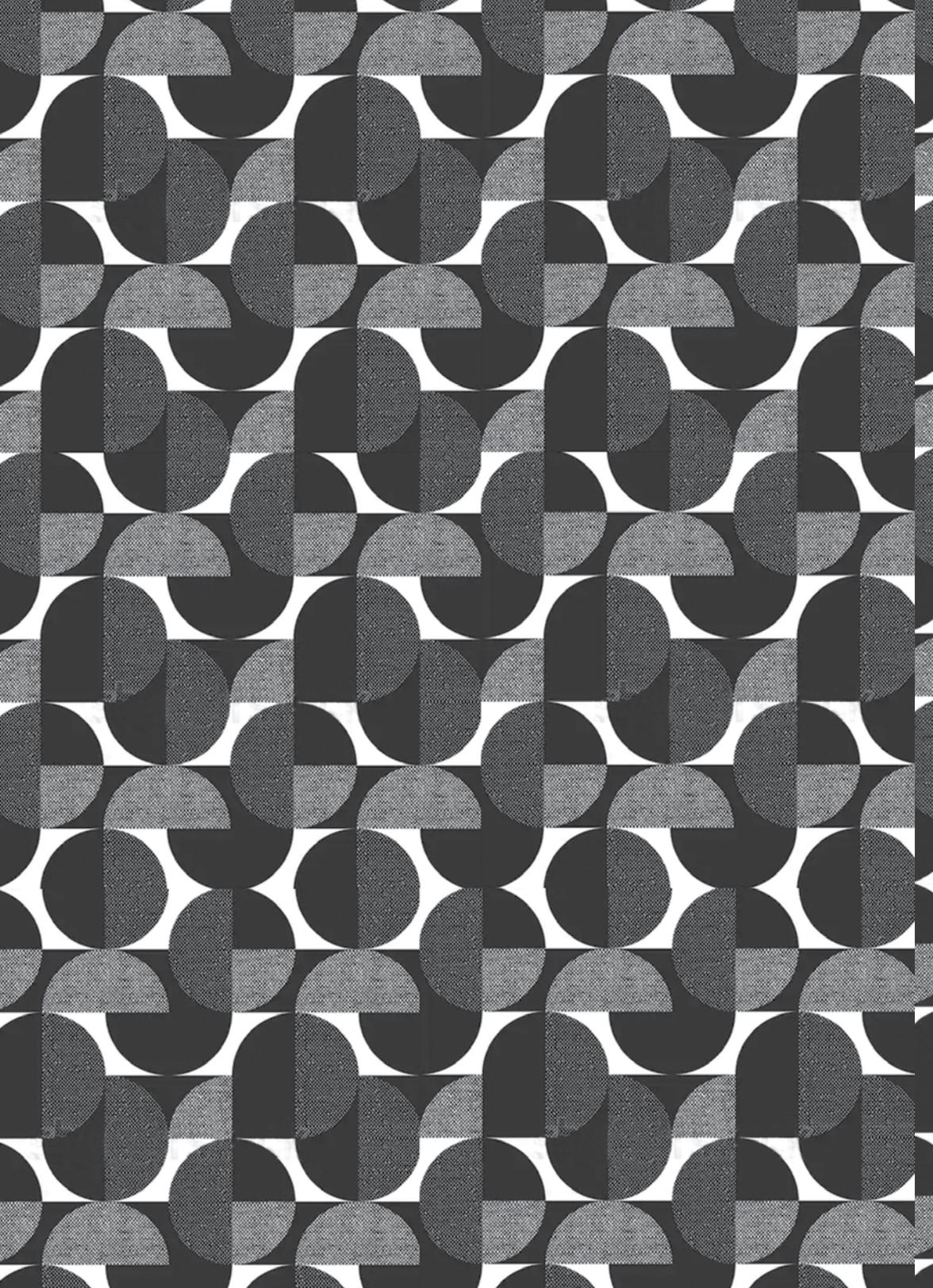
Talvez caiba a meus filhos, a meus netos ou mesmo aos descendentes mais longínquos dessa tarefa, de partilhar com outros tantos compatriotas a saga de um povo que tem no Grande Rio uma referência cultural exemplar, tanto no que representa a unidade nacional e fraternidade regional, como exemplo de ligação do mar com os sertões onde se tem forjada a mais autêntica brasilidade.

É esta a razão pelo qual me dediquei ao estudo deste personagem que nos merece tanto: o Rio São Francisco, orgulho e benção para os brasileiros agora e no futuro.⁵⁸

Aracaju, capital do Estado de Sergipe, em 15 de junho de 1931.

57 “A capital de Sergipe. Onde nasceu o Arraial de São Cristóvão”, publicado na Ilustração Brasileira, setembro de 1922.

58 Este texto é a romantização alegórica das notas biográficas esparsas e relevantes da vida do Autor, consistindo, inclusive, nas informações que foram colhidas na Família e nos relatos orais de quem conheceu Xavier de Assis (CPA).





Parte IV

Jornais Editados
por Antônio
Xavier de Assis em
Penedo - Alagoas,
Facsímilar

A Palavra - Abril, 1893

Biblioteca Nacional

A PALAVRA

REVISTA LITTERARIA

DEDICADA Á INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER

COLLABORAÇÃO — ESCRITORAS E ESCRITORES

ASSIGNATURA POR MEZ 500 RS.

ANNO—V (ALFAGAS) Penédo, 8 de Abril de 1893. (BRAZIL) 1893, 11—10

Veneremur a mulier! Santificemur—al
rituomol-a!
Victor Hugo

VIDA
DE
SANTA ROSA DE LIMA

(Continuação do n. 9)

CAPITULO

Sua obediência — Amor ao trabalho — Deseja consagrar-se a Deus e veste o habito da ordem 3.ª de S. Domingos Inquietações e escrúpulos.



...vozes, smotion
a casa, acudio a fa
milia; e todos jun
tos se armario de
injurias, e desabri
mentos contra Ro
sa. Animada a im
paciencia da mãe com tantos pa
receres, passou das palavras ás
execuções; e deo-lhe golpes; ar
rastou a pela casa; valendo-se a
té dos pés para esta fereza. Tu
do soffreu a innocentina com
invicta igualdade: Illustrando
então o Céu que havia ser seu re
trato de Santa Catharina de Se
na; e que era a primeira delinea
ção do retrato. Continuarão se por
muitos dias as insolencias dos pa

rentes; e em occasião, que o fogo
sublo ao maior ardor, afflicta, se
extremamente descosolada a
Virgem Rosa se retirou a um can
to; e com os olhos fellos rios, e
pregados no Céu, disse ao espo
so: «Senhor da minh'alma, co
mo mostra a s descuidar-vos do
que se vos entra-ga com tanta
deliberação. Se buscaes a quem
vos foga, como não defendeis a
quem vos busca? Vede que se é
varonil o meu amor, temo a mi
nha fragilidade. São muitos os
combatentes; e se me não ampa
rão as vossas misericordias, temo
as ultimas ruinas.» Ouvio-a
Deus, que não falta a um coração
resoluto, e tímido. Desde aquelle
instante serenarão as persegui
ções, e ficou Rosa toda serenada.
des.

Uma Senhora virtuosa, chama
da D. Maria de Quinones, deter
minou dar-lhe dote para se reco
lher Freira em um Mosteiro de
Santa Clara. Contrariou-se a mãe
(que no trabalho de Rosa cifrava
o sustento da casa,) e cessou a
determinação. Porem logo depois
lhe offereceram as Religiosas da
Incarnação um logar; e derigida
a nossa Virgem pelos seus Con
fessores, se resolveu a sahir fur
tivamente de casa com um irmão
sinho, e aproveitar-se do offero
cimento. Passando pelo Coprento
dos Religiosos de S. Domingos, e
entrando a despedir-se da Senho
ra do Rosario, apenas se poz de
olhos, e começou a despedida,
se vio immovel, e inflexivel. Vio
o irmão que se fazia tarde; adver
tio a por tres vezes do descomodo
que dava ás Religiosas, que a es
peravão; forcejou Rosa por se

levantar; pello ao irmão que a
ajudasse; e reconhecendo inutili
da a diligencia, entendeu que
não approvava o Céu a resolução.
Postos os olhos na Imagem da Se
nhora, lhe prometteu voltar para
casa, e faser d'ella clausura. Im
mediatamente que acabou de pro
ferir esta promessa, cessarão
os impedimentos; recolheu-se, e
referio a sua mãe o sucedido.

Roucos dias depois houve outro
debate, offerecendo lhe outro Ca
salheiro o recolhimento. Religiosa
descalça da Conceição; e deiza
da a resolução a de quatro Theo
logos, votarão todos; que se não
contrariasse a vontade Divina,
tantas vezes manifestas.

Ainda que com repetidas insi
nuações lhe tinha o Céu intimado
que havia de ser filha, e retrato
de St. Catharina de Sena, como
a eleição de estado pede todo de
velo, achava-se Rosa afflicta, irre
soluta, e pensativa no que obraria.
Eis que entra pela janella uma
grande borboleta trajada de bran
co e preto; e depois de repetidos,
e brandos giros, se lhe poz sobre
o peito, onde lhe deixou delineado
um coração com tal primor, que
logo parecia obra de quem a de
rigira, e ensinara. Todo este es
paço esteve Rosa em doce extasia.
Acordando d'elle, e vendo o de
buxo, acabou de confirmar-se que
era gosto de Deus fosse freira da
Terceira Ordem de S. Domingos;
e dentro em breves dias vestiu o
Sagrado habito. Não parece crível
o jubilo, e a dilatação de espiri
to, com que abraçou este insti
tuto. Beijava mil vezes o Esca
pulario; dizia-lhe muitos amores
e com copiosas lagrimas gratificas.

A PALAVRA

va ao Soberano Esposo tal felicidade, ratificando sempre a deliberação de ser imitadora, quanto lhe fosse possível, do Seraphim de Sena. Lia continuamente a sua vida: não encontrando clausula, que não procurasse satisfazer com total conformidade.

(Continúa.)

PHENOMENO CURIOSO

No theatro de Camwilh de Pialuf estreou recentemente o Sr. Duvoy, com exhibição da mulher-féra que ha tres mezes expõe pelas capitães da America do Norte.

Este phenomeno, que é metade mulher, e metade leão, foi caçado pelo sr. Duvoy nas florestas de Bardy-Buirá na Africa.

A cabeça, cujos pelos são negros como ébano e tersos e brilhantes como o velludo, é admiravelmente conformada.

Os olhos, a bocca e as orelhas poderiam servir de modelo a um pintor, precisando apenas mudar a cor.

Mas, a partir dos quadris, a mulher acaba, e começa a féra. O phenomeno que o sr. Duvoy exhibe tem as patas cor de canella, bem como o dorso; da extremidade da collum vertebral surge uma cauda de grande dimensão.

A mulher-féra não falla nem rugo, o que prova que evidentemente é muda; mas todas estas particularidades são coisas banaes, comparadas com uma circumstancia notabilissima que preoccupa seriamente os sabios norte-americanos.

Quando o Sr. Duvoy castiga a mulher féra, observa-se que esta se retorça em horribes contorsões, dos quadris para baixo, ao passo que o sympathico e negro rosto sorri docemente; se, porem, ao contrario o castigo é applicado á parte superior do corpo (parte mulher), chora desconsolada, permanecendo immoveis, como insensíveis, as patas, os quadris e a cauda.

Esta noticia vai por conta do jornal «La Razon» de Montevideo.

ANONIMOS

(Por Letras)

OFFERECIDO EM RETRIBUÇÃO AO LOGOGRIPO "FLAUTA" PUBLICADO N "A PALAVRA" DE 4 DE MARÇO DO CORRENTE ANNO N 7
A MIM OFFERECIDO

Senhor eu tenho presente,
Sua linda produção,
Saiba que não mereço
Tamanha apreciação

Sou pobre destituída,
Dos annos, estou no começo;
Sou rude não tenho estudos
Flogios, não mereço

Entendo que devo medir vos
Homenagem e cumprimentos
Pois por certo em si encerra
Grandiosos elementos

De cá lancei esta arma 1, 9, 3, 7
E esta herva tambem 7, 8, 6, 9, 3, 2
Empregando este vazo 5, 3, 4, 7, 6, 7, 3, 9, 10
Quem adivinha, ninguém ?

CONCEITO

Este Logogripho E' bem conhecido
De pequenas phrazes E diverte os rapazes

Fausta Neu
Palmeira—27—3—93

CHARADAS

Eis a decifração das charadas publicadas no n.º 9 d'esta Revista, e a mim offercidas:—*Fazegue, Lobrigador, Noé, Serzelina e Serzelino*. Em retribuição ás mesmas, offerço ao distincto charadista, o Sr. Ozorio de Barros, as seguintes :

o pronomo da mulher, e é mulher—1—2
mulher, quando estou alegre só me vereis com as velhas—2—1

o qui, a excavação tem um peixe—1—2
casse agora é lastima do envergonhado—1—1—1

o fôlo faz padecer o missionario —2—1

—mmensidade, monte e mulher—1—3

—ar, é aqui uma veste?—2—1

Olympio Guimarães.



NO CAMPO

DEVANEIO

Cra ao raír d'um lindo dia do outono!

Desde os aromaticos e orvalhos dos mangericões, até os arbutos mais crescidos e frondentes, saltava em desmandada alegria, propria da innocencia, uma multidade de multicores, ternos e meigos volateis; amestrados organistas do theatro da natureza, cuja estréa deve ser uma: urora radiante e encantadora, tinta de vie riegadas cores a phantazia, magicas, e imponentemente lastradas pelo sabio pócel do Infinito!...

Passava fresco e embalsamado, peregrino e poetico o sopro da manhã, sacudindo de manso a folhagem das bananeiras, donde desprendiam-se bichanetas, inquitetas e christalinas gotas de orvalho, como que marchetadas á fino ouro, pela projecção dos raios do astro nascente e purpurino á elevar se magestosamente na linha do horizonte!...

En'essa linda quadra da natureza, parecia que o amor tinha, o primeiro dos melhores lugares; pois, como que surgia com a exuberancia da natureza!

As gentis camponezas, pareciam mesmo, mais lipidias e risonhas.

Em torno da poetica vivenda, agoavam suas mal-me-queres, rosciras e saudades, com limpha christalina, que jorrava no regato proximo, por entre a verdissima relva; jucada de botões e flores bellas e carminadas, das quaes aquelles anjos terrestres, já haviam facieiramente adornado seus anellaros e lustrozos cabellos negros!...

E a correrem alegremente por doce hrinco infantil, respiravam com vehemencia, o perfumado oxigenio, que respirava em tor- no das suas estufas silvestres!

En as espreitava sorrindo.

D'uma janellinha de oitão de cabana de pastores, seguia e observava todos os seus giros caprichosos en volta ao natural jardim, por entre as cabanas e a ri-

rem se cautelosas, iam, cada uma por sua vez, contando os rubros e amorozos sonhos, que fugueiros, lhe surgiram ás exaltadas imaginações, quando no descuido do somno da madrugada finda.

Era um gosto inaudieto, vê as assim, tre-caliando amor e rescura n'aquellas faces e labios tão corados! Eram de uma tez morena e sympathica.

Semilhante a freneticos colibri brisa esvoejarem sob e grato arbusto coberto de flores armozas, ou quaes petalas de roza que de licada briza da manhã, dispersara pelo prado verdejante!..

Ceretama - Pará.

Pompilio Jucá.

LEITE

Quando tiverem em casa leite que se houver estragado pela divisão do coagulo, não o deitem fóra e aproveitem-o deitando lhe uma gotta de summo de limão ou de vinagre. Logo os grumos espalhados se juntam no fundo do vaso; escorram todo o liquido e ficam com um bello queijo fresco, que se pôde comer simplesmente com assucar, ou se pôde utilizar para tantos doces e acepipes.

DIVERSAO

A sra Z. ao seu filho Carlinhos:

— Meu filinho, hoje, como acabou o seu frasco de oleo de figado de bacalhão, vae ganhar um bonito brinquedo.

O sr. Z. furioso, no seu gabinete:

— Quem diabo foi que encheu o tinteiro de azeite?

— Carlos V., achando se em uma cidade citada, aproximou-se de uma bateria. Alguns officiaes que ali se achavam, fizeram lhe ver respectosamente, o perigo a que assim se expunha.

— Aponteme, disse o monarcha, sorrindo, um só imperador que tenha sido alcançado por uma bala de canhão.

MUITA ATENÇÃO

Tendo feito em Janeiro e Fevereiro distribuição d'A Palavra, por algumas pessoas, pedimos aos senrs. Agentes do correio das localidades respectivas o obsequio de devolverem nos sem perda de tempo, os numeros que não forem acceitos.

Muito agradeceremos este obsequio.

VALES

N'esta typographia imprimem-se vales em papel de linho muito forte.

Despacham-se com presteza os pedidos e remette se a encomenda pelo correio livre de despesa de porte, para qualquer localidade do paiz.

Impressão nitida e preços módicos.

Derijam se os Srs. commerciantes á Achilles Mello.

MEMORAL

— A Palavra publica-se todos os sabbados.

— A correspondencia poderá ser lrigida á direcção d'A Palavra no escriptorio da redacção do « Trabalho », em cuja officina é impressa esta Revista.

— As columnas d'A Palavra estão francas a collaboração do bello sexo.

— SAO considera las assignantes d'A Palavra as Excellentissimas Senhoras que não devolvem, logo em tempo, o primeiro numero que hes é endereçado.

— Accetão-se annuncios commerciaes a razão de 100 rs. por linha, ou a contracto.

— Numero avulso da Revista custa 200 rs.

DOCUMENTOS

(Rio Grande do Sul)

Villa da Estrella, 7 de Junho de 1892.

ILMO. SR. ACHILLES MELLO.

Tendo tirado ottimo resultado com a applicação das tres latas de Maravilha Americana que ha tres mezes pedi-lhe, cumprio um edver juntando á presente a quantia de 30\$000 rs. para Vee. fazer-me o favor de remetter-me pelo primeiro correio 1 1/2 duzia do referido medicamento.

A justiça obriga-me a declarar-lhe que para as diversas applicações recomendadas nos prospectos, a Maravilha produz um resultado magnifico e quasi immediato.

Com a descoberta de seu preparado considero resolvido o grande problema da salvação da lavoura e criação de animaes.

Sem outro assumpto assino-me.

De VS.

Attº. Vºr. e Cºr.

José Antero de Siqueira

Arraial do Onça do Pitanguy (Minas Gerais) 19 de Dezembro de 1992.

Ilmº. Snr. Achilles Mello

Com quanto não tenha a honra de o conhecer pessoalmente, tomo a liberdade de communi-car-lhe que fiz applicação da lata de Maravilha Americana em algumas molestias de animaes e mesmo em algumas plantas de cultura, e alegro-me em dizer-lhe que o resultado foi satisfacto ije quasi im ediato ao emprego.

Fiz-lhe o pedido de tão maravilhosos preparado—desculpe-me aqui dizer—somente por curiosidade, pois sou investigador; não acreditavá nos juizos lizonzeiros da Imprensa e nem mesmo no que dizião os prospec-

tos, pois julgava, a Maravilha uma d'essas panaceas, como muitas que apresentam o seu resultado pela negativa do effeito.

Isto porem não se deu com a Maravilha. Eu e muitos criadores d'esta zona estamos sorprendidos pelos miraculosos effeitos da Maravilha Americana; e para a justificativa do que venho de dizer, remetto-lhe com apre-sente, competentemente registrada, a quantia de 20\$000 rs. para VS., sem perda de tempo remetter-me pelo correio uma duzia de latas de Maravilha. Sem mais outro assumpto assino-me.

De VS.

Attº. Vºr. Cºr.

Rodolpho de Souza Lobato.

PEITORAL DE JUCA'

DE

Soares de Amorim

Approvado pela Exma. junta de hygiene da capital federal, rodeado de attestados medicos e de pessoas curadas.

Remedio especifico, ottimo e effcaz contra o deflaxo, Tosse, Rouquidão, Coqueluche, Laryngite, Bronchite, Asthma, Pneumonia, Hemoptyse e Tisica pulmonar.

MODO DE USAR

A dose para adultos e' de 3 colheres das de sopa por dia: uma pela manhã, outra ao meio dia e outra a noite ao arrastar-se. Para crianças colheres das de chá e da mesma forma.

Rio Grande do Norte.

ASSU'

CAJUREMA

ODURETADO

DEPURATIVO DO SANGUE

FORMULADO POR

Soares de Amorim.

Approvado pela Exm. Junta de Hygiene Publica, da capital Federal.

Mais uma descoberta maravilhosa para a cura completa das molestias: Syphiliticas, Rheumaticas, Escrofulosas, Roubaticas, Dartrosas, Herpeticas, Ulcerosas ou que tenham por origem a impureza do sangue.

DÓSE. para adultos—duas colheres das de sópa pela manhã e duas á tarde, e para menores—das de chá e da mesma forma, devem-se tomar misturado com um pouco d'agua.

REGIMEN—O doente deve abster-se de comids oleosas, accidas e salgadas.

RIO Grande do Norte

ASSU'

3\$000

Nesta typographia, imprime-se por tres mil réis um cento de cartões de visita para senhora.

TYP. D'O TRAB ALHO

A Palavra - Junho, 1893

A PALAVRA

REVISTA LITTERARIA

DEDICADA Á INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER

COLLABORAÇÃO — ESCRITORAS E ESCRITORES

ASSIGNATURA POR MEZ 500 RS.

ANNO—V (ALAGOAS)

Penédo, 9 de Junho de 1893.

(BRAZIL) NUMERO— 13



A Esposa

Que é uma esposa?... Nem todos saberão responder esta breve interrogação, nem tão pouco conhecer o valor d'este ser summamente estimavel. A lei social estabeleceu o consorcio, para o ponto de apoio á vida regular do homem. A mulher é para o homem tão digna de apreciação, tão necessaria, quanto torna se preciso o pão quotidiano. O homem tem necessidade de ter uma companhia, que essa lhe mereçãillimada confiança, que tome vivo interesse pelo seu bom estado e de saúde, pelos seus haveres etc. E quem seria capaz de tomar á si este amor proprio?... Uma mulher, e esta só poderá ser sua esposa, sua verdadeira consorte, no presente e no futuro.

Qual a mulher que sabe com actualidade e rectidão dispor a

vida do lar? Qual é a que procura com amenidade e ternura penetrar no coração do homem e satisfazer com vehemencia os seus continuos desejos?... E a esposa, somente ella, por que tem o dever de conhecer a attitude do lar, de estudar o homem á quem ligou a sua vida, o seu futuro, e dispensar-lhe com amabilidade os seus affectos.

Uma esposa afavel, tem o soberano poder de abrandar o coração de seu marido, nos momentos de cholera com a menor facilidade, empregando tão somente o miraculoso auxilio de sua ternura, ou amabilidade com que é dotada.

Alguns escriptores, tem se pronunciado pelo modo lizongeiro, denominando a mulher esposa— O Anjo da Guarda. E com effeito, o homem jamais se desviará da senda da honra e da dignidade, precipitando-se na medonha vora gem dos crimes, desde quando tem a seu lado a imagem da virtude, a encarnação do amor.....

Assim pois, superior a tudo quanto se diz felicidade na vida, está o coração de uma esposa, cujos affectos e ternuras tem valor superior ao ouro.

Penédo 29—5—93.

Mar Silva.

PENSAMENTO

A moça, instruida e modesta, é a flor mais mimosa do jardim da humanidade; a moça ignorante e presumida... também é flor: é como essas illores sylvestres, que,

encantam por um momento o olhar do viajor, deixam-lhe por muito tempo incommodado o olphato.

Amam vossos filhos, mas não ameis os defeitos, — pois ha mães que até amam os defeitos dos filhos.

Uma compra —

Um canivete muito bonito! disse Theodoro admirando-o.

Tem tres folhas além do sacacolhas, disse Thomaz: não podia ter custado menos de dous mil réis.

Porque é que elle te deu? disse Theodoro. Eu quizera' elle tivesse tido a tembrança de dalo para mim.

Ora, eu te conto, disse Thomaz rindo se. Elle é tão tolo, como tu sabes. Eu dei-lhe aquella minha pedra vermelha, ea medilha que eu ajuntei na rua; eu disse-lhe que a medilha era de prata, e que a pedra era marmore verdadeiro, e elle pensa — que fez uma bella compra.

Oh! disse Theodoro, isso muda o caso. Eu não o queria por esse preço nem que me desse cem mil réis por cima.

Porque não, disse Thomaz, si elle é tão tolo para ir crer em tudo que eu digo?

Elle pode vender o seu canivete pelo preço que quizer, disse Theodoro, voltando-se para ir embora; mas eu é que não venderia o meu caracter, nem por todos os canivetes do mundo!

O AMOR

OFFERECIDA AO MEU AMIGO JOSÉ M. PINTO.
TYPOGRAPHO RIO GRANDENSE

O Amor é o grande nivelador das diferentes condições
sociaes. [Lendas do Uni-verso]

O amor é riso terno da donzella!..
E' metheoro é flor que se abre meiga e bella
Ao sopro do pampe r.;
E' vaga que se lança sobre a praia,
E' viandante que no so. camba e desmaia!
E' sonho mui ligeiro.

E' catadupa gemendo em mil rochedos,
E' bardo que depõe os seus segredos
Na lyra divina.
O aror é o que abaixo já vos digo,—
E' illusão, é desgraçado sem abrigo
E' beijo angelical!..

E' mal, é bem que não prospera,
E' inverno que não traz a primavera,
E' ris d'um innocente!
E' ave que ao cantar sente alegria,
E' sol que se occulta dia a dia
Nas faces do occidente;

E' pranto da dor delacerante,
E' suspiro que expede n'este instante
Minha querida laia!..
E' flor que em seus cabellos vi deposta,
E' carta que derigi, sem ter resposta
E' cantos d'um sabiá.

O amor é o segredo mais difficil,—
E' morte que ao passar devasta mil
Viventes d'uma vez;
E' canto habitual das cotovias,
E' tristeza envolvida nas orgias
E' fôco de embriaguez.

E' cão chicotiado por seu dono—
E' bogari que no jardim é soberano,
E' tristeza em solidão.
E' aurora que ao romper rasga a cortina,
E' aroma agrestial d'uma bonina,
E' nauta em afflicção.

.....
O amor não é porvir nem é ventura,
E' sina que cumprir manda a natura,
E' tristeza é quasi dor!
E' quadra que o poeta mais descreve,
E' setta que ao coração toca de leve,
Ex-o que é Amor!..

R. G. do Norte, Natal, 10 de Janeiro de 1893.

M. companheiro de Jehu.

Nocturno

Para quem sabe amar há sempre amores.
Guerra Junqueira.

I

Como t'enganas em pensar que ainda
Trago no peito a recordação
Daquella estância de amor enfada
Onde já esteve o meu coração!?

Não penses nisto nem jamais te lembres
Querer dar vida a quem morto está
Como t'enganas! Isto não relembrés;
Por ti meu peito jamais pulsará

Busca quem como tu saiba fingir
Não queiras quem seja constante assim
Prefiri quem só saiba illudir,
E nunca mais, oh! não penses em mim.

P'ra o colibri que vem sempre a campina
Nunca oh! nunca deixou d'existir flores
Pois bem escuta, perfida menina.
Quem sabe amar encontra sempre amores.

Zero

Mette

Foi a luz do teu olhar
Que me deu inspiração.

Y.

Gloza

Não foi teu rosto elegante,
Nem teu riso cristalino,
Nem teu collo purpurino
Quem me prendeo n'um instante,
Tudo é bello como o dia:
Tem p'ra mim tanta harmonia,
Que eu mesmo não sei contar;
Mas só quem prendeo-me assim,
Nesta cadea sem fim,
Foi a luz do teu olhar.

Nem mesmo um sol destlumbrante
Girando n'um céu de anil,
Terá luz tão gentil
Como o teu olhar brilhante:
Este fogo fasciante
Que como um sonho de Dante
Abrasa meo coração,
Vem de teos olhos divinos
Foi teu olhar peregrino,
Que me deu inspiração.

Z.

Junho—5—93.

A minha muito querida sobrinha e afilhada Moroninha!

Era uma bella manhã de Fevereiro, quando de teus labios soltaste o primeiro vagido! Então meu peito explodiu de contentamento e lagrimas fervorosas resvaiaaram-me pelas faces. Eras linda qual anjo e julguei-me assás ditoso por ter te por sobrinha.

Em cada dia que se passava tu mostravas-me no teu semblante mais um encanto, e cada encanto de mais em ti era mais um grilhão que prendia o meu coração ao teu. Tu, quando immersa no doce somno da innocencia, tinhas nos labios um sorriso que arrebatava-me a alma, como se fora um fio electricante.

Julgar-se hua que n'esses momentos, transpõe as regiões etherias, as associar te nos brincoes celestes o teu irmãozinho e, n'um amplexo fraternal unidos, deixavas reluzir de toos candidos labios aquelles risos que tantas vezes me fizeram despartar-te entre mil beijos e abraços.

Nunca nos teus olhares, no teu sorriso ou qualquer gesto tu deixei de encontrar o mais efficaçz le nitivo ás minhas magoas.

E assim passaram-se dous mezes, pasmando-me os teus encantos, encantado me as tuas mil graças.

Como me seria doce a vida sempre junto a ti!

Mas um dia foi-me necessario partir. Tu dormias em teu berço e de quando em vez rias-te aos desvelos de teus carinhosos pais.

No momento fatal da partida tomei-te, desfazendo-me em prantos, nos meus braços, e, imprimindo te ardentés beijos nas tuas purpurinas faces, levando-te de encontro ao meu peito, que, tao tu padecias, tu despertaste e n'um commovente vagido duas lagrimas deslisaram-se de teus ternos olhos.

Que dar que eu sentia! Parti; e o ultimo vagido que de ti ouvi casou se a um suspiro arrancado do mais intimo de minha alma.

Hoje es mais encantadora

que ou' ora teusa primazia d'entre as flores mai-bellas

Oh! Quanto eu não daria por ver-te hoje um hora, um instante o sufficiente para estreitar-te em meus braços, unir te ao meu peito e cobrir-te de beijos!

Como não será deslumbrante apreciar-te hoje estendendo as pequeninas mãos ao pé da meza, e entre risos e palmas de todos erguer te, e como para corresponder a esses applausos, rires te tambem e desancares a mi-osa cabecinha sobre os ombros!

Janeiro de 1893.

B. F.

Charadas

AO MEU AMIGO E COLLEGA ANTONIO XAVIER D' ASSIS.

2-2 A mulher que estudava era uma mulher.

1-2 No navio este animal corre.

1-1 Aqui, está contente o peixe.

1-3 O homem que guarda patos é artista?

Traipú, 1 de Junho de 1893.

Olympio Guimarães.

A Palavra

Não temos podido publicar ultimamente «A Palavra»

A affluencia de trabalho na officina em que ella impressa tem sido o motivo da interrupção.

As gentes assignantes, á quem não apresentaremos conta dos numeros que teem deixado de sahir, dignem se desculpar a nossa falta involuntaria.



ANNUNCIOS

MEMORIAL

—A *Palavra* publica-se todos os sabbados.

—A correspondencia poderá ser lhirigida á direcção d'*A Palavra* no escriptorio da redacção do «Trabalho», em cuja officina é impressa esta Revista.

—As columnas d'*A Palavra* estão francas a collaboração do bello sexo.

—SAO consideradas assignantes d'*A Palavra* as Excellentissimas Senhoras que não devolvem, logo em tempo, o primeiro numero que lhes é endereçado.

—Aceitao-se annuncios commerciaes a razão de 400 rs. por linha, ou a contracto.

—Numero avulso da Revista. custa 200 rs

VALES

N'esta typographia imprimem-se vales em papel de linho muito forte.

Despacham-se com presteza os pedidos e remette se á encomenda pelo correio livre de despesa de porte, para qualquer localidade do paiz.

Impressão nitida e preços módicos.

Derijam se os Srs. commerciantes á Achilles Mello.

3\$000

Nesta typographia, imprimem-se por tres mil réis um cento de cartões de visita para senhora.

DOCUMENTOS

(Rio Grande do Sul)

Villa da Estrella, 7 de Junho de 1892.

ILLMO. SR. ACHILLES MELLO.

Tendo tirado ottimo resultado com a applicação das tres latas de Maravilha Americana que ha tres mezes pedi lhe, cumpro um dever juntando á presente a quantia de 30\$000 rs. para Vee. fazer me o favor de remetter-me pelo primeiro correio 1 1/2 duzia do referido medicamento.

A justiça obriga-me a declarar lhe que para as diversas applicações recomendadas nos prospectos, a Maravilha produz um resultado magnifico e quasi immediato.

Com a descoberta de seu preparado considero resolvido o grande problema da salvacão da lavoura e creacão de animaes.

Sem outro assumpto assino-me.

De VS.

Att.º. V.º. e C.º.

José Antero de Siqueira

Arraial do Onça do Pitanguy (Minas Gerães) 19 de Dezembro de 1892.

Illm.º. Snr. Achilles Mello

Com quanto não tenha a honra de o conhecer pessoalmente, tomo a liberdade de communicar-lhe que fiz applicação da lata de *Maravilha Americana* em algumas molestias de animaes e mesmo em algumas plantas de cultura, e alegro-me em dizer lhe que o resultado foi satisfatorio e quasi immediato ao emprego.

Fiz lhe o pedido de tão maravilhosos preparado—desculpe-me aqui dizer—somente por curiosidade, pois sou investigador; não acriditavá nos juizos lizonzeiros da imprensa e nem mesmo no que dizião os prospectos, pois julgava, a *Maravilha*

uma d'essas panaceas, como muitas que apresentão o seu resultado pela negativa do effeito.

Isto porem não se deu com a *Maravilha*. Eu e muitos criadores d'esta zona estamos sorprendidos pelos miraculosos effeitos da *Maravilha Americana*; e para a justificativa do que venho de dizer, remetto lhe com apresente, competentemente registrada, a quantia de 20\$000 rs. para VS., sem perda de tempo remetter me pelo correio uma duzia de latas de *Maravilha*.

Sem mais outro assumpto as signo-me.

De VS.

Att.º. V.º. e C.º.

Rodolpho de Souza Lobato.

Maravilha Americana

Preparado destinado a curar radicalmente e quasi de momento todas as molestias que ataca as arvores e os animaes. A *Maravilha Americana* é o debellador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazendas de criação e lavoura.

Verdadeiro prodigio do espirito humano, a *Maravilha* está recommendada por numerosos at testados e informações expontaneas de avultadissimo numero de avradores e criadores, do norte e sul do Brazil e outros paizes, e ainda pela opinião da Imprensa criteriosa, que tem patenteado a valiosa utilidade de tão portentozo preparado.

A sua acção benefica é justamente uma verdadeira maravilha que está revolucionando o mundo. É um preparado indispensavel a todos os fazendeiros, creadores e lavradores.

Remette-se pelo correio, para qualquer parte do Brazil, livre de despeza de porte, as latas que forem pedidas—ainda mesmo que a compra seja de 1, 2, 4 ou mais duzias.

Garante se ottimo acondicionamento e muita pontualidade na remessa que se faz competentemente registrada.

PREÇO

1 Lata 2g000—4 Duzia 20g000

N'uma caixa, com 10 ou 20 duzias, entregue ao comprador ou á sua ordem no porto do Penedo,—da se 30 por cento de abatimento.

Cada lata vai acompanhada de um extenso prospecto explicativo sobre a forma de uzar-se o medicamento em todas as molestias.

Não se despachará pedido algum que não seja a companhia da competente importancia.

Recommenda-se ás pessoas que fizerem seus pedidos o cuidado de indicarem com clareza Estado e o Municipio para cuja agencia do correio deve ser remetida sua encomenda.

Os Srs lavradores e creadores podem fazer seus pedidos por intermedio de qualquer commerciante d'esta ou de outra praça, ou mesmo para mais facilidade poderão se dirigir, directamente ao unico agente e depositario para o Brazil:

ACHILLES MELLO

Estado de Alagoas

CIDADE DO PENEDO

LEMBRANÇA UTIL

Pede-se ás pessoas que lerem este annuncio, o obsequio de mostrar o aos fazendeiros, lavradores e creadores de seu conhecimento, os quaes, com certeza, muito lucrarão em saber da noticia do apparecimento da grandiosa descoberta da *Maravilha Americana*.

COMPOSITOR E IMPRESSOR

Manoel Felix

Typ. d' O Trabalho

A Palavra - Junho, 1893

Biblioteca Nacional 178

A PALAVRA

REVISTA LITTERARIA

DEDICADA Á INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER

COLLABORAÇÃO — ESCRITORAS E ESCRITORES

ASSIGNATURA POR MEZ 500 RS.

ANNO—V (ALAGOAS)

Penêdo, 23 de Junho de 1893.

(BRAZIL) NUMERO—

Venhamos a mulher! Santificação! Libertação!
Victor Hugo



A um menino cansado de brincar

Um menino brincado muito, menti no! como estás cansado! Que fizeste em todo o dia? Todos os entes preencheram o seu destino: as aves já emmedocoraram—à abelha deixou de zumbir—o sol, perdendo-se por entre as arvores, vae escortando por cima do campario—a pomba ra eja abrigar se na sua protectora sombra—as espessas folhas occultam os ninhos—a que servem de a-ylo—eis o crepusculo.

Que fizestes n'este dia?
—Quando voltares para junto de tua mãe, que has de dizer-lhe? Fizestes acaso o que lhe promettesta com tua voz infantil? Perdeste? amaste? disseste ao teu compaiheiro palavras carinhosas? No

bosque, á borda do regato, recolhendo alguma inspiração salutar?
—Olha, menino! ha-de chegar uma tarde, a tarde do grande dia... tambem então has de estar cansado, mas não de brincar. N'esta tarde o teu corpo ha de cuavar-se, os teus olhos hão de fechar-se como gorri, e tu ha de dizer: —Por q' se demora tanto a sonbrar em derramar-se em torno de mim? Oh! quanto desejo eu dormir!

Oxalá que a tua fronte esteja tão pura como hoje, para de peccados e de ignominias. Que conta darás tu então da tua jornada, da jornada da tua vida? Se a tua mão se abriu generosa, se o teu coração se enterneceu compassivo, se as eloquentes vozes da natureza te revelaram santos mysterios, se a tua sympathia se associou a tudo quanto ha de humilde, a tudo quanto ha de grande... Estas recordações, menino, hão de dar-te repouso, hão de consolar-te. Has de ver chegar a noite e sem tremer; e tão tranquilla como hoje, has de adormecer para sempre no seio materno.

Contos infantis

Lições de uma mãe

—Que é isto, ó minha mãe?

—E' a calhandra, meu filho!

Apenas a manhã desponta sorrindo sobre a montanha, já ella desprende o vôo e deixa o musgo que lhe serve de ninho; parte, e um hymno de alegria bruta

de seu peito, endereçado ao Criador. O meu filho! não te esqueças nunca de cantar, em acorpanhando, um hymno de amor ao Deus de bondade!

—Que é isto, minha mãe?
—E' a pomba, meu filho! Repara bem; a sua voz é terna, surda, tristissima, como pranto de mulher que ficou viuva. Está aguardando o seu marido.

do amante, e o seu gemitivo é continuo, como o murmurio da onda que recua. Meu filho! és sempre como ella, fiel aos teus amigos, constante nos teus amores.

—Que é isto, minha mãe?
—E' a aguiá, meu filho! Vae como ramonta prasenteira até a região dos céos! Confiada em suas forças, a altiva filha das montanhas rasga despeitada as nuvens onde moram as tempestades, affronta impossíveis os medonhos rugidores trovões, e o seu olhar de fogo não teme fixar-se no esplendor do sol. Olha como ras sempre subindo, subindo! Meu filho, oxalá que a tua vida imita te sempre o vôo da aguiá... rápido, ousado, invariavel, incessante, inflexivel.

PENSAMENTO

Os bons livros parecem-se com boas açções, porque purificam, elevam, e sustentam; dilatam e liberalisam o espirito; preservam contra as paixões vulgares do mundo; tendem a produzir a igualdade de caracter e a jovialidade, modelam e humanisam a alma.

S. Smiles.

LOGGRIPIOS

A' José Cavalcante.

Na antiguidade remota
Com heroe aqui verás 4-5-9-6-7-13.
Calente entre mais valentes
—domito, soberbo, audaz 13-3-13-6-2-13
Centro da igreja procura a 1-15-14-16-7.
Cu então nos verdes prados 6-9-10-7.

Que ella o mundo domina 3-9-11-7.
Quando-a os magistrados 12-13-8-9.
Nesta celebre poetisa 14-7-4-5-13.

Dos Egypcios venerada, 15-16-2-14.
Está em todo o universo 9-6.
Contra o rochedo agarrada 13, 3, 12, 6, 7
—llustre filho das musas. 12, 9, 16, 14, 13.
—ormosura celebrada. 7, 3, 4, 9, 3, 2, 7.
—rainha de grande fama, 14, 2, 10, 15, 6, 9, 1, 11, 3
...c'est fini, camarada.

Sendo o Egypto invadido pelos barbaros
Contra elles as armas empunhou,
E depois de combates gloriosos,
Para longe da patria os expulsou.

Penedo, 6 de Junho de 1893.

L.

Dedicado ás amáveis colaboradoras d'APalavra

Era uma moça formosa
Que prostrava um assento,
E por ser mui cuidadosa
Tinha no dedo um instrumento. 8, 4, 6, 7, 4.

Se lhe veixar o instrumento
Que com elle está lidando;
Fique pois, por um momento
Nesta cama descançando. 5, 4, 8, 9,

Se fizer uma viagem,
De Janeiro até agosto;
Ha de me ver na passagem;
Não posso esconder-lhe o rosto. 7, 3, 5, 2, 1.

CONCEITO

Tu és, ó perola preciosa
A gloria desta nação;
Vieste ao mundo formosa
Para a nossa salvação.

José Candido Alves.

O pôr do sol

Quê se inclina para o poente o astro do dia; os seus raios amortecidos lançam um tímido jacto de luz sobre os virentes prados; o passado busca os seus ninhos. O ruído confuso da cidade que se avista ao sopé da collina, e o mugir do gado que regala se nas campinas, nos chegam aos ouvidos como um echo longínquo e ao sol como um adeus de despedida.

Mais densa se torna a sombra sobre a terra, mais saudoso murmura o regato; as altas montanhas recebem os ultimos raios do sol, que envolto em rubras nuvens, o seu cortejo funebre, deice vagorosamente para além dos pincares...

Si ha momentos em que nossa alma se eleva acima de tudo que é humano e toca quasi as regiões desconhecidas, um delles, e de certo mais grandioso, é este em que contemplamos o pôr do sol; apodera-se de nós uma tristeza indefinível, uma saudade do que nunca vimos, e desejamos acompanhar o astro rei pelas regiões do infinito...

Mas, despertos d'este extasi, vemos a nympha da noite discretamente envolta em véo mysterioso bordar-se de estrelas; a inspiradora d'os poetas erguer-se no oriente, e os passaros nocturnos o espaço. E a fresca briza que passa e o triste pio do mocho e o rileiro tristonho que murmura, tudo nos fala—é noite!...

José Higgins.

As grandes livrarias são monumentos da ignorancia humana. Bem poucos seriam os livros, se contivessem somente verdades. Os erros dos homens abastecem as estantes

Os beneficios que recebemos de Deus ea cada instante no exercicio da vida são tantos, que não podemos distingui-los nem em númeral-os.

Perdão e adeus!...

Branca rosa mais bella de maio,
Alro lyrio do meu casto amor;
Meus excessos, por ti, ai! perdão,
Pelas preces á Mãe do Senhor!...

Pelas tuas sedosas madeixas,
Pelas tranças castanhas q' prendes,
Pela vida tranquilla que gosas,
Pelo culto sagrado q' rendes!...

Pelas auras que as faces te beijão,
Pelas neves do teu branco rosto,
Pela quadra feliz dos teus annos,
Pelo meu mais acerbo desgosto!...

Pela luz dos teus olhos tão meigos
Pelas chammas mais vivas do amor
Pelos teus infantis deraneios,
Pelas magoas do teu trovador.

Pelas notas dos cantos mais ternos,
Pelo doce concertos das vozes,
Pelos tristes queixumes das vagas,
Pelo dias que passam velozes.

Pelo encanto da Bocca pequena,
Pelo garbo gentil do teu porte,
Pelo brando pouzar dos teus pés,
Pelo mundo, por ti, pela sorte.

Pelas sombras q' toldam minh'alma
Pelas nuvens no azul d'amplidão,
Pela minha esperança perdida,
Pelas dores do meu coração.

Pelo quanto me custo esquecer-te
Pelo muito que dóe este adoms,
Oh meu anjo, este louco perdão,
Pelos teus, pela patria, por Deus!

Parn. 20—5—93,

Toribio Coraden.

Dicifração

Eis a dicifração das charadas publicadas no n.º 13 d'«A Palavra», compostas pelo charadista e presado amigo Olympio Guimarães Sohrinho, e a mim offercidas:—Rosalia—Regato Cary—Sapateiro.

Em retribuição offerço ao mesmo amigo as seguintes composições.

1—3 Encherguei este aventureiro quando aqui passou.

- 1—2 Não faz bem o riñão amaldiçoado
1—1—1 Aqui o polme e a interjeição é uzada pelas senhoras.
2—3 Não é paletot nem villa esta sciencia.
1—3 Vapor—homem—moval.

Antonio X. d' Assis.

- 2—2 A mulher estudava com a mulher.
2—2 Faça como copido que tem dinheiro por ser homem.
1—1—2 A base do metrre tem mulher na cidade.

Jose Candido Alves.

RECEITA

Para limpeza e polimento de objectos de latão ou de cobre não dourado recommendamos esta massa, que dá sempre excellentes resultados.

Reduza-se a pó fino tijolo de limpar facas e misture-se a pó vinagre e azeite doce, quanto basta para formar uma massa quasi fluida.

Com ella e por meio de um pedaço de algodão esfregue-se os objectos a limpar, que em poucos minutos tomarão o aspecto de novos.

A Palavra

Não temos podido publicar ultimamente «A Palavra»

A affluencia de trabalho na officina em que ella impressa tem sido o motivo da interrupção.

As gentis assignantes, á quem não apresentaremos conta dos numeros que tem deixado de sair, dignem se desculpar a nossa falta involuntaria.

ANNUNCIOS

MEMORIAL

—A *Palavra* publica-se todos os sabbados.

—A correspondencia poderá ser dirigida á direcção d'«A *Palavra*» no escriptorio da redacção do «*Tribalho*», em cuja officina é impressa esta Revista.

—As columnas d'«A *Palavra*» estão francas a collaboração do bello sexo.

—SAO consideradas assignantes d'«A *Palavra*» as Excellentissimas Senhoras que nao devolvem, logo em tempo, o primeiro numero que lhes é endereçado.

—Accepta-se annuncios commercaes a razão de 100 rs. por linha, ou a contracto.

—Numero avulso da Revista custa 200 rs

3\$000

Nesta typographia imprime-se por tres mil réis um cento de cartões de visita para senhoras.

VALES

—Nesta typographia imprimem-se vales em papel de linho muito forte.

Despacham-se com prestissimo os pedidos e remette-se a encomenda pelo correio livre de despeza de porte, para qualquer localidade do paiz.

Impressão nitida e preços módicos.

Derijam se os Snrs. commeciantes á Achilles Mello.

DOCUMENTOS

(Rio Grande do Sul)

Villa da Estrella, 7 de Junho de 1892.

ILLMO. SR. ACHILLES MELLO.

Tendo tirado o ótimo resultado com a applicação das tres latas de Maravilha Americana que ha tres mezes pedi lhe, cumpro um dever juntando á presente a quantia de 30\$000 rs. para Vce. fazer me o favor de remetter-me pelo primeiro correio 1 1/2 duzia do referido medicamento.

A justiça obriga-me a declarar lhe que para as diversas applicações recommendadas nos prospectos, a Maravilha produz um resultado magnifico e quasi immediato.

Com a descoberta de seu pre-parado considero resolvido o grande problema da salvacão da lavoura e creacão de animaes.

Sem outro assumpto assino-me.

De VS.

Attº. Vºr. e Crº.

José Antero de Siqueira

Arraial de Onça do Pitanguy (Minas Gerães) 19 de Dezembro de 1892.

Illmº. Snr. Achilles Mello

Com quanto não tenha a honra de o conhecer pessoalmente, tomo a liberdade de communicar-lhe que fiz applicação da lata de Maravilha Americana em algumas molestias de animaes e mesmo em algumas plantas de cultura, e alegro-me em dizer lhe que o resultado foi satisfatorio e quasi immediato ao emprego.

Fiz-lhe o pedido de tão maravilhoso preparado—desculpe-me aqui dizer—samente por curiosidade, pois sou investigador; não acreditava nos juizos lisonjeiros da imprensa e nem mesmo no que dizião os prospectos, pois julgava, a Maravilha

uma d'essas panaceas, como muitas que apresentão o seu resultado pela negatiba do effeito.

Isto porem não se deu com a Maravilha. Eu e muitos criadores d'esta zona estamos surpreendidos pelos miraculosos effeitos da Maravilha Americana; e para a justificativa do que venho de dizer, remetto lhe com apresente, competentemente registrada, a quantia de 20\$000 rs. para VS., sem perda de tempo remetter-me pelo correio uma duzia de latas de Maravilha.

Sem mais outro assumpto as signo-me.

De VS.

Attº. Vºr. Crº.

Rodolpho de Souza Lobato.

Maravilha Americana

Preparado destinado a curar radicalmente e quasi de momento todas as molestias que atacam as arvores e os animaes. A Maravilha Americana é o debellador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazendas de crancião e lavoura.

Verdadeiro prodigio do espirito humano, a Maravilha está recommendada por numerosos attestados e informacões expontaneas de avultadissimo numero de avradores e criadores, do norte e sul do Brazil e outros paizis, e ainda pela opinião da Imprensa criteriosa, que tem patenteado a valiosa utilidade de tão portentozo preparado.

A sua accão benéfica é justamente uma verdadeira maravilha que está revolucionando o mundo. É um preparado indispensavel a todos os fazendeiros, creadores e lavradores.

Remette-se pelo correio, para qualquer parte do Brazil, livre de despeza de porte, as latas que forem pedidas—ainda mesmo que a compra seja de 1, 2, 4 ou mais duzias.

Garante-se optimo acondicionamento e muita pontualidade na remessa que se faz competentemente registrada.

PREÇO

1 Lata 2\$000—1 Duzia 20\$000

N'uma caixa, com 10 ou 20 duzias, entregue ao comprador ou á sua ordem no porto do Penedo,—da se 30 por cento de abatimento.

Cada lata vai acompanhada de um extenso prospecto explicativo sobre a forma de uzar se o medicamento em todas as molestias. Não se despachará pedido algum que não seja a companhia da competente importancia.

Recommenda-se ás pessoas que fizem seus pedidos o cuidado de indicarem com clareza o Estado e o Município para cuja agencia do correio deve ser remetida sua encomenda.

Os Srs lavradores e creadores podem fazer seus pedidos por intermedio de qualquer commerciante d'esta ou de outra praça, ou mesmo para mais facilidade poderão se dirigir, directamente ao unico agente e depositario para o Brazil:

ACHILLES MELLO

Estado de Alagoas

CIDADE DO PENEDO

LEMBRANÇA UTIL

Pede-se ás pessoas que lerem este annuncio o obsequio de mostrar o aos fazendeiros, lavradores e creadores de seu conhecimento, os quaes, com certeza, muito lucrarão em saber da noticia do apparecimento da grandiosa descoberta da Maravilha Americana.

COMPOSITOR E IMPRESSOR

Manoel Felix

Typ. d' O Trabalho

A Palavra - Julho, 1893

A PALAVRA

REVISTA LITTERARIA

DEDICADA Á INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER

COLLABORAÇÃO — ESCRITORAS E ESCRITORES

ASSIGNATURA POR MEZ 500 RS.

ANNO—V (ALAGOAS)

Penêdo, 23 de Junho de 1893.

(BRAZIL) NUMERO—

Venecemos a mulher! Justificamos a! Gler-
tissima! Victor Hugo



A um menino cançado de brincar

Quas brincado muito, meninô! Como estás cançado! Que fizeste em todo o dia? Todos os entes preencheram o seu destino: as aves já emudeceram—a abelha deixou de zunir—o sol, perdendo-se por entre as arvores, vae escurrendo por cima do campario—a pomba vae já a brigar-se na sua protectora sombra—as espessas folhas occultam os einhos: a que servem de a-ylo—eis o crepusculo.

Que fizestes n'este dia?
—Quando voltares para junto de tua mãe, que has de dizer-lhe? Fizestes acaso o que lhe prometteste com tua voz infantil? Perdoste? amaste? disseste ao teu companheiro palavras carinhosas? No

bosque, á borda do regato, recolesto alguma inspiração salutar?
—Olha, menino! ha-de chegar uma tarde, a tarde do grande dia...tambem então has de estar cançado, mas não de brincar. N'esta tarde o teu corpo ha de cuvar-se, e teus olhos hão de fechar-se como gor, e tu ha-de dizer:
—Por q' se demora tanto a sombra em derramar-se em torno de mim? Oh! quanto desejo eu dormir!

Oxalá que a tua fronte esteja tão para como hoje, pura de peccados e de ignominias. Que conta darás tu então da tua jornada, da jornada da tua vida? Se a tuamão se ahrju generosa, se o teu coração se enterneceu compassivo, se as eloquentes vozes da natureza te revela-am tantos mysterios, se a tua sympathia se associou a tudo quanto ha de humilde, a tudo quanto ha de grande... Estas recordações, menino, hão de dar-te repouso, hão de consolar-te. Has de ver chegar a noite e sem tremar: e ho tranquilla como hoje, has de adormecer para sempre no seio materno.

Contos infantis

Lições de uma mãe

—Que é isto, ó minha mãe?
—E' a calhandra, meu filho!
Apenas a manhã desponta sorrindo sobre a montanha, já ella desprende o vôo e deixa o musgo que lhe serve de ninho; parte, e um hymno de alegria brota

de seu peito, endereçado ao Criador. O meu filho! não te esqueças nunca de cantar, em acordando, um hymno de amor ao Deus de bondade!

—Que é isto, minha mãe?
—E' a pomba, meu filho! Respira bem; a sua voz é terna, surda, tristissima, como pranto de mulher que ficou viuva. Está aguardando o seu amor. Está do amante, e o seu gemer é continuo, como o murmurio da onda que recua. Meu filho! sê sempre como ella, fiel aos teus amigos, constante nos teus amores.

—Que é isto, minha mãe?
—E' a aguia, meu filho! Va como remonta presenteira até á região dos céos! Confiada em suas forças, a altiva filha das montanhas rasga despeitada as nuvens onde moram as tempestades; affronta impassiva os medonhos rugidores trovões, e o seu obsequio não teme flutuar-se no esplendor do sol. Olha como vae sempre subindo, subindo! Meu filho, oxalá que a tua vida imite te sempre o vôo da aguia... rápido, casudo, invariavel, incoassante, inflexivel.

PENSAMENTO

Os bons livros parecem-se com boas acções, porque purificam, elevam, e sustentam; dilatam e liberalizam o espirito; preservam contra as paixões vulgares do mundo; tendem a produzir a igualdade de caracter e a jovialidade, modelam e humanizam a alma.

S. Souto.

LOGOGRIPOS

A' José Cavalcante.

Da antiguidade remota
Um heroe aqui verás 4-5-9-6-7-13.
Valente entre mais valentes
—domito, soberbo, audaz 13-3-13-6-2-13
Dentro da igreja procura a 1-15-14-16-7.
Cu então nos verdes prados 6-9-10-7.

Que ella o mundo domina 3-9-11-7.
Usando-a os magistrades 12-13-8-9.
Esta celebre poetisa 14-7-4-5-13.

Dos Egypcios venerada, 15-16-2-14.
Está em todo o universo 9-6.
Contra o rochedo agarrada 13, 3, 12, 6, 7
—lustre filho das musas, 12, 9, 16, 14, 13.
—formosa celebrada, 7, 3, 4, 9, 3, 2, 7.
—rainha de grande fama, 14, 2, 10, 15, 6, 9, 1, 11, 3
E... *c'est fini*, camarada.

Sendo o Egypto invadido pelos barbaros
Contra elles as armas empunhou,
E depois de combates gloriosos,
Para longe da patria os expulsou.

Penedo, 6 de Junho de 1893.

L.

Dedicado às amáveis colaboradoras d'«A Palavra»

Era uma moça formosa
Que proclava um assento,
E por ser mui cuidadosa
Tinha no dedo um instrumento. 8, 4, 6, 7, 1.

Se lhe veixar o instrumento
Que com elle está lidando ;
Fique pois, por um momento
Nesta cama descansando. 5, 4, 8, 9,

Se fizer uma viagem,
De Janeiro até agosto ;
Ha de me ver na passagem ;
Não posso esconder-lhe o rosto. 7, 3, 5, 2, 1.

CONCEITO

Tu és, ó perola preciosa
A gloria desta nação ;
Vieste ao mundo formosa
Para a nossa salvação.

José Candido Alves.

O pôr do sol

Ua se inclina para o poente o astro do dia; os seus raios amortecidos lançam um a' timo facto de luz sobre os virentes prados: o passado busca os seus ninhos. O ruído confuzo da cidade que se avista ao sopé da collina, e o mugir do gado que regala se nas campinas, nos chegam aos ouvidos como um echo longinquo e ao sol como um adeus de despedida.

Mais densa se torna a sombra sobre a terra, mais saudoso murmura o regato; as altas montanhas recebem os ultimos raios do sol, que envolto em rubras nuvens, o seu cortejo funebre, desce vagarosamente para além dos pincares...

Si ha momentos em que nossa alma se eleva acima de tudo que é humano e toca quasi as regiões desconhecidas, um delles, e de certo mais grandioso, é este em que contemplamos o pôr do sol; a'pdera-se de nós uma tristeza indefinivel, uma saudade do que nunca vimos, e desejamos acompanhar o astro rei pelas regiões do infinito...

Mas, despertos d'este extasi, vemos a nympha da noite discretamente envolta em véo mysterioso bordar-se de estrellas; a inspiradora dos poetas erguer-se no oriente, e os passaros nocturnos o espaço. E a fresca briza que passa e é triste pio do mocho e o rifeiro tristonho que murmura, tudo nos fala—é noite!...

Jose' Higgins.

As grandes livrarias são monumentos da ignorancia humana. Bem poucos seriam os livros, se contivessem somente verdades. Os erros dos homens abastecem as estantes

Os beneficios que recebemos de Deus e a cada instante no exercicio da vida são tantos, que não podemos distingui-los nem em números.

Perdão e adeus !...

Branca rosa mais bella de maio,
Alro lyrio do meu casto amor;
Meus excessos, por ti, ai ! perdão,
Pelas preces á Mãe do Senhor!...

Pelas tuas sedosas madeixas,
Pelas tranças castanhas q'prendes,
Pela vida tranquilla que gosas,
Pelo culto sagrado q' rendes!...

Pelas auras que as faces te beijão,
Pelas neves do teu branco rosto,
Pela quadra feliz dos teus annos,
Pelo meu mais acerbo desgosto!...

Pela lus dos teus olhos tão meigos
Pelas chammãs mais vivas do amor
Pelos teus infantis devaneios,
Pelas magoas do teu trovador.

Pelas notas dos cantos mais ternos,
Pelo doce concertos das vozes,
Pelos tristes queixumes das raças,
Pelos dias que passam velozes.

Pelo encanto da Bocca pequena,
Pelo garbo gentil do teu porte,
Pelo brando pouzar dos teus pés,
Pelo mundo, por ti, pelasorte.

Pelas sombras q'toldam minh'alma
Pelas nuvens no azul d'amplidão,
Pela minha esperança perdida,
Pelas dores do meu coração.

Pelo quanto me custo esquecer-te
Pelo muito que dóe este adeus,
Oh meu anjo, este louco perdão,
Pelos teus, pela patria, por Deus!

Parn. 20-5-93,

Toribio Coraden.

Dicifração

Eis a dicifração das charadas publicadas no n.º 43 d'«A Palavra», compostas pelo charadista e presido amigo Olympio Guimarães Sobrinho, e a mim offercidas:—Rosalia—Regato Cary—Sapateiro.

Em retribuição offerço ao mesmo amigo as seguintes composições.

1-3 Encherguei este aventureiro quando aqui passou.

- 1-2 Não faz bem o rião amaldiçoado
- 1-1-1 Aqui o polme e a interjeição é uzada pelas senhoras.
- 2-3 Não é paletot nam villa es ta sciencia.
- 1-3 Vapor—homem—movel.

Antonio X. d' Assis.

- 2-2 A mulher estudava com a mulher.
- 2-2 Faça como copido que tem dinheiro por ser homem.
- 1-1-2 A base do metrê tem mulher na cidade.

Jose' Candido Alves.

RECEITA

Para limpeza e polimento de objectos de latão ou de cobre não dourado recommendamos esta massa, que dá sempre excellentes resultados.

Reduza-se a pó fino tijolo de limpar facas e misture-se ao pó vinagre e azeite doce, quanto bastar para formar uma massa quasi fluida.

Com ella e por meio de um pedaço de algodão esfregue-se os objectos a limpar, que em poucos minutos tomarão o aspecto de novos.

A Palavra

Não temos podido publicar ultimamente «A Palavra»

A affluencia de trabalho na officina em que é ella impressa tem sido o motivo da interrupção.

As gentis assignantes, á quem não apresentaremos conta dos numeros que tem deixado de sahir, dignem-se desculpar a nossa falta involuntaria.



ANNUNCIOS

MEMORIAL

—A *Palavra* publica-se todos os sabbados.

—A correspondencia poderá ser liriçada á direcção d' *A Palavra* no escriptorio da redacção do «Trabalho», em cuja officina é impressa esta Revista.

—As columnas d' *A Palavra* estão francas a collaboração do bello sexo.

—SAO consideradas assignantes d' *A Palavra* as Excellentissimas Senhoras que nao devolvem, logo em tempo, o primeiro numero que lhes é endereçado.

—Aceitao-se annuncios commerciaes a razão de 100 rs. por linha, ou a contracto.

—Numero avulso da Revista custa 200 rs

3\$000

N' esta typographia imprime-se por tres mil réis um cento de cartões de visita para seis horas.

VALES

—N' esta typographia imprimem-se vales em papel de linho muito forte.

—Despacham-se com presteza os pedidos e remette-se a encomenda pelo correio livre de despesa de porte, para qualquer localidade do paiz.

—Impressão nitida e preços módicos.

—Derijam-se os Srs. commoicantes á Achilles Mello.

DOCUMENTOS

(Rio Grande do Sul)

Villa da Estrella, 7 de Junho de 1892.

ILLMO. SR. ACHILLES MELLO.

Tendo tirado ottimo resultado com a applicação das tres latas de Maravilha Americana que ha tres mezes pedi lhe, cumpro um dever juntando á presente a quantia de 30\$000 rs. para Vcc. fazer me o favor de remetter-me pelo primeiro correio 1 1/2 duzia do referido medicamento.

A justiça obriga-me a declarar lhe que para as diversas applicações recommendadas nos prospectos, a Maravilha produz um resultado magnifico e quasi immediato.

Com a descoberta de seu preparado considero resolvido o grande problema da salvación da lavoura e creação de animaes.

Sem outro assumpto assino-me.

De VS.

Att.º V.º. e Cr.º.

José Antero de Siqueira

Arraial do Onça do Pitangui (Minas Gerias) 19 de Dezembro de 1992.

Illm.º. Snr. Achilles Mello

Com quanto não tenha a honra de o conhecer pessoalmente, tomo a liberdade de communicar-lhe que fiz applicação da lata de Maravilha Americana em algumas molestias de animaes e mesmo em algumas plantas de cultura, e alegro-me em dizer lhe que o resultado foi satisfatorio e quasi immediato ao emprego.

Fiz-lhe o pedido de tão maravilhoso preparado—desculpe-me aqui dizer—somentemente por curiosidade, pois sou investigador, não acreditava nos juizos lisonjeiros da imprensa e nem mesmo no que dizão os prospectos, pois julgava, a Maravilha

uma d'essas pauzeas, como muitas que apresentão o seu resultado pela negativa do effeito.

Isto porem não se deu com a Maravilha. Eu e muitos criadores d'esta zona estamos sorprendidos pelos miraculosos effeitos da Maravilha Americana; e para a justificativa do que venho de dizer, remetto lhe com apresente, competentemente registrada, a quantia de 20\$000 rs. para VS., sem perda de tempo remetter me pelo correio uma duzia de latas de Maravilha.

Sem mais outro assumpto assino-me.

De VS.

Att.º V.º. e Cr.º.

Rodolpho de Souza Lobato.

Maravilha Americana

Preparado destinado a curar radicalmente e quasi de momento todas as molestias que ataca as arvores e os animaes. A Maravilha Americana é o debellador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazendas de criação e lavoura.

Verdadeiro prodigio do espirito humano, a Maravilha está recommendada por numerosos attestados e informações expontaneas de avultadissimo numero de avradores e criadores, do norte e sul do Brazil e outros paizes, e ainda pela opinião da Imprensa criteriosa, que tem patenteado a valiosa utilidade de tão portentozo preparado.

A sua acção benéfica é justamente uma verdadeira maravilha que está revolucionando o mundo. É um preparado indispensavel a todos os fazendeiros, creadores e lavradores.

Remette se pelo correio, para qualquer parte do Brazil, livre de despeza de portie, as latas que forem pedidas—ainda mesmo que a compra seja de 1, 2, 4 ou mais duzias.

Garante se ottimo acondicionamento e muita pontualidade na remessa que se faz competentemente registrada.

PREÇO

1 Lata 2\$000—1 Duzia 20\$000

N'uma caixa, com 10 ou 20 duzias, entregue ao comprador ou á sua ordem no porto do Penedo,—da se 30 por cento de abatimento.

Cada lata vai acompanhada de um extenso prospecto explicativo sobre a forma de uzar se o medicamento em todas as molestias. Não se desparará pedido algum que não seja a companhia da competente importancia.

Recommenda-se ás pessoas que fizerem seus pedidos o cuidado de indicarem com clareza o Estado e o Município para cuja agencia do correio deve ser remetida sua encomenda.

Os Srs lavradores e creadores podem fazer seus pedidos por intermedio de qualquer commerciante d'esta ou de outra praça, ou mesmo para mais facilidade de poderão se dirigir, directamente ao unico agente e depositario para o Brazil:

ACHILLES MELLO

Estado de Alagoas

CIDADE DO PENEDO

LEMBRANÇA UTIL

Pede-se ás pessoas que lerem este annuncio, o obsequio de mostrar o aos fazendeiros, lavradores e creadores de seu conhecimento, os quaes, com certeza, muito lucrário em saber da noticia do apparecimento da grandiosa descoberta da Maravilha Americana.

COMPOSITOR E IMPRESSOR

Manoel Felix

Typ. d' O Trabalho

O Trabalho - Maio, 1896

O TRABALHO

Órgão do Commercio, da Lavoura e dos Interesses Sociais.

Redacção: Achilles Mello e Antonio Xavier.

Alagoas-Brazil.

Sub lege libertas

Anno XV. — Cidade do Penedo, 23 de Maio de 1896. — Numero 666

EXPEDIENTE

Condições

Assinatura, por anno	8000
Numeros avulsos	200
Anuncios, por linha	200
Repetição	100
Publicações por ajuste	

Tudo o pagamento será a adiantado.

O "Trabalho" é neutro em questões politicas, pelo que torna-se folha imparcial.

Columnas francas para aquelles que quizerem defender os seus direitos.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á redacção do "Trabalho".

Os autographos devem ser enviados, competentemente legalizados na forma da lei; e, se não publicados, não serão restituídos.

Pelos extractos que forem inseridos nas seções "Comunicado e A Pedido", legitima tribuna do publico, a redacção do "Trabalho" não será responsavel.

As pessoas residentes fora desta cidade, que fizem enviatura de autographos, deverão autorisar pessoa competente a fazer o respectivo pagamento, do contrario não serão satisfeitas.

À Redacção do "Trabalho" tendo organizado uma modesta Bibliotheca, onde os assignados d'este periodico podem consultar os livros e jornaes que n'ella se contem, roga ás casas editoras o obsequio da remessa de algumas obras e gazetas, sobre as quaes externarmos o nosso juizo.

O TRABALHO

Ramal de Paulo Afonso

II

A estrada de ferro de Piranhas a Jatobá, tam maisnova, obedeceu a um plano patriótico, foi adoe senonemora esta lista de alguns Ocoselheiro Simobá.

A ligação do alto e baixo S. Francisco por meio de uma linha ferrea, inutilizando os obstaculos naturaes da parte encastanhada, era o bolor da necessidade publico, cujos resultados não tem correspondido á expectativa geral, porque a B-his sempre se manifestava contraria, conseguindo o prolongamento de sua estrada até Jasmim com imenso sacrificio dos dinheiros publicos.

O parlamento decretou a desobstrução do alto S. Francisco segundo os planos do engenheiro americano H. betts; convinha o megar de Jatobá acima para a linha desobstruida e desde logo servindo á estrada de ferro; que a influencia bahiana conseguiu que o governo mandasse alisar a 1 e 2 seções, deixou á parte a 3 seção que é da Boa Vista a Jatobá. Meio indirecto de crear obstaculos á via economica e regular da Paulo Afonso!

A resultado do capricho bahiano foi a bora ficar intacta a desobstrução na sublinha 3 seção!

Em todos os países a navegação fluvial é preferida pela economia dos dinheiros publicos.

Os rios são estradas que andam, a propria estorzes se encarrega do movimento da percura. Entre nós alguns espiritos dominados por egoisticos sacrificios interesses geraes da comunidade brasileira á conveniencias estades!

Desde que a estrada de Paulo Afonso tem contra os obstaculos naturaes, embora vencidos, e mais que tudo a má vontade da poderosa Bahia, é intuitivo que se procurem meios mais economicos e definitivos, e o que se apresenta de momento e de effizaz exito é a substituição e construção do Ramal de Paulo Afonso.

Esse ramal deve ser uma via economica, de 60 centimetros de bitola, como não a Olyta de Minas, a Vasconcelos e outras.

O seu percuro deve ser pela Vazas do Pico, villa de Agua

Branca e villa de Matto Grande, sendo se toda, pouco mais ou menos, 45 kilometros.

O custo dessa ramal está calculado em 723.072\$000, sendo o preço kilometrico de 16.433\$454, incluindo estradas, estacoes, material rodante etc etc.

Será um ramal muito vantajoso ás rentas da estrada Matriz: cuja corte interessa aos p. leres publicos amparar e remediar.

Confianças nas lizes do Exmo. Ministro da Viagem, Dr. Antonio Olyta e no patriotismo do Congresso Federal.

Quanto e bonito

No dia 15 do p. deltoz a ad ministrado de S. Paulo o Dr. Bernardino de Campos, rebebe do se suas alimares e outras manifestações de todas as classes sem distincção das cambiantes cores partitarias.

Foram unanimes as vozes acclamando glorioso e fecundo o govero que fulvava!

Quanto isto é bello e digno de ser ouvido!

O Dr. Bernardino, de que é intelligencia e illustração de que é detudo, procurou escutar-se em auxiliares de talento e reconhecidos de competencia pronomeo grandezas de seus rramentos materias, desentrevendo em sils estalos o estupro publico, cavando se queixas das opprimidos e fazendo todos a mais escrupulosas justicias.

Os dinheiros tiveram applicação severa e prompta, legando a seu successor um saldo superior a 5 mil contos.

Quando o governador quer o bem publico, sem a demora e não subordina-se aos corrilhos politicos, a humilde justia, resolve se sobre as sandaças e ovapagos populares, o maior galardo que pode serparar a honra publico elevado á categoria social, elevando á importancia e espinhas missão de governar.

Em os negocios impenhosos o Dr. Bernardino inspirou-se no patriotismo e de estarte alargou a se phera de progresso e prosperidade do Estado; nas relagoes da governo com os particulares fez justiça.

Parabens ao Estado de S. Paulo!

Deus nos proporcione ensaio de servir a outros Estados iguaes demonstrações de nosso juizo.

LETRAS

Estudinhos

Sr. Relestor.

Publicarei em extremo com o benevolente acolhimento que me fôr dispensado em vossa folha, animado a proseguir nas investigações e que me propoz sobre diferentes pontos de nossa grammatica, mas queza farias vezes he siluon os que faliam e escrevem o portuguez.

"Dezam horas; que horas deram!"—dizem uns. "Deu horas; que horas deu!"—dizem outros. Acostum-se os primicias á autoridade do lexicographo portuguez. Constatado; abreviemos os seculos com a do dicionariante brasileiro, Moraes, a quem neste ponto segue o nosso Passos.

Entonem-se alguns, que achas os syntaxes das supra indicadas phrases são correctas, porque, ao ver delle, ás seccções sillogicas, que o-religio ou religio, ou outro adaptado ao sentido. Constatem e pensar delez, não a intenção da pessoa que falla poder determinar o numero em que se faz mister empregar o verbo; por maneira que, si nos referencias particularmente a um religio que corrimos sobre, tem cabimento o singular: si a todos, o plural.

E, pois, este um ponto controverso de nossa lingua, que mereço estudo. Quanto á minha, julgo que a opinião de Constantino prevalece á de Moraes, e ali não se prova. Nas expressões—deram duas horas, deu meio dia, deu uma hora, deu meia noite,—o verbo dar está, em analogia de soar, é intersubjectivo ou passivo, e tem sujeito claro e não occulto.

O sujeito em essas casos não é, como geralmente se procura localizar, o vocabulo religio ou religio, que se subentende; é sim a expressão—duas horas, quatro horas, meio dia, etc.; pois—deram duas horas—corresponde a—duas horas soarem.

Não passo, portanto, que seja correcto dizer—deu duas horas; que horas deu—deu quatro, deu cinco horas. Si o sujeito aqui é religio ou religio, conforme se suppone o verbo não singular em no plural, como doutrinam alguns,—porque não se diz em portuguez, com a pretensão sillogica,—deram meio dia, deram duas horas, deram meia noite?

O TRABALHO

Pôde-se, então, empregar em
taes cases e verbos no plural; mas
no sentido transitivo e com o su-
jeito expresso. Assim, nenhuma
incoerência ha em dizer: *os re-
logios deram agora mais hora,
meio dia; mas, em todo o caso,
é sempre o verbo dar—empregado
no sentido de—aver, com
seu sujeito claro, ou seja, sendo
transitivo ou intransitivo, o
que é de uso mais geral nesses
modos de dizer.*

Em resumo: são correctas as
phrases—*ja' deram tres horas*
(sentido intransitivo),—*o relógio
de deram duas horas* (sentido tran-
sitivo),—*o relógio deu quatro ho-
ras; já não é, porém, correcto di-
zer—deu quatro horas, porque
meio ultimo caso é expresso—
quatro horas—á que é o sujeito.
É de notar, entretanto, que
além de ser mais geral e mais
frequente no falar o emprego do
verbo no plural, sempre assim
foi que se exprimiam os feitos
designados de essas linguagens.
«*Deram nove horas ao egre-
ja de Lereño*», escreve Ihabello
da Silva—«*Das horas! deram
agora oito hrs.*» (Leiz Philippe
Lutz).*

Não merece a pena submeter
se escolpido da critica a exotica
ou estranha opinião de alguns
pseudo-grammaticos, que se
gargam ser somente correctas a
phrases—*deram duas horas*—
no sentido de—*deram duas horas*—
das horas. É bom de ver, que tal
modo de pensar é genuinamente
errotico, si não é antes um colli-
cal dispendioso em materia philo-
logica.

Maio—17, 96.
Clotilde Lima.

A PEDIDO

A seita Espiritista

Cremos perder tempo em res-
ponder á accusação de Sr. Nunes,
desde que deixo de pôr toda
a nossa argumentação para en-
trar em divagações impertinentes.
Muita metaphysica, no mo-
do espiritaista, um accoutoado
desencavalado de idéas alheias
ao assumpto: eis o que se de-
veria em sua estrada mitorica.
E, si assim não é, a que vem ao
nosso caso Alípio e Nob, a magis-
tração dos proprietários, os sen-
hores de guarda e a transgração do
Tabak! Por certo, que não en-
tendemos patavina do que escreve
mos. Quanto ao fecho de Noel,
prouva simplesmente que já na-
dellas tempos se praticava a magi-
ca, hoje condemnada com o fas-
toso nome de espiritismo.
Disse com effeito J. Christó, que
as plantas se cobrem pelos
fructos: e queas não fructos
do espiritismo? Na ordem phy-
sica, nenhum progresso verdadei-
ro e útil, vicia precioso, na or-
dem intellectual, uma estrada de-
vota contra os dogmas catho-
licos, e repellido excessos de sophis-
mas que palliam nas feridas do
incredulismo: na ordem moral, o
suicídio, degraças, e a loucura,
a conta de que se vão encorru-

de espiritistas os hospícios de
alimentos. Eis os seus bons fructos.

«*Que nos fazer reer tambem o
fervoroso propagandista, que o
Espiritu Santo está representado
na sociedade pela actual seita espi-
ritista. Si não o fossemos por
bomem de porte, diriamos que o
Sr. Nunes é um pandego, que
nos tem em conta d'uma pasca-
da; e mais o fanatismo que o escravi-
smo, explica perfeitamente seme-
lhante aborregão do illas.*»
Si o espiritismo, em contrapó-
zição ao materialismo e positivis-
mo, attesta a sobrevivencia d'alma
por doutrinas, factos e resultados,
—por outro lado arrisca o verda-
deiro e puro espiritismo; por-
quanto tiralhes aquelle caracter
elevado e nobre de que se resen-
do os altos princípios em philo-
sophia e religião; deita incalculá-
das, problemas e difficuldades
que dizem respeito ao destino do
homem; entra pela conta vicia
com os paixões, preconceitos, fra-
queza, ignorancia e vícios huma-
nos; mistura, em summa, o erro
com a verdade, o bem com o mal.

Não negamos que os senhores
inspirem bons pensamentos, mas
que Deus possa manifestar essa
vulgaridade ao homem ou revelar-lhe
seus divinos arcanos, favorecem
do ille ató com vices de snobis,
Sanctos, etc.; devencem mistis-
tismos, que, por vezes revelam
raramente, ao deo e nunca sem
um fim elevado, como aconteceu
com um Louisa, uma Teresa de
Jesus e outros, aos quaes borrori-
ficou Deus com revelações e favo-
res extraordinarios, porqua lhas
aprasas servir de delias para alhas
fins e empresas mui extraordina-
rias. Mas que tem que ver tava
religiões com as praticas espirita-
istas, em que estão sempre os
espiritas á disposição de quem
se quer vencer para dar pasto á
sua curiosidade, e ouvir delias
verdades de enoita com falsida-
de?

Sião estas superstições que con-
demna a Igreja, e portanto o
seu chefe Leão XIII, que accusa
estudos sobre tal doutrina, já mu-
ta conhecida e esclarecida por
sua immensidade de philosophias
e sabios de todas as classes. E
aqui vem a peilo perguntar ao
Sr. Nunes, qual a doutrina que,
condemada pela Igreja como er-
rores, foi depois aceita por ella
como verdade scientifica? Qual
p' favor nos diga.

É tambem falso, falsissimo
(descolpamos a franqueza), que a
maioria do clero catholico de Me-
xico se tenha emmanado pelo
espiritismo; os sacerdotes mexi-
cos proseguem innumerosos na
trilha de seus deuses.

Quanto ao decreto de Leão X,
este nos diz-lhe, que não cogi-
ta elle do espiritismo, mas sim
de revelações e momentos de re-
velações privadas, como as de
Santa Brigida e Santa Catharina
de Sena, as quaes se não podem
tornar publicas sem approvação
de Santa Sé.

contrario L. Pois bem! A *Opinión
Catholica*, que se publica em Flo-
rença, e não em Roma, como es-
creve o Sr. Nunes, tem disandado
largamente esta questão de capi-
ritismo, e chegou á conclusão de
que a causa unica dos soprados
phenomenos são os espiritos dia-
bolicos. E quer saber algums das
provas? 1— as doutrinas immora-
es, blasphemias, tapias, falsas,
contradictorias, e sempre mais
ou menos hostis á Igreja Catho-
lica; 2—o horror que mostram
os espiritos aos objectos sagra-
dos, como reliquias, rostrios etc.;
3—a confissão franca, que faz
quentemente fazem de ser mais
e odiar a Deus; 4— os pessimos
fructos do espiritismo, a saber,
suicídios, loucuras, discrasias di-
mesticas, delictos etc. etc.

Em virtude de tudo isto, inda
nos abate-nos á pregar, que os
espiritos que evocás são *as almas
de nós mesmos!*

Penso—maio de 96.

FORTUATO SANDER.

Comp. Industrial Pendense
de Fiappo e tecnologia
S.º 9.º 10.º Chamadas

A Directoria desta Companhia
de accordo com o disposto no art.
6.º dos Estatutos, convoca os Sccs.
accionistas a realizarem a 8.ª cha-
mada até o dia 10 d'abril, a 9.
e até o dia 10 de Maio, e a 10.ª
o dia 10 de Junho todo do cor-
rente anno e um ranho de 10 por
cento do Capital subscrito, a fim
de poder recabar não só ao pa-
gamento dos accões movidos pe-
los 7 trovedores dos accionistas
como fructos necessas para a Di-
rectoria por conta dos mesmos. A Di-
rectoria pede a inteira observa-
ção na realisação destas chamadas
não só para que nenhum so-
ciedade não se peca do art. 9.
como para ficar habilitado a sal-
var os compromissos contractados.
Os pagamentos são feitos em 1500
do respectivo Thezouriro.

Penso 8 de Março de 1906.
Joanquin da S. Pereira.—Presid.
Manoel da S. Peixoto.—Thezou-
reiro.
Manoel Rollemberg—M. Soc
res.—Secretario.

EDITAES

O Dr. Helvécio da Carvalho G.
Guimarães, Juir de Direito do
municipio de Pendense e annexa na
forma de Lei etc.
O Paga saber a toka que o
presente edital de praga de vicia
das vicia, que o porteiros dos au-
ditorios deito Julio, ha de tracer

em publico pregão de venda e ar-
rematação e entregará a quem
mais der e maior lance offerecer
em o dia 8 de Junho entrante, se
duze horas da manhã, a porta
da casa deito Julio uma casa de
telha e tapia, com uma porta e
duz janelas de madeira, na rua
deito Joaquin Nabuco, annexa pelo
lado de cima com uma casa do
Hospital de Caridade e pelo de
baixo com uma cide mais uma
irmao do Padre Manoel Simplici-
o; cujas casa é pertencente ao
episcopo da falcção D. Francisco
de Salles do Espírito Sant, e foi
avaluado por esesentos mil reis
— (700000 R\$). E quita na refri-
rida casa quizer lançar, compa-
rya ao referido dia, hora e lugar a
sua declaração. E para que che-
ga a noticia a toda mandei pas-
sar o presente e mais duas de
igual teor, que o porteiros publi-
cará e affixará no lugar de contin-
ua e se os publicos pela imp-
ressão. Pend., e pendense deito ci-
dade d. Pendense, em 16 de Maio
de 1896. Eo, Ceazario de Souza
Henalho, secretario e estivo.
Hilvécio de Carvalho Gomes
Guimarães.

Alfandega do Pendense

De accordo com o telegramma
da Directoria de Contabilidade do
Thezouriro Federal, e de 15 de
corrente, se faz publico para
conhecimento de todos que foi
pre-gado até 30 de Junho de
1897 o prazo para o recolhimento
das notas de governo, e das men-
cionadas ao edital da Caixa de
Amortisação de 8 de maio de
1896, publicado no "Diario Offi-
cial" de 9 de mesmo mes; e até
31 de dezembro de 1896 para os
seguintes:
D. Banco dos Estados Unidos
do Brazil: de 600000, 1 estampa
(verdes).
D. Banco da Republica dos
Estados Unidos do Brazil: de 15
de 600000, 200000, 1 estampa
(verdes), 500000, 1 estampa (azu-
res).
D. Banco Emisor de Pernambu-
co de 100000, 1 estampa 1
sera;
D. Banco Nacional do Brazil:
de 100000, cinco e sem cartão.
D. Banco da Republica: es-
de 1 estampa (cobega de 1895).
Alfandega do Pendense 19 de Maio
de 1896.
ANTONIO ESTEFANIA FERREIRA
d'OLIVEIRA

NOTICIARIO

"O TRABALHO"— Com a
quinta do nosso amigo Sr. Sere-
nio Soares Pinto, está a fazer
parte da redacção d'esta gazeta, o
Sr. Antonio Xavier de Assis,
mesmo antigo empregado director
das officinas "O Trabalho".
—
ENFERMO—Tem estado ba-
stante doente guardando o leito,
o Sr. Capta. Manoel Vieira da
Fonseca.
Fazemos votos ao Alissimo pe-
lo seu restabelecimento.

O TRABALHO

RECOLHIMENTO — Chamamos a atenção dos senhores leitores para o edital do Sr. Inspector de Alfândega desta cidade, inserido em outra edição, referente ao recolhimento e protogação de notas de diversas valcres.

— 0 —

VASANTE — Vão baixando as águas do S. Francisco. As primeiras plantações e sementeiras já se fazem.

— 0 —

CHUVAS — Tem chovido as chuvas, que geralmente tem sido abundantissimas. Nestes ultimos dias, tem feito alguma pausa.

— 0 —

M. MARIANO — Com a devota e sollemnidade vai se fazendo o exercicio da agraavel deoção do Sr. Mariano, em nossa Mis. triz. Não obstante o tempo churoso, tem si lo bastante concorrida essa agraavel deoção.

— 0 —

S. B. JUVENIL — Essa sociedade, de Propriá, nos communi. cao a eleição de seu novo director, effectuada em 10 do corrente. Presidente — Pedro P. C. Bello. Vice Presidentes — Manoel Felix Filho 1. Secretario — Candido Geminiano 2. Secretario — Lucas Gonçalves Thez. — José Rolim Filho (re. leito). Director — Alvaro Silomio. Proc. — José Innocencio da Vai 88. Zelador — Januario Gomes.

PASSAMENTO — Fimoz se, esta semana, quasi inoperadamente na Villa Nova, a Ekma. Sr. D. Caroline Bastos, digna consor. te do Sr. Jeronymo Vieira Bastos, residente na Saúle, povoad daquelle municipio. Lamentando a immensa perda, damos ao Sr. Cel. J. Bastos, e bem assim á toda a familia da finada, os nossos pezaemas.

CONGRESSO DO ESTADO. — Continuamos hoje o trabalho esboçado no nosso n. anterior. De nossos estimados collegas da capital vamos obtendo as sub. stancias necessarias á nossa resolu. ção. Ficamos no dia 6; vejamos des. se dia em diante o que de mais notavel nos offerecer o congresso do Estado.

— O dia 6 fez casa de churo, apesar d'isto a camara funcionou com 18 deputados. O deputado Toledo leu um projecto mandando suspender seis contos com o empastamento da la. dreira da Alameda. Dias depois este projecto cahiu em 2. discussão; o deputado Prudencio justificou um outro determinando que o go. vernador collocasse na 1. voga do escrinio secular o professor Fa. boas Filho. Era a sessão subse. quente, á requerimento do Sr.

Francisco Isidoro, foi o projecto á commissão de instrucção para dar parecer; o deputado Rocha acha que a villa, de Igaray ha carrega ter uma cadeia e apre. senta um projecto, que, ha alguns dias, estava em 3. discussão.

Reunio-se a camara no dia 8, sempre com um numero reduzido de deputados. Apenas 17 te. em comparecimento com pontualidade, depois da eleição da mesa. A commissão de obras publicas di parecer favoravel á uma pedigo dos habitantes do Colla. gio submetendo á discussão um projecto mandando dar ao Conselho municipal daquella villa um auxilio de 5.000.000 para a cons. trução de um cemeterio. Este projecto esteve já em 3. discussão.

Nesta sessão foi apresentado um projecto importante, digno de ser accuato, pois commoza uma das maiores necessidades do Estado: criação de um banco agrícola e commercial.

Ainda não esteve em discussão por S. Ex. Jozimo Meustes, o dr. Francisco Isidoro. Neste projecto é autorizado o go. verno a garantir com 6 p. q. no prazo de 10 annos, a sociedade anonima que se estabelecer para a criação de um Banco.

Ainda não esteve em discussão o projecto. Tinha ido á impressão. Aindo foi discutido o projecto do Sr. Jozimo Meustes, estabelecendo a navegagão entre Penado e Mació. O Sr. Argeimiro manda uma emenda para que os vapores tocassam em alguma portoa do norte. Combatida a emenda, cahiu.

O projecto foi approved em 3. discussão no dia 8. Era discussão um projecto cre. ando dois lugares de escriptorias na rebedoria de Mació e 1 na de Penado, foi regeito.

17 deputados responderam á chamada na sessão de 8. E' apresentado um projecto autorizando a aposentadoria do Inspector do Thezouro. Ainda não havia entrado em discussão. O projecto mandando aposen. tar o juiz de direito do Pilar foi approved em 3. discussão. Sabia. ta á commissão de redagagão.

Ainda é approved, em 3. discussão, o projecto mandando pa. gae atrasados ao Illoy-brasileiro. Approved mais o projecto sobre subido de deputados e seus. dros; tendo orado contra o sr. Fausto de Barros.

No dia 9 não houve sessão. Estiveram presentes somente 15 deputados. Quando tem feito pouco, ou nada. A camara dos velhos quasi que não tem funcionado.

Ha iniciado apenas dous pro. jectos, apresentados pelo seo 2. secretario, dr. Bernardo Sobri. nho. Um — manda, desde logo, des. pendido o pagamento do imposto de porta aberta ou outros, sob penal de decomposiçao, lançados pelas municipalidades sobre ma. oteria já tributada pelo Estado; o outro — mandando contar aos mag. istros para todas as effeitos legais o tempo em q' elles estive. rem privados de exercicio do car. gey por motivo de força maior.

— 0 —

INDUSTRIA E PROFIS. SAO — O governador do Estado concorda com o commercio da capital em modificar a tabella actual do peesissimo imposto de industria e profissao.

— 0 —

— O Governador de Pernambu. co tem se quezado ao dote Esta. do de invadir do seu territorio pela força publicas ao enclavo de Manoel Isidoro. Enxas Porto Calvo em allugio peozissimo. Os engenhos estão inteiramente abandonados.

Depois do meio de Isidoro e seu bono, vau agora ao desti. nos da força!

— 0 —

THEATRO — Estã trabalhando em Museu um grupo de ar. tistas, sob a direcção do actor A. Livramento.

Anuncia seu director que de. pois de visitar a cidade do Pilar, virã trabalhar nesta cidade, que está a carecer di dverecoz.

— 0 —

CONGRESSO NACIONAL — Até 10 do corrente, não havia ainda funcionado o congresso nacional. Os deputados federaes por este Estado, srz. Gons. Rocha e Fernandes não haviam ainda se. guido para o Rio de Janeiro.

— 0 —

CIRCO — Deve embarcar amanhã com destino a Aracajã a impor. tante companhia dos Srs. Oliveira & Mendes, que dispuzo as ha. bitantes desta cidade boas horas de agraavel passatempo.

Bons artistas, optimos traba. lhos.

Não obstante o tempo churoso, a companhia teve boas cessas, al. gumas vezes completamente chai. sas.

Exhibio diversos trabalhos ainda não vistos e executados com tanta pericia, mesmo por maio. res companhias que tem vindo á esta cidade.

O ultimo espectáculo foi impor. tantissimo. E' como se costuma dizer — a companhia arroumada com chave de ouro —. O meoano Eduardo Mendes apresentou-se um verdadeiro portento! execu. tou em trapico positivos por fer. mas as mais difficeis que se pode imaginar. Esse trabalho produ. ziu grande sensagão e entuzias. mo.

O jovem Eduardo Mendes é sufficiente para recomendar a companhia ao publico mas adian. tado e exigido. A companhia retirã-se satisfi. ta d'esta cidade, que soube cor. responder ao merito dos prove. tos artistas.

Dezajamos-lhes feliz viagem.

— 0 —

CORRIGENDA. — No escripto "A propaganda espiritista" inser. ta no numero 664, na 1. colu. na, linha 31, vez de de — marca — leia-se — nome. Na linha 38: estã — nister — por — mister, e mais abaixo — systema — por — systema. Na linha 60, em vez de — para outra vida — leia-se — para a outra vida. Na 62, em vez de — orde. zem d' a vontade, leia-se — obedi. zem d' a vontade.

com a vontade. No final do ar. tigo, em vez de — e complement — leia-se — o complemento. O leitor negligente supprã a as demais faltas.

ANNUNCIOS

Terra & C.

COMMISSARIOS-IMPORTADORES

Rua do Rozario N. 88.

RIO DE JANEIRO

Recobem a consignação assucar, alcol, cereaes, fumo, borraçha, cacau, bananaes, madeiras e tudo mais que o commercio consu. ma.

N. B. Adiantio qualquer quantia aos seus committentes e tambem accedido qualquer representa. ção quer commercial quer particular.

TERRA & COMP.

1-8

COLLEGIO DE N. S. de Lourdes

Este estabelecimento in. stallado no dia 1. de Maio de 1896, funciona na rua do Nordio n. 1 e tem por fim a educa. ção do sexo feminino.

Admittir alumnas inter. nas e externas.

O ensino dividido em duas secções consta de primeiras letzas, Portuqez, Francez, Inglez, Allemão, Geographia, Historia do Brasil e arithmetica. Ensinã-se tambem a musica, piano, canto e prendas do. mesticas de muitas qualidades.

A directora promettendo todo o zelo e interesse pelas meninas que lhe forem confia. das, communicã aos Srs. paes da familia, esperando d'elles bom acolhimento.

Penedo, 22 de Maio de 96.

A Directora, Maria Izabel de Araújo Medeiros.

Spiritismo

Acho-se expostos a venda os exemplares, *O Que é o Spiritismo*, escripto por Allan Kardec, na casa dos Srs. Martins & Carvalho. Preço de cada um 28000.

O TRABALHO

Descobertas Maravilhosas

LEIAM!

LEIAM!

MARAVILHA AMERICANA. Preparado destinado a curar rapidamente e quasi de momento todas as moléstias que alacdo as arvores e os animais. A "Maravilha Americana" é o debelador instantaneo de todas as pragas e epidemias que assolão as fazendas de criação e alvoura. Verdadeiro prodigio do espirito humano, a "Maravilha Americana" está recommendada por numerosos attestados e infomrações espontaneas de avultadissimo numero de lavradores e criadores e ainda opinioes criticas da imprensa, que tem patenteado a utilidade de tão portentoso preparado. Sua acção beneficia a uma verdadeira maravilha que está revolucionando o mundo.

Remette-se pelo correio, registrado, livre de despesa de porte as latas ou duzias que forem pedidas.

PREÇO — 1 Lata 28000. Uma caixa com 20 duzias entregue a vista da importancia em qualquer porto maritimo do país, livre da despesa de frete e frete, affre e desconto de 20 por cento. Não ha desconto nas remessas pelo correio.

Nos pedidos tenham o cuidado de indicar com clareza o Estado e localidade, para cuja agencia do correio devemos remetter a encomenda.

Os Srs. lavradores e criadores não se confundam, não se iludam com outros preparados. Só a legitima "Maravilha Americana, é a que he conhecida como salvadora das fazendas de criação e lavoura. Quem quizer ver se livre das falsificacoes ou imitações grosseiras, dirija seus pedidos por intermedio de drogarias sãs e commerciantes seroditadas, ou para maior segurança, pode dirigir-se ao unico depositario geral no Brasil: **ACHILLES MELLO, Ombos no Penedo, Estado de Alagoas.** Nossas casas à muito conhecidas em todo o país e nenhuma reclamação até hoje appareceu a bre os numerosos pedidos que por todos os vapores e correios reesbancos de todos os Estados.

— PÓS REGENERADORES. É este um preparado que produz a cura completa da sobriedade, causando no doente maior repugnancia ou verso pelas bebidas alcoholicas. Garantimos que o individuo depois de fazer uso dos "Pós Regeneradores" só voltará ao vicio, se for effectivamente inimigo de si mesmo; pois só beberá se fiar um esforço inaudito, como se pode empregar para ingolir cousas mais repugnante. Ainda assim não ha caso de recadida, tal a repugnancia e averso com que fica o individuo. Sabemos de pessoas que fizeram uso d'esse portenoso especifico, e hoje não podem meozar sustentar no lugar onde se abre uma garrafa de qualquer bebida tal a repugnancia em q' fizeam. As curas e attestados são numerosos. **PREÇO** — 1 caixa contendo quantidade para curar uma pessoa 18000; 1 duzia 108000. a duzia com o desconto de 20 por cento. Tudo remette-se pelo correio ou vapor, livre de despesa de porte e frete. Dirija-se a **ACHILLES MELLO.**

—CASCVELINO. Este antidoto é o melhor e mais energico contraveneno destinado a curar as pessoas mordidas por cobras venenosas e cães damnados ou hydrophobos. Entre os contravenenos até hoje conhecidos, nenhum como o "Cascavelino"; é tão seguro e infalivel desde que seja sempre usado a tempo. De applicação facil, e á comprehensão de todos, o "Cascavelino" torna-se indispensavel aos proprietarios rurais, caçadores e homens do campo, que o põdem, sem o menor emcommodo, conduzir no bolso para qualquer parte. Na diminuta caixinha em que se acha o medicamento. É de acertada conveniencia todos eberem tão magnifico antidoto, não deixando para d'elle lembrar-se na occasião que não se pode obter. Quem reside nas fazendas, vive nas caçadas ou se dedica á outras occupações dos campos e florestas n'um momento, quando menos espera, pode ser mordido por uma cobra; deve ter, portanto, á mão, esse portenoso medicamento, certo do seu optimo resultado.

PREÇO — 1 caixa 38000; 1 duzia com 15 por cento de desconto; 1 duzia com 20 por cento. Remette-se para todas as localidades do Brazil, livre de despesa de correio ou vapor.

Depositario geral no Br. zil, de todos estes preparados

Achilles Mello
Cidade do Penedo—Estado de Alagoas.

LEMBRANÇA UTIL

Pede-se ás pessoas que liram este annuncio, o obsequio de mostrarem aos fazendeiros, lavradores e criadores de seu conhecimento e outras pessoas a quem possa interessar, as quees, com cortesia, muito lucrarem em saber da noticia do apparecimento da portenosa descoberta d'estes preparados verdadeiramente maravilhosos.

Quem tem medo de comer?

Já viram alguma vez uma criança ou animal faminto comer? Por certo que sim, muitas vezes. Como elles o gozão. O satisfazer-se a fome é um dos mais significativos prazeres que sentimos. A natureza determinou que assim fosse, porque é preciso alimentar nos a fim de vivermos, e aquillo de que necessitamos ella o torna agradável para que não o negligenciemos. Todavia eis aqui uma mulher que diz: "Quasi que tinha medo de comer." No entanto a criança de seixos ou o cão faminto não tem medo de comer. E porque não? Porque nenhum delles jamais experimentou senza prazer e beneficio de uma tal operação. Feliz criança! Feliz cão.

Milhares e milhares de pessoas neste paiz olhão para a sua comida com desprezo e receio. Não obstante são ellas obrigadas a trabalho duro para a ganhar e não ensinadas a dizer em suas resas "O pão nosso de cada dia nos

je Senhor." Morer a fome sempre é morrer. Ellas o sabem. Contudo ellas apenas comem sob uma especie de compulso d'escravo como um homem condemnado a suicidio involuntario podia engolir uma taça de veneno. Ellas recuam a uma bemaventurança com parativamente aquil todas as demaes bemaventuranças da terra são puramente pó. Soffrer por isso? De certo que sim. Nesse caso porque é que ellas se destroem? Não é natural. A resposta é: Não o podem evitar. A simples historia desta boa mulher mostra como isto se dá. Todavia não é o caso tão raro. Tanto peior.

Diz ella: "Eu tinha sempre sido notavelmente sadia até a gosto 1887, quando uma manhã comeci a vomitar da estomago uma quantidade d'agua. Depois disto senti pela manhã um mau gosto de boca, tinha pouco appetite, e depois da comida sentia as dores e peso tanto no peito como no estomago. Comeci a sentir-me gradualmente muito fraca, suc-

cedendo ás vezes mal me poder sustentar de pé. O meu estomago se enchia de flatulencia, e as dores se tornavam tão agudas que eu quasi perdia os sentidos. Tudo se torna va negro e fuscio diante de meus olhos e sentia me como se estivesse embriagado, levando me muitas vezes uma hora ou duas antes que tornar-se a mim. Era frequentemente accomettida destas tenturas, e estado a trabalhar em Red Bank Mill em Radcliffe por duas vezes me tiraram para fora em uma condicão de semi desmaio.

"Depois destes ataques passava a exhibir uma coi terrivel mal podendo respirar, ao passo que as dores em minha cabeça erão terribes, e via-me obrigada a ir para casa e deitar-me. Se eu jamais sentia um ataque ao aproximar-se ao amolecer e deixar do trabalho, não me atrevia ir para cama antes de sentir removidas as dores.

"Cerca do Natal de 1888 uma das minhas companheiras de trabalho me convenceu a experimentar o Xarope Cura-

tivo da Miss Saigel para o que em mandei a Farmvorth buscar uma garrafa delle. Sentime melhor depois de haver tomado a primeira garrafa, e ao ter tomado tres garrafas estava eu completamente curada. Desde então nunca mais tive que deixar o meu trabalho.

"(Assigno.)
MRS. HELEN HATCHMAN,
"Mulher de Roberto, Hatchman No 3, Setreet, Little Leav, jun to de Bolton, Inglaterra."

Aquelles que tiverem a fortuna de ter bom appetite e bons estomagos pouco se imputarão com a historia de Mrs. Hatchman. Mas a immensaidade de homens e mulheres em pregados em fabricas e outros misteres que soffrão como ella soffria sentirão por certo o peso de sua verdade e sympathy. E qualquer cousa que cura in digestão e despesa e nos torna aptos a aceitar os dons de Deus nos dá como alimentação seria ainda assim barato embora tivessamos tido que derreter: ouro para o alcançar.

Tribuna Popular - Novembro 1899



ALGODÃO FOLHA DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO BAIXO DE FRANCISCO
Penedo, 1 de Novembro de 1899.
REDAÇÃO E OFFICINA RUA BARÃO DO PENEDO
BRASIL

Telegrammas

Brasil de 27 de Novembro
A parte budonista continua em Santos.
— Foi aprovada a criação do Senado de Congresso Nacional até 22 de novembro próximo vinctivo.
— O Senado approvou o orçamento de 1899.
— Inauguramos os trabalhos para o cargo de secretário geral do estado.
Recife 27
Foi sobre homem o dr. Espridias Monteiro.
— O barão de Lucena é candidato ao cargo de governador do estado, apresentando-se pela Concórdia.
— Existem 12 pessoas acobertadas da peste bubônica, recolhidas no Hospital de Santos.
Camboja 27
A monarca Filha
As noções assignadas por governo decapou de impenitência com os reos, e os culpados a dar a possada e proferir edicto de oha, e de que, em tempo, a república, a nossa principal medida de impressão.

Politiciana

Os agentes da policia e a labeira situação não tem que nos repugna as medidas barbares.
Concederemos se reproduz os castigos para cada um sem esperar que acaia de alguma providencia no sentido de se regularizar a situação, ou que se paguem os salarios da municipalidade sem o sentido de se pagar a cada um de cada lado.

Politiciana

Com o que se está sendo de se fazer com os que são considerados inimigos por nós, e de se regularizar a situação, ou que se paguem os salarios da municipalidade sem o sentido de se pagar a cada um de cada lado.

Politiciana

Com o que se está sendo de se fazer com os que são considerados inimigos por nós, e de se regularizar a situação, ou que se paguem os salarios da municipalidade sem o sentido de se pagar a cada um de cada lado.

Adm. em viciu

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Adm. em viciu

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Adm. em viciu

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Adm. em viciu

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Adm. em viciu

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Por falta de espaço deixo de publicar o artigo de hoje a respeito do admo. da viciu municipal. O artigo é muito interessante e de leitura obrigatória.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

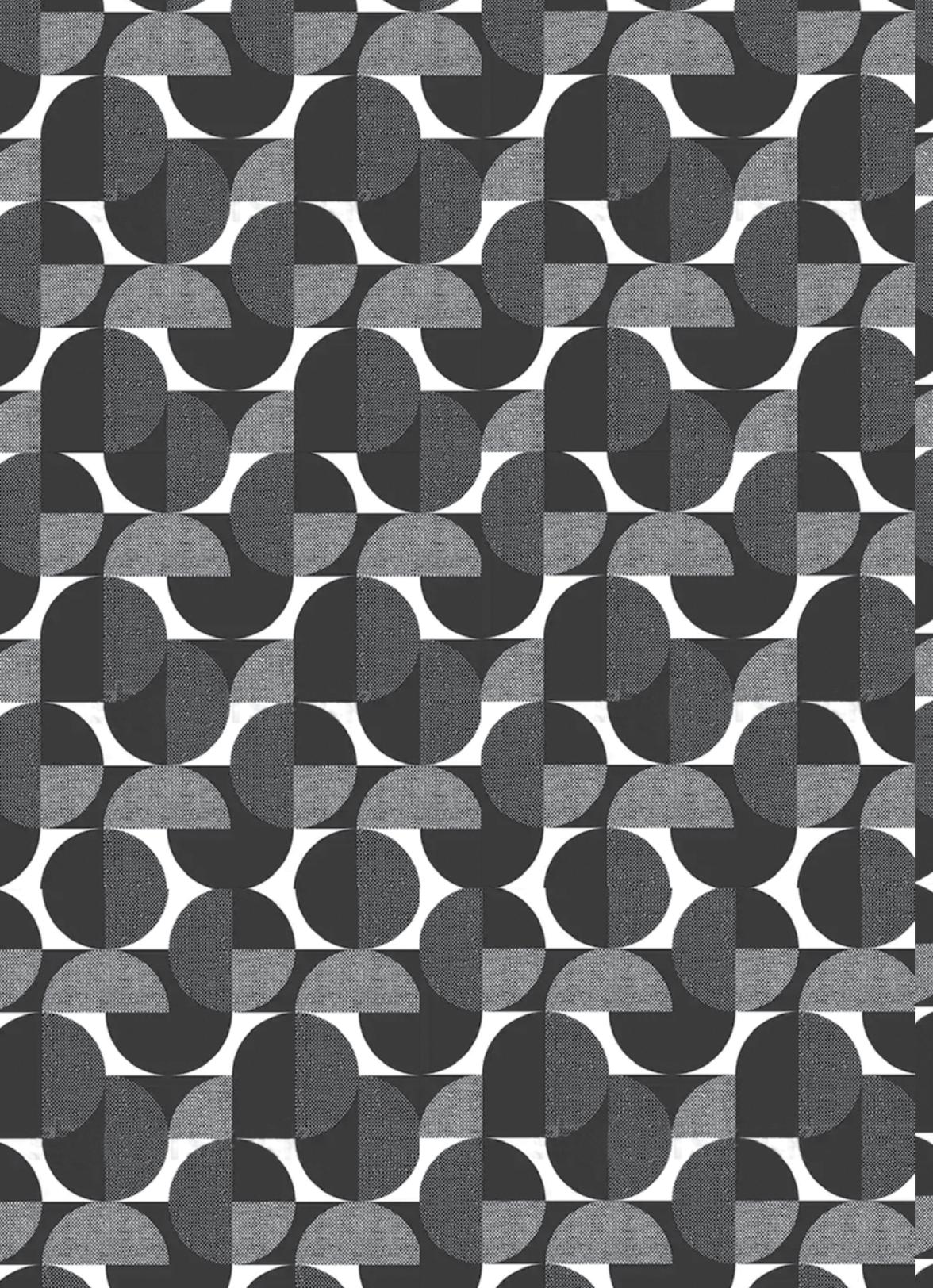
Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.

Politiciana

Foi resolvido o serviço municipal de transporte de passageiros, a sua parte, para o cargo de secretário geral do estado.





Parte V

Apêndice

ORBE

MACEIO' — SEXTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1897

Tribuna popular

Mais um batalhador da imprensa acaba de surgir na florescente cidade de Penedo que conta um avultado numero de periodicos, para provar o seu progresso.

A *Tribuna Popular* é de propriedade do sr. Antonio Xavier de Assis e sahio o 4º numero á 18 do corrente.

E' muito noticioso e tem bons artigos.

Fazemos votos pela longa existencia do collega.

GUTENBERG—MACEIO' 5 DE MARCO DE 1907

Livraria Brasileira

Do sr. Antonio Xavier de Assis, negociante em Aracajú, recebemos uma delicada carta em que nos communica a transformação pela qual acaba de passar o seu estabelecimento a *Livraria Brasileira*, onde se encontra obras litterarias de bons auctores o tudo que se liga ao commercio de livros, papelaria e imprensa.

ANNO VI		ARACAJU - Domingo 28 de Agosto de 1908		N. 1448	
O ESTADO DE SERGIPE					
JORNAL OFFICIAL, POLITICO E NOTICIOSO					
ASSIGNATURAS		REDAÇÃO E OFFICINAS		ASSIGNATURAS	
TALA & QUINZA		Rua da Aurora em frente à Alfandega		TALA & QUINZA	
Por ano.....	2000			Por ano.....	2000
Por semestre.....	1000			Por semestre.....	1000
Por trimestre.....	500			Por trimestre.....	500
Por mês.....	150			Por mês.....	150
Por dia.....	50			Por dia.....	50
Enviar recibo de.....		ENDERÇO TELEGRAPHICO—"ESTADO"		Enviar recibo de.....	

ELEIÇÃO MUNICIPAL	
São candidates à eleição municipal a proceder-se no dia 1.º de Setembro vindouro a' esta Capital, os seguintes cidadãos:	
Para Intendente	
Majoor Antonio Xavier de Assis—Artista	
PARA CONSELHEIROS MUNICIPAES	
<i>Dr. Manoel de Barcellos Netto, Medico</i>	
<i>Cleoro Terencio de Mattos Pinto, Pharmaceutico</i>	
<i>Capitão João Almeida dos Reis, Official do Exercito</i>	
<i>2.º Tenente João Fernando Ramos, Official do Exercito</i>	
<i>Capitão Almeida Fernandes de Barros, Negociante</i>	
<i>Majoor Aracylan José Moreira, Empregado publico</i>	
<i>Majoor Francisco de Andrade Mello, Negociante</i>	
<i>Capitão José Galvães Filho, Negociante</i>	
<i>Capitão Godolino Jardim Fontes, Proprietario</i>	
<i>Francisco de Alva, Costo, Negociante</i>	
<i>André Ramos, Negociante</i>	

TALÃO

Pag. Nº 087

República dos Estados



Unidos do Brasil

REGISTO CIVIL

ESTADO Pernambuco

Município de Penedo

Distrito de Penedo

Casamento N.º 8 (oit)

Francisco de Assis Figueiredo Barbosa oficial do
Registro Civil da data relatada

CERTIFICO que, de fls. 1074 do livro n.º 1 (um) de Registro de Casamentos,
foi hoje, o assento do matrimonio de Antônio Távila de
Assis e Maria Taura de Viveiros
contratado perante o juiz M. Manoel Testalman de Santos
e as testemunhas Serafim Soares Pinto
e Francisco Bruno Faria

Ele, nascido em San Joazeiro aos 24 de março anos
de 1871 profissão artista domiciliado em Penedo
e residente em Penedo

filho de M. Manoel e Távila de Assis
nascido em Penedo domiciliado em Penedo
e residente em Penedo

e Maria Taura de Viveiros nascida em Penedo
domiciliada em Penedo
e residente em Penedo

Ela, nascida em Blacius aos 19 de maio anos
de 1876 profissão costureira domiciliada em Penedo
e residente em Penedo

filha de João de Deus e Távila de Assis e filho
nascido em Penedo domiciliado em Penedo
e residente em Penedo

e Rita Doroteia de Viveiros nascida em Penedo
domiciliada em Penedo
e residente em Penedo

a qual passa assinar-se

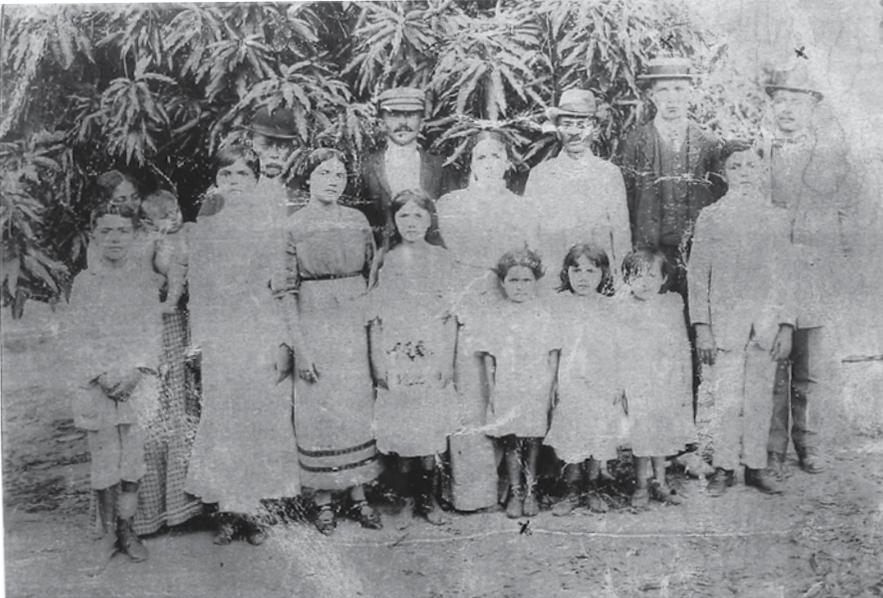
Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180 ns. do Código Civil.

Observações: - O ato foi realizado no dia 26
de janeiro de 1895
O referido é verdade e dou fé.

Penedo, 27 de janeiro de 1895

Francisco de Assis Figueiredo Barbosa

TIP. CENTRAL - Tobias Barreto, 33 - Recife



Sítio Palestina em 1911. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Milton Xavier de Assis, no colo da babá , Antônio Xavier de Assis Junior, Iracema Assis, Ismênia Assis, Helena Assis, a prima Arsêlia Christo, Eurides Assis, a prima Mariquinha Christo e o primo Fernando Assis de Souza Christo. Atrás, Dr. Nyceu Dantas, Sr. Felinto Corildo, Maria Isaura (Marocas) de Viveiros Xavier, Antônio Xavier de Assis, Sr. Carlos Krauss e Dr. Amando Fontes.

O Estado de Sergipe

JORNAL OFFICIAL, POLITICO E NOTICIOSO

ANNO XII

ARACAJU.—Quarta-feira 14 de Dezembro de 1910

NUMERO 8411

Do sr. Antonio Xavier de Assis recebemos a seguinte comunicação que muito agradecemos :

«Aracajú, 20 de dezembro de 1910.
—Redação do *O Estado de Sergipe*—
Capital.—Communico a v. s. que havendo encerrado no dia 30 do p' findo as transacções da Livraria Brasileira, cuja casa era mantida nessa praça sob a minha firma individual, occupo-me de hora em diante na manutenção da **Casa Xavier**, ficando todo activo e passivo da livraria sob minha responsabilidade commercial.

A nova casa fará as suas transacções em negocios de commissões, consignações e conta propria, mantendo ao mesmo tempo bem aparelhada officina typographica para trabalhos de obras avulsas.

Espero que v. s. tomará nota de minha firma, dispondo de meus serviços quando delles carecer. De v. s.—amigo att. obr.—*Antonio Xavier de Assis.*»



CARLOS PINNA DE ASSIS, natural de Aracaju – Sergipe, nasceu em 04 de fevereiro de 1949, filho de Antônio Xavier de Assis Júnior e de Anália Pinna de Assis. Entre os anos de 1953-1955 cursou o Jardim de Infância Augusto Maynard, em Aracaju – SE. Os cinco anos seguintes, estudou no Colégio Jackson de Figueiredo (Aracaju – SE). Já em 1962, transferiu-se para Belo Horizonte (MG), matriculado no Colégio Santo Antônio, onde permanece até 1964. Ainda em Belo Horizonte, entre os anos 1965/1967, concluiu o curso clássico no Colégio Estadual de Minas Gerais - Central. Em 1968 inicia o curso de Direito na Universidade de Brasília -UNB, dois anos depois foi para a Bahia, matriculando-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, onde concluiu o curso de Bacharel em Direito

Em 1973 é inscrito na OAB/BA sob o nº 3.672 e na OAB/SE sob o nº 51-A em 1976. Outrossim, em 1975, tornou-se sócio Fundador da Sociedade Civil de Advogados “Brandão, Pinna e Tourinho Dantas”, com sede em Salvador e atuação em todo território nacional. Em 1976 casa-se, em Aracaju, com Raquel Prado de Oliveira Pinna de Assis com quem tem dois filhos: Luísa Prado Pinna de Figueiredo– e de Carlos Pinna de Assis Júnior. É avô de Pedro e André Pinna de Figueiredo.

Em 1979 foi eleito pela Assembleia Geral dos Advogados, sendo reeleito para os biênios de 1981/83 e 1983/85, como Conselheiro Seccional da OAB - BA. Foi designado Conselheiro Membro da Comissão de Assistência Judiciária, OAB/BA e Conselheiro Membro da Comissão de Ética e Disciplina, e Presidente da Comissão de Assistência Judiciária. Foi, ainda, Conselheiro Membro da Comissão de Estágio e Exame da Ordem durante os anos de

1981/1983 e Conselheiro Diretor-Tesoureiro da OAB – Secção da Bahia em 1983.

Ademais, Carlos Pinna de Assis foi eleito Presidente da Caixa de Assistência dos Advogados do Estado da Bahia - CAAB (1983/1984). Em 1982, passou a ser sócio do Instituto dos Advogados da Bahia, onde atuou como Diretor de Estudos e Legislação. Em 1983 é nomeado para o cargo de Procurador-Geral do Estado de Sergipe e, em 1985, assume também o cargo de Procurador-Geral de Justiça do Estado de Sergipe. Em 1985, é nomeado Secretário de Estado da Habitação e Previdência Social de Sergipe. No ano seguinte, em 1986, tomou posse (em novembro do mesmo ano) como Conselheiro do Tribunal de Contas de Sergipe, tendo exercido os cargos de Corregedor Geral nos biênios de 1991/93; 2009/2010; Vice-Presidente nos biênios 1996/97, e 2005/7 e Presidente nos biênios 1997/99 e 2007 e 2014/15. Em 1999 cursa a Escola Superior de Guerra – ESG, no Rio de Janeiro-RJ, onde obtém pós-graduação em Política e Estratégia, com tese sobre o Poder Legislativo Nacional.

Em 2000, foi eleito primeiro presidente da Associação dos Órgãos de Controle Externo do Mercosul – ASUL, fundada naquele mesmo ano em San Carlos de Bariloche, na República Argentina. No ano 2002, foi eleito também Presidente da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil – ATRICON e Coordenador do Centro de Coordenação dos Tribunais dos Tribunais de Contas do Brasil, com sede em Brasília-DF, cargos que exerceu até 2005.

Ainda, enquanto membro da Academia Sergipana de Letras (ASL), em 2015, apresentou e participou do livro do centenário de Lourival Baptista, editado pelo TCE-SE, assim como do livro O Novo Tribunal de Contas. Tem publicações nas seguintes revistas: Cumbuca (SE); Academia Sergipana de Letras, Revista do Tribunal de Contas do Estado (SE); Revista do Tribunal de Contas de Minas Gerais.

Entre as atividades docentes desenvolvidas, destacam-se: professor da Faculdade de Direito Tiradentes, de 1984 a 1988, sendo autor de Estudos, Artigos e Ensaios. Também proferiu dezenas de Conferências e Palestras proferidas no Brasil, na Argentina, na Alemanha, na Espanha e em Portugal. Carlos Pinna de Assis foi agraciado com diversos títulos e medalhas, algumas como: Ordem do Mérito Aperipê – Estado de SERGIPE; Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho – Tribunal Superior do Trabalho/BRASIL; Colar do Mérito “Gumercindo Bessa” TCE/SERGIPE; Colar do Mérito Sergipano do Trabalho – TRT/ 20ª Região/SERGIPE; Ordem do Mérito Serigy – Grande Oficial – PMA/SERGIPE; Medalha da Inconfidência – Estado de MINAS GERAIS; Colar do Mérito de Contas “José Maria Alkmin” do TCE/MINAS GERAIS; Medalha do Mérito Policial – Militar da Polícia Militar do Estado de SERGIPE; Medalha do Mérito da Associação das Entidades Oficiais de Controle Público do Mercosul - ASUL – São Carlos de Bariloche/ARGENTINA; Ordem do Mérito Parlamentar da Assembleia Legislativa do Estado de SERGIPE; Colar do Mérito Capixaba do Trabalho – TRT/ESPÍRITO SANTO; Medalha do Mérito Legislativo Câmara dos Deputados – Congresso Nacional - BRASÍLIA; Colar do Mérito do Tribunal de Contas do Estado TCE/PIAUI; Medalha Cunha Pedrosa – TCE-PARAÍBA; Medalha do Mérito da Associação Nacional do Ministério Público de Contas – AMPCON/BRASÍLIA; Troféu do Mérito do Tribunal de Contas do Estado – RIO GRANDE DO SUL; Medalha do Mérito Governador Raul Barbosa – TCM/CEARÁ; Medalha do Mérito Ministro Victor Nunes Leal – TCM/RIO DE JANEIRO; Medalha do Mérito Cristóvão de Barros – São Cristóvão / SERGIPE; Medalha Cons. Egídio Sales do TCM/PARÁ; além de vários Diplomas Honoríficos: Sócio Benemérito da Associação Sergipana de Imprensa; Cidadão Honorário do Município de Simão Dias/ SERGIPE; Cidadão Honorário do Município de Estância/SERGIPE; Cidadão Honorário

do Município de São Cristóvão/SERGIPE; Cidadão Honorário do Município de Cuiabá/MATO GROSSO; Cidadão Honorário do Estado da PARAÍBA. Cidadão Honorário do Estado de ALAGOAS.



GILFRANCISCO, nascido em 27 de maio de 1952 em Salvador. Começou como jornalista, trabalhando nas sucursais dos jornais Movimento, Em Tempo e Voz da Unidade no início dos anos setenta, época em que participou das atividades culturais no Estado, produzindo vários shows musicais, passando a integrar o Grupo Experimental de Cinema da UFBA.

Em 1975, assistente de fotografia de Thomas Farkas no filme *Morte das Velas do Recôncavo*, dois anos depois como assistente de produção de Olney São Paulo, no filme *Festa de São João no interior da Bahia*, ambos documentários dirigidos por Guido Araújo, entre outros.

Foi durante algum tempo consultor e professor do Centro de Estudos e Pesquisa da História. Licenciado em Letras pela Universidade Católica do Salvador – UCSal, é professor universitário e jornalista.

É autor de *Conhecendo a Bahia*; *Gregório de Mattos: o boca de todos os santos*; *As Cartas, uma História Piegas ou Destinatário Desconhecido* (com Gláucia Lemos); *Ascendino Leite*; *Crônicas & Poemas recolhidos de Sosígenes Costa*; *Flor em Rochedo Rubro: o poeta Enoch Santiago Filho*; *Godofredo Filho & o Modernismo na Bahia*; *O Poeta Arthur de Salles em Sergipe*; *Imprensa Alternativa & Poesia Marginal, anos 70*; *Musa Capenga: poemas de Edison Carneiro*; *Tragédia: Vladimir Maiakóvski*; *Walter Benjamin: o futuro do Passado versus Modernidade & Modernos*; *Literatura Sergipana, uma Literatura de Emigrados*; *A romancista Alina Paim*; *O Contista Renato Mazze Lucas*; *Instrumentos e*

Ofício: inéditos de Carlos Sampaio; Ranulfo Prata vida & obra; A Biblioteca Provincial de Sergipe; Paulo de Carvalho Neto vida & obra; Agremiações Culturais de jovens intelectuais na Imprensa Estudantil; Bernardino José de Souza vida & obra, entre outros.

Tem publicações em diversos periódicos do país: Revista da Bahia (EGBA); Revista Exu (Fundação Casa de Jorge Amado); Revista Travessia (UFSC); Revista CEPA (BA); Revista Teias (UFSC); Revista Kawé Pesquisa (UESC); Revist'aura (SP); Revista Arte Livro (BA); Judicarium (SE); Revista da Literatura Brasileira (SP); Nordeste Magazine (SE); Aracaju Magazine (SE); Preá (Fundação José Augusto-RN); Revista de Cultura da Bahia; Candeeiro (ADUFS-SE); Letras de Hoje (PUCRS); Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Revista Ícone (SE); Revista Memorial do Poder Judiciário (SE); Revista da Academia de Letras da Bahia, A União – Correio das Artes (PB), Revista do Tribunal de Contas – TCE (SE).

Tiragem	<i>250 exemplares</i>
Formato	<i>15x21cm</i>
Tipologia	<i>JMH Typewriter mono 16pt, 14pt Typewriter Scribbled 11pt, 10pt Cambria, 11,5pt, 10,5pt Arial 8pt</i>
Papel	<i>Off-set 75g/m² (miolo) Cartão Triplex 350g/m² (capa)</i>

